


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

TAUANNE TAINÁ AMARAL

Cliticização pronominal nas cantigas religiosas galego-portuguesas



ARARAQUARA – S.P.
2012

TAUANNE TAINÁ AMARAL

Cliticização pronominal nas cantigas religiosas galego-portuguesas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: Capes

ARARAQUARA – S.P.
2012

Amaral, Tauanne Tainá

Cliticização pronominal nas cantigas religiosas galego-portuguesas /
Tauanne Tainá Amaral – 2012

179 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus
de Araraquara

Orientador: Gladis Massini-Cagliari

1. Linguística. 2. Gramática comparada e geral – Fonologia.
2. Língua portuguesa--Fonologia. 3. Língua portuguesa--Métrica e ritmo.
I. Título.

TAUANNE TAINÁ AMARAL

CLITICIZAÇÃO PRONOMINAL NAS CANTIGAS RELIGIOSAS GALEGO-PORTUGUESAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: Capes

Data da defesa: 11/05/2012

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Araraquara.

Membro Titular: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Flaviane Romani Fernandes Svartman

Instituição: Universidade de São Paulo – São Paulo.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais, Claudio e Sônia, que sempre me apoiaram em meus estudos, que acreditaram em mim e que me deram forças para a concretização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos ressaltando a importância de Deus e Nossa Senhora em minha vida, por iluminarem os meus caminhos, proporcionando-me muita paz, luz e sabedoria. Pela força nos momentos difíceis superados, pelo conforto nos momentos de agonia e desespero, pelas pessoas colocadas em meu caminho, que me ajudaram na construção e na realização deste sonho que, agora, se concretiza.

Dentre essas pessoas, agradeço:

À minha orientadora Gladis Massini-Cagliari, a qual posso dizer que é minha “mãe de orientação”, por sua dedicação incondicional, por sua grande competência, um exemplo, uma grande profissional na qual sempre quero me espelhar. Uma professora maravilhosa que me acolheu desde a Iniciação Científica, que me ensinou a ser uma pesquisadora, que me abriu caminhos no meio acadêmico-científico. A você, minha orientadora, que me proporcionou a realização desta grande conquista, a minha eterna admiração.

Aos meus pais, base de toda a minha formação, pelo amor, dedicação, apoio, conforto e compreensão. A eles que puderam me oferecer todo o suporte para a realização de meus estudos, que nunca mediram esforços para que eu pudesse chegar onde estou. A eles, a concretização deste sonho que ousou dizer que não é só meu, mas, sim, nosso.

À minha irmã, eterna amiga e companheira, por todo apoio, por nossas conversas que sempre me acalmaram nos momentos de aflição.

A todos os meus familiares, que mesmo distantes, sempre estiveram preocupados com a minha formação.

Ao Fabrício, pelo amor, companheirismo, incentivo e paciência. Pelas palavras sempre otimistas que me auxiliaram a ver as dificuldades de maneira mais simples. Pelo carinho e abraços fortalecedores, durante a elaboração desta Dissertação. Também pela ajuda prática na contabilização dos dados da pesquisa.

Aos professores Drs. Antonio Suárez Abreu e Daniel Soares da Costa, pelas valiosas contribuições que trouxeram a este trabalho durante o exame de qualificação. Agradeço também ao Prof. Dr. José Sueli Magalhães, pela leitura atenta e pelas importantes contribuições dadas ao meu trabalho ainda em andamento, durante o Seminário de Estudos Linguísticos da Unesp.

À Capes, que financiou meu projeto, fornecendo os recursos necessários para que eu pudesse ter dedicação exclusiva a esta pesquisa.

À Seção de Pós-Graduação de Linguística e Língua Portuguesa, que sempre atendeu as minhas solicitações com muita eficácia e atenção.

A todos os professores da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, que contribuíram imensamente para a minha formação acadêmica em todas as áreas do curso de Letras, dos quais tenho muito orgulho de dizer que fui sua aluna.

E, finalmente, agradeço a todos os meus amigos, companheiros da graduação e da pós-graduação e também aos amigos de fora da faculdade, que, de maneira especial, participaram da minha “vida araraquarense”, contribuindo com suas amizades, as quais posso dizer que

foram marcantes em minha vida e as levarei comigo para a eternidade. Em especial à Marina e à Lara.

“A vida é curta para ser pequena.”
(Benjamin Disraeli)

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é estudar o direcionamento da adjunção de clíticos fonológicos no Português Arcaico (daqui em diante PA), a partir das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, o rei Sábio, a fim de se chegar à determinação do direcionamento da cliticização e a pistas da formação de constituintes prosódicos. Trata-se de averiguar a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico relevante no PA. Para comprovar tal possibilidade três fatores foram considerados: as pistas que vêm da música, as que vêm da estrutura poética e o processo de sândi.

Como a origem e a evolução dos fenômenos prosódicos do Português ainda são, em grande parte, um dos pontos mais inexplorados da história da nossa língua, a descrição dos fenômenos prosódicos e de sua relação com os processos segmentais de um período passado desta língua (no caso, o PA) constitui uma contribuição importante no sentido de elucidar mais completamente a história da Língua Portuguesa.

A metodologia deste trabalho baseia-se no mapeamento dos pronomes oblíquos e reflexivos clíticos. Desta forma, a pesquisa visa uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, uma vez que, a partir da quantificação da ocorrência desses pronomes e do seu posicionamento, é possível chegar a afirmações quanto à formação de constituintes prosódicos superiores.

As conclusões a que chegamos estão baseadas em fundamentos que levam em consideração aspectos rítmicos das cantigas. Os resultados obtidos através das investigações realizadas acerca da possibilidade de os clíticos do PA assumirem proeminência poética e musical apontam para a consideração da tonicidade do clítico no nível lexical, no momento histórico investigado. Desta forma, o clítico só poderia ser adjungido a um constituinte prosódico que preservasse a tonicidade da palavra, no nível lexical – o grupo clítico, portanto.

Em relação ao processo de sândi, pode ser observado que os clíticos presentes nas cantigas, apesar de sua atonicidade, mostraram-se de certa maneira independentes, uma vez que se submeteram às mesmas regras às quais se submete o constituinte palavra fonológica (aos processos de sândi, por exemplo). Deste modo, o fato de que eles estejam sujeitos aos processos de sândi comprova, novamente, a possibilidade de se considerar o grupo clítico um constituinte prosódico relevante no PA.

Palavras-chaves: Português Arcaico; Fonologia; Métrica; Música; Sândi; Grupo Clítico; Cantigas de Santa Maria.

ABSTRACT

This research aims to study the direction of clitic pronoun adjunction in Archaic Portuguese (AP) (13th century), analyzing the texts of the reminiscent religious medieval cantigas (420 *Cantigas de Santa Maria*, compiled by Alfonso X, the Wise). The objective is to determine the cliticization direction, in order to find clues to the formation of superior prosodic units. This study intends to show the possibility of the clitic group be considered a relevant prosodic constituent for AP. To prove this possibility we have considered three factors: the metrics of the verses, the music and the sandhi phenomena.

As the origin and the evolution of Portuguese prosodic phenomena are one of the most unexplored points of our linguistic history, the description of prosodic phenomena and its relation to segmental processes in a past period of the language represents an important contribution in the sense of enlightening specific points of Portuguese history.

The methodology is based on mapping all unstressed pronouns in the *cantigas*. The analysis is quantitative and qualitative; departing from the quantification of the occurrence of accusative, dative and reflexive pronouns and its positioning, the purpose is to find clues on the formation of superior prosodic constituents.

Our considerations are based on rhythmic aspects of the *cantigas*. Based on the metrics and on the music we could verify that the clitics could have poetic and musical prominence, so we could suggest their tonicity in a lexical level, in that period of time. In this way, clitics only could be attached to a prosodic constituent that preserved the word tonicity in the lexical level, in other words, the clitic group.

Concerning sandhi phenomena, we could conclude that, despite the fact that clitics in the *cantigas* are unstressed, they behaved as independent prosodic elements, because they underwent the same phonological rules (the sandhi phenomena, for example) which could be attested in prosodic words. Thus, the fact that they are subject to sandhi processes can prove the possibility of considering the clitic group as a relevant prosodic constituent in AP.

Keywords: Archaic Portuguese; Phonology; Metric; Music; Sandhi Phenomena; Clitic Group; Galician Portuguese religious cantigas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1	Iluminura CSM 4	26
Figura 1.2	Iluminura CSM 10	28
Figura 1.3	Miniatura que acompanha o prólogo no <i>códice rico</i> de El Escorial (T)	29
Figura 1.4	Miniatura que acompanha o Prólogo, <i>Códice dos Músicos</i> (Escorial)	29
Figura 1.5	Miniatura CSM 50	30
Figura 1.6	Miniatura CSM 240	30
Figura 1.7	Miniatura CSM 380	30
Figura 1.8	Notação Musical Cantiga VIII – Códice de Toledo	31
Figura 1.9	Stemmma de Mettmann (1986)	41
Figura 1.10	To10 (CSM 100)	45
Figura 1.11	Página de ilustrações da Cantiga VII – Códice T	46
Figura 1.12	Iluminura F88 (CSM 288)	48
Figura 1.13	Facsímile F88 (CSM 288)	48
Figura 1.14	Miniatura CSM 250	50
Figura 1.15	Facsímile CSM 250	50
Figura 5.1	Versos 2, 8 e 14 da cantiga <i>Non sei como me salv'a mha senhor</i> , de D. Dinis, no Pergaminho <i>Sharrer 6</i> , na interpretação de Ferreira (2005) – linha musical 2. (<i>apud</i> MASSINI-CAGLIARI, 2009, p. 74)	151

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1	Subperiodização do PA	20
Quadro 1.2	Resumo das principais características dos códigos das CSM	43
Quadro 2.1	Aspiração em inglês das oclusivas /p/, /t/ e /k/	58
Quadro 2.2	Contexto de não aplicação da regra de aspiração em inglês das oclusivas /p/, /t/ e /k/	59
Quadro 2.3	Assimilação de sonoridade em grupo de obstruintes para o sânscrito, adaptado de Nespor e Vogel (1986, p. 230)	71
Quadro 2.4	Regras lexicais e pós-lexicais, adaptado de Pulleyblank (1986)	75
Quadro 3.1	Resumo sobre rimas propostos por Goldstein (2008)	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1	Distribuição das cantigas de milagre de acordo com sua origem proposta por Mettmann (1986)	24
Tabela 5.1	Cliticização dos pronomes clíticos	140
Tabela 5.2	Proeminência musical dos clíticos	152

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

A	Ataque <i>Cancioneiro da Ajuda</i>
B	Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa
C	Grupo Clítico
CL	Clítico
Co	Coda
CSM	Cantigas de Santa Maria
DCL	Clítico Direcional
E	Códice dos Músicos – El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS B.I.2
EL	Elisão
F	Códice de Florença. Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20
FL	Fonologia Lexical
I	Frase Entoacional
Nu	Núcleo
NURC	Projeto da Norma Urbana Culta
PA	Português Arcaico
PE	Português Europeu
PB	Português Brasileiro
Q	Nó sintático terminal
s	Forte
T	Códice rico ou Códice das histórias, El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS T.I.1
To	Códice de Toledo. Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069
U	Enunciado
w	Fraco
Wh	Pronomes interrogativos do inglês
ω	Palavra Fonológica
φ	Frase Fonológica
Σ	Pé
σ	Sílaba
[+W]	Traço diacrítico
/	Limite de sílaba métrico-poética

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CORPUS: CANTIGAS DE SANTA MARIA	19
1.1 Delimitação temporal do Português Arcaico	19
1.2 Caracterizando as CSM	22
1.2.1 A questão (problemática) da autoria	33
1.2.2 Os Códices	39
1.2.2.1 <i>O Códice de Toledo (To)</i>	44
1.2.2.2 <i>O Códice Rico (T – ou códice das histórias)</i>	45
1.2.2.3 <i>O Códice de Florença (F)</i>	46
1.2.2.4 <i>O Códice dos Músicos (E)</i>	49
1.3 Considerações finais	51
2 EMBASAMENTO TEÓRICO	52
2.1 Fonologia Prosódica e seus constituintes	52
2.2 Breve consideração sobre Fonologia Lexical	72
2.3 Considerações Finais	76
3 APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA	77
3.1 Sobre a metodologia utilizada	77
3.2 Sobre a metodologia proposta por Massini-Cagliari (1995)	89
3.2.1 Por que textos poéticos?	90
3.3 Teorias da metrificação	90
3.3.1 Revisitando conceitos sobre estrutura métrico-poética	91
3.4 A <i>Arte de Trovar</i> na lírica medieval galego-portuguesa	100
3.4.1 Caracterização das cantigas: a contagem das sílabas poéticas e os tipos de verso	102
3.5 Considerações finais	107
4 NATUREZA DOS CLÍTICOS E MODELOS TEÓRICOS	108
4.1 Breve panorama sobre as definições do objeto de análise: clíticos e pronomes clíticos	108

4.1.1 O que são clíticos?	108
4.1.2 Clíticos X Afixos	113
4.2 Discussão sobre o <i>status</i> prosódico dos clíticos	116
4.2.1 Pesquisas que não consideram o grupo clítico como um constituinte prosódico	116
4.2.2 Pesquisas que consideram o grupo clítico um constituinte prosódico	132
4.3 Considerações finais	139
5 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	140
5.1 Sobre as formas de cliticização nas CSM	140
5.2 Argumentos para a consideração do grupo clítico como um constituinte prosódico relevante ao PA	141
5.2.1 A estrutura métrico-poética	141
5.2.2 A música	148
5.2.3 Sândi	153
5.3 Análise dos dados a partir da Teoria Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986)	162
5.4 Considerações Finais	167
CONCLUSÃO	169
Referências Bibliográficas	172
Apêndice: análise das 100 primeiras CSM	em CD

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é estudar o direcionamento da adjunção de clíticos fonológicos no Português Arcaico (século XIII), a partir das cantigas medievais religiosas remanescentes (as 420 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o rei Sábio), a fim de se chegar, a partir daí, à determinação do direcionamento da cliticização e a pistas da formação de constituintes prosódicos maiores, especificamente o grupo clítico. Trata-se de averiguar a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico relevante no Português Arcaico (daqui em diante, PA). Para comprovar tal possibilidade, serão analisados três tipos de evidências: as pistas que vêm da música, as pistas que vêm da estrutura poética e o processo de sândi.

Este trabalho é a extensão de uma pesquisa que se desenvolveu na graduação, durante a iniciação científica; no início deste período, todos os elementos classificados como clíticos, presentes nas dez primeiras cantigas, foram coletados. Depois deste levantamento inicial, optou-se, em Amaral (2009), por abordar os pronomes oblíquos, pois, somente eles se cliticizavam nas três posições e, os possessivos, devido à sua relevância para o trabalho em questão. Como foi verificado, em Amaral (2009), que os possessivos só aparecem na posição proclítica, optou-se, nesta Dissertação, por continuar abordando unicamente os pronomes oblíquos clíticos, uma vez que se verificou, nos trabalhos de pesquisas anteriores, que somente eles podem se cliticizar nas três posições (proclítica, enclítica ou mesoclítica).¹

Para verificar o comportamento e a atuação desses elementos clíticos, na época do português medieval, foram mapeadas as ocorrências dos pronomes oblíquos nas cem primeiras *Cantigas de Santa Maria* (de agora em diante CSM), controlando seu posicionamento (próclise, ênclise e mesóclise) e a natureza (classe) do elemento ao qual se subordinam, a fim de afirmar (ou não) a sua natureza de clíticos naquela época.

É importante destacar que o presente trabalho está vinculado a um Projeto mais amplo coordenado pela Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari, que é a orientadora da pesquisa de Mestrado em questão.² O Projeto coletivo trabalha com a descrição de fenômenos fonológicos

¹ Em Amaral (2009), foram analisadas somente as quarenta primeiras cantigas do *corpus*. Também é importante destacar que este trabalho traz uma abordagem prosódica dos pronomes oblíquos muito simples, se comparada com o que pretende esta Dissertação de Mestrado, por isso, a razão de continuar o trabalho de 2009.

² O grupo de pesquisa ao qual este projeto está vinculado está registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e é composto por três docentes e alunos tanto de graduação como pós-graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP - Araraquara). O grupo de pesquisa que desenvolve os trabalhos relacionados ao Projeto é denominado “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro”. O objetivo de todos os trabalhos do

segmentais; fenômenos prosódicos e processos segmentais condicionados pela estruturação rítmica da língua, em um período passado, do qual não se tem registros orais. Logo, esta Dissertação de Mestrado está diretamente relacionada às pesquisas desenvolvidas pelo Grupo no qual se insere, no sentido em que o trabalho proposto enfocará o mapeamento do posicionamento dos pronomes clíticos com relação à palavra prosódica (se antes – posição proclítica; no meio – posição mesoclítica; ou depois – enclítica) e a verificação do direcionamento da subordinação prosódica, com relação à formação dos constituintes de níveis superiores (no caso o grupo clítico), a partir da análise dos pronomes clíticos que ocorrem nas cem primeiras CSM, de Afonso X. Com este estudo pretendemos ir além do nível do acento lexical (mas partindo daí), ao investigarmos os processos rítmicos e prosódicos, descrevendo a interação entre a palavra fonológica e os clíticos que a ela podem se subordinar.

Para a investigação dos processos rítmicos e prosódicos, utilizamos a metodologia inaugurada por Massini-Cagliari (1995). Sua proposta baseia-se em metodologias adotadas em trabalhos anteriores, como de Halle e Keyser (1971) para o inglês. A metodologia de Massini-Cagliari (1995) fundamenta-se na observação da estrutura das cantigas medievais galego-portuguesas e de como a contagem das sílabas poéticas e a concatenação dos acentos (poéticos) deixa entrever as características da língua sobre as quais os versos são construídos. Por meio dessa metodologia, iremos sustentar os três argumentos propostos para a consideração do grupo clítico no PA: a métrica, a música e o processo de sândi.

A primeira seção desta Dissertação está dedicada à contextualização do PA na história da língua e à apresentação do *corpus*. Nela apresentaremos a delimitação temporal do PA, uma breve descrição das CSM, tratando da descrição da materialidade física dos códices em que sobreviveram, de seus temas e tipos de cantigas; abordaremos também questões sobre a autoria e a maneira como a coleção foi organizada, os manuscritos remanescentes e suas relações.

A segunda seção contempla o embasamento teórico que será o suporte para a análise dos dados obtidos na pesquisa. Desta forma, podemos dizer que a análise dos resultados será feita no interior do quadro teórico inaugurado pelas teorias fonológicas não lineares, em especial o modelo prosódico de Nespor e Vogel (1986).

A terceira seção traz detalhadamente a metodologia a ser utilizada e como ela funciona; é apresentado o mapeamento dos pronomes clíticos, a maneira como eles se

grupo é o estudo de aspectos da Fonologia do PA em várias dimensões, tanto segmentais como suprasegmentais.

cliticizam e a palavra a que estão subordinados. Nessa seção também consta um resumo da metodologia inaugurada por Massini-Cagliari (1995, 1999), em que a autora se baseia na estrutura métrica das cantigas para extrair características da fonologia da língua que dá suporte aos versos. Também serão abordados alguns aspectos da teoria de metrificação, além da caracterização das CSM em relação à sua estrutura métrico-poética, e a maneira como se dá a contagem das sílabas métricas e sua relevância para estudos da prosódia da língua.

Na quarta seção, é apresentado um pequeno panorama a respeito da definição de clíticos; também serão discutidos alguns trabalhos que tratam da natureza do grupo clítico e apresentados os modelos teóricos de duas vertentes: aquele contra a consideração do grupo clítico e aquele a favor de sua existência dentro da escala prosódica.

Finalmente, na quinta seção, apresentamos a análise dos dados coletados nas cantigas investigadas, expondo os três argumentos que corroboram nossa hipótese. Primeiramente, iremos tratar da estrutura métrico-poética, mostrando que há a possibilidade de os clíticos receberem proeminência poética. Em seguida, a partir dos trabalhos de Massini-Cagliari (2008a,b,c,d; 2009; 2010a,b; 2011) e Costa (2008, 2009, 2010), iremos abordar as pistas que vêm da música, as quais fornecem indícios sobre a consideração do grupo clítico, uma vez que fica comprovado pelos autores citados que, no PA, os clíticos podem assumir proeminência musical. E, por último, analisaremos o comportamento dos pronomes clíticos com relação ao sândi, fator que também colabora para nossa hipótese, já que foi possível comprovar que os pronomes clíticos estão sujeitos a tais processos.

Com nossas análises e levantamentos teóricos comprovamos a hipótese sugerida nesta Dissertação, ou seja, afirmamos a possibilidade de se considerar o grupo clítico um domínio dentro da escala prosódica do PA. A partir dos três argumentos apontados (métrica, música, sândi), comprovamos que os pronomes clíticos são adjungidos junto à palavra fonológica no nível hierárquico do grupo clítico, pois comprovamos a possibilidade de esses elementos aparecerem em proeminência lexical, o que assegura seu caráter tônico no nível da palavra fonológica. Embasados nos trabalhos de Nespor e Vogel (1986) e Bisol (1996), comprovamos que o grupo clítico é o menor domínio de aplicação dos processos de sândi também no PA.

Como a origem e a evolução de fenômenos prosódicos do Português ainda são um dos pontos mais inexplorados da história da nossa língua, as descrições dos fenômenos prosódicos e de sua relação com processos segmentais de um período passado dessa língua (no caso, o PA) constituem uma contribuição relevante e inédita, já que não existe um estudo dessa natureza considerando as CSM como *corpus*, no sentido de elucidar mais profundamente a história da Língua Portuguesa.

Sob uma perspectiva filológica, podemos afirmar que não há estudos específicos que abordem o posicionamento dos clíticos no PA. Mas não podemos descartar estudos pontuais sobre o posicionamento de artigos, pronomes oblíquos e preposições; dentre estes trabalhos serão retomados, principalmente, os que se referem aos pronomes oblíquos. Entre eles, é importante lembrar desde os trabalhos mais tradicionais de Michaëlis de Vasconcelos (1946 [1912-1913]) e José Leite de Vasconcellos (1959), Edwin Williams (1975), até os trabalhos mais recentes, como Mattos e Silva (1989, 2006), passando por filólogos brasileiros como Silva Neto (1950, 1956, 1970 [1957]), Cunha (1961), Bueno (1963), literatos como Rodrigues Lapa (1965, 1966) e linguistas como Câmara Jr. (1985 [1975], 2007 [1970]).

Como trabalhos recentes que abordam a colocação dos clíticos e reconhecem a importância do mapeamento da cliticização, podemos citar os estudos de Galves, Souza e Brito (2005); Galves e Sandalo (2004); Abaurre e Galves (1998); Galves e Abaurre (2002); Abaurre, Galves e Scarpa (1999); Pagotto (1992); Carneiro e Galves (2010); Toneli (2009); Simioni (2008) e Ribeiro (2010). Esses trabalhos ou focalizam o Português Europeu Clássico e Moderno ou o Português Brasileiro, considerando etapas posteriores à qual é abordada neste trabalho de Mestrado. Assim, a pesquisa em questão se pretende como uma contribuição ao estudo da prosódia do português medieval, etapa em que a língua falada na área geográfica de Portugal ainda se “confundia” com a variedade galega (a ponto de ser identificada como “galego-português”), e em que se formava e se afirmava culturalmente como língua “independente” do latim, como língua da nação portuguesa que apenas emergia e como língua de cultura adequada a manifestações poéticas e em prosa.

Embora um estudo como este pudesse ter sido realizado anteriormente, com o instrumental fornecido pelas teorias fonológicas de então, atualmente as teorias ditas não lineares colocam à disposição muito mais recursos de descrição da estrutura dos constituintes prosódicos maiores do que a sílaba, o que favorece em muito o estudo de fenômenos pós-sintáticos como a cliticização, uma vez que há um ganho em termos de abrangência da reflexão.

1 CORPUS: *CANTIGAS DE SANTA MARIA*

Nesta seção, trataremos da apresentação do *corpus* desta pesquisa: as *Cantigas de Santa Maria*. Para tal, iniciaremos com a delimitação temporal compreendida por este trabalho, situando o Português Arcaico dentro do contexto maior da história do Português. Trataremos também das características gerais das CSM, da sua autoria, assim como dos códices remanescentes.

1.1 Delimitação temporal do Português Arcaico

O PA é um período histórico da língua portuguesa que se situa entre os séculos XIII e XV, contudo, esta periodização é discutida por muitos estudiosos do assunto, havendo algumas divergências. A razão dos historiadores e filólogos em situar o início desse período no século XIII é baseada no fato de que é nesse momento da história que a língua portuguesa aparece documentada pela escrita (MATTOS E SILVA, 2006, p. 21). Mas isso não quer dizer que, anteriormente, não houvesse manifestações em português, mas somente em linguagem oral; contudo não é possível resgatar informações seguras a este respeito, uma vez que não havia na época gravações em áudio. Por isso, a língua que denominamos PA só pode ser encontrada em registros escritos (COSTA, 2006, p. 18).

De acordo com Mattos e Silva (2006), o tempo que precede o PA é denominado período *pré-literário*, ou é subdividido em: a) *pré-histórico*, quando não se podem constatar traços da futura variante românica; ou em b) *proto-histórico*, quando já há percepções de traços do chamado *latim bárbaro*. Abaixo temos os apontamentos da referida autora em relação ao PA nesse espaço temporal:

O tempo que o precede é denominado ou de período pré-literário, de uma maneira geral; ou é subdividido em pré-histórico, quando na documentação remanescente em latim ainda não se podem detectar traços da futura variante românica que se esboçava no noroeste da Península Ibérica; e em proto-histórico, em geral situado a partir do século IX, quando já esses traços podem ser detectados por especialistas em documentos escritos no tradicionalmente chamado latim bárbaro, isto é, latim notarial ou tabeliônico, veiculado na área românica antes das línguas românicas se tornarem línguas oficiais. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 21-22)

Mattos e Silva (2006, p. 22) afirma que o nascimento do PA se dá com o *Testamento de Afonso II*, terceiro rei de Portugal, de 1214 - o mais antigo documento jurídico -, e com a

Notícia do Torto, escrita muito provavelmente entre 1214 e 1216. Em relação à produção lírica das cantigas, admite-se que a mais antiga das cantigas de amigo e de amor do *Cancioneiro Medieval Português*, são respectivamente a *Cantiga da Ribeirinha* e a *Cantiga da Garvaia*. Ambas são datadas no início do século XIII, já que a inspiração para tais cantigas é Maria Pais Ribeiro, a ilustre Ribeirinha, amante do rei D. Sancho I (MATTOS E SILVA, 2006, p. 22).

Já Tavani (1988, p. 41) aponta como texto mais antigo do PA uma cantiga de escárnio de Joan Soares de Paiva, datada no século XII e identificada por seu primeiro verso: *Ora faz ost' o senhor de Navarra*.

Outra questão muito discutida em relação ao PA é a sua subperiodização; na tentativa de uma organização, Castro (1988, p. 12 *apud* MATTOS E SILVA, 2006, p. 25) apresenta o seguinte quadro:

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
até s.IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até ± 1200 (1214-1216)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385/1420	português arcaico	trovadoresco	galego-português	português antigo
até 1536/ 1550		português comum	português pré-clássico	português médio
até s. XVIII	português moderno	português moderno moderno ³	português clássico	português clássico
até s. XIX/XX			português moderno	português moderno

Quadro 1.1 Subperiodização do PA.

Em síntese ao quadro proposto acima, Mattos e Silva (2006, p. 23) faz a seguinte leitura:

Leite de Vasconcelos limitava-se no início do século XX a designar esse período pela expressão única de português arcaico. Já Carolina Michaëlis de Vasconcelos, com base na produção literária medieval portuguesa, subdivide esses três séculos: o período trovadoresco até 1350 e o período do português comum ou da prosa histórica. Essa posição foi aceita por Serafim da Silva Neto na sua *História da Língua Portuguesa*. L. F. Lindley Cintra opõe ao

³ O termo “português moderno moderno”, utilizado por Leite de Vasconcelos, se refere a um português “mais moderno”, historicamente mais recente que o português moderno.

português antigo, do século XIII às primeiras décadas do XV, o português médio, daí até as primeiras décadas do século XVI. Outros estudiosos do português, como Pilar Vasquez Cuesta, fazem a mesma delimitação temporal, mas adotam a designação de galego-português e de português pré-clássico.

Em relação a estas propostas de subperiodização do PA, Messner (2002, p. 101) faz uma crítica aos autores que tentam delimitar o galego-português⁴, afirmando que, em geral, o que se faz é repetir o que outros autores já disseram.

Vimos até então a demarcação do início do período do PA, assim como sua subperiodização. Se de um lado temos que o início do PA pode ser delimitado com segurança a partir dos indícios vistos acima, do outro temos que o limite final desse período é uma questão em aberto.

Se o início do português arcaico pode ser marcado pelos fatos descritos, o limite final desse período é uma questão em aberto, embora se costume considerar o século XVI como o ponto de partida de um novo período na história da língua. Um limite final para a fase arcaica da língua, com base em fatos lingüísticos, está à espera de que se estabeleça uma cronologia relativa para o desaparecimento de características lingüísticas que configuram o português antigo em oposição ao moderno. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 22)

Uma vez que o término carece de fatos lingüísticos, os estudiosos demarcaram o fim do PA baseados em três fatores extralingüísticos:

[...] são acontecimentos extralingüísticos que são tomados como balizas para marcar o fim do período arcaico, tais como: o surgimento do livro impresso, em substituição aos manuscritos medievais, nos fins do século XV, e suas conseqüências culturais; o incremento da expansão imperialista portuguesa no mundo, que se refletiu na sociedade portuguesa europeia pelo contato com novas culturas e novas línguas, provocando, certamente, reflexos na língua portuguesa no seu processo de variação e mudança; o delineamento de uma normatização gramatical, a partir de 1536, com a gramática de Fernão de Oliveira, e de 1540, com a gramática de João de Barros, aparelho pedagógico que, juntamente com as cartilhas, que se multiplicaram daí por diante, darão conformação explícita a um futuro “dialeto” que se tornará a base para o ensino. Desde então será o português a língua da escola ao lado do latim, língua exclusiva da escola em toda a Idade Média românica. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 22)

Messner (2002) faz outra crítica, alegando que fatores extralingüísticos não devem ser tomados como marco de delimitação de um período de evolução de uma língua.

⁴ Expressões cunhadas por outros autores como “Português Antigo”, “Português trovadoresco”, “galego-português” aparecerão nesta Dissertação como sinônimos de PA.

Também a expressão “português moderno” não significa nada, e estou à espera de quem invente o “português pós-moderno”, como já aconteceu na literatura. “Moderno” só quer dizer que não é “antigo”, mas uma grande parte dos fenômenos da língua portuguesa não sofreu modificações, senão ser-nos-ia impossível falar da mesma língua portuguesa do século XIII até o século XX, quer dizer que seria melhor denominar as épocas segundo os fenômenos mais característicos (e também não por metáforas tomadas de historiadores: o que vai ser o “português contemporâneo” dentro de 20 anos?). (MESSNER, 2002, p. 107)

De acordo com o referido autor, devemos observar as pistas que as informações linguísticas nos fornecem, para que possamos afirmar com integridade quando o latim evoluiu para o PA e quando o PA passou a português moderno.

O objetivo de nossa pesquisa não é discutir detalhadamente este assunto, ou seja, não é tratar da classificação ou subclassificação do PA, pois, isso ultrapassaria o escopo deste trabalho. Podemos afirmar que o nosso intuito com a apresentação da problemática relativa à periodização do PA é situar o leitor com relação ao período da língua do *corpus* estudado, fornecendo, assim, uma noção geral do tempo, localizado no século XIII. Em relação, especificamente, às CSM, podemos dizer que elas foram compiladas por volta de 1270 e 1284. Mais detalhes a este respeito serão tratados na próxima subseção.

1.2 Caracterizando as CSM

As CSM, de Afonso X, o rei Sábio, são consideradas uma obra muito rica, reconhecida por muitos estudiosos como um precioso documento linguístico e verdadeira obra de arte literária, iconográfica e musical (LEÃO, 2007, p. 27; PARKINSON, 1998a, p. 179).

Destacadas como o maior monumento literário de culto à Virgem Maria (METTMANN, 1986, p.7), constituem o cancionero mariano mais rico da Idade Média. Além de seu caráter laudatório religioso, as CSM também retratam a cultura e os costumes da época, conforme afirmam Leão (2007) e Castro (2006):

[...] elas nos falam não só da vida religiosa, mas da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do cotidiano medieval da Ibéria. (LEÃO, 2007, p.153)

Além de representarem as transformações históricas, guardando óbvias ligações com o culto mariano, não só dão um vasto espaço ao diabo como personagem, mas também assemelham-se às catedrais na representação da

diversidade populacional e das crenças fantásticas [...]. Em sua vastidão, o texto apresenta uma enorme variedade de povos (etnias, religiões, nacionalidades, classes sociais) e os mais fantásticos acontecimentos. (CASTRO, 2006, p. 43-44)

Snow (1999, p. 166) destaca que as CSM foram feitas para mostrar o amor e devoção de Afonso X à Virgem Maria:

*Las Cantigas acaba siendo una larga plegaria de Alfonso a la Virgen, en la que detalla, cantiga por cantiga, su amor y devoción, en la que le recuerda sus milagrosos favores a miles de pecadores. Y entre ellos, a sí mismo, a sus padre, abuelos y hermano. Y, en momentos de gran intimidad, le recuerda que ella bendice la España que el rey regenta y que es con su ayuda divina que él podrá dejarla libre de descreídos y “mafometanos”.*⁵

Fidalgo (2002, p. 10) mostra que o objetivo deste cancionero mariano é “cantar” louvores à Virgem mediadora entre o pecador e Deus: “*Ela é invocada como mediadora entre o pobre pecador e o Deus, xuíz no último xuízo, porque Ela está tan preto dunha parte como da outra e pode interceder em favor do devoto ante seu Fillo*”.

Formam um conjunto de 427 cantigas, sendo que sete delas se repetem ao longo da obra, logo se reduzem ao número de 420 cantigas, acompanhadas por iluminuras⁶ e notação musical (LEÃO, 2007, p. 21). Essas cantigas são distribuídas em dois tipos: *cantigas de miragre* (cantigas de milagre) e *cantigas de loor* (cantigas de louvor).

As cantigas de milagre somam um total de 356 cantigas, enquanto que o restante é composto pelas cantigas de louvor; desse modo, podemos perceber, em relação à proporção das CSM, que há uma predominância daquelas sobre estas (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 1993, p. 143). De acordo com Leão (2007, p. 24), a cada nove cantigas de milagre, segue-se uma cantiga de louvor, remetendo-nos, assim, a uma estrutura de rosário:

As cantigas de milagre predominam sobre as de louvor numa proporção de nove por um. Isto é: a cada grupo de nove cantigas de milagre segue-se uma cantiga de louvor, numerada com uma dezena inteira. No final da obra, porém, aparecem algumas cantigas de festas do calendário cristão, comemorativas de episódicos da vida de Santa Maria ou da de seu Filho. A

⁵ Tradução nossa:

“As Cantigas acabam sendo uma longa oração de Afonso à Virgem, na qual detalha, cantiga por cantiga, seu amor e devoção, e na qual recorda favores milagrosos concedidos a milhares de pecadores. Dentre eles, a si próprio, a seus pais, avós e irmão. E, em momentos de grande intimidade, lembra que ela abençoa à Espanha que o rei governa e, por meio de sua ajuda divina, ele poderá deixá-la livre dos descrentes e ‘mafometanos’.”

⁶ As iluminuras aparecem em pelo menos dois dos quatro códices que abarcam as CSM. Mais adiante discutiremos um pouco a respeito de cada códice (ver seção 1.2.2 desta Dissertação).

estruturação das cantigas obedece, pois, a um ritmo regular, em que as cantigas de louvor ocupam sempre as dezenas, enquanto as de milagre têm números terminados pelas unidades de um a nove, comparando-se esse sistema, aproximadamente, ao de um rosário.

Fidalgo (2002, p. 148) afirma que esta comparação da distribuição das cantigas com o rosário não é gratuita, uma vez que, este é o instrumento de oração para com a Virgem. Assim os espaços decenais ocupados pelas cantigas de louvor são especiais dentro do cancionero.

[...] a metáfora do rosario adquire con Afonso o Sabio o dobre sentido pólo cal as pezas do seu cancionero se ordenam dun xeito preciso, converténdoo nun cancionero amoroso sometido, ás regras dunha estrutura fixa e absolutamente novidosa e, por outro lado, a imitación do rosário invísteo dun poder inigualable para a obtención dos favores que en cada unha das “doas” reclame da Virxe.

As cantigas de milagre, tidas como manifestações do gênero narrativo com traços de lirismo laudatório, narram intervenções milagrosas da Virgem em favor de seus devotos ocorridas em diversos ambientes. Já as cantigas de louvor são poemas líricos que servem para louvar as virtudes e beleza da Virgem Maria (LEÃO, 2007, p. 24).

Mettmann (1986) sugere uma divisão das cantigas de milagres em três grupos, essa divisão é baseada na procedência e no cenário dos feitos narrados. Temos, portanto: 1) os milagres marianos ocorridos em todo o ocidente cristão (milagres internacionais); 2) os milagres relacionados à Península (milagres nacionais); 3) os milagres sucedidos com o próprio rei, ou a membros de sua família ou de sua corte (milagres pessoais). Mettmann (1986, p. 12) chega, assim, à seguinte tabela:

Tabela 1.1 Distribuição das cantigas de milagre de acordo com sua origem, proposta por Mettmann (1986)

Cantigas	Milagres	Internacionais	Nacionais	Pessoais
1 – 100	89	75	14	1
101 – 200	90	46	44	3
201 – 300	90	36	54	8
301 – 427	87	19	68	13

Ainda no tangente às cantigas de milagre, Leão (2007, p. 26) afirma que entre os milagres narrados na coletânea se destacam: “ressurreições, socorro em perigos, cura das mais variadas enfermidades, engravidamento de mulheres estéreis, punição de delinquentes ou salvação de devotos da Virgem que caíram em tentação”.

Como foi visto anteriormente, Leão (2007, p. 24) aponta para um caráter de cunho narrativo nas cantigas de milagre:

Do ponto de vista literário, o milagre pode definir-se dentro dos gêneros medievais como uma narrativa curta, em que uma situação de crise se resolve pela intervenção de um santo, em favor de um beneficiatário, que, após receber a graça, faz muitas vezes o seu agradecimento num santuário dedicado àquele santo. O narrador costuma ser o próprio beneficiatário, que faz o relato na primeira pessoa, como nas cantigas em que D. Afonso refere e agradece as curas de suas enfermidades; mas também pode ser uma testemunha do fato miraculoso, ou, ainda, um conhecedor que dele teve notícia por leitura ou por ouvir dizer.

Versando sobre a narratividade das cantigas de milagre, Leão (2007, p. 26-27) afirma que existem três narrativas complementares que acompanham a cantiga e é em uma dessas três narrativas que se insere uma característica muito importante das cantigas: as iluminuras.

O milagre, como ocorre em toda a coletânea, é objeto de três narrativas complementares: a) uma narrativa textual extensiva, com mais ou menos episódios, em versos; b) uma narrativa iconográfica em iluminuras, que se dispõem numa só página, dividida em seis quadros [...]; c) outra narrativa textual, resumida, sob a forma de seis legendas, cada uma delas colocada acima de um quadro da seqüência das iluminuras [...]. (LEÃO, 2007, p. 26-27)

As iluminuras são desenhos miniaturizados que representam o conteúdo que está sendo narrado na cantiga que eles acompanham. Leão (2007, p. 27) afirma que as iluminuras fazem parte da narrativa visual: “Enquanto a narrativa verbal se expressa em sintético poema cheio de subentendidos, a narrativa visual a acompanha através da seqüência das iluminuras, podendo às vezes extrapolá-la para preencher eventuais lacunas da narrativa poética”. Já Castro (2006, p. 44) as compara com vitrais: “Podemos até pensar que as riquíssimas iluminuras que acompanham originalmente os textos e as notações musicais servem-lhe como vitrais, que trazem um encanto inigualável às construções religiosas”.

A seguir temos um resumo⁷ de uma cantiga de milagre muito conhecida; trata-se da cantiga número 4, na qual é narrado o milagre do judeuzinho:

Um menino judeu freqüenta uma escola cristã, em Bourges, centro da França. Certo dia de Páscoa, vai à missa com os colegas, mais por diversão do que por devoção. Lá, no momento da Eucaristia, enquanto os pequenos

⁷ Optou-se por trazer o resumo da cantiga e não o original, uma vez que, no Apêndice temos o texto integral das cem primeiras cantigas, juntamente com a análise dos dados.

cristãos comungam pela mão do sacerdote, o judeuzinho tem uma visão. Vê Santa Maria, cuja grande beleza resplandece sobre o altar, distribuindo as hóstias aos meninos. Desejoso de ter sua parte, põe-se entre eles e recebe a comunhão das mãos da Virgem. Após a missa (talvez cantada, portanto longa), o menino volta para casa, mas chega mais tarde que de costume. Interpelado pelo pai, conta-lhe o motivo do atraso. Indignado, o pai, que tinha em casa seu forno de fabricar vidros, joga o menino na fornalha acesa e aferrolha a porta do forno. Em desespero pela perda do filho, a mãe sai pela rua aos gritos, atraindo muita gente, que acorre à casa do judeu. Abre-se o forno, e - maravilha! - a multidão vê o judeuzinho intacto entre as chamas. Retiram-no de lá, sem lesão alguma. E o menino revela aos curiosos espantados a maneira como havia sido salvo: aquela mulher que vira sobre o altar o envolvera em seu manto. Ao final ocorrem, por um lado, o batismo do menino e a conversão da mãe e, por outro lado, o castigo do pai. A este aplicam, seguindo a cultura judaica, a pena de talião: ele é lançado dentro do forno, como fizera com o seu filho. (LEÃO, 2007, p. 39-40)

Podemos ver aqui reproduzida a iluminura que acompanha a cantiga 4; nela podemos notar os seis quadros que traçam a narrativa visual da cantiga, assim como suas respectivas legendas, que trazem a forma resumida da referida cantiga.



Figura 1.1 Iluminura CSM 4 (LEÃO 2007, p. 49).

As cantigas de louvor estão configuradas dentro de um plano do gênero lírico, ou seja, elas constituem a parte “essencialmente lírica da coletânea” (LEÃO, 2007, p. 28). Como foi

dito anteriormente, essas cantigas servem para “cantar” a virgem mediadora, interventora e auxiliadora.

Muitos estudiosos aproximam as cantigas de louvor das cantigas de amor; nestas temos o amor cortês a uma mulher mortal, naquelas temos a mulher amada na figura de Santa Maria.

A atitude do nosso *trovador da Virgem* não difere do comportamento masculino encontrado nas *cantigas d’amor*, onde o *trovador da dona* se prostra diante dela para enaltecer-lhe a beleza ou *bom parecer* e também para louvar-lhe o valor moral ou *prez*, o equilíbrio ou *mesura* e todas as outras qualidades que fazem dela a *Sennor* sem par, perfeita, *comprida de bens*. (LEÃO, 2007, p. 28)

A este respeito Snow (1999, p.164-165) constata o que ele definiu como uma mudança da lírica profana para a lírica mariana:

*Así es que tenemos, dentro de la ficción, un trovador de canciones de amor cuya Diana há sido una mujer, o una serie de mujeres, que no le salieron nada provechosas. Un trovador que ahora desdice de esas mujeres, habiendo decidido dedicar su trovar a outra, realmente provechosa, verdaderamente divina (la Virgen). El de antes era el trovador profano; el que ahora abre las Cantigas es el trovador arrepentido, dispuesto a cantar a lo divino.*⁸

Deparamo-nos, portanto, com uma transferência de “culto” da mulher mortal para culto à Virgem Maria, que merece ser louvada por dois motivos: o primeiro, por ser mãe de Jesus; o segundo, por ela ser garantia de concessão de favores requisitados, uma vez que seu Filho deve obediência à mãe e desse modo atende suas súplicas (FIDALGO, 2002, p. 167). Fidalgo (2002, p. 166-167) também discorre sobre esta característica de mediadora entre o céu e a terra atribuída à Virgem Maria, fazendo-a capaz de interceder por Afonso X, junto a Deus:

Da súa calidade de Mai de Deus (Theotokos) desprénden-se todas as gracias coas que foi adornada e que a distinguen de calquera outra muller [...] e, por este privilexio, Deus non lle pode negar nada. E este é precisamente o tema mais frecuente nas cantigas de loor, xá que a Virxe, máis que “dama celestial”, máis que “anti-Eva” é a mai que implora ante seu Fillo, sendo esta razón o destino de tantas oracións, da solicitude de tantos favores que envia o rei. Afonso X súmase deste xeito á tradición que

⁸ Tradução Nossa:

“Portanto, temos, dentro da ficção, um trovador de cantigas de amor cuja Diana foi uma mulher, ou uma série de mulheres, as quais não lhe deixaram nada de útil. Um trovador que agora não fala mais sobre essas mulheres, decidindo-se dedicar a uma outra, realmente proveitosa, verdadeiramente divina (a Virgem). O de antes era o trovador profano; o que agora abre as Cantigas é o trovador arrependido, disposto a louvar o divino.”

cimenta o culto mariano a través da pregaría cōa confianza de atopar sempre o perdón de Deus gracias á intercepción da súa mai. Este é o concepto clave: a Virxe, na teoloxía patrística non ten capacidade para facer milagres, nin sequera para facer o ben por si mesma; só se limita a interceder ante quen si pode facelo, Deus, seu fillo. A Virxe é así concibida como mediadora entre o Ceo e a terra, entre Deus e os homes porque ela, humana, pariu a Deus. Por este motivo merece louvanza e gratitude tamén por parte de Afonso [...].⁹

Assim como nas cantigas de milagres, também encontramos nas cantigas de louvor suas respectivas iluminuras, e, de acordo com Leão (2007, p. 28), a figura do monarca é constante nesses desenhos miniaturizados, como pode ser observado na sexta vinheta da iluminura que acompanha a cantiga 10:

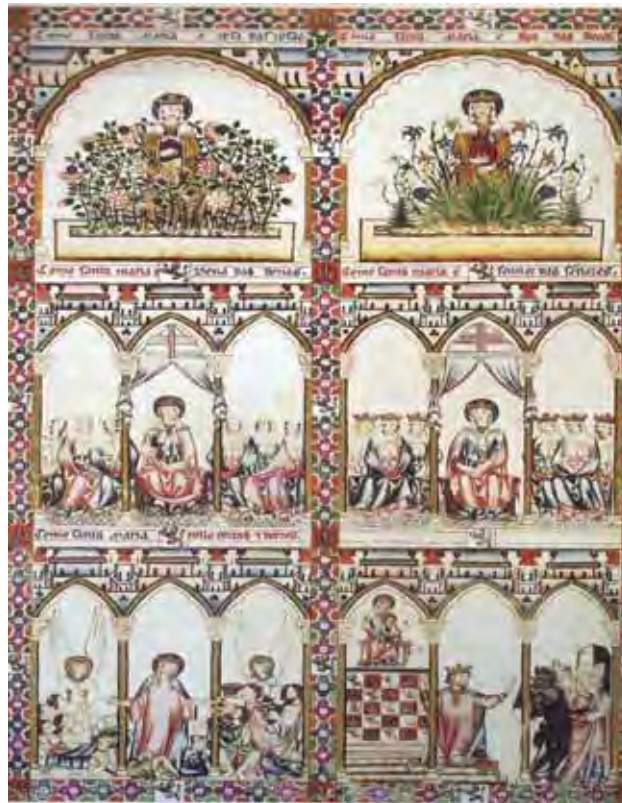


Figura 1.2: Iluminura CSM 10 (LEÃO, 2007, p. 145).

Notamos que a figura do monarca aparece sempre em posição de destaque nas iluminuras, quase sempre no centro, cercado de poetas, escribas e músicos, como podemos observar nos exemplos a seguir:

⁹ Optou-se por não traduzir as citações em galego, dada a sua boa legibilidade por falantes de Português Brasileiro.



Figura 1.3 Miniatura que acompanha o prólogo no *códice rico* de El Escorial (T).
Reproduzido de Alvarez (1987, lâmina VIII).



Figura 1.4 Miniatura que acompanha o Prólogo, *Códice dos Músicos* (Escorial).
Fonte: http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/images/cantiga_2small.jpg
(acesso 27 jul 2011).

Sobre as duas últimas iluminuras expostas, Snow (1999, p. 163) destaca muito bem a figura central de Afonso X, afirmando que quase sempre o monarca aparece rodeado por escribas que escrevem o que o rei lhes dita, ou por outros que ensaiam as cantigas com instrumentos.

A música, como podemos observar, é outro elemento muito importante nas CSM; através das iluminuras constatamos a sua importância para as cantigas; um exemplo disso é que os instrumentos musicais aparecem em todas as figuras introdutórias das décimas do Códice dos Músicos.



Figura 1.5 Miniatura CSM 50

Fonte: http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/images/cantiga_3small.jpg
(acesso 28 jul 2011)



Figura 1.6 Miniatura CSM 240

Fonte: http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/images/cantiga_14small.jpg
(acesso 28 jul 2011)



Figura 1.7 Miniatura CSM 380

Fonte: http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/images/cantiga_7small.jpg
(acesso 28 jul 2011)

De acordo com Schaffer (1999, p. 141), a música é parte essencial das composições marianas, pois, da mesma maneira que o leitor compreende o texto¹⁰, o ouvinte deve

¹⁰ Texto aqui está no sentido da parte textual, o poema das cantigas.

compreender a cantiga. Assim, três dos quatro códices apresentam a inclusão da notação musical junto de suas respectivas cantigas. A seguir, temos parte do facsímile da cantiga 8, no qual verificamos a presença da notação musical:

— 8 —

The image displays two pages of a medieval manuscript. The left page, numbered '8', features a large decorated initial 'S' and several lines of text with square musical notation on a four-line staff. The text includes: 'épre seia béita e loada...', 'santa maria anoss auogada...', 'Maravilloso miragre doyr...', 'uos queu oia contar sen métre...', 'de como fez o diabre fugir...', 'de roma a urgen de deus amada', 'épre seia béita e loada...', and 'santa maria á noss auogada...'. The right page, numbered '9', is titled 'CANTIGA VIII, fol. 18 r.' and contains a large decorated initial 'A' and text with musical notation: 'Esta oi cantia é como scá maria', 'fiz en rocamador becober vâ cá', 'deu na unola do iograr q' cántua', 'entela', 'A urgen sáta maria', 'todos a loar tenemos...', 'cantando é con alegria...', 'quantos seu ben atéremos...', and 'por aquest un muagre...'. The musical notation consists of square neumes on a four-line staff.

Figura 1.8 Notação Musical Cantiga VIII – Códice de Toledo

Fonte: <http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/facsimiles/To/bob008small.gif>
(acesso 28 jul 2011)

Schaffer (1999, p. 142) também afirma que as notações musicais nas CSM possibilitam uma representação virtual da melodia, ou seja, a técnica utilizada para reproduzir a melodia é indicada abstrata e parcialmente pela notação musical; desse modo, Afonso X possibilita a reprodução da cantiga para aquele que a deseja cantar.

Resta-nos agora discorrer sobre a estrutura dos poemas das CSM. Mettmann (1986, p. 40) revela que há uma variedade métrica extraordinária nessa coletânea: dentre as 420

cantigas, há mais de 280 combinações métricas distintas, das quais 170 aparecem uma vez apenas em toda a obra.

De acordo com o mesmo autor e com outros como Parkinson (1998a) e Fidalgo (2002), a forma estrófica predominante nas cantigas de milagre é o *virelai* (ou *zejel*), empregada em mais de 90% do cancionero, forma em que um estribilho (= refrão) precede a estrofe inicial e contém a idéia principal, isto é, a lição que se deve depreender, condensada muitas vezes em forma de provérbio ou de uma sentença (METTMANN, 1986, p. 13). Esse refrão, que inicia cada cantiga, pode ser desenvolvido e glosado na primeira estrofe e repetido ao final das demais estrofes, como podemos observar em um trecho da cantiga 12 transcrito abaixo:

(1.1)

*O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.*

E daquest' un gran miragre | vos quer' eu ora contar,
que a Reinna do Ceo | quis en Toledo mostrar
eno dia que a Deus foi corõar,
na sa festa que no mes d'Agosto jaz.
*O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.*

O Arcebispo aquel dia | a gran missa ben cantou;
e quand' entrou na segreda | e a gente se calou,
oyron voz de dona, que lles falou
piadosa e doorida assaz.
*O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.*

E a voz, come chorando, | dizia: “Ay Deus, ai Deus,
com' é mui grand' e provada | a perfia dos judeus
que meu Fillo mataron, seendo seus,
e aynda non queren conosco paz.”
*O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.*

Poi-la missa foi cantada, | o Arcebispo sayu
da eigreja e a todos | diss' o que da voz oyu;
e toda a gent' assi lle recodyu:
“Esto fez o poblo dos judeus malvaz.”
*O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.*

Mettmann (1986, p. 13) também afirma que normalmente a primeira estrofe (e, em alguns casos, a segunda e a terceira) traz indicações, mais ou menos concretas, sobre o espaço da narrativa e o tempo, e algumas informações vagas sobre a fonte da qual foi coletado o milagre. Também são nomeadas as personagens que participam do milagre.

Ainda no tangente à estrutura das cantigas de milagre, Leão (2007, p. 38) afirma que todas essas cantigas “iniciam-se por um título-ementa, em prosa, onde se mencionam as personagens principais e se resume o milagre em uma única frase”, conforme se pode observar nos exemplos a seguir:

(1.2)

*Esta é como Santa Maria rogou a seu fillo pola alma
do monge de San Pedro, por que rogaran todo-los
santos, e o non quis fazer senon por ela.*

(título-ementa da CSM 14 – METTMANN, 1986, p. 91)

(1.3)

*Esta é como a omagen de Santa Maria, que um mouro
guardava em sa casa onrradamente, deitou leite das
tetas*

(título-ementa da CSM 46 – METTMANN, 1986, p. 171)

Fechando este tópico, resta-nos dizer que, ao contrário das cantigas de milagre, é difícil encontrar modelos concretos para as cantigas de louvor, já que todos os temas, os epítetos, as imagens e comparações têm antecedentes ou paralelos com a literatura mariana anterior e contemporânea, nas quais o rei e os seus colaboradores se inspiraram (METTMANN, 1986, p. 14).

1.2.1 A questão (problemática) da autoria

A questão da autoria das CSM é muito discutida por diversos pesquisadores. Dedicamos, nesta Dissertação, uma subseção exclusiva a este assunto, devido à sua relevância. São duas as razões para tal abordagem: serve para dirimir dúvidas quanto à periodização do *corpus*, ou seja, localiza-o em termos de data, e comprova que o *corpus* considerado nesta Dissertação é um representante legítimo da variedade galego-portuguesa

medieval, apesar de ter sido o cancionero mariano compilado em terras que hoje são espanholas.

Teria Afonso X, um rei tão ocupado com questões políticas, tido tempo para compor todas as CSM sozinho? “Por um lado, é realmente difícil de acreditar, dada a vasta dimensão e a incomensurável qualidade artística (literária e musical) da coleção, que o Rei fosse pessoalmente o autor de todas as músicas e poemas das CSM” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 61), mas veremos que é válido considerar Afonso X como o verdadeiro organizador, aquele que projetou as cantigas do modo como são: “Embora tivesse colaboradores, planejou e revisou pessoalmente toda a sua obra, além de haver composto, ele próprio, grande parte das cantigas e das músicas” (LEÃO, 2007, p. 38).

De acordo com Parkinson (1998a, p. 183), mesmo que a lógica indique que seja impossível o rei ter composto todas as 420 cantigas, é válido afirmar o empenho pessoal do rei na estruturação e composição dessa obra, podendo até admitir a composição de algumas cantigas por parte do monarca.

Mettmann (1986, p. 18) afirma a possibilidade de vários autores, mas não deixa dúvidas ao afirmar que a maioria das cantigas seja de autoria de uma única pessoa: “*es sin embargo probable que la mayoría de los poemas se deban a una sola persona y que el número de los autores no haya pasado de la media docena*”.¹¹ Para Mettman (1986, p. 20), existe a possibilidade de que Airas Nunes tenha composto parte considerável da coletânea, uma vez que seu nome aparece grafado no códice E entre duas colunas da cantiga 223, além disso, há semelhanças entre as cantigas remanescentes desse conhecido trovador galego e certas cantigas presentes no cancionero mariano afonsino.

Filgueira Valverde (1985, p. 31) aponta outros prováveis trovadores que podem ter participado da elaboração das CSM, dentre eles o estudioso cita o frei franciscano Juan Gil de Zamora que era amigo e confessor do rei. De acordo com Filgueira Valverde (1985), Zamora escreveu um marial denominado *Liber Mariae* no qual são relatados 70 milagres da Virgem, dos quais 50 coincidem com milagres narrados na obra afonsina. Outro autor citado como possível colaborador é o clérigo Bernardo Brihuega, de quem Afonso X teria encomendado

¹¹ Tradução nossa:

“No entanto, é provável que a maioria dos poemas seja de uma única pessoa e que o número de autores não passou de uma meia dúzia.”

alguns códices hagiográficos.¹² Filgueira Valverde (1985, p. 32) também aponta para o envolvimento de Airas Nunes na elaboração da coletânea afonsina.

Para Parkinson (1998a, p. 185), embora o trabalho da elaboração das CSM tenha sido fruto de uma equipe extensa e bem estruturada, ele considera que cabe a Afonso X o título de autor dessa obra, uma vez que ele foi o grande idealizador, aquele que “mandou fazer” o cancionero mariano. Para a elaboração dessa coletânea o monarca teria encomendado o trabalho de tradutores, poetas ou versificadores, músicos, copistas, miniaturistas, etc.

Estamos reconstruindo a organización do scriptorium das Cantigas, no cal vemos un equipo extenso e estruturado, o mesmo que na composición dos tratados científicos e históricos. Habería así tradutores de milagres franceses, casteláns, latino, portugueses; poetas ou versificadores encargados de versificar os milagres; músicos; copistas; miniaturistas. A enorme variación de cualidade estilística entre loores e algúns miragres bem adornados e dignos da lírica galaico-portuguesa, e outras cantigas máis rutineiras, tortas, demasiado extensas, suxíreme un equipo de clérigos (no seu sentido máis amplo) encargados de poñer en verso os milagres recollidos, como contrapartida do equipo de pintores encargados de convertelos en miniatura. Moitos trazos estilísticos individuais das versións iniciais de cantigas fabricadas pólo mesmo núcleo non resistirían o proceso de corrección e alteración central. (PARKINSON, 1998a, p. 185)

Sobre esse trabalho em equipe para a elaboração do *scriptorium* das CSM, Leão (2007, p. 20) afirma que se tratava de um trabalho cooperativo no qual estavam envolvidos, assim como disse Parkinson (1998a), poetas, desenhistas, miniaturistas, músicos, tradutores, mestres de diversas artes. Todo esse conjunto de colaboradores trabalhava como nas antigas corporações de ofício, em que a obra que se fazia estava sob a direção de um mestre, no caso, Afonso X:

Mas não só poetas ali se acolhiam. Também eram recebidos pelo Rei Afonso X desenhistas, miniaturistas, músicos e tradutores de várias origens, sem falar de mestres em todas as artes liberais e também de sábios de coisas do Oriente. Esse conjunto extraordinário de colaboradores, formados em três culturas diferentes – a muçulmana, a judaica e a cristã – passou à História com o nome de “escola de tradutores de Toledo”. Assim, muitas de suas obras Dom Afonso as escreveu ou traduziu pessoalmente. Algumas outras, porém, ele planejou, supervisionou e revisou, confiando o grosso da execução a seus colaboradores, numa espécie de processo medieval de trabalho cooperativo sob sua direção. Aliás, esse sistema adotado no *scriptorium* real coincide com o que ocorria nas corporações de ofício, onde

¹² Relativo a “hagiografia”, segundo Houaiss, Villar e Franco (2004, p. 1503), “biografia ou estudo sobre biografia de santos”. A respeito dos “primitivos exemplos da hagiografia medieval de território português”, veja-se Nascimento (1993).

toda obra se fazia sob a direção de um “mestre”, cuja responsabilidade e autoridade lhe garantiam o direito de autoria sobre o trabalho realizado por “companheiros” e “aprendizes”. (LEÃO, 2007, p. 20)

A este respeito, Castro (2006, p. 44) afirma que Afonso X era um verdadeiro mestre de obras, ou, melhor dizendo um arquiteto: “Como um mestre de obras, um arquiteto medieval que cuidava de uma catedral, D. Afonso era o coordenador que supervisionava o trabalho de vários artífices para formar uma obra cuja grandiosidade espelharia a imensidão da fé e dos poderes divinos”.

Mas, mesmo tratando-se de um trabalho com a participação de diversos colaboradores, Leão (2007, p. 38) atesta a grande participação de Afonso X, tanto no planejamento e revisão do marial, como na elaboração de algumas cantigas. De acordo com Leão (2007, p. 38), a autoria de Afonso X fica comprovada “pelos inúmeros poemas em primeira pessoa, muitos deles auto-referentes” em que o monarca trata de assuntos como sua devoção pela Virgem, de sua família, de seu reino, de suas viagens, de suas doenças, de seu livro de cantigas, de seu prazer em trovar, etc.

Assim como Leão (2007), Snow (1999) também ressalta a grande equipe que trabalhou na confecção das CSM, afirmando que era composta por colaboradores muito talentosos, representantes das três culturas: muçulmana, cristã e judaica. Snow (1999, p. 158) concede a Afonso X o título de “fazedor” de livros, porém em um sentido especial, no qual reconhece a participação pessoal do rei, mas, ao mesmo tempo, a intervenção de muitos colaboradores.

Logo, podemos afirmar que é consenso unânime entre os estudiosos expostos aqui que cabe a Afonso X o título de autor das cantigas devido ao seu grande empenho na supervisão e até mesmo participação na elaboração de sua coletânea mariana. Também verificamos que todos consideram o caráter colaboratório da confecção do cancionero afonsino.

Outro ponto em comum entre os autores revisitados diz respeito à grandiosidade da obra. Segundo Fidalgo (2002), as CSM foram feitas para ser “exibidas”, pois o tamanho do marial não é apropriado para fins de leitura pessoal. A autora ainda afirma que o cancionero não serviria para ostentar o poder do monarca, mas para ressaltar a boa relação do rei com a Virgem que o protegia nas suas empreitadas, e velaria assim por sua propaganda política.

Uma comprovação desse gosto do monarca pelos estudos e pelo fazer poético vem pelo escritório e pela biblioteca que ele matinha em seu castelo; esses lugares foram testemunhas de toda criação que ali se deu. Podemos afirmar que Afonso X possuiu em seu

escritório uma verdadeira oficina de arte formada por poetas, desenhistas, músicos, tradutores e miniaturistas de origens distintas (LEÃO, 2007, p. 20).

Mas não só poetas ali se acolhiam. Também eram recebidos pelo Rei Afonso X desenhistas, miniaturistas, músicos e tradutores de várias origens, sem falar de mestres em todas as artes liberais e também sábios de coisas do Oriente. Esse conjunto extraordinário de colaboradores, formados em três culturas diferentes - a mulçumana, a judaica e a cristã - passou à História com o nome de “escola de tradutores de Toledo”. (LEÃO, 2007, p. 20)

É importante salientar que D. Afonso X escolheu o galego-português para a elaboração de suas cantigas, apesar de o idioma que se falava em seu reino ter sido o castelhano. Tal escolha é justificada como o fruto da educação recebida pelo monarca, que teve contato direto com a língua de Galiza. O rei sábio, assim como afirma Filgueira Valverde (1985, p.11), passou parte de sua infância na Galiza, portanto, podemos considerá-lo um falante nativo da língua que lá se falava, já que, de acordo com o mesmo autor, Afonso X passou nove anos de sua infância, dos 2 aos 11 anos, em terras onde se falava o galego-português.¹³ Não devemos desconsiderar o fato de que é justamente nesta fase que se dá a aquisição da língua materna.

A respeito da educação recebida, Leão (2007, p. 18) afirma:

[...] foi confiado a um casal de nobres de Burgos, de quem recebeu educação compatível com seu estado. Sua educação escolar, supõe-se, não excluiu contatos com Santiago de Compostela, portanto com a língua galaico-portuguesa. Essa é, pelo menos, uma das hipóteses aceitas.

Além disso, Afonso X “reconhecia na Galiza a pátria tradicional do lirismo e, na sua língua, o instrumento ideal da poesia” (LEÃO, 2007, p. 38).

¹³ Massini-Cagliari (2007), em um artigo, discute a pertinência de se considerar as CSM como *corpus* da diacronia do português, a partir da análise de alguns aspectos prosódicos da língua nelas registrada, comparando as cantigas profanas, escritas em Portugal e Galiza, e as religiosas, escritas em Castela. Com este artigo a autora esclarece o questionamento de muitos estudiosos a respeito da possibilidade de Afonso X ter sido falante nativo ou não do galego-português. Massini-Cagliari (2007) relata que Filgueira Valverde (1985) e Beltrán (1997 *apud* Massini-Cagliari, 2007) consideram esta não uma possibilidade, mas uma certeza, já Leão (2002) afirma que existe interferência do castelhano no galego-português das CSM, uma vez que esta era a língua materna do rei sábio. Através deste estudo, Massini-Cagliari (2007) concluiu que não existe distinção linguística entre as duas vertentes (galego das cantigas profanas e o galego das cantigas religiosas), portanto podemos considerar Afonso X um falante nativo do galego-português.

O que mostra a comparação entre os *corpora* de cantigas profanas e religiosas é que a distinção linguística entre essas duas vertentes, quanto aos fenômenos prosódicos observados, não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema; em outras palavras, trata-se de **uma e a mesma** língua. (MASSINI-CAGLIARI, 2007, p. 122)

Ainda a respeito da escolha do galego-português, não podemos deixar de considerar essa opção devido ao prestígio que o monarca teria com a escolha dessa língua; trata-se da utilização de uma língua de cultura em um país estrangeiro.

[...] o galego-português é usado como língua de cultura em um país estrangeiro, Castela, a mando do Rei, para poder melhor louvar a Virgem, na língua mais apropriada para esta finalidade. Trata-se, portanto, de uma especialização de uso, em território alienígena. (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 20)

Na opinião de Leão (2007, p. 21), o galego utilizado na elaboração da coleção é o culto e erudito, e não o falado pelo povo da Galiza; era um verdadeiro idioma literário que tanto Afonso X quanto outros poetas souberam utilizar magnificamente. Além disso, podemos afirmar, em relação à escolha do galego-português, que as razões transcendem os domínios ibéricos, sendo um fenômeno geral da Europa:

Parece que o motivo não estaria nem numa excentricidade do Artista, nem numa leviandade política do Monarca, mas no fascínio exercido por uma língua que se afirmava como apta, ou até como ideal, para a poesia. Aliás, esse fato não era único na Europa Medieval, onde três línguas vernáculas gozavam da preferência dos poetas: o galego-português, no mundo ibero-românico; o provençal no domínio galo-românico; e o toscano no âmbito ítalo-românico. O seu prestígio era tão amplamente reconhecido, que muitos trovadores, no ato de trovar, deixavam de lado as suas respectivas línguas maternas e adotavam uma das três grandes línguas poéticas de então. Foi o que ocorreu com D. Afonso X. Compôs suas próprias cantigas e dirigiu ou supervisionou a composição de outras pelos seus colaboradores, utilizando o galego-português. (LEÃO, 2002, p. 2)

Finalizamos esse tópico sobre a autoria das CSM com uma afirmação de Snow (1999, p. 169) sobre a legitimidade de Afonso-trovador na compilação de seu cancionero mariano:

[...] *creo legítimo hablar de Alfonso-trovador, es decir su presencia literaria e iconográfica en las Cantigas, como factor esencial en mi consideración de esta compilación como una narrativa orgânica, com su núcleo visible en las relaciones que quiere establecer el poeta-entendedor con María y todos los sucesos que se narran al respecto.*¹⁴

¹⁴ Tradução nossa:

“Acredito ser legítimo falar de Afonso-trovador, ou seja, sua presença literária e iconográfica nas Cantigas são um fator essencial, na minha opinião, a respeito desta compilação como uma narrativa orgânica, com seu núcleo visível nas relações que quer estabelecer o poeta-entendedor com Maria y todos os sucessos que se narram a respeito.”

1.2.2 Os Códices

As CSM podem ser encontradas em quatro códices: “dois deles pertencem à Biblioteca del Monasterio de El Escorial, na Espanha; o terceiro está conservado na Biblioteca Nacional de Madrid; e o último pertence à Biblioteca Nazionale Centrale de Florença, Itália” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 63).

De acordo com Mettmann (1986, p. 24), temos, como datas prováveis para a compilação das cantigas, o período compreendido entre os anos de 1270 e 1282, ano de morte de Afonso X, mas isso não descarta a possibilidade de que o trabalho com as CSM continuara depois da morte do rei.

As cotas desses manuscritos e as siglas convencionalmente utilizadas para referência a eles são as seguintes (PARKINSON, 1998b, p. 86-nota 3):

E: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (*códice dos músicos*);

T: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (*códice rico* ou *códice das histórias*);

F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (*códice de Florença*);

To: Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069.

Parkinson (1998a, p. 180) afirma que o menor e mais antigo dos manuscritos é o *códice de Toledo (To)*; o mais rico em conteúdo artístico é o *códice rico* de El Escorial (T), que forma um conjunto (*códice das histórias*) com o manuscrito de Florença (F); e o mais completo é o *códice dos músicos* de El Escorial (E). Schaffer (2000, p. 207) ressalta que *To* é o único manuscrito que chegou a ser terminado: *T*, *F* e *E* estão todos inacabados.

A respeito do cronograma de elaboração das CSM, Parkinson (1998a, p. 187) afirma que os códices sofreram um processo de ampliação e evolução contínua; Mettmann (1986) propõe três etapas para a confecção do cancionero mariano:

I. De 1270 a 1274 foram elaboradas as cem primeiras cantigas que compõem o *códice de Toledo (To)*. Contendo histórias geralmente de fontes europeias, essa coleção representa um testemunho de devoção real a Santa Maria. Mettmann (1986, p. 21-22) afirma que, além das 100 cantigas, há uma Introdução (A), falando do objetivo do monarca em homenagear a Virgem; um prólogo (B) e a *Petição*, que conclui a obra. A coleção, como já mencionado anteriormente, está estruturada em grupos de 10 cantigas, sendo nove de milagres e a décima

sempre uma cantiga de louvor, compondo assim a estrutura do rosário.¹⁵ Além dessa estrutura comum aos quatro manuscritos, To também se estrutura da seguinte maneira: a cantiga 1 canta os sete gozos de Santa Maria; cantiga 50 canta as sete dores da Virgem e a cantiga 100 canta a interseção de Maria no dia do juízo final (METTMANN, 1986, p. 22). Mettmann (1986, p. 22) ainda supõe que essa primeira coleção teria sido escrita em folhas soltas ou rótulos [*r^l*], que depois foram corrigidos, ordenados e copiados, dando origem ao To.

II. De 1274 a 1277, terminado o primeiro manuscrito, optou-se por duplicar¹⁶ a primeira coleção e confeccionar um códice decorado (T). Surge assim o *códice rico*, adornado por miniaturas que fazem referência ao conteúdo de sua respectiva cantiga e acompanhado de notação musical. O material foi organizado seguindo o mesmo esquema de rosário, mas com destaque às cantigas 5, 15, 25, etc., ou quintas, que correspondem aos poemas maiores, os quais foram adornados por miniaturas em duas páginas ao invés de uma única, como era nas demais. É importante salientar que, com a duplicação, houve uma mudança na organização das cantigas, de modo que, por exemplo, a cantiga 50 foi substituída por outra, uma vez que não tinha sentido para a nova coleção de 200 cantigas¹⁷ (PARKINSON, 1998a, p. 187-188; METTMANN, 1986, p. 22).

III. Novamente o rei quis duplicar o número de cantigas, para chegar a 400. Assim foi confeccionado o códice F, que seria o complemento do códice T, mas que ficou incompleto. Juntamente com esses dois manuscritos, também era confeccionado o códice E - *códice dos músicos* – de apresentação mais modesta, seguindo a mesma ordem de T e servindo-se dos esboços iniciais [*r^l*]. Haveria, assim, duas equipes trabalhando na elaboração desses códices: uma preocupada em reunir, em um único manuscrito (E), todas as cantigas afonsinas dedicadas à Virgem; e outra, preocupada em elaborar um segundo volume (F) para T. Para

¹⁵ Parkinson (1998a, p. 187) afirma que a estrutura em forma de rosário, como já foi dito nessa seção, se repetirá ao longo de todos os manuscritos.

¹⁶ De acordo com Schaffer (2000, p. 186-187), o que subjaz à evolução do cancionário mariano é a idéia de dobrar a coleção inicial e, partir daí, a anterior; “*in the absence of external or internal evidence to the contrary, I believe that the book projects preserve collections of 100, 200 and 400 songs, each successively incorporating its smaller predecessor in toto, perhaps with the notion of doubling it*” (Tradução nossa: “na ausência de evidências externas ou internas para provar o contrário, eu acredito que o projeto do livro preserva a coleção de 100, 200 e 400 cantigas, cada uma, sucessivamente, incorporando ao seu predecessor menor em sua totalidade, talvez com a noção de duplicação deste”). Veremos que o mesmo se passará com o códice E, portanto temos a evolução de 100, para 200 e, finalmente, para 400 cantigas.

¹⁷ Provavelmente, o motivo de não haver mais sentido em a cantiga 50 permanecer em T é que com a duplicação das cantigas o fechamento da coletânea foi deslocado.

finalizar o projeto de E, necessitava-se de 359 cantigas de milagre, mas, ao terminar, ainda faltavam algumas, o que fez com que se repetissem sete milagres (373, 387, 388, 394-397) (PARKINSON, 1998a, p. 187-188; METTMANN, 1986, p. 22-23). De acordo com Mettmann (1986) e Parkinson (1998a), o códice dos músicos recebe como anexo inicial as cantigas das festas de Santa Maria e as cantigas das festas de Jesus Cristo.¹⁸ Assim, o manuscrito E se estrutura da seguinte maneira: inicia-se com o Prólogo das cantigas das cinco festas de Santa Maria, que é seguido por doze cantigas das quais cinco se referem a festas marianas (411, 413, 415, 417, 419) e as outras sete (entre elas há repetição) são de louvor. Segundo Mettmann (1986, p. 23), as doze *cantigas de festas* são seguidas pelo *Índice*, pela *Introdução* (A), pelo *Prólogo* (B), e por 400 cantigas, *Petiçon* e por uma última cantiga que contém rogos.

Sobre a relação entre os manuscritos e as três etapas de elaboração do cancionero, Mettmann (1986, p. 23) propõe o seguinte esquema que ele denominou como “árvore genealógica”:¹⁹

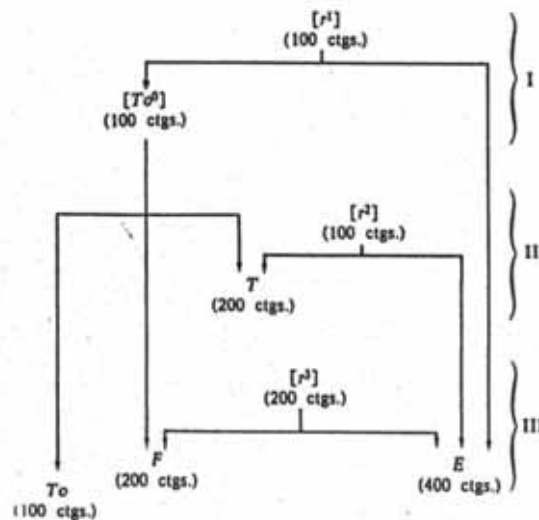


Figura 1.9. Stemma de Mettmann (1986).

¹⁸ De acordo com Parkinson (1998a, p. 188), estas cantigas já haviam sido adicionadas a To de forma embrionária.

¹⁹ Mettmann (1986) não é o único estudioso que propôs um *stemma* das CSM, pois a questão da relação entre os manuscritos e suas fontes é um assunto muito polêmico. Massini-Caglarari (2005) faz uma comparação entre os *stemmas* propostos por Mettmann (1986), Ferreira (1994) e Wulstan (2000). De acordo com a autora, os três autores levam em consideração a ampliação da coleção mariana de 100 para 200, e depois para 400 cantigas. A diferença entre os *stemmas* propostos reside, principalmente, em considerar To a cópia original das CSM ou cópia desta. De acordo com Massini-Cagliari (2005, p. 82), Mettmann (1986) e Ferreira (1994) consideram To uma cópia da compilação original, já Wulstan (2000) considera que a compilação original se restringia a 50 cantigas – não correspondendo a To, portanto. A referida autora ainda faz uma ressalva, afirmando que a proposta de Ferreira (1994) é mais detalhista com relação à consideração da coleção de folhas avulsas a partir das quais se acredita terem sido organizados os códices.

Segundo Parkinson (1998a, p. 189), a coleção das 420 CSM corresponde a:

2 cantigas iniciais: título e prólogo (Mettmann A/B)
2 cantigas finais: Pitiçon, Nembressete Maria (números 401-402 na edición de Mettmann)
40 cantigas de loor (das cales dúas se repiten nas cantigas de festas de E)
353 milagres (mais sete milagres en E que repiten outras cantigas)
11 cantigas das festas de Santa María (números 410-422 na edición de Mettmann) mais dúas repetidas
7 cantigas de milagre de To e F que non foron incluídas en E (números 403-409 da edición de Mettmann)
5 cantigas de festas de Xesucristo de To, que non foron incluídas noutros manuscritos (números 423-427 da edición de Mettmann)

A seguir apresentamos um quadro, baseado na proposta de Parkinson (1998a, p. 180), em que o referido autor indica as principais diferenças entre os quatro manuscritos:²⁰

²⁰ Em Parkinson (1998a, p. 180) podemos encontrar detalhes sobre a bibliografia consultada por ele para que fosse possível sugerir as diferenças entre os manuscritos.

Nome e sigla	Conteúdo	Decoração
<p>To (<i>códice de Toledo</i>) BN Madrid 10069 (antigamente da Biblioteca da Catedral de Toledo).</p>	<p>Título, índice de 100 cantigas, prólogo, 100 cantigas numeradas, <i>Petiçon</i>;</p> <p>5 cantigas das Festas de Santa Maria precedidas de rubrica explicativa;</p> <p>5 cantigas das Festas de Jesus Cristo precedidas por rubrica explicativa e com indicações marginais sobre o uso litúrgico;</p> <p>16 cantigas adicionais ao apêndice precedidas por rubrica explicativa.</p>	<p>Decoração e <i>mise en page</i> relativamente simples.</p>
<p>T (<i>códice rico; códice das histórias</i>) El Escorial, Real Monastério de <i>San Lorenzo</i>, MS T.I.1.</p>	<p>Índice (de 200 cantigas), título, prólogo e 192 cantigas com músicas (lacunas nos números 40, 150-151, 196-200); um fragmento da cantiga 424 foi copiado (posteriormente?) numa folha branca depois do índice; as cantigas 2-25 têm versões castelhanas do século XIV.</p>	<p>Decoração e <i>mise en Page</i> complexa: cada cantiga está ilustrada com seis ou doze miniaturas numa ou duas páginas completas que seguem o texto, que ocupa uma ou mais páginas completas. Nas CSM 2-25 existe uma versão castelhana por baixo das miniaturas.</p>
<p>F (<i>códice de Florença</i>), Florença, Biblioteca Nacional Central, Banco Rari, 20.</p>	<p>Texto (às vezes incompleto) de 103 cantigas com pautas musicais, mas sem notação musical, muitas delas seguidas por uma ou duas páginas de miniaturas sem o texto correspondente; várias páginas preparadas para miniaturas.</p>	<p>Decoração e <i>mise en Page</i> semelhante a T.</p>
<p>E (<i>códice dos músicos</i>), El Escorial, Real Monastério de San Lorenzo, MS B.I.2.</p>	<p>12 cantigas numeradas das Festas de Santa Maria, com prólogo; índice; título, 400 cantigas numeradas com música para a primeira estrofe (excepcionalmente, para todas as estrofes; falta na 298 e 365); <i>Petiçon</i> e epílogo sem música.</p>	<p><i>Mise en page</i> semelhante ao de To com elementos adicionais de decoração (cada cantiga de <i>loor</i> está precedida de uma miniatura com músicos).</p>

Quadro 1.2 Resumo das principais características dos Códices das CSM.

Antes de iniciar uma breve discussão a respeito de algumas características peculiares de cada manuscrito, é importante destacar um apontamento feito por Schaffer (2000, p. 186-187), no qual a autora ressalta a importância de se considerar a relação entre os manuscritos, e, além disso, a “autonomia” de cada um como uma unidade coerente em si mesmo, revelando, desse modo, a evolução da coletânea afonsina.

These four Alfonsine manuscripts are not copies of a single exemplar or of a single work. On the contrary, each manuscript or version represents a particular perspective, vision or project. At the level of text, they document the reconceptualization of a poetic collection, the gradual development of a macrotext, key processes of recompiling and repurposing songs, and successive phases of poetic revision and refinement. At the level of codex, they record the intense collaboration of patron, poets, musicians and artists, subtly revealing decision-making processes necessary to increasing complex design.²¹

1.2.2.1 O Códice de Toledo (To)

Esse manuscrito tem 160 folhas de pergaminho avitelado, sendo que cada uma tem 315 milímetros de altura e 217 milímetros de largura; já o espaço que ocupa o texto tem as seguintes dimensões: 225 milímetros de altura por 151 milímetros de largura.

To está escrito em duas colunas de 27 linhas cada uma. A escrita da coluna é alternada com tinta vermelha e preta, sendo que os primeiros quatro versos são feitos daquela cor e os outros quatro seguintes são feitos desta cor. Essa alternância de cores, entre grupos de quatro versos, ocorre até o fim da coluna que tem sete quartetas, e assim acontece sucessivamente até o final da cantiga. A primeira letra da cantiga é de cor azul ou vermelha, e as letras iniciais dos versos escritos em preto são de cor vermelha, e para os escritos em vermelho a cor é azul (METTMANN, 1986, p. 25). De acordo com Parkinson (2000, p. 134), as iniciais são decoradas, mas não são iluminadas, semelhantemente ao que ocorre em E, nas cantigas múltiplas de dez. Para o referido autor, em alguns aspectos, To mostra-se mais decorativo do que E, fazendo, por exemplo, um uso mais extensivo das tintas vermelha e azul.

Podemos observar essa riqueza de cores na composição das cantigas desse códice pela figura a seguir, que corresponde ao facsímile da CSM 100 do códice de Toledo:

²¹ Tradução nossa:

“Estes quatro manuscritos alfonsinos não são cópias de um único exemplar ou de uma única obra. Pelo contrário, cada manuscrito ou cada versão representa uma determinada perspectiva, visão ou projeto. Em relação ao nível dos textos, eles documentam a reconceitualização de uma coleção poética, o desenvolvimento gradual de um macrotexto, processos-chave de recompilação e reaproveitamento musical e sucessivas fases de revisão e refinamento poético. Já em relação ao nível do códice, eles registram a colaboração intensa do patrono, poetas, músicos e artistas, revelando, sutilmente, processos de decisão necessários para aumentar o complexo projeto.”



Figura 1.10 To10 (CSM100).

Cantigas de Santa María. Edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003. fólio 156r

1.2.2.2 O Códice Rico (T – ou códice das histórias)

Esse manuscrito possui 256 folhas de pergaminho avitelado, de 485 milímetros de altura por 326 milímetros de largura. Está escrito, em letra gótica francesa, em duas colunas de 44 linhas cada uma. Possui uma única folha de guarda de papel grosso em que se lê a seguinte nota sobreposta: *Cantigas y milagros de Santa Maria en lengua Portuguesa, digo en Gallego, por el Rey Don Alfonso el Sábio. Está descabalado*. As letras iniciais se alternam entre vermelhas e azuis, também se destacam a presença de letras maiúsculas no meio do texto, nos dez ou oito primeiros versos. Ao final das páginas, há um comentário explicativo para cada cantiga, mas, em algumas, por causa do manuseio, foram apagados. Na parte central, em algarismos romanos, está indicado o número correspondente a cada cantiga em cor azul ou vermelha (METTMANN, 1986, p. 29-31).

De acordo com Mettman (1986, p. 31), o códice contém 1257 miniaturas, compreendidas em 210 páginas, cada uma com 334 milímetros de altura por 230 de largura. Uma dessas miniaturas está dividida em 8 compartimentos, enquanto as demais se dividem em 6. A seguir temos a ilustração da miniatura da cantiga 7.

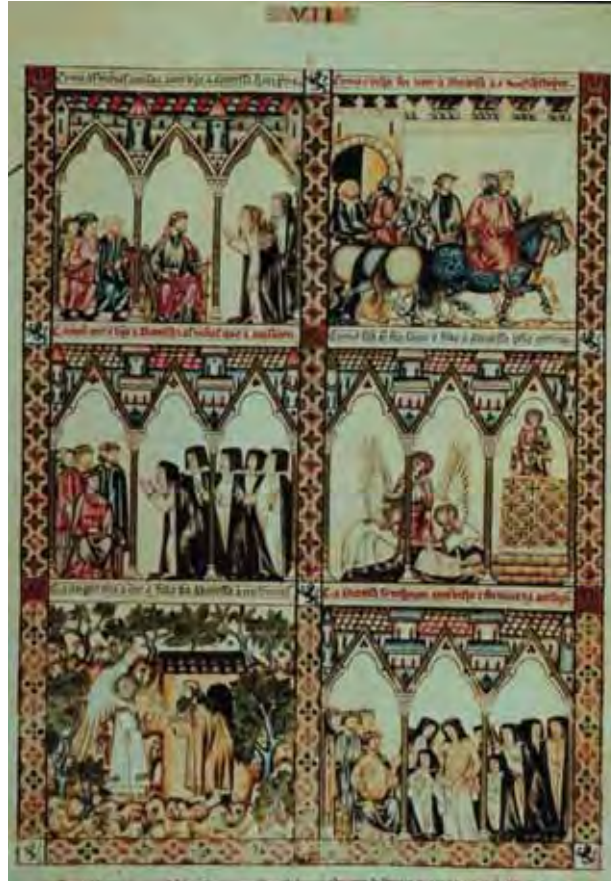


Figura 1.11 Página de ilustrações da Cantiga VII – Códice T.
 Fonte: <http://www.mtholyoke.edu/courses/mtdavis/222/Cantiga7.html>
 (acesso em 1 ago 2011)

Segundo Massini-Cagliari, (2005, p. 71), este códice possui 193 cantigas e também é conhecido como *códice rico* devido à riqueza do material com que foi feito, ao cuidado e capricho das notações musicais e à beleza e primor das miniaturas.

1.2.2.3 O Códice de Florença (F)

Esse manuscrito encontra-se conservado na Biblioteca Nacional de Florença e atualmente conta com 104 cantigas entre milagres e louvores. F é composto por 131 folhas de pergaminho que medem 456 milímetros por 320 milímetros, mas essas páginas deveriam

medir mais, uma vez que se pode ver claramente que muitas foram cortadas, especialmente na parte inferior. Em consequência desses cortes, muitas vezes acontece de faltar o número em algarismos romanos de uma antiga paginação que se pode observar ainda no verso de muitas folhas. A encadernação desse manuscrito é feita em tábuas de madeira cobertas com pele e adornadas com frisos dourados (METTMANN, 1986, p. 32-33).

Assim como os outros manuscritos a escrita é caracterizada pela letra gótica francesa, geralmente os poemas estão distribuídos em duas ou até em três colunas de 44 linhas, raramente encontramos as cantigas dispostas em uma única coluna. Cada cantiga começa sempre com o refrão (= estribilho) escrito abaixo da pauta que seria destinada às notas musicais, mas que não foram escritas, logo, este manuscrito carece, por completo, de notações musicais. O título e o refrão estão escritos em tinta vermelha; os versos, escritos em tinta preta, alternam suas letras iniciais com tinta vermelha com frisos azuis ou vice-versa (METTMANN, 1986, p. 33).

Cada cantiga é acompanhada por uma ou duas páginas de iluminuras divididas em seis vinhetas, que ilustram o conteúdo do poema. Das páginas miniaturadas, 48 estão completamente acabadas, mas muitas apresentam apenas parte dos quadrinhos terminados (METTMANN, 1986, p. 33-34).

A seguir temos a iluminura da cantiga 228, ilustrando as 6 vinhetas, bem como seu respectivo facsímile que mostra com clareza a pauta em branco destinada para notação musical.



Figura 1.12 Iluminura F88 (CSM 228)
(AITA, 1922, entre páginas 56 e 57).



Figura 1.13 Facsímile F88 (CSM 228)
(microfilme cedido pela Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20)²²

²² O projeto tem acesso ao microfilme desse manuscrito, conseguido pela orientadora desta Dissertação de Mestrado, Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari, junto à Biblioteca que é sua depositária.

1.2.2.4 O Códice dos Músicos (E)

O outro códice escorialense, também conhecido como *códice dos músicos* é o mais completo de todos os manuscritos. Contém todas as CSM conhecidas, com exceção de dez que aparecem exclusivamente em To (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 78).

Esse códice possui seis folhas de guarda, 361 folhas de pergaminho avitelado e restos de outras 3 folhas, provavelmente em branco, que foram cortadas ao final do manuscrito. Cada folha tem 402 milímetros de altura por 274 milímetros de largura. Os poemas estão dispostos em duas colunas de 40 linhas cada uma, também escritos em letra gótica francesa. Assim como nos demais códices, a letra inicial maiúscula de cada cantiga aparece em destaque. No caso de E, as iniciais são escritas em azul com enfeites em vermelho, medindo 126 milímetros de altura por 58 milímetros de largura. Devemos destacar a letra inicial da primeira cantiga que está pintada, segundo Mettmann (1986, p. 28) de “*colores y puntos de oro*” (METTMANN, 1986, p. 27-28).

O primeiro fólio desse códice contém o selo da Biblioteca Escorialense e, no segundo, há uma epígrafe de letras góticas maiúsculas, alternadamente azuis e vermelhas, que traz a inscrição: *Prólogo das cantigas das cinco festas de Sca Maria Primeyra* (METTMANN, 1986, p. 27).

A transcrição do refrão inicial e da primeira estrofe das cantigas é acompanhada da notação musical. As demais estrofes e a indicação da repetição do refrão vêm a seguir (METTMANN, 1986, p. 27-29).

O códice E é baseado em uma estrutura de dez cantigas, mas, diferentemente dos demais, dá um maior realce às cantigas de louvor, correspondentes às “*décimas*” – diferentemente de T/F que enfatizam as “*quintas*”. Este “*realce*” das cantigas de louvor é dado pela presença de uma miniatura, encabeçando cada uma dessas cantigas, ou seja, de dez em dez (METTMANN, 1986, p. 28-29; PARKINSON, 2000, p. 259).

A seguir temos a miniatura da cantiga 250 (ALVAREZ, 1987, lâmina V), assim como seu respectivo facsímile:



Figura 1.14 Miniatura CSM250.
Código dos músicos (Escorial), E250, fólio 227r.
Reproduzido de Alvarez (1987, lâmina V).


CC L

CC LI

mano a ygra su un
aque chuman dal masi
que e en calo da mila
muroz machis d'pzi
tan v'larar por algo
quelles dani como dan
a os que tal obra fo en
mas un oelos ren por
aquei que te uodard
on quera mo lancia
ali mu de Coligon
por aglar da uirgen
mente i gu'ardon.
i porendo sea fover de
oquell auco enron
i s'p'g' auerdy ende
que fular i de partir.
Aquel q' te uodard
i machis de p'za.
i lancia ten as'p'z
i quacuna ten as'p'z
i p'z'as en r.
eno mas alro da oira
como ton machis fuz
i un dia s'p'no esto
fizon los pecc' fuz
Aquel que uodard
cau ten to mas alro
i en cien do chamon.
Amig' en ca mana
que omni cost' liron
ca p'ro que da ca beca
fote los cantos copu
Asi d'gnardon amig'
que foi non se foi fuz
Aquel q' de uodard
en fennu foi se caen.
nen recien cuncin mal
ante s'p'gen mu uodard
que non erudo los al

mas foi a o alar logo
da uirgen chumal.
pe lair as'la merre.
i os seus tees gran.
Aquel que te uodard
quamos ali estanan.
Acron loes por en.
Amig' en ronia
q' a os seus ual' m'ir
i porendo se r'p'g'amos
que s'p'p'za mos fuz
i nos g'na no d' seu fillo
que nos ueno ermir.
Aquel q' te uodard

e sta e re l'oz



por nos uirgen
maide. uga reus reu pi
que i fillo amig'.

2-oga reus reu patre.
reus que nos p'cte.
rogalle pois este. reu fillo
amigo. Rogalle pois este
2-oga que nos ualla.
pois este e sen falla.
reu fillo amig'.

omo seu ed' leion con fig' ame
na de p'oenca que ped' a offi
lio as'la maide.

si gran
reus
fo to muno auerard. o q'
p'or amor da uirgen ten a
uer. An terra de P'ron
si un gran m'ug' acta.
s'p'no que federa. a ma
de to gran sey. i desque
o o'p'ces. den soo fuz i sa
que non estes toum.

Figura 1.15 Facsímile CSM 250.
Fonte: <http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/facsimiles/E/451small.html>
<http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/facsimiles/E/452small.html>
(acesso 2 ago 2011)

1.3 Considerações Finais

Conforme se pode observar nesta seção, as CSM constituem um *corpus* muito rico e de elevada importância, dada a sua grandiosidade artística e cultural; além disso, essa coletânea mariana é considerada uma das fontes mais ricas do galego-português, e, assim como afirma Leão (2007, p. 9), as cantigas “nas brumas da história, coincidem com o momento fundador do Reino de Portugal e também da língua portuguesa”.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Nesta seção, será apresentada a teoria que serve de base para o desenvolvimento desta pesquisa, a Fonologia Prosódica, além de uma breve consideração sobre a Fonologia Lexical, já que, como veremos na subseção 2.2, teve também relevância para esta Dissertação.

Para que pudéssemos analisar os dados e, com isso, considerar a importância do *status* do grupo clítico dentro da hierarquia prosódica, utilizamos o estudo desenvolvido por Nespor e Vogel (1986), que defende a existência deste constituinte na escala prosódica. Além desse trabalho, também utilizamos outros trabalhos que abordam a Fonologia Prosódica, como o de Bisol (1996); Campos (2007) e de Brisolara (2008)²³, os quais retomam a teoria proposta por Nespor e Vogel (1986). É relevante mencionar também o trabalho de Selkirk (1984), idealizadora da Fonologia Prosódica, mesmo que tal autora não considere a existência do grupo clítico dentro da hierarquia prosódica.

Sobre a Fonologia Lexical, valemo-nos, principalmente, dos trabalhos de Lee (1992, 1995) e Pulleyblank (1986) para dirimir possíveis dúvidas quanto à natureza lexical ou pós-lexical dos fenômenos observados.

2.1 Fonologia Prosódica e seus constituintes

As análises fonológicas propostas para este trabalho de Mestrado têm como base, principalmente, os pressupostos da Fonologia Prosódica propostos por Nespor e Vogel (1986). Antes de iniciar um breve panorama sobre essa teoria, devemos destacar o trabalho de Selkirk (1984), devido à sua relevância para o estudo de Teoria Prosódica, uma vez que esta autora foi quem inaugurou esse modelo fonológico.

A Fonologia Prosódica parte do pressuposto de que a fala é organizada em constituintes prosódicos os quais são construídos a partir de informações de outros elementos da gramática. Assim como Selkirk (1984), Nespor e Vogel (1986) também contribuíram para a consagração dessa teoria. Nos trabalhos das três autoras encontramos desenvolvidos modelos não isomórficos da relação entre fonologia e sintaxe, já que os constituintes prosódicos não correspondem diretamente a outros constituintes da gramática. Desse modo, as

²³ Apesar de Brisolara (2008) não considerar a existência do grupo clítico dentro da escala prosódica, resolvemos utilizar seu trabalho como referencial teórico, pois ela faz uma releitura de Nespor e Vogel (1986) que julgamos muito clara e esclarecedora.

teorias desenvolvidas no campo da Fonologia Prosódica tratam da constituição da estrutura prosódica de uma língua e da relação entre fonologia e sintaxe.

As duas teorias citadas se diferenciam quanto à natureza das relações entre os constituintes. Nespore e Vogel (1986) se baseiam nas *relações* entre os constituintes e Selkirk (1984) nos *limites* impostos por informações sintáticas.

[...] o ponto mais relevante é que a teoria baseada em limites (SELKIRK, 1984) não admite um domínio para o clítico, analisando-o junto à palavra fonológica ou à frase fonológica. Já a teoria baseada em relações (NESPOR; VOGEL, 1986) argumenta que o clítico, dado seu comportamento híbrido, não pode ser classificado como palavra fonológica e propõe o constituinte grupo clítico como o seu domínio. (CAMPOS, 2007, p. 17)

Veremos, na seção 5, que os resultados de nossas análises mostram a relevância e a justificativa, desta Dissertação, em se optar pela teoria proposta por Nespore e Vogel (1986), uma vez que tais autoras consideram o grupo clítico dentro da escala prosódica.

Antes da apresentação de nossos dados, iniciemos nossa breve revisão da literatura sobre o que tange essa teoria. Segundo Nespore e Vogel (1986), a Fonologia Prosódica propõe que a linguagem seja organizada de forma hierárquica em constituintes prosódicos que podem apresentar tanto informações fonológicas quanto não fonológicas:

[...] *each constituent of the prosodic hierarchy draws on different types of phonological and nonphonological information in the definition of its domain. While the principles that define the various prosodic constituents make reference to nonphonological notions, it is of crucial importance that the resulting prosodic constituents are not necessarily isomorphic to any constituents found elsewhere in the grammar.*²⁴ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 2)

A respeito dos constituintes prosódicos, Bisol (1996) afirma que se tratam de unidades linguísticas complexas, apresentando, como vimos na citação acima de Nespore e Vogel (1986), princípios e regras distintas dos constituintes sintáticos e morfológicos. A autora ainda destaca o que ela considera ser a “real importância” sobre o entendimento dos constituintes prosódicos:

²⁴ Tradução nossa:

“[...] cada constituinte da hierarquia prosódica se baseia em diferentes tipos de informação fonológica e não fonológica na definição de seu domínio. Enquanto os princípios que definem os vários constituintes prosódicos fazem referência às noções não fonológicas, é de crucial importância que os constituintes prosódicos resultantes não sejam, necessariamente, isoformas a quaisquer componentes encontrados em outros lugares na gramática.”

[...] é de real importância que se tenha em mente que o constituinte prosódico, que conta com informações de diferentes tipos, fonológicas ou não fonológicas para a sua definição inicial de domínio, não apresenta compromisso de isomorfia com os constituintes de outras áreas da gramática. Como afirmam Nespor e Vogel (1986), as diferenças basicamente provêm do fato de que as regras que constroem a estrutura prosódica não são recursivas por natureza, pois o sistema fonológico é finito, enquanto as regras sintáticas são recursivas, isto é, o sistema sintático não é finito. (BISOL, 1996, p. 247)

Nespor e Vogel (1986, p. 7) propõem que os constituintes prosódicos sejam organizados de forma hierarquizada, ou seja, que seja desenvolvida uma relação binária de dominante e dominado entre eles. Segundo as autoras, os constituintes devem ser organizados no que ela denominou de estrutura ou árvores, obedecendo aos seguintes princípios que regulam a hierarquia prosódica.

Principle 1. *A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^P , is composed of one or more units of the immediately lower category, X^{P-1} .*

Principle 2. *A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.[...]*

Principle 3. *The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.*

Principle 4. *The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w).²⁵*

Já a formação de cada constituinte é explicitada pela regra *Prosodic Constituent Construction* [Construção de Constituinte Prosódico] (NESPOR; VOGEL, 1986), transcrita em (2.1), em que X^P representa um constituinte prosódico e X^{P-1} indica outro constituinte imediatamente inferior a X^P .

²⁵Em sua Tese de Doutorado, Brisolara (2008) faz a tradução de algumas passagens do trabalho de Nespor e Vogel (1986), as quais julgamos importante apresentar para melhor compreensão do leitor.

Princípio 1: Uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, X^P , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, X^{P-1} .

Princípio 2: Uma unidade de um dado nível da hierarquia está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior da qual ela é parte.

Princípio 3. As estruturas hierárquicas da Fonologia Prosódica ramificam-se eneaadamente.

Princípio 4: A relação de proeminência relativa definida entre nós irmãos é tal que a um só nó é atribuído o valor de forte (s) e a todos os outros nós é atribuído o valor fraco (w). (BRISOLARA, 2008, p.8-9)

(2.1) Prosodic Constituent Construction

Join into a n-ary branching X^P all X^{P-1} included in a string delimited by the definition of the domain of X^P (NESPOR; VOGEL, 1986, p.7).²⁶

A partir dos princípios de organização dos constituintes prosódicos e de sua regra de construção, fica bem clara a existência de um sistema de hierarquia em relação aos constituintes. A respeito dos constituintes, Nespore e Vogel (1986, p. 11) propõem a existência de sete unidades dentro da escala prosódica:

[...] we propose that the prosodic hierarchy consists of seven units. These seven units, from large to small, are: the phonological utterance (U), the intonational phrase (I), the phonological phrase (Φ), the clitic group (C), the phonological word (ω), the foot (Σ), and the syllable (σ).²⁷

Como foi mostrado por Nespore e Vogel (1986), os constituintes prosódicos dispõem-se hierarquicamente da seguinte forma, do maior (isto é, do constituinte superior, na hierarquia prosódica) para o menor (ou seja, inferior):²⁸

²⁶ Tradução, Brisolara (2008, p. 9):

Construção do constituinte prosódico
Agrupe em uma categoria X^P ramificada enearicamente todos os X^{P-1} incluídos em uma cadeia delimitada por uma definição do domínio de X^P .

²⁷ Tradução nossa:

“[...] nós propomos que a hierarquia prosódica seja composta por sete unidades. Estas sete unidades, da maior para a menor, são: o enunciado (U), a frase entoacional (I), a frase fonológica (Φ), o grupo clítico (C), a palavra fonológica (ω), o pé (Σ) e a sílaba (σ).”

²⁸ Para cunho informativo, destacamos neste momento o trabalho de Vigário (2007), em que a autora propõe uma “reciclagem” do tradicional Grupo Clítico, sugerindo uma nova denominação para este constituinte, trata-se do Grupo de Palavra Prosódica. Segundo Vigário (2007), não se trata de um novo domínio, mas sim uma releitura do Grupo Clítico, que tanto gerou e gera controvérsias, em que são consideradas as estruturas prosódicas recursivas. Sobre esta nova proposta, a autora afirma que:

Esta proposta é capaz de resolver problemas criados pela eliminação de um constituinte do nível prosódico do Grupo Clítico e permite o estabelecimento de generalizações importantes ao nível da fonologia das línguas, designadamente respeitantes ao domínio de ocorrências de fenómenos fonológicos. Para além disso, evita problemas não apenas de natureza teórica mas também de cariz empírico gerados por soluções alternativas, como as que envolvem estruturas recursivas. (VIGÁRIO, 2007, p. 686)

Como aplicação desta nova proposta de Vigário (2007), podemos citar o artigo de Vigário e Fernandes-Svartman (2010), no qual as autoras pretendem determinar as condições e dos domínios relevantes para a atribuição de acentos tonais e marcação tonal inicial em PB e comparar o comportamento tonal das palavras que integram mais de uma palavra prosódica, portanto, o Grupo da Palavra Prosódica.

(2.2)

enunciado – U

frase entoacional – I

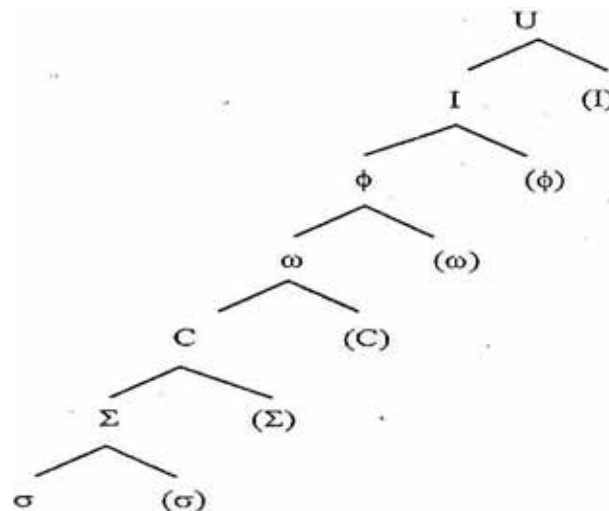
frase fonológica – ϕ

grupo clítico – C

palavra fonológica – ω pé – Σ sílabas – σ

Massini-Cagliari (1995, p. 102) afirma que Nespor e Vogel (1986), retomando Selkirk (1980), “enumeram todos os constituintes importantes para uma descrição prosódica e provam sua existência através da descrição de processos fonológicos em diversas línguas que necessitam destes constituintes como domínio”. A autora ainda diz que cada língua “tem regras específicas de construção de constituintes, mas o que é universal é que cada constituinte superior [...] sempre é formado por constituintes inferiores” (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p.102). Tais relações são expressas através de estruturas arbóreas n-árias (BISOL, 1996, p. 248) - conforme (2.3) a seguir.

(2.3)



Para dar continuidade à apresentação dos constituintes prosódicos, é relevante tratar da definição de cada um deles²⁹. Iniciaremos com a sílaba (σ), caracterizada por ser a menor

²⁹ Antes de iniciar a apresentação de cada constituinte prosódico, acreditamos ser importante deixar claro ao nosso leitor que optamos por descrever todos os constituintes para fins de exposição, mesmo que neste trabalho nos valem apenas dos constituintes inferiores até o grupo clítico.

categoria prosódica, constituída de ataque (A), núcleo (Nu) e coda (Co), além de ser o menor domínio de aplicação de regras fonológicas. Segundo Nespore e Vogel (1986), a principal evidência a favor da existência de um constituinte prosódico é a sua capacidade de constituir domínio para regras fonológicas específicas.

Seguindo os passos de Nespore e Vogel (1986), Bisol (1996, p. 249), para o Português Brasileiro (daqui para frente, PB), analisa cada um dos constituintes prosódicos, avaliando sua capacidade de se constituir como domínio de regras da fonologia do PB (BISOL, 1996, p. 249). Neste sentido, Bisol (1996, p. 249) mostra que a sílaba é “a categoria basilar da hierarquia prosódica e seu domínio é a palavra fonológica, ainda que intermediada pelo pé métrico”.

Em sua releitura de Nespore e Vogel (1986), Brisolara (2008, p.10) cita o exemplo dado pelas autoras da glotalização do inglês, pois, através desta regra, a sílaba pode ser afirmada como um constituinte prosódico.

Segundo Nespore e Vogel (1986), a regra de glotalização do inglês é um exemplo da sílaba como um constituinte prosódico. Nesta regra, um ‘t’ seguido de um segmento [-consonantal] é glotalizado, quando este ‘t’ a) está em posição final absoluta, b) é seguido de uma consoante que não seja r no interior de uma palavra (fonológica), e c) é seguido por uma consoante ou um glide em uma palavra adjacente [...]. Exemplo:

[...]

- | | | | |
|-------------------|---|---|-------------------------|
| a. wait | → | [wai[tʰ]] _σ | ‘esperar’ |
| b. giant | → | [gi] _σ [antʰ]] _σ | ‘gigante’ |
| c. atlas | → | [a[tʰ]] _σ [las] _σ | ‘atlas’ |
| d. wait patiently | → | [wai[tʰ]] _σ [pa] _σ | ‘esperar pacientemente’ |
| e. wait wearily | → | [wai[tʰ]] _σ [wea] _σ | ‘esperar aborrecido’ |

A respeito do pé métrico (Σ), Nespore e Vogel (1986) e Bisol (1996) dizem que esse constituinte se caracterizaria por ser a relação de dominância que se estabelece entre duas ou mais sílabas; sendo que essa sequência de sílabas deve ser constituída de uma sílaba forte e outra(s) fraca(s).

In the model of prosodic phonology we are proposing in this book, syllables are not grouped directly in words, but rather are first grouped into intermediate-sized constituents, feet. [...] the foot was seen as fundamental in determining the positions of stressed vs. stressless syllables within words and larger strings [...]. In general terms, the structure of a foot can be characterized as consisting of string of one strong and any number of

*relatively weak syllables dominated by a single node [...].*³⁰ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 83-84)

De acordo com Nespore e Vogel (1986), podemos citar como regra cujo domínio de aplicação é o pé métrico a aspiração em inglês, que atua nas oclusivas /p/, /t/ e /k/. Apesar de citar essas três oclusivas, Nespore e Vogel (1986) limitaram suas análises somente à oclusiva /t/. A seguir, transcritos no Quadro 2.1, temos alguns dos exemplos dados por Nespore e Vogel (1986, p. 90-91):

Palavra em inglês	Tradução	Aspiração	Pé métrico
<i>time</i>	‘tempo’	<i>[t^h]ime</i>	<i>[time]_Σ</i>
<i>toucan</i>	‘tucano’	<i>[t^h]oucan</i>	<i>[tou]_Σ [can]_Σ</i>
<i>detain</i>	‘deter’	<i>de[t^h]ain</i>	<i>[de]_Σ [tain]_Σ</i>
<i>entire</i>	‘inteiro’	<i>en[t^h]ire</i>	<i>[en]_Σ [tire]_Σ</i>
<i>reptile</i>	‘réptil’	<i>rep[t^h]ile</i>	<i>[rep]_Σ [tile]_Σ</i>
<i>sweet tooth</i>	‘guloso’	<i>sweet [t^h]ooth</i>	<i>[sweet]_Σ [tooth]_Σ</i>

Quadro 2.1: Aspiração em inglês das oclusivas /p/, /t/ e /k/.

Ainda sobre essa regra de aspiração, Nespore e Vogel (1986, p. 91) apontam para um contexto em que esta regra não se aplica: “*a t is aspirated if and only if it is the first segment of a foot. When it is preceded by another segment, s, or by one or more syllables, it is not aspirated*”.³¹ Através de alguns exemplos retirados de Nespore e Vogel (1986, p. 91) - Quadro 2.2 -, podemos observar os casos em que /t/ não é aspirado, por não ser o primeiro segmento do pé métrico, ou seja, a) caso ele estiver localizado após um /s/ ou b) quando uma ou mais sílabas o precederem.

³⁰ Tradução nossa:

“No modelo de fonologia prosódica que estamos propondo neste livro, sílabas não são agrupadas diretamente em palavras, mas, primeiramente, são agrupadas em constituintes de dimensão intemediária, os pés. [...] o pé foi visto como elemento fundamental para determinar as posições silábicas tônicas *versus* átonas dentro de palavras e sequências maiores [...]. Em termos gerais, a estrutura de um pé pode ser caracterizada como constituindo de uma sequência de uma sílaba forte e qualquer número de sílabas relativamente átonas dominadas por um único nó [...].”

³¹ Tradução nossa:

“[...] um *t* é aspirado se, e somente se, ele for o primeiro segmento de um pé. Quando ele é precedido por outro segmento, *s*, ou por uma ou mais sílabas, ele não é aspirado.”

	Palavra em Inglês	Tradução	“Não Aspiração”	Pé métrico
a)	<i>sting</i> <i>austere</i>	‘picada’ ‘austero’	*s[t ^h]ing *aus[t ^h]ere	[sting] _Σ [au] _Σ [stere] _Σ
b)	<i>satyr</i> <i>hospital</i>	‘sátiro’ ‘hospital’	*sa[t ^h]yr *hospi[t ^h]al	[satyr] _Σ [hospital] _Σ

Quadro 2.2: Contexto de não aplicação da regra de aspiração em inglês das oclusivas /p/, /t/ e /k/.

Já a palavra fonológica (ω), unidade prosódica constituída por pés métricos e marcada pela presença do acento primário, é caracterizada da seguinte maneira por Nespor e Vogel (1986, p. 109):

The phonological word is the lowest constituent of the prosodic hierarchy which is constructed on the basis of mapping rules that make substantial use of nonphonological notions. In particular, the phonological word (ω) represents the interaction between the phonological and the morphological components of the grammar.

*The phonological word is the category that immediately dominates the foot.*³²

Deste modo, esse constituinte prosódico caracteriza-se por fazer uso substancial de noções não fonológicas, já que faz a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática (BISOL, 1996, p. 250, 251).

A palavra fonológica, que corresponde, mas não necessariamente, ao nó terminal de uma árvore sintática, é a categoria que domina o pé. Por exigência dos princípios que regem a hierarquia prosódica, todos os pés de uma cadeia, e nenhuma outra categoria, são agrupados em palavra fonológica. Além disso, sendo a palavra fonológica ou prosódica um constituinte n-ário, tem ela um só elemento proeminente, do que se conclui que a palavra fonológica não pode ter mais do que um acento primário. Porém, dentro do domínio da palavra fonológica, pode ocorrer reagrupamento de sílabas e pés, sem compromisso de isomorfia com os constituintes morfológicos. (BISOL, 1996, p. 251)

Vejamos a seguir o domínio e a construção da palavra fonológica propostos por Nespor e Vogel (1986, p. 141):

³² Tradução nossa:

“A palavra fonológica é o menor constituinte da hierarquia prosódica que é construído a partir de regras de mapeamento que fazem uso substancial de noções não fonológicas. Em particular, a palavra fonológica (ω) representa a interação entre componentes fonológicos e morfológicos da gramática. A palavra fonológica é a categoria que domina, imediatamente, o pé.”

ω domain

A. The domain of ω is Q .³³

or

B. I. The domain of ω Consist of

a. a stem;

b. any element identified by specific phonological and/or morphological criteria;

c. any element marked with the diacritic [+W].³⁴

II. Any unattached elements within Q form part of the adjacent ω closest to the stem, if no such ω exists, they form a ω on their own.³⁵

Já como regra cujo domínio de aplicação é a palavra fonológica podemos citar, como proposto por Nespor e Vogel (1986), a Regra de Acento Principal em Turco. De acordo com as autoras, em palavras monomorfêmicas o acento primário sempre recairá sobre a última sílaba da palavra, como vemos nos exemplos abaixo - conforme (2.4) - retirados de Nespor e Vogel (1986, p.119):

(2.4)

a.	<i>yalnız</i>	'alone'	'sozinho'
b.	<i>somún</i>	'loaf'	'pão'
c.	<i>doğú</i>	'fast'	'rápido'
d.	<i>çocúk</i>	'child'	'criança'
e.	<i>odá</i>	'room'	'cômodo'

As autoras também afirmam que a Regra de Acento Principal também pode ser aplicada em palavras derivadas, ou seja, estas palavras também suportam o acento primário na última sílaba como, por exemplo: *çocúk* ("criança") – *çocuklár* ("crianças") (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 119). Sobre o domínio de aplicação dessa regra, Nespor e Vogel (1986) fazem uma constatação muito importante para o *status* prosódico da palavra fonológica. De

³³ Q: abreviatura de *terminal syntactic node* ('nó sintático terminal').

³⁴ [+W]: abreviatura de *diacritic feature* ('traço diacrítico').

³⁵ Tradução nossa:

"Domínio de ω

A. O domínio de ω é Q.

ou

B. I. O domínio de ω é formado por:

a. um radical

b. qualquer elemento identificado por critérios fonológicos e/ou morfológicos.

c. qualquer elemento marcado com o diacrítico [+W].

II. Quaisquer elementos soltos dentro de Q fazem parte da ω adjacente mais próxima do radical, se não existir tal ω , eles formarão, por si só, uma ω ."

acordo com as estudiosas, tomando como exemplo o Turco, a Regra de Acento Principal tem como maior domínio de aplicação a palavra derivada, uma vez que as palavras compostas não se comportam como uma palavra fonológica simples, desse modo teríamos mais de um acento, como pode ser observado no exemplo: *çáy evì* - ‘casa de chá’ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 120). Assim, Nespor e Vogel (1986) comprovam que o domínio da palavra prosódica pode ser menor do que o elemento terminal de uma árvore sintática.

[...] if we assume that the phonological word is equivalent to the domain within which stress is assigned, we have thus far only shown that ω must include at least derived words. To show the domain of ω is, in fact, smaller than the terminal element of the syntactic tree, we must provide evidence that the two members of compound do not behave as a single ω . As Lees (1961) observes, of the two primary stresses that the members of a compound word have in isolation, only the first remains after compounding; the main stress of the second member is reduced to secondary stress. The stress pattern of compound [...], besides being different from that found word internally, is precisely the one found in independent words which are joined together in a phonological phrase [...]. This stress pattern is thus a first indication that each of the members of a compound forms part of a separate ω in Turkish.³⁶ (NESPOR; VOGEL, 1986, p.120)

O grupo clítico (C), pelo sistema de hierarquia, refere-se à unidade prosódica que segue, imediatamente, a palavra fonológica. Bisol (1996, p. 251) afirma que o grupo clítico não existe na proposta de Selkirk (1984), já que é comum considerar o clítico como um componente da palavra fonológica. Seguindo a proposta de Nespor e Vogel (1986), Bisol (1996, p. 252) define o grupo clítico como “a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo”. Vejamos a seguir o domínio e a construção do grupo clítico propostos por Nespor e Vogel (1986, p. 154-155):

³⁶ Tradução nossa:

“[...] se nós assumirmos que a palavra fonológica é equivalente ao domínio dentro do qual o acento é atribuído, teríamos mostrado, até agora, que a ω deve incluir apenas palavras derivadas. Para mostrar que o domínio da ω é menor que o elemento terminal dessa árvore, nós devemos fornecer evidências de que os dois membros do composto não se comportam como uma única ω . De acordo com o que observa Lees (1961), dos dois acentos primários que as palavras de um composto apresentam, isoladamente, apenas o primeiro acento permanece após a composição; o acento principal da segunda palavra é reduzido a acento secundário. O padrão de acento do composto [...], além de ser diferente daquele encontrado no interior da palavra, é, precisamente, aquele encontrado em palavras independentes que são unidas em uma frase fonológica [...]. Este padrão acentual é, assim, uma indicação de que cada uma das palavras de um composto faz parte de uma ω independente, em Turco.”

Clitic Group Formation

I. C domain

The domain of C consists of a ω containing an independent (i.e. nonclitic) word plus any adjacent ω s containing.

a. *a DCL³⁷, or*

b. *a CL³⁸ such that there is no possible host with which it shares more category membership.*

II. C construction

Join into an n-ary branching C all ω s included in a string delimited by the definition of the domain of C.³⁹

Ainda a respeito deste constituinte, Bisol (1996, p. 251) afirma que existem dois tipos de clíticos, “os que se comportam junto à palavra de conteúdo como uma só unidade fonológica e os que revelam certa independência, submetendo-se às mesmas regras da palavra fonológica”.

The most common approach in phonology is to consider clitics either as belonging to the phonological word, in which case they are considered similar to affixes, or as belonging to the phonological phrase, in which case they are considered similar to independent words.⁴⁰ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 145)

Nespor e Vogel (1986), a respeito dessas duas possíveis categorias dos clíticos, afirmam que o comportamento destes elementos pode se diferenciar do comportamento dos afixos e das palavras independentes: “*some clitics behave like independent words, some like affixes, and some either like words or affixes depending on the specific rule*”⁴¹ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 146), por esse motivo eles merecem um nível dentro da escala prosódica.

³⁷ Clítico Direcional.

³⁸ Clítico.

³⁹ Tradução nossa:

“Formação do grupo clítico

I. Domínio de C

O domínio de C consiste em uma ω contendo uma palavra independente (isto é, não clítica) mais quaisquer ω adjacentes que incluam:

a. um clítico LCD (clítico direcional), ou

b. um CL tal que não haja hospedeiro possível com o qual o clítico compartilhe mais relações categoriais.

II. Construção de C

Reúna em um C de ramificação n-ária todas as ω s incluídas em uma sequência delimitada pela definição do domínio de C.”

⁴⁰ Tradução nossa:

“A abordagem mais comum em fonologia é considerar os clíticos pertencentes à palavra fonológica, caso em que eles são considerados semelhantes aos afixos, ou como pertencendo à frase fonológica, caso em que são considerados semelhantes às palavras independentes.”

⁴¹ Tradução nossa:

[...] *it will be shown that clitics cannot always be forced into either one of these categories, because their phonological behavior is often different from that of both affixes and independent words. That is, there are phonological phenomena that are characteristic only of the group consisting of a word plus clitic(s). On the basis of these observations, we conclude that there must be a constituent of prosodic structure that has exactly this extension.*⁴² (NESPOR; VOGEL, 1986, p.145)

Bisol (1996, p. 252) afirma que “os clíticos do português mostram propriedades de dependência em relação à palavra seguinte ao mesmo tempo em que revelam certa independência”. Nos exemplos transcritos em (2.5), utilizados por Bisol (1996, p. 252), ficam mais claras as considerações da autora. Desta maneira, podemos perceber que os clíticos se comportam com certa independência em relação às palavras às quais estão subordinadas.⁴³

(2.5)

a) Um só vocábulo fonológico

te considero [te kōnsideru]ω

me leve [me lɛvi]ω

o leque [o lɛki]ω

leve-me [lɛvemi]ω

b) Um grupo clítico

[[tj]ω [kōnsideru]ω]C

[[mi]ω [lɛvi]ω]C

[[u]ω [lɛki]ω]C

[[lɛvi]ω [mi]ω]C

Através de (b), Bisol (1996, p. 248) comprova que os clíticos podem se comportar com certa independência em relação ao vocábulo adjacente, “sofrendo a regra de neutralização tal qual a palavra de acento próprio”.⁴⁴ Este fato levou a autora citada acima a

“[...] alguns clíticos se comportam como palavras independentes, outros como afixos, e ainda há outros que se comportam como palavras ou afixos dependendo da regra específica a que estão sujeitos.”

⁴² Tradução nossa:

“[...] será mostrado que os clíticos nem sempre podem ser “classificados” dentro de qualquer uma dessas categorias, uma vez que seu comportamento fonológico é, muitas vezes, diferente do comportamento dos afixos e das palavras independentes. Isto é, há fenômenos fonológicos que são característicos apenas do grupo constituído de uma palavra mais clítico(s). Com base nessas observações, concluímos que deve haver um componente na estrutura prosódica que apresenta, exatamente, essa extensão.”

⁴³ O símbolo [r] na transcrição de Bisol (1996), equivale a [r], no padrão internacional do IPA.

⁴⁴ A argumentação de Bisol (1996, p. 252) se baseia na seguinte observação de Câmara Jr. (2007[1970], p. 64):

Cabe apenas uma palavra importante em referência ao vocalismo átono dessas partículas. Se postônicas, elas só podem ter evidentemente o quadro vocálico átono final (/fa'lasi/ *fala-se* etc.). Se pretônicas, porém, nelas não aparecem as vogais médias, que seriam de esperar nessa posição. Elas baixam, ao contrário, ao quadro das vogais átonas finais e há a neutralização entre as vogais médias e as altas correspondentes, em proveito destas últimas. Assim se opõem - /portè'la/ *portela*,

interpretar os clíticos, com a palavra adjacente com que se relaciona, como uma locução, ou seja, um grupo clítico (BISOL, 1996, p. 248).

O sândi, segundo Nespor e Vogel (1986) e Bisol (1996), é outro exemplo de regra no qual o grupo clítico é necessário.⁴⁵ Para o PB, Bisol (1996, p. 253) aponta os seguintes exemplos em que se aplica a regra de sândi, transcritos em (2.6), abaixo:

- (2.6) [A estrada]C[é]C[boa]C
 [aystráda]
 [O espaço]C[é]⁴⁶C[pequeno]C
 [wispásu]
 [Pela idade]C[eu]C[era]C[pequena]C
 [pelidádi]

Sobre essa regra de aplicação, cujo domínio é o grupo clítico, Bisol (1996, p. 253-254) constata que:

Quando o sândi ocorre entre dois elementos de um grupo clítico, a reestruturação silábica os converte em uma só palavra fonológica. É neste caso que o clítico perde totalmente sua independência para tornar-se, com a palavra de conteúdo adjacente, uma unidade só. Na escala prosódica é, pois, o grupo clítico o domínio mais baixo de aplicação do sândi.⁴⁷ Por ação desse, pois, o clítico incorpora-se totalmente à palavra de conteúdo seguinte.

Nespor e Vogel (1986), de acordo com Hayes (1999, ainda a ser publicado, no momento da publicação do trabalho de Nespor e Vogel), citam a palatalização de /s/ e /z/ em

substantivo feminino, e /putè'la/ *por tela* (em – *tanto por tela*, por exemplo), ou entre /siseN'ta/ *se senta* e /seseN'ta/ *sessenta*.

⁴⁵ Para Bisol (1996), o sândi no PB se aplica a todos os domínios prosódicos, a partir do grupo clítico. Para as finalidades desta Dissertação, discutiremos apenas a aplicação do sândi nos domínios relevantes para a determinação do grupo clítico como constituinte prosódico relevante no PA, ou seja, palavra fonológica e grupo clítico.

⁴⁶ Acreditamos que nesse caso houve um erro de formatação, provavelmente o grifo seria da seguinte maneira:
 [O espaço]C[é]C[pequeno]C

⁴⁷ Sobre esta afirmação de Bisol (1996) é importante destacar que é a elisão a regra de aplicação cujo menor domínio é o grupo clítico, e não o processo de sândi em geral, pois este também envolve a ditongação e o hiato, que podem ocorrer no domínio inferior ao grupo clítico, ou seja, no nível da palavra fonológica.

inglês quando antecidos de [ʃ,ʒ],⁴⁸ como um exemplo de regra de aplicação cujo domínio é o grupo clítico.

The second rule, which has the effect of palatalizing [s,z] before [ʃ,ʒ], on the other hand, does conform to the nature of the rules examined here. Hayes argues that the domain of s, z – Palatalization is the clitic group on the grounds that it applies in normal colloquial speech only between a clitic and its host [...]. Hayes points out further that the rule may also apply in ‘fast or sloppy speech’ in other contexts [...]. We are not concerned, however, with the latter phenomenon. [...] On the basis of the domain application of these phenomena, Hayes gives rules to construct the C constituent. Basically, these rules say that a clitic group joins a clitic together with the lexical category which is its host. Whether a clitic chooses as host the word on its left or the word on its right is determined by syntactic structure. That is, a clitic is grouped with the constituent in which it shares more category memberships with the host.⁴⁹ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 150-151)

Em (2.7), temos a transcrição dos exemplos dessa regra; em (2.7a) temos a sua aplicação e em (2.7b), a sua não aplicação:

(2.7) a) [is Sheila]_C [comming]_C ‘Sheila está vindo?’

↓
[ʒ]

b) b’. [Laura’s]_C [shadow]_C ‘a sombra de Laura’ (normal rate of speech) ‘ritmo normal de fala’

↓
*[ʒ]

⁴⁸ Respectivamente [ʃ, ʒ], no padrão do IPA.

⁴⁹ Tradução nossa:

“A segunda regra que tem como efeito a palatalização de [s,z] antes de [ʃ,ʒ], por outro lado, se adequa com a natureza das regras aqui analisadas. Hayes argumenta que o domínio da palatalização de s, z é o grupo clítico, alegando que ela se aplica na linguagem coloquial normal apenas entre um clítico e seu hospedeiro [...]. Hayes ainda aponta que a regra também é aplicável à “fala rápida ou desleixada” em outros contextos [...]. No entanto, nós não estamos preocupados com o último fenômeno. [...] Na base do domínio de aplicação destes fenômenos, Hayes fornece regras para a construção do grupo clítico. Basicamente, essas regras dizem que o grupo clítico adjunge o clítico juntamente com a categoria lexical que é sua hospedeira. A escolha do clítico a respeito de sua palavra hospedeira, quer seja aquela a sua direita ou a sua esquerda, será determinada pela estrutura sintática. Isto é, um clítico é agrupado ao constituinte com que compartilha mais afinidade em relação ao seu hospedeiro.”

b'' . [Laura's]C [shadow]C (fast or sloppy speech) 'fala rápida ou desleixada'
 ↓
 [ʒ]

(NESPOR; VOGEL, 1986, p. 150)

Já a frase fonológica (ϕ), constituinte formado por um ou mais grupos clíticos, é definida por Bisol (1996, p. 254) como:

[...] constituinte que congrega um ou mais grupos clíticos, ou seja, o grupo clítico propriamente dito e a palavra fonológica, ambos C neste nível. Em outros termos, a frase fonológica é constituída das unidades imediatamente mais baixas: o grupo clítico, que tanto pode ser uma locução (a casa) quanto apenas uma palavra fonológica (casa).

Nespor e Vogel (1986, p.168) propõem os seguintes princípios para a formação desse constituinte:

Phonological Phrase Formation

I. ϕ domain

The domain of ϕ consists of a C which contains a lexical head (X) and all Cs on its nonrecursive side up to the C that contains another head outside of the maximal projection of X. [...]

II. ϕ construction

Join into a n-ary branching ϕ all Cs included in a string delimited by the definition of the domain of ϕ .

III. ϕ relative prominence

In languages whose syntactic trees are right branching, the rightmost node of ϕ is labeled s; in languages whose syntactic trees are left branching, the leftmost node of ϕ is labeled s. All sister nodes of s are labeled w.⁵⁰

⁵⁰ Tradução nossa:

“Formação da Frase Fonológica

I. Domínio da ϕ .

O domínio da ϕ consiste de um C, que contém uma cabeça lexical (X) e todos os Cs no seu lado não recursivo até o C que contém uma outra cabeça fora da projeção máxima de X. [...]

II. Construção da ϕ .

Juntam-se a uma ramificação n-ária todos os Cs incluídos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de ϕ .

III. Proeminência relativa de ϕ .

Em línguas cujas árvores sintáticas têm ramificações à direita, o nó mais a direita de ϕ é rotulado como s; em línguas cujas árvores sintáticas têm ramificações à esquerda, o nó mais a esquerda de ϕ é rotulado como s. Todos os nós irmãos de s são rotulados como w.”

Sobre uma das regras cujo domínio de aplicação é a frase fonológica, assim como Brisolara (2008), citamos a retração do acento no italiano setentrional padrão. Brisolara (2008, p. 14-15), em sua releitura de Nespor e Vogel (1986), faz o seguinte comentário a respeito da regra:

De acordo com Nespor e Vogel (1986), essa regra faz com que, em uma seqüência de duas palavras fonológicas, a primeira com acento primário na última sílaba e a segunda acentuada na primeira sílaba, o acento da primeira palavra se desloque para a esquerda [...], evitando-se, assim, o choque de acentos primários.

[...]

a. metá torta → méta torta

b. ònoró Búdda → ónoro Búdda

E ([...]b), constatamos que o acento secundário é apagado, dando lugar ao primário, que se desloca de sua posição, com o objetivo de evitar choque de acentos.

Para o PB, Bisol (1996) cita o processo de sândi como uma regra de aplicação que tem como domínio a frase fonológica. Assim como foi visto, os processos de sândi têm como menor domínio de aplicação o grupo clítico, o que não exclui a possibilidade de aplicação dessas regras em outros domínios.

Uma das regras que tem por domínio a frase fonológica é o sândi. Embora ele também se realize [...] no interior de um grupo clítico, é a frase fonológica, incorporada ou não a entidades prosódicas maiores, seu domínio por excelência [...].⁵¹ O sândi no interior da frase fonológica está diretamente relacionado à reestruturação de unidades prosódicas imediatamente mais baixas, o grupo clítico e a palavra fonológica. (BISOL, 1996, p. 255-256)

Em (2.8), temos transcritos dois dos exemplos utilizados por Bisol (1996, p. 255-256), para ilustrar o processo de sândi no interior da frase fonológica:

(2.8) [frutas]ϕ[que eu]ϕ[nunca havia visto]ϕ (NURC)

[nuŋkavia vistu]ϕ

[você]ϕ[está atravessando]ϕ[Dardanelos]ϕ (NURC)

∅ [istatradesandu]ϕ

⁵¹ Em relação à aplicação do sândi no domínio da frase fonológica em PB, ver Tenani (2002).

O nível subsequente, seguindo a hierarquia do sistema de constituintes prosódicos, é a frase entoacional (I), definida como um conjunto de frases fonológicas ou apenas uma frase fonológica que porte uma linha entoacional (BISOL, 1996, p. 257):

*The formulation of the basic I formation rule is based on the notions that the intonational phrase is the domain of an intonation contour and that the ends of intonational phrases coincide with the position in which pauses may be introduced in a sentence.*⁵² (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 188)

Vejam os a seguir o domínio e a construção da frase entoacional propostos por Nespor e Vogel (1986, p. 189):

Intonational Phrase Formation

I. I domain

An I domain may consist of

a. all the ϕ s in a string that is not structurally attached to the sentence tree at the level of s-structure, or

b. any remaining sequence of adjacent ϕ s in a root sentence.

II. I construction

*Join into an n-ary branching I all ϕ s included in a string delimited by the definition of the domain of I.*⁵³

Sobre a frase entoacional, Bisol (1996) afirma ser um constituinte de características muito gerais, já que envolve aspectos semânticos relacionados à proeminência relativa. O que Bisol (1996) quer dizer é que a posição do acento entoacional pode mudar, conforme o foco semântico (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2007, p. 114).⁵⁴

⁵² Tradução nossa:

“A formulação da regra básica de formação de I é baseada em noções de que a frase entoacional é o domínio de um contorno de entoação e que as extremidades das frases entoacionais coincidem com a posição em que as pausas podem ser introduzidas em uma frase.”

⁵³ Tradução nossa:

“Formação da Frase Entoacional

I. Domínio de I

O domínio de I consiste de

a. todas as ϕ s em série que não estão estruturalmente ligadas à sentença “árvore” no nível da estrutura -s, ou

b. qualquer sequência restante adjacente às ϕ s em uma sentença raiz.

III. Construção de I

Juntam-se em um I de ramificação n-ária todas as ϕ s incluídas em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de I.”

⁵⁴ A respeito desse deslocamento do acento frasal e, conseqüentemente, mudança no foco semântico, Massini-Cagliari e Cagliari (2007, p. 114) fazem a seguinte observação:

Todo enunciado apresenta um acento frasal que, em português, é definido pela mudança no contorno da variação melódica das sílabas, ou seja, da entoação. Esse acento frasal pode se deslocar à esquerda do enunciado. É preciso, ainda, dizer que,

Como exemplo de regra cujo domínio é a frase entoacional, Nespor e Vogel (1986, p. 211) citam a assimilação da nasal em espanhol. De acordo com essa regra, a nasal assimila o ponto de articulação da obstruente seguinte, em um contexto entre palavras e também no interior de um vocábulo.

A seguir, em (2.9), temos transcritos dois dos exemplos utilizados pelas autoras (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 211) para ilustrar o processo de assimilação da nasal em espanhol. Ressaltando a citação acima, o sinal “_” indica a nasal assimilada pela consoante que a segue, enquanto que o sinal “+” indica o caso em que não há assimilação, ou seja, a não aplicação da referida regra.

(2.9)

a- [_I *Las plumas de faisán cuestan tantísimo hoy dia]_I⁵⁵*

b - [_I *Carmen*]_I [_I *cántanos una nueva canción]_I [_I *por favor*]_I⁵⁶*

Nespor e Vogel (1986) afirmam que a assimilação da nasal se aplica dentro de palavras como em *cántanos*; mas também entre palavras como em *faisán cuestan*. Já em (2.9b), observamos que a regra, de acordo com as estudiosas, não se aplica entre palavras que pertencem a frases entoacionais diferentes, como em *canción por favor*. As autoras ainda mencionam que a assimilação da nasal em espanhol depende de alguns fatores como o

em enunciados com várias palavras, os acentos das palavras consideradas individualmente se acomodam ao padrão rítmico, podendo sofrer modificações. Compare os seguintes exemplos (as sílabas com acento primário vêm em negrito e a sílaba com acento frasal vem sublinhada) [...]:

- (1) a) ontem
 b) ela **foi** ao cinema ontem
 c) ela **foi** ao cinema ontem
 d) ela **foi** ao cinema ontem
 e) ela foi ao cinema ontem

Como as diferentes colocações do acento frasal mudam o foco dos enunciados anteriores, as especificidades semânticas de cada um deles fazem com que os enunciados em (1b-e) possam ser interpretados como respostas às seguintes perguntas:

- (2) b') quando ela foi ao cinema?
 c') onde ela foi ontem?
 d') quem foi ao cinema ontem?
 e') ela foi ao ou no cinema ontem?

⁵⁵ Tradução nossa:

“As plumas de faisão são muito caras hoje em dia.”

⁵⁶ Tradução nossa:

“Carmem, cante uma nova canção para nós, por favor!”

comprimento de uma dada sequência, a velocidade e o estilo de fala; por este motivo esta regra não pode ser aplicada de maneira distinta a um constituinte que não apresentar o mesmo comprimento.

Para o PB, Bisol (1996, p. 258) afirma que não tem conhecimento de regras específicas cujo domínio seja a frase entoacional⁵⁷; de acordo com a estudiosa o sândi é a única regra que pode ter como domínio de aplicação esse constituinte, uma vez que se trata de uma regra que se estende do grupo clítico ao enunciado. Em (2.10), temos os exemplos retirados de Bisol (1996) para mostrar a aplicação do sândi na frase entoacional:

(2.10)

O sândi e a frase entonacional.

[Eduard_o]φ]I [espere um pouco]φ]I (NURC)

[edwãrdwispeɣiyumpówku]I (Ditongação)

[Fizeram uma confusão tremenda]I[e me fecharam a conta]I
(NURC)

[fizêrãw uma korɿ fuzãw tremêndi mI feʃãrãw a kónta]I
(Elisão)

Finalmente, o constituinte prosódico mais alto, o enunciado, é “delimitado pelo começo e fim do constituinte sintático X^{n58} ” (BISOL, 1996, p. 258).

*The last phonological constituent we will consider is the phonological utterance (U), the largest constituent in the prosodic hierarchy. A U consists of one or more intonational phrase, the category just below it in the hierarchy, and usually extends the length of the string dominated by the highest node of a syntactic tree, which we will refer to as X^n .*⁵⁹ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 221)

Vejamos a seguir a definição do domínio e da construção do enunciado propostas por Nespor e Vogel (1986, p. 222):

⁵⁷ Ver Tenani (2002), para quem a frase entoacional é domínio de aplicação de diversas regras no PB.

⁵⁸ Nó mais alto de uma árvore sintática, conforme Nespor e Vogel (1986, p. 221).

⁵⁹ Tradução nossa:

“O último constituinte fonológico que nós vamos considerar é o enunciado fonológico (U), o maior constituinte na hierarquia prosódica. Um U consiste de uma ou mais frases entoacionais, a categoria logo abaixo na hierarquia prosódica e, geralmente, se estende a abrangência da cadeia dominada até o nó mais alto de uma árvore sintática, à qual iremos nos referir como X^n [em que X^n é um constituinte superior na hierarquia prosódica].”

We can [...] formulate the following basic definition of U:
[...] Phonological Utterance Formation

I. U domain

The domain of U consists of all the Is corresponding to X^n in the syntactic tree.

II. U construction

Join into an n -ary branching U all Is included in a string delimited by the definition of the domain of U.⁶⁰

Como regra fonológica cujo domínio de aplicação é o enunciado, vejamos a seguir a regra de assimilação de sonoridade em um grupo de obstruintes, proposta por Nespor e Vogel (1986, p.230) para o sânscrito. De acordo com essa regra, em uma sequência de duas obstruintes, a sonoridade da primeira obstruinte é determinada pela sonoridade da segunda. Cabe destacar que essa regra só é bloqueada quando há casos de pausas.

Vejamos no Quadro 2.3 os exemplos de regra de assimilação de sonoridade no sânscrito:

Sequência de duas obstruintes	Regra de Assimilação	Tradução
<i>ad + si</i>	<i>atsi</i>	‘você atira’
<i>ad + thas</i>	<i>atthas</i>	‘você come’
<i>ap – jah</i>	<i>ab – jah</i>	‘nascido da água’
<i>dik – gadah</i>	<i>dig – gadah</i>	‘tipo de constelação’

Quadro 2.3: Assimilação de sonoridade em grupo de obstruintes para o sânscrito, adaptado de Nespor e Vogel (1986, p. 230).

Mais uma vez, Bisol (1996, p. 259) destaca o sândi como regra fonológica que tem como domínio de aplicação o enunciado:

Tomemos o exemplo seguinte, em que dois Us estão claramente delineados pela pausa e introduzido o segundo por *agora* com valor opositivo de *mas*. Ambos os Us, no entanto, são curtos, pronunciados pela mesma pessoa e dirigidos ao mesmo interlocutor. Preenchidas as condições, a reestruturação e o sândi têm vez.

[...]

- a) Sem sândi
- b) Com sândi

[Sim, passar passa agora ocupa a estrada inteira]U

⁶⁰ Tradução nossa:

“Nós podemos [...] formular a seguinte definição básica para U:

[...] Formação do Enunciado

I. Domínio de U

O domínio de U consiste em todas as Is correspondentes a X^n na árvore sintática.

II. Construção de U

Juntam-se em um U de ramificações n -ária todas as Is incluídas em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de U.”

[Siŋ, pasar pasagərokupaystradinteyra]U

Massini-Cagliari (1995, p.103) aponta duas vantagens do modelo prosódico:

São duas as grandes vantagens do modelo prosódico. Em primeiro lugar, procura trazer para dentro do componente fonológico todas as manifestações prosódicas, não somente a acentuação e o ritmo, procurando descrever também o domínio da entoação e dos tons. [...]

A segunda grande vantagem do modelo prosódico é o fato de admitir uma certa flexibilidade na construção dos constituintes, permitindo, assim, que um mesmo enunciado possa ser dividido diferentemente, o que geraria diferentes nuances de significado. (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p. 103-104)

2.2 Breve consideração sobre a Fonologia Lexical

Nesta subseção, iremos apresentar uma pequena revisão a respeito de alguns conceitos básicos da Fonologia Lexical (daqui em diante, FL) referentes às questões sobre os níveis lexical e pós-lexical, uma vez que tal distinção é abordada com recorrência neste trabalho.

A FL iniciou-se com os trabalhos de Kiparsky (1982) e Mohanan (1982), que discutem propostas a respeito do léxico; tais questões não eram tratadas nos modelos linguísticos até o SPE (*The Sound Pattern of English*)⁶¹, já que em tais modelos o léxico “era visto como uma coleção não estruturada de idiossincrasias e de fatos imprevisíveis da língua” (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 94). Assim, a FL surge para propor um novo olhar sobre o léxico, vendo-o não só como um “depositário de idiossincrasias, mas como um domínio de regras fonológicas que interagem com regras morfológicas, o que conduz naturalmente à discussão de certos princípios da teoria geral, como o ciclo, assim como a emergência de outros” (BISOL, 2005a, p. 83).

De acordo com Lee (1992, p. 109), a FL é caracterizada pela conexão direta entre morfologia e fonologia; segundo esse autor, a FL defende que “a estrutura do léxico é composta de alguns níveis (ou estratos, em termos de Mohanan) ordenados, que são domínios de algumas regras fonológicas, além dos domínios de algumas regras morfológicas” (LEE, 1992, p. 109). Lee (1995) também propõe quatro princípios básicos para a FL, listados a seguir:

⁶¹ Título do livro de Chomsky e Halle (1968).

1. *Hipótese de Domínio Forte (HDF)*: propõe que todas as regras fonológicas se aplicam no nível mais alto do léxico.

2. *Preservação da Estrutura (SP)*: através deste princípio, prevê-se que somente os segmentos contrastivos da representação subjacente (fonemas) de cada língua podem ocorrer durante operações lexicais, de modo que a SP determina os tipos de regras fonológicas que podem se aplicar no léxico.

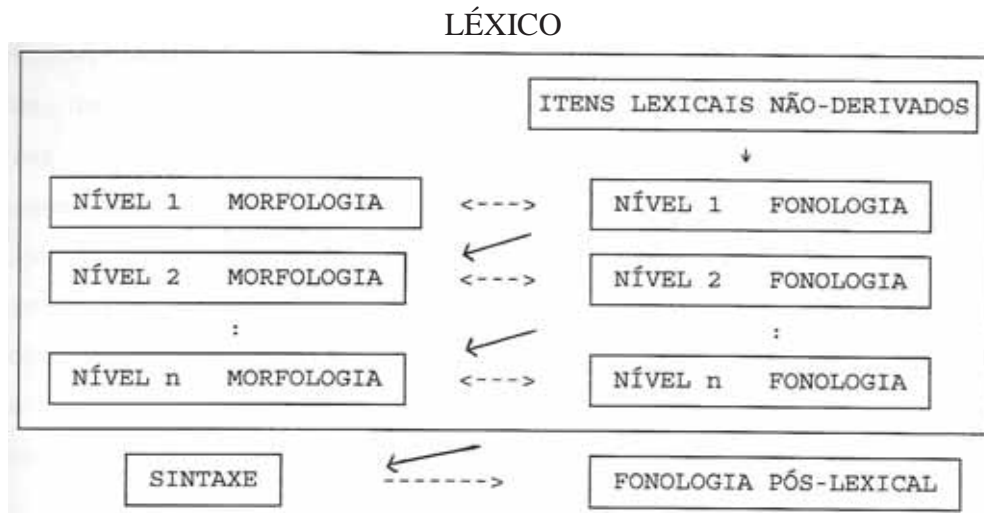
3. *Condição de Ciclo Estrito (SCC)*: esse princípio funciona como um bloqueio na aplicação das regras, ou seja, as regras fonológicas cíclicas (lexicais) aplicam-se, somente, em cada ciclo próprio – o ambiente derivado.

4. *Hipótese de Referência Indireta (HRI)*: através deste princípio, é explicada a falta de isomorfia entre as estruturas morfológicas e fonológicas, introduzindo a noção de domínio prosódico, ou seja, as regras fonológicas aplicam-se no domínio prosódico, não no domínio morfológico.

Admitida a premissa da relação entre morfologia e fonologia, o modelo de FL organiza-se em dois componentes: o lexical e o pós-lexical, os quais são relevantes neste trabalho de Mestrado. Ou seja, segundo Lee (1992; 1995), há dois tipos de regras fonológicas: as regras lexicais, as quais se aplicam no léxico; e as regras pós-lexicais, que se aplicam na saída da sintaxe, ou seja, fora do léxico. Lee (1995) propõe a seguinte estrutura do léxico⁶², que sintetiza a premissa exposta:

⁶² Esta estrutura do léxico representada por Lee (1995) é uma adaptação da estrutura proposta por Kiparky (1982, p. 132).

(2.11)



Segundo Lee (1992, p. 109-110):

No modelo da FL, os componentes da fonologia e da morfologia intermisturam-se, de modo que as regras fonológicas relevantes aplicam-se à saída de toda regra morfológica, criando uma forma que é entrada para outra regra morfológica. A entrada de cada processo de formação de palavras é submetida às regras fonológicas dos seus níveis dentro do próprio léxico. A interação entre as regras morfológicas e as fonológicas deriva as representações lexicais distintas da representação de base. As representações lexicais são as palavras geradas pelo léxico e são inseridas nas estruturas sintáticas para fazerem sintagmas pelas regras de inserção lexical em sintaxe. Nesse modelo há dois tipos distintos de regras fonológicas: um tipo que se aplica no léxico, que corresponde às chamadas Regras Lexicais; um outro tipo, cuja aplicação se dá na saída da sintaxe, fora do léxico, e que corresponde às chamadas Regras Pós-Lexicais. Depois da aplicação das regras pós-lexicais, é que a representação fonética é realizada.

A oposição entre as regras lexicais e pós-lexicais é estabelecida por Pulleyblank (1986, p. 7), como mostra ao Quadro 2.4:⁶³

⁶³ É importante destacar que Lee (1992, p. 110) propôs uma tabela, da qual também nos valem, baseada na de Pulleyblank (1986, p. 7).

LEXICAL	PÓS-LEXICAL
a. pode se referir à estrutura interna da palavra	a. não pode se referir à estrutura interna da palavra
b. pode não se aplicar fora de palavra	b. pode se aplicar fora da palavra
c. pode ser cíclica	c. não pode ser cíclica
d. se for cíclica, então estará sujeita ao ciclo estrito.	d. não cíclica, logo “fora da fronteira” (<i>across-the-board</i>)
e. precisa ter sua estrutura preservada	e. não precisa ter sua estrutura preservada
f. pode ter exceções lexicais	f. não pode ter exceções lexicais
g. deve preceder todas as aplicações das regras pós-lexicais	g. deve seguir (“ser precedida de”) todas as aplicações de regras lexicais

Quadro 2.4: Regras lexicais e pós-lexicais, adaptado de Pulleyblank (1986).

A partir da síntese representada no quadro acima, verificamos que a diferença de aplicação entre regras lexicais e pós-lexicais provém da natureza do léxico. A primeira diferença que é apontada se refere ao *output*, ou seja, à palavra; outra diferença é a distinção entre as regras que são sensíveis às informações morfológicas, ou seja, informações sobre a estrutura interna da palavra, em oposição àquelas que não necessitam deste tipo de informação (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 95).

Também observamos no quadro a questão levantada sobre a ciclicidade.

A escolha quanto à ciclicidade ou não de uma regra tem a ver com a própria organização do léxico em estratos. Reside justamente nessa organização estratificada a maior inovação proposta pelo modelo fonológico lexical. Neste sentido, são os estratos – e não as regras – que são ou não cíclicos. (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 96)

Outra diferenciação abordada diz respeito à preservação de estrutura no léxico; nas regras lexicais a estrutura deve ser preservada e nas pós-lexicais não. Para ilustrar melhor essa questão de distinção entre tais regras, Massini-Cagliari (1999, p. 96) exemplifica com a questão de que, no PB, não são criadas, no léxico, sílabas do tipo [tʃI]; “todavia, esta estrutura pode ocorrer no nível da atualização fonética, já que existem regras pós-lexicais que podem gerar [leItʃI] – leite”.

Outra diferença importante apontada é a de que, nas regras lexicais, podemos encontrar exceções, o que já não acontece com as pós-lexicais que devem ocorrer de maneira automática e sem exceções.

Finalmente, o quadro exposto sintetiza que a aplicação das regras fonológicas deve preceder a aplicação pós-lexical, já que o módulo lexical precede o módulo pós-lexical da fonologia no modelo de gramática adotado por Pulleyblank (1986) e Lee (1995).

Em suma, a Fonologia Lexical, um dos momentos relevantes da fonologia firmada nos princípios da teoria gerativa, dispõe de recursos para diferenciar regras de aplicação restrita de regras de uso geral, regras de mudança de estrutura de regras de implementação e, com princípios e condições, dirime a opacidade de muitas regras e alcança generalizações. Ensina-nos, sobretudo, a olhar para os fatos da língua à luz de princípios universais. (BISOL, 2005a, p. 98)

Esperamos que, a partir desta breve consideração, tenha ficado clara para o leitor a questão da aplicação de regras nos níveis lexical e pós-lexical, que será muito discutida no decorrer desta Dissertação de Mestrado.

2.3 Considerações Finais

Esta seção apresentou a teoria a ser adotada nesta pesquisa, a Teoria Prosódica, destacando e descrevendo todos os constituintes prosódicos, assim como as regras que neles se podem aplicar. Também fizemos uma pequena apresentação de alguns conceitos da Teoria Lexical.

Dentro da Fonologia prosódica, destacamos, principalmente, o modelo prosódico de Nespor e Vogel (1986) e, conseqüentemente, a aplicação deste modelo prosódico, no PB, feita por Bisol (1996). Como vimos, esses trabalhos afirmam a existência do grupo clítico na escala prosódica e são de grande importância para esta Dissertação, já que, a partir da análise realizada dos nossos dados à luz da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL 1996), pudemos comprovar, como mostraremos na seção 5, a relevância da consideração do grupo clítico como alvo de fenômenos fonológicos, no PA.

3 APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA

Nesta seção, iremos apresentar a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, bem como um pequeno levantamento a respeito das teorias de metrificação e características da estrutura métrico-poética do *corpus* em análise. Também será feita uma breve abordagem da metodologia proposta por Massini-Cagliari (1995), que afirma que, por meio da contagem das sílabas métricas, podemos extrair dados de aspectos rítmicos e prosódicos da língua, em períodos passados, dos quais não sobreviveram registros orais.

3.1 Sobre a metodologia utilizada

A metodologia utilizada nesta Dissertação de Mestrado baseia-se no mapeamento de todos os pronomes oblíquos clíticos (acusativos, dativos e reflexivos) presentes nas cem primeiras CSM; na classificação desses elementos quanto à forma de cliticização; na verificação dos casos em que há material linguístico, ou seja, uma ou mais palavras, entre o pronome e o verbo e na descrição desse material interveniente.⁶⁴

No primeiro momento de análise, focalizamos todos os pronomes oblíquos clíticos presentes em todas as cantigas em análise e os grifamos de amarelo:

(3.1)

Atal Sennor dev' ome muit' amar,
que de todo mal **o** pode guardar;

(CSM 10; 9-10)⁶⁵

(3.2)

E ar todavia
sempr' estás lidando
por nos a perfia
o dem' arrancando,
que, sossacando,
nos vai tentando

⁶⁴ No Apêndice, seguem as análises das cem primeiras CSM. Para melhor ilustrar nosso mapeamento optamos por grifar de amarelo o pronome oblíquo clítico; em azul, logo abaixo do verso no qual há um pronome analisado, estão especificados o tipo de cliticização (próclise, ênclise ou mesóclise) e a natureza do pronome, se acusativo, dativo ou reflexivo, e, finalmente, em verde, temos a palavra à qual o clítico está subordinado (em nossa análise sempre será o verbo) e a descrição do material interveniente (quando este existe) entre o verbo e o clítico.

⁶⁵ Entre parênteses, o número que segue a abreviatura CSM refere-se às cantigas, já os números após o sinal de ponto e vírgula referem-se aos versos ou às estrofes.

con sabores rafece;
 mas tu guardando
 e anparando
 nos vas, poi-lo coseces.
Virga de Jessé...

(CSM 20; 3ª estrofe)

(3.3)
Muito valvera mais, se Deus m' anpar,
que non fossemos nados,
se nos non désse Deus a que rogar
vai por nossos pecados.

(CSM 30; refrão)

Depois do levantamento desses pronomes, verificamos a forma de cliticização a que eles estão sujeitos. É importante destacar que o mapeamento e a decorrente classificação dos pronomes clíticos quanto à sua posição em relação ao verbo seguiram a tradição gramatical, a exemplo do que faz Mattos e Silva (2006, p. 192):

Seguiremos a tradição na análise da colocação do pronome complemento átono [...] que toma como ponto de referência o verbo da frase e considera *enclítico* o pronome sucedendo e adjacente ao verbo; *proclítico*, o pronome antecedendo o verbo e *mesoclítico*, ou no interior do verbo, estrutura possível apenas com o futuro do presente e do pretérito [...].

Por meio desse procedimento de localizar o pronome clítico e assim classificar sua forma de cliticização, verificamos que, nas CSM, os pronomes oblíquos átonos podem aparecer em próclise, ênclise e mesóclise, assim como vimos na afirmação de Mattos e Silva (2006).

(3.4) Iles diss' a mui grandes vozes: | «Falssoss, maos e encreus,
 → próclise – pronome oblíquo dativo *lhes*

(CSM 35; 72)

(3.5) Tornou-ss o angeo logo; | e atan toste que viron
 → ênclise – pronome oblíquo reflexivo *se*

(CSM 45; 81)

(3.6) dar-ch-á y consello un fol trosquiado.»
 → mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (dará)

(CSM 65; 73)

Em relação ao uso da próclise, notamos que ela é predominante em situações em que há elementos atrativos. A este respeito Mattos e Silva (2006, p. 193) afirma que ela é “categórica nas frases negativas, quer subordinadas, principais ou coordenadas”. Este dado pode ser observado com grande recorrência nas cantigas analisadas; a seguir temos alguns

exemplos, transcritos em (3.7), (3.8), (3.9) e (3.10), em que a presença de formas negativas (grifadas de azul) determina a realização da próclise dos pronomes oblíquos (grifados de amarelo).

- (3.7) a seu irmão foi e da Emperatriz **non s**espedyu; (CSM 5; 49)
 (3.8) fazer vosqu', e **non vos** seja greu, (CSM 15; 172)
 (3.9) que a per poucas dos pees | os dedos **non lle** queimou; (CSM 53; 16)
 (3.10) mente e **non te** coites; | ca certo che dizemos (CSM 71; 48)

Assim como a forma negativa *non*, observamos que outras partículas também podem implicar o uso proclítico dos pronomes oblíquos átonos, uma vez que há a possibilidade de esse tipo de partícula atrair o pronome para próximo de si, favorecendo, dessa forma, o maior uso da próclise em relação às outras duas formas de colocação pronominal.⁶⁶ Estas formas podem ser: pronomes relativos, pronomes interrogativos ou indefinidos; conjunções, etc.

Observamos que a conjunção *nen* também pode atrair o pronome para perto de si, instituindo, desse modo, a próclise do pronome, como podemos observar no exemplo abaixo em que *nen* (grifado de azul), possivelmente, condiciona a proclitização do pronome *vos* (grifado de amarelo).

- (3.11)
 E dormid' agora, pois canssad' andades;
 mais pois que for noite, nada non dormiades
nen vos espantedes por ren que vejades,
 mais jazed' en este lugar mui calado.»
A creer devemos que todo pecado... (CSM 65; 145 - 149)

No exemplo a seguir, podemos verificar que há a possibilidade de o pronome relativo *que* (grifado de azul) exercer influência sobre os pronomes oblíquos clíticos (grifados de amarelo), fazendo com que eles se realizem procliticamente em relação aos verbos aos quais estão subordinados.

- (3.12)
 Porend' a Sant' Escritura, | que non mente nen erra,
 nos conta un gran miragre | que fez en Engraterra
 a Virgen Santa Maria, | con que judeus an gran guerra
 porque naceu Jesu-Cristo | dela, **que os** reprende.

⁶⁶ Veremos na seção de análise dos dados que o uso da próclise é predominante, seguido da ênclise e por último a mesóclise.

A que do bon rei Davi...

(CSM 6; 2ª estrofe)

Também a conjunção *que* parece exercer uma atração sobre os pronomes clíticos, favorecendo a próclise.

(3.13)

De mi por que te partiste | e fuste fillar moller?
Mal te nenbrou a sortella | que me dést'; ond' á mester
que **a** leixes e te vaas | comigo a como quer,
se non, daqui adeante | averás coyta mortal.»
A Virgen mui groriosa...

(CSM 42; 14ª estrofe)

(3.14)

Ca non á tan arrizado
de vos que possa cantar
se muit' ouver jajũado,
nen ss' aas oras levar,
se comer non lle for dado
que **o** faça esfoçar;
porend' eu d' aqui ir-m-ei.»
Quen servir a Madre do gran Rei...

(CSM 88; 6ª estrofe)

Já nos exemplos transcritos a seguir, possivelmente, o pronome indefinido *quanto* (*a*) (grifado de azul) pode fazer com que os pronomes oblíquos clíticos (grifados de amarelo) se cliticizem procliticamente ao verbo a que estão subordinados.

(3.15)

Tan fremosa, que enton
quantos **la** catavan
a Virgen, de coraçon
chorando, loavan,
a qual
é dos coitados espital.
Par Deus, tal ssenor muito val...

(CSM 81; última estrofe)

(3.16)

Ben enpregou el seus ditos,
com' achamos en verdade,
e os seus bõos escritos
que fez da virgñidade
daquesta Sennor mui santa,
per que sa loor tornada
foi en Espanna de **quanta**
a end' avian deytada
judeus e a eregia.
Poren devemos, varões...

(CSM 2; 3ª estrofe)

Além do pronome relativo *que*, da conjunção *que* e do indefinido *quanto* e suas variantes, foram encontrados outros pronomes *que*, provavelmente, exercem influência no posicionamento do clítico, favorecendo o uso da próclise. Como exemplo, citamos o pronome indefinido *todo* e suas variantes, que são outras formas que podem favorecer a próclise devido ao seu caráter atrativo. No exemplo (3.17), apontamos que o pronome oblíquo acusativo *a* está proclítico ao verbo *loar*, pois, é atraído pelo pronome indefinido *todos*.

(3.17)

A Virgen Santa Maria
todos a loar devemos,
cantand' e con alegria,
quantos seu ben atendemos.

(CSM 8; refrão)

Logo abaixo, serão expostos casos em que o advérbio (grifado em azul) exerce influência sobre o pronome oblíquo (grifado de amarelo), fazendo com que ele se realize procliticamente.

(3.18) dizendo: «Tol-t', astroso, | e logo te desfaz.»

(CSM 47; 40)

(3.19) que nunca mais las poderon aver.

(CSM 52; 33)

Em (3.20), nota-se que a próclise do pronome *nos* (grifado de amarelo), possivelmente, pode estar condicionada ao fato de a oração em que o clítico está ser subordinada de gerúndio (em negrito).

(3.20)

ca non nos escaeces,
 e, contendendo,
nos defendendo
 do demo, que sterreces.

Virga de Jessé...

(CSM 36; 16 - 18)

Em (3.21) e (3.22), podemos sugerir que, possivelmente, as orações subordinadas, iniciadas pela conjunção subordinativa *quando* (grifado de azul), tenham atraído os pronomes (grifados de amarelo).

(3.21)

Santa Maria pod' enfermos guarir
quando xe quiser, e mortos resorgir.

(CSM 21; refrão)

(3.22)

Mas en aquel mōesteiro | ponto d'agua non avia
 se non quant' o cavaleiro | da fonte lles dar quera,
 por que os monges lle davan | sa renta da abadia;
 e **quando Ila** non conprian, | eran dela perdidosos.
Tanto son da Groriosa | seus feitos mui piadosos...

(CSM 48; 4ª estrofe)

Em relação à ênclise, assim como afirma Mattos e Silva (2006, p. 194), observamos que seu uso é recorrente se o verbo está em posição inicial absoluta, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

(3.23)

O Conde, poi-la livrou dos vilãos, disse-lhe: “Senner
dizede-m' ora quen sodes ou dond'.” Ela repôs: “Moller
 são mui pobre e coitada, e de vosso ben ei mester.”

(CSM 5; 75-77)

(3.24)

Pois a dona foi ferida mal daquel, peyor que tafur
 e non vña quen Ila das mãos sacasse de nenllur
 senon a Condessa, que Ila fillou, mas esto muit' adur;
 ùs dizian: «**Quéimena!**» e outros: «Moira con segur!»

(CSM 5; 103-106)

Ainda versando sobre a ênclise dos pronomes clíticos ao verbo, Mattos e Silva (2006, 194) considera-a predominante em frases coordenadas, quando não há nenhum material gramatical entre o verbo e os coordenantes: *e*, *mais* e *pero*. Em nossas análises encontramos casos como esses; a seguir temos transcritos alguns deles:

(3.25)

Pero avêo-ll' atal que ali u sãava,
 cada un nembro per si mui de rig' estalava,

(CSM 77; 35-36)

(3.26)

E tomou log' un coitelo, | con que tallavan o pan,
e deu-se con el no peito | hũa ferida atan
 grande que, sen outra cousa, | morreu logo manaman.

(CSM 84; 46-48)

(3.27)

De cossarios que fazian | en aquel mar mal assaz.
 Mas pois o sennor da nave | os viu, disse: «Non me praz
 con estes que aqui vñen; | **mais paremo-nos** en az,
 e ponnamos as relicas | alt' u as possan veeer»
O que a Santa Maria | der algo ou prometer...

(CSM 35; 11ª estrofe)

Sobre as formas de cliticização, resta-nos discorrer sobre a mesóclise. Como pode ser observado no Apêndice, ela é recorrente com os verbos no futuro do presente e do pretérito (MATTOS e SILVA; 2006, p. 195), mas ela não é necessariamente obrigatória, como podemos observar no exemplo abaixo em que ocorre a ênclise.

(3.28)

Enton v^o voz de ceo, que lle disse: «Tol
tas mãos dela, se non, **farey-te** perecer.» (CSM 5; 114-115)

(3.29)

Pois diss': «Ai, Santa Maria, | Sennor, tu que es porto
u ar[r]iban os coyados, | dá-me meu fillo morto
ou viv' ou qual quer que seja; | se non, **farás-me** gran torto,
e direi que mui mal erra | queno teu ben atende.»
A que do bon rei Davi... (CSM 6; 12º estrofe)

De acordo com o que postula Mattos e Silva (2006, p. 192-196) sobre o posicionamento do complemento nominal átono no PA, observamos nas cantigas que o pronome clítico pode não depender unicamente do verbo do ponto de vista sintático. Assim como afirma Mattos e Silva (2006, p. 192-196), também foi possível verificar nas CSM que, a partir de um ponto de vista fonológico, os clíticos parecem ter uma maior autonomia para se adjungir a outras categorias gramaticais, ou, de um ponto de vista sintático, não estarem imediatamente adjacentes ao verbo, apresentando algum tipo de material linguístico (uma classe gramatical que não seja o verbo) entre o pronome e o verbo. Para ter um controle da possibilidade de adjunção prosódica dos pronomes clíticos no PA a outras categorias sintáticas, procurou-se, na análise desenvolvida (ver Apêndice), sempre marcar a posição do verbo em relação ao clítico e a presença de material linguístico interveniente, quando pertinente. A seguir temos alguns exemplos em que, em negrito, temos tal material entre o pronome e o verbo.

(3.30) o que ll' **a Virgen** nomeou (CSM 87; 44)

(3.31) que lle **seu lume** cobrar fez (CSM 92; 50)

(3.32) que ll' **end' a verdade** descobriu, (CSM 97; 79)

Assim como já foi abordado no trabalho de Amaral (2009), outro ponto que merece destaque diz respeito às outras categorias gramaticais às quais os clíticos se subordinam.

No início das análises, esse fato gerou um pouco de dúvida no momento da classificação, pois esta poderia ser feita de um ponto de vista sintático ou de um ponto de vista fonológico, mas, assim como já foi feito no trabalho de Amaral (2009), optou-se por anotar sempre a posição do verbo em relação ao clítico, ou seja, nosso critério foi, pois, igualmente sintático e fonológico. Como exemplo para tais casos podemos destacar os momentos em que os pronomes oblíquos acusativos aparecem grafados como enclítics à conjunção *pois*.

(3.33) O Conde, **poi-la** livrou dos vilões, disse-lle: «Senner, (CSM 5; 98)

(3.34) **poi-la** levou dessa vez, (CSM 94; 52)

(3.35) nos vas, **poi-lo** coseces. (CSM 20; 28)

Do ponto de vista exclusivamente da posição do verbo e da inexistência de material interposto entre este e o clítico, os pronomes acusativos estão proclíticos aos seus respectivos verbos, portanto subordinados a eles. Mas, se levarmos em consideração os estudos de Mattos e Silva (2006) e de Leão (2007), para quem os pronomes podem se adjungir a categorias distintas do verbo, de um ponto de vista fonológico, teríamos a ênclise dos pronomes à conjunção *poi(s)*. É importante mencionar que a utilização do hífen foi uma escolha feita pelo editor das cantigas (METTMANN, 1986, p. 57). No entanto, em se considerando que a escrita da época não utilizava o hífen (que foi introduzido pelo editor, uma vez que não consta nos manuscritos) como índice de cliticização, pode ser formulada a hipótese de que, nesses casos, os pronomes talvez estivessem se adjungindo encliticamente à conjunção.

Há casos, como já apontado por Amaral (2009), em que o hífen não é utilizado pelo editor, pois não é costumeiro colocá-lo quando há amálgama de preposição e artigo (o amálgama de preposição e pronome é mais raro). Nesses casos, também nos deparamos com a possibilidade de duas interpretações, quanto à adjunção do clítico. Deste modo, do ponto de vista exclusivamente da posição do clítico e do verbo, pode-se considerar a possibilidade de próclise do clítico ao verbo, sendo o amálgama entre a preposição e o pronome um fenômeno de sândi pós-lexical (portanto, pós-sintático); no entanto, fonologicamente, há que se observar que o pronome está unido à preposição *por* (por +

lo/la = polo/pola), formando uma unidade acentual com esta, atuando como sílaba átona, em relação à sílaba tônica *po*.⁶⁷

(3.36) andou tanto **pola** fazer errar (CSM 58; 16)

(3.37) **polo** comer, mais o ome deu-ll' a carta (CSM 65; 137)

Leão (2007, p.154) classifica os usos descritos acima unicamente como ênclise do pronome à conjunção/preposição, descartando uma possível análise desses casos como próclise do pronome ao verbo. Menciona, ainda, que se trata de um uso diferenciado da ênclise, se comparado com o português atual.

Um dos fatos que chamam a atenção do leitor das *Cantigas de Santa Maria*, desde a primeira leitura, é o problema dos clíticos em posição de ênclise, que difere frontalmente da situação atual, no português. Hoje, somente os pronomes pessoais oblíquos se ligam encliticamente ao final dos verbos ou de um elemento fossilizado como *eis*. E isso, apenas na língua escrita, em registro bastante formal. Nas *Cantigas de Santa Maria*, entretanto, tanto podiam ser enclíticos alguns pronomes oblíquos (principalmente os da 3ª pessoa *-o, -lo, -no*), quanto os artigos definidos e o pronome demonstrativo neutro. O fato é de certo modo explicável, pois são formas homófonas, com um étimo comum (< *illum, illam*), sujeitas aos mesmos processos fonológicos, tanto intra- quanto extra-vocabulares. Quanto ao suporte fonético-fonológico da forma enclítica, no galego-português, tanto podia ser um verbo, quanto um pronome substantivo, quanto um quantificador, quanto um advérbio de negação.

Amaral (2009) destaca outro caso em que o hífen não é utilizado pelo editor como possível índice de cliticização. São casos em que pronomes acusativos são grafados juntos à forma negativa *non*, amalgamados devido ao processo de sândi pós-lexical.

(3.38) **nono** quiseron receber (CSM 24; 25)

Outro levantamento relevante feito durante as análises diz respeito aos pronomes *mi, ti, si, nos e vos*. Durante a realização das análises, eles geraram uma dúvida fundamental: quando considerá-los clíticos? No caso dos pronomes *mi, ti* e *si*, a grafia empregada para eles pode corresponder, por um lado, ao pronome dativo não regido por preposição (átono) ou, por outro, ao pronome dativo regido por preposição (tônico). No

⁶⁷ De acordo com Massini-Cagliari (2005) e Costa (2010), a preposição *por* é acentuada no nível lexical no PA, por corresponder a um monossílabo pesado.

caso dos pronomes *nos* e *vos* ocorre o mesmo, com o acréscimo de que eles também podem corresponder ao pronome nominativo (tônico).

Ao longo das análises, observamos que tais pronomes, quando precedidos de preposição, não são clíticos, uma vez que se trata de elementos tônicos subordinantes, nucleares, do ponto de vista prosódico, ou seja, nesses casos a preposição é que será considerada a partícula clítica, subordinada a tais pronomes, já que, com relação ao estabelecimento do jogo de proeminências entre acentos no nível do enunciado prosódico, no PA, segundo Massini-Cagliari (1999, p. 167-168), o mais à direita (o mais ao final do enunciado) é sempre mais forte. Portanto, como já foi afirmado por Amaral (2009, p. 32-35), apesar de, do ponto de vista sintático, tais pronomes se subordinarem à preposição, isso não acontece do ponto de vista prosódico, em que a relação de proeminência se inverte, cabendo ao pronome a função de núcleo subordinante da preposição. Temos, portanto, nesses casos, monossílabos pesados que são tônicos e, portanto, não clíticos. A seguir temos alguns exemplos:

(3.39)

Vão con gran conpannia
desses que están
ante Deus e todavia
por nos rogarán
que el de mal nos defenda.

(CSM 66; 17-21)

(3.40)

Santa Maria guardar
me quis por merecimientos
non meus, mas **por vos** mostrar
que quen per ela fiar,

(CSM 33; 65-68)

(3.41)

Como dizem que andou
pera o mundo salvar;
mas se de quant' el mostrou
foss' **a mi** que quer mostrar,

(CSM 46; 52-55)

(3.42)

Ca veer faze-los errados
que perder foran per pecados
entender de que mui culpados
son; mais **per ti** son perdoados
da ousadia

que lles fazia
 fazer folia
 mais que non deveria.
Santa Maria...

(CSM 100; 2ª estrofe)

É relevante ressaltar que a tonicidade dos pronomes *mi*, *ti* e *si* (sugerida por Massini-Cagliari, 2005) pode ser confirmada, pois tais pronomes, muitas vezes, aparecem em posição de proeminência principal do verso, o que lhes garante sua força, do ponto de vista rítmico.

Em muitos dos versos, apenas a última palavra (ou a sílaba proeminente da última palavra) recebe o acento, isto é, constitui o único acento do verso. Em outros, várias palavras recebem o acento. No entanto, o último acento do verso é sempre mais forte do que os outros. (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p. 204)

É importante destacar que os versos utilizados para exemplificar as dificuldades encontradas na classificação efetuada não são os únicos que apresentam as especificidades relatadas acima; por isso, é importante comentar que, nas análises, há outros exemplos dos mesmos casos descritos. Somente alguns exemplos foram selecionados para que se pudesse mostrar as dificuldades encontradas quanto à classificação dos clíticos.

Após essa primeira etapa das análises, passamos para a fase de levantamento dos dados em que os clíticos aparecem em posição de acento poético e os casos em que estão sujeitos aos processos de sândi. Para essa segunda fase das análises, destacamos a importância da metodologia inaugurada por Massini-Cagliari (1995), que será tratada na próxima subseção. É relevante destacar que não foi feito um levantamento quantitativo dos dados referentes à tonicidade poética dos clíticos e nem dos casos em que estão sujeitos aos processos de sândi, uma vez que o que importa para esta Dissertação são os resultados qualitativos.

Veremos, na seção 5, que os casos em que os pronomes átonos analisados estão em posição de acento poético dentro do verso só são possíveis de serem observados a partir da escanção em sílabas métrico-poéticas. Como não foi feita a escanção de todos os versos das 100 cantigas, pois seria incongruente com a proposta do presente trabalho, o que fizemos foi uma seleção de casos que a nossos olhos, pareciam propícios à busca em questão e os analisamos, conseguindo assim verificar se se tratava de um pronome clítico que portava acento poético ou não.

Já em relação ao reconhecimento do tipo de processo de sândi, tomemos, para fins de exemplificação, o trabalho de Massini-Cagliari (2005, p. 220), no qual a autora aborda os três processos possíveis para o sândi, dizendo que, dentro de um contexto intervocabular, as definições de ditongo e de hiato são semelhantes às utilizadas nos estudos dos mesmos fenômenos no nível lexical. Levando em consideração a metrificação, Massini-Cagliari (2005, p. 111) destaca o exemplo (transcrito em 3.43), em que a palavra *Deus* não é dividida em duas sílabas poéticas nos versos 3 e 5 da mesma estrofe. De acordo com a autora, a referida palavra “por estar posicionada no meio do verso, indiscutivelmente deve ter a seqüência *eu* classificada como ditongo, já que, caso fosse um hiato, o verso fugiria ao padrão métrico da cantiga: versos octossílabos agudos”. Ainda sobre o mesmo exemplo, a pesquisadora afirma que, pelo mesmo motivo, “devem ser consideradas ditongo decrescente a seqüência *eu* do primeiro verso do exemplo, ditongo crescente a seqüência *ia* do primeiro verso, e hiatos, as seqüências *ia*, do sexto verso, e *oe*, do último” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 111). Além destes casos, também podemos destacar os hiatos e as elisões intervocabulares (em negrito), ou seja, casos em que temos a ocorrência de hiato e elisões entre dois vocábulos distintos. O hiato ocorre no quinto verso, entre a conjunção *e* e a preposição *a*; já a elisão se dá nos demais exemplos grifados. É importante salientar que a escrita das cantigas tem uma notação especial para os casos de elisão, suprimindo graficamente a vogal que deve ser “apagada”. Esta peculiaridade pode ser vista no exemplo abaixo (marcada com um apóstrofo, na edição de Mettmann, 1986, das CSM; nos manuscritos, a vogal elidida é simplesmente suprimida, sendo que a união gráfica ao vocábulo seguinte é comum, mas não é obrigatória) e em todos os casos de elisão presentes no *corpus* analisado.

(3.43) A/ques/to/ di/gu'eu,/ mia/ se/nhor.
 por/ quan/to/ vus/ que/ro/ di/zer:
 por/ que/ vus/ fez/ Deus/ en/ten/der
 de/ to/do/ ben/ sem/**pr' o**/ me/lhor.
E/ a/ quen/ Deus/ tan/to/ ben/ deu,
 de/vi/a-/**s'a**/ nem/brar/ do/ seu
 o/men/ cui/ta/**d'**, **e/ a/** do/er.

Como pode ser observado e comprovado por Massini-Cagliari (2005), a contagem métrica das cantigas medievais difere da comumente utilizada atualmente, ou seja, ela apresenta um caráter peculiar, pois, nos encontros vocálicos, a possibilidade de se

considerar uma única sílaba ou não (presença de ditongos ou hiatos) será condicionada pela métrica de cada cantiga e pela representação gráfica (no caso de elisões e de ditongos). Ainda versando sobre o sândi externo, a autora citada afirma que esse processo está condicionado por fatores linguísticos, uma vez que a ocorrência de elisões, hiatos e ditongações é determinada muito mais “pela própria estrutura da língua dos trovadores do que pela sua ‘vontade’” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 221).

Enfim, observamos que a escanção dos versos em sílabas métricas é muito importante para a realização desta pesquisa, pois somente a partir dela é que se podem observar as pistas para consideração do grupo clítico como um constituinte prosódico relevante no PA, como a métrica e os processos de sândi.

3.2 Sobre a metodologia proposta por Massini-Cagliari (1995)

O estudo do ritmo linguístico de períodos passados da língua, por muito tempo, se mostrou impossível, uma vez que sobreviveram somente registros escritos - obviamente, não havia na época tecnologia suficiente para registros orais. No entanto, especificamente para o PA, Massini-Cagliari (1995, 1999, 2005) propõe uma metodologia em que, a partir da observação da estrutura métrico-poética, podemos chegar a características prosódicas de línguas que não contam mais com falantes nativos vivos, as quais não apresentam registros de fala; assim, somente por meio da escansão em sílabas poéticas, podemos apontar características prosódicas do PA.

Uma metodologia semelhante utilizada para o estudo do ritmo linguístico com base na abstração da estrutura prosódica também foi proposta anteriormente por Halle e Keyser (1971), para o inglês. Sendo assim, com vistas a argumentar a favor da relevância da metodologia desenvolvida, o presente trabalho se beneficiará de tal metodologia para colocar em prova os fatores que podem trazer evidências para a consideração do grupo clítico como constituinte prosódico relevante ao PA (ver seção 5 deste trabalho). Por meio da contagem das sílabas métricas será possível verificar se o clítico está em posição proeminente no verso, assim como verificar a que tipo de processo de sândi estão sujeitos os pronomes clíticos analisados.

3.2.1 Por que textos poéticos?

A escolha de um *corpus* poético justifica-se pelo fato de que esses textos nos possibilitam a extração de informações a respeito da prosódia do português do período em questão. Através do poema, principalmente se este for metrificado, podemos verificar a contagem das sílabas métricas e localizar o acento de cada verso; a partir daí podem ser deduzidos os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual foram compostos os textos poéticos. Por exemplo: da localização dos acentos poéticos, pode-se concluir a localização do acento nas palavras, ou seja, os padrões de acento lexical da língua, e, da concatenação desses acentos dentro dos limites de cada verso, os padrões rítmicos da língua em questão e os fenômenos de subordinação prosódica entre elementos (= cliticização). Portanto, a única escolha possível envolve os tipos de textos poéticos cultivados na época (MASSINI-CAGLIARI, 1995, 1999).

Já os textos em prosa não permitem essas análises, uma vez que não podemos escandi-los em sílabas métricas. Massini-Cagliari (2008a, p. 2) afirma que é praticamente impossível extrair informações a respeito da prosódia do português desse período “a partir de textos escritos em prosa”. Apesar de todos os textos remanescentes em PA serem registrados em um sistema de escrita de base alfabética, sem qualquer tipo de notação especial para os fenômenos prosódicos, é praticamente impossível verificar informações da prosódia desse período a partir de textos em prosa, uma vez que não são metrificados (MASSINI-CAGLIARI, 2008a, p. 2).

3.3 Teorias da metrificação

A organização métrica funciona [...] como convenção, como um primeiro (não o mais importante, nem o mais necessário) indício de que o que se tem sob os olhos, na leitura, ou nos penetra os ouvidos, na declamação, deva ser poesia e não outra coisa. (CHOIAY, 1974, p. 2)

Trataremos de alguns conceitos de teoria da metrificação, devido à relevância da estrutura métrico-poética para esta pesquisa. Para tal, alguns teóricos foram revisitados; assim, serão apresentados alguns fatos conhecidos a respeito das teorias de metrificação tanto de ordem geral, como especificamente relacionados às cantigas religiosas. É

importante ressaltar que não se pretende uma explanação aprofundada e minuciosa, o que será apresentado são alguns conceitos básicos e elementares da teoria métrico-poética.

3.3.1 Revisitando conceitos sobre estrutura métrico-poética

Como a estrutura métrica é um importante elemento para esta pesquisa, iniciaremos um pequeno levantamento sobre alguns conceitos primordiais de teorias de metrificação baseado na leitura de estudiosos como: Castilho (1908 [1850]); Ali (2006 [1948]); Chociay (1974); Goldstein (2008) e Mattoso (2010).

Primeiramente, trataremos da classificação dos versos. Estes podem ser enquadrados, de acordo com a contagem de suas sílabas métricas, em dois tipos: a) versos graves; e, b) versos agudos. De acordo com as regras clássicas de metrificação para as línguas românicas, os versos graves são aqueles em que se considera sempre uma sílaba depois da tônica, mesmo que ela não exista; já os versos agudos são aqueles em que se conta até a última sílaba tônica do verso. Ainda é importante mencionar que os versos graves seguem a tradição do sistema italiano e espanhol e os versos agudos seguem a tradição francesa, provençal e portuguesa. A respeito da diferença entre contagem aguda e grave, Chociay (1974) faz a seguinte afirmação:

Existem dois modos distintos de computar as sílabas dos versos e aferir seus esquemas: o primeiro, tomando por base o *padrão agudo* para finais de versos, não leva em consideração na contagem as sílabas posteriores à última forte de cada verso; o segundo baseia-se no *padrão grave*, computando sempre uma sílaba além, da última forte. O primeiro sistema é conhecido, usualmente; como *contagem francesa*; o outro, como *contagem espanhola*, embora ambos não sejam empregados unicamente por esses dois povos de língua romântica [sic!] [...]. (CHOCIAY, 1974, p. 11)

Em seu clássico *Tratado de Metrificação Portuguesa*, Castilho (1908 [1850]) propõe sua teoria voltada para a concepção dos versos agudos, “desviando”, assim como o próprio autor diz, da prática geral daquela época, que seria a consideração de uma ou mais sílabas depois da sílaba tônica do verso, portanto, verso grave.

Advertimos que nós contamos por syllabas de um metro as que n'elle se proferem até á última aguda, ou pausa, e nenhum caso fazemos da uma, ou das duas breves, que ainda se possam seguir; pois chegado o accento predominante, já se acha preenchida a obrigação. N'isto nos desviamos

da prática geral, que é designar o metro contando-lhe mais uma syllaba para além da pausa [...]. (CASTILHO, 1908[1850], p.37)

É interessante destacar que o sistema de metrificação poética nem sempre foi baseado na alternância de sílabas fortes (acentuadas) e fracas (não acentuadas). De acordo com Goldstein (2008, p. 26-27), o sistema métrico-poético sofreu uma mudança ao longo do tempo no que diz respeito ao sistema quantitativo de sílabas métricas, pois o que antigamente alternava-se entre sílabas longas e breves, atualmente varia entre sílaba acentuada e não acentuada.

Entre os latinos e os gregos da Antiguidade clássica havia o sistema quantitativo: considerava-se a alternância entre sílabas longas e sílabas breves. A unidade de tempo seria a sílaba longa, representada pelo sinal /—/. A sílaba breve, representada pelo sinal / ˇ/, correspondia à metade da longa, ou seja, duas breves seriam equivalentes à duração de uma sílaba longa.

[...]

Com o passar do tempo o critério utilizado para a metrificação deixou de considerar a duração e passou a adotar o critério de intensidade (critério adotado pelo português atual), ou seja, a alternância entre sílabas acentuadas e não-acentuadas.

O sistema quantitativo, adaptado ao critério de intensidade, permanece em algumas línguas. Em português, nosso sistema é o da contagem de sílabas métricas, ou seja, o sistema silábico-acental. Conta-se o número de sílabas dos versos; em seguida, localizam-se as sílabas fortes, tônicas ou acentuadas em cada verso. (GOLDSTEIN, 2008, p. 26-27)

Em sua obra *Versificação Portuguesa*, Ali (2006 [1948]) também menciona esta mudança do fator duração para o fator intensidade na contagem das sílabas poéticas. Esse autor parece dar mais relevância à divisão de sílabas métricas baseada na alternância de sílabas fortes e fracas (a partir da tonicidade) do que a divisão dos gregos e latinos que consideravam a duração das sílabas (longas e breves):

Na linguagem métrica usada nos versos, o ritmo positivo pode recair na qualidade, na demora, ou na intensidade dos fonemas.

O primeiro caso aparece nos versos aliterantes (por exemplo, na poesia do alemão antigo). O ritmo fundado na demora, conhecida pelo nome de quantidade, é próprio da versificação do grego e latim clássicos, que divide as unidades métricas em breves e longas, conforme o menor ou maior tempo que demandam para serem pronunciadas.

As modernas línguas européias substituíram tal sistema pelo ritmo baseado nas sílabas tônicas, quer dizer, nas que sobressaem por se proferirem com maior intensidade. Em harmonia com esta prática dividimos as sílabas do verso em fortes e fracas, abandonando as antigas

designações de longas e breves que ofendem já agora o rigor científico e dão lugar a confusões. (ALI, 2006 [1948], p. 30)

Valendo-se do fator intensidade, Ali (2006 [1948]) apresenta sua classificação dos tipos de versos de acordo com a contagem das sílabas poéticas, o que difere este autor dos demais já citados é que ele lança um terceiro tipo de verso: o esdrúxulo. Segundo este autor, este terceiro tipo de verso deveria ser tratado como um verso grave, pois se trata de um verso em que sua última palavra é uma proparoxítona, ou seja, contam-se duas sílabas depois da tônica.

Adota-se um só critério de contagem para as linhas com diferença de uma ou duas sílabas por terminarem em palavra oxítona, paroxítona ou proparoxítona. Diz-se então que o verso é agudo, grave, ou esdrúxulo, [...].

O verso esdrúxulo nada influi na contagem, visto que, segundo convenção antiga que prevalece tanto para o português como para o espanhol e italiano, em proparoxítonos posto no fim da linha contam por sílaba única as duas que seguem à tônica. O verso esdrúxulo é tratado como se fosse verso grave.

Em língua francesa, finalizam os versos, de acordo com a acentuação própria do idioma, ou em sílaba tônica, ou em tônica seguida de *e* mudo, possibilidades essas que se designam com os nomes de rimas masculinas e rimas femininas [...]. E os versos franceses classificam-se segundo os da primeira espécie. (ALI, 2006 [1948], p. 17-18)

Revisitando a maneira de contagem das sílabas métricas, observamos que os autores apontam para os dois tipos de verso que coexistem em línguas românicas, também foi possível notar que a maioria dos autores prefere utilizar a contagem que segue a tradição francesa, provençal e portuguesa, com exceção de Ali (2006 [1948]), que adota a tradição espanhola e italiana. Esse posicionamento dos autores em relação as suas preferências sobre a contagem das sílabas métricas fica claro quando, em suas obras, eles abordam cada tipo de verso: verso de uma sílaba, de duas sílabas, de três sílabas, etc.; pois, a partir da observação da contagem das sílabas, podemos verificar se é contada uma sílaba após a última tônica ou não.

Em sua obra, Ali (2006 [1948]) faz uma crítica ao sistema de metrificação proposto por Castilho (1908 [1850]), pois, segundo aquele autor, a genuína maneira de se contar as sílabas métricas dos poemas é a que segue a tradição espanhola e italiana. De acordo com este mesmo autor, a proposta de Castilho (1908 [1850]), de se considerar até a última

sílaba tônica do verso, deixa de lado as outras sílabas dos versos e, provavelmente, esta não seria a intenção do poeta ao compor o seu poema (ALI, 2006 [1948], p. 17-21).

A. F. de Castilho, no *Tratado de Metrificação Portuguesa*, propôs troca e inversão das normas até então seguidas, estribando-se em argumentos sibilinos e confusos. Deveriam contar-se, a seu ver, as sílabas somente até a última tônica; primeiro, porque, “chegado à acentuada, já se acha preenchida a obrigação”. Como se o poeta estivesse desobrigado de compor versos graves [...].

Provavelmente não foram bem as razões alegadas que induziram o autor a propor a novidade; mas, antes o sistema arbitrário que usou de dividir as linhas em metros, devendo estes fechar sempre em sílaba tônica. Claro é que desta maneira cada verso acusa uma sobra que fica suspensa no ar sem fazer parte de metro algum; sobre a que se pretende fazer vista grossa com a nova contagem.

Sabemos que os poetas muitas vezes compõem estrofes que encerram linhas destoantes do tipo geral pelo número menor das sílabas, com o propósito de dar impressão de estacada ou parada prematura; mas não compreendemos a ficção do eclipsamento da átona terminal justamente nos versos mais numerosos e considerados capitais, nem a necessidade de acomodar a metrificação a um sistema forçado, contrário à índole da poesia portuguesa, como espanhola e italiana.

O alvitre proposto por autor de tanto renome tem sido ultimamente aceito sem exame nem discussão quer entre nós quer entre os lusitanos. (ALI, 2006 [1948], p. 20-21)

Apesar de sua explícita contrariedade à nova maneira de se contar sílabas poéticas, proposta por Castilho (1908 [1850]), Ali (2006 [1948]) deixa claro que os versos agudos ganharam preferência e são os mais utilizados até hoje em língua portuguesa.

Massini-Cagliari (1995, p. 50) também discorre a respeito dessas duas maneiras possíveis de se contar as sílabas métricas e, para melhor exemplificá-las, a autora sugere o seguinte esquema transcrito em (3.44), valendo-se de versos de Florbela Espanca:

(3.44)

	Mi	nh'al	ma,	de	so	nhar	-te an	da	per	di	da.
Castilho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Ali	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

	Meus	o	lhos	an	dam	ce	gos	de	te	ver !	
Castilho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Ali	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

	Não	es	se	quer	ra	zão	do	meu	vi	ver,	
Castilho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Ali	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

	Pois	que	tu	es	já	to	da a	mi	nha	vi	da !
Castilho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Ali	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

Diante destas duas maneiras de se contar as sílabas poéticas de um poema, qual seria a mais adequada? Esta é uma pergunta que, provavelmente intrigou os estudiosos de poesia e até mesmo os poetas preocupados com o seu “fazer poético”. De um lado, temos um autor de renome que considera os versos graves, e de outro, seguindo outros autores tão importantes quanto, temos os versos agudos que guiam a contagem silábica atual.

Cada maneira de se contar as sílabas métrico-poéticas apresenta o seu valor, mas, apesar disso, o que é mais usual na lírica atual (tomando sempre como referência a lírica da língua portuguesa) são os versos agudos. A preferência pelos versos agudos pode ser justificada pelo fato de que o português é uma língua cuja proeminência frasal default é sempre a última da frase; talvez seja por esse motivo que parece aos poetas atuais mais adequado, se considerada a fonética da língua, parar a contagem na última tônica.

Ainda é importante mencionar que existem algumas regras para a contagem das sílabas métricas de um poema. A regra geral nos dita que diante de um encontro de vogais de duas palavras diferentes, se uma palavra apresentar a vogal de encontro átona e a outra uma vogal tônica, ocorrerá a junção destas vogais, contando-se assim uma única sílaba poética. Sobre esta regra na contagem de sílabas métricas, Castilho (1908 [1850], p. 20) afirma que uma “vogal antes de outra vogal absorve-se n’ella, ficando as duas syllabas a formar uma só syllaba”. O autor deixa claro que, para ocorrer esta absorção, é necessário que uma das sílabas seja menos acentuada, portanto, fraca.

Uma vogal será tanto mais fácil de absorver na seguinte, quanto fôr menos forte de sua natureza, menos accentuada, e menos pausada. As

mais abertas, mais acentuadas, e mais pausadas, não se elidem sem violência, violência que será sempre um defeito e às vezes um erro imperdoável. (CASTILHO, 1908 [1850], p. 23-24)

Ali (2006 [1948]) também discorre sobre esta regra da metrificação dizendo que, em um verso, podemos nos deparar com uma palavra que termina em vogal seguida por outra iniciada por este mesmo elemento, seguindo a regra tradicional o que devemos fazer é a junção destas duas partículas, contando somente uma sílaba métrica. O autor ainda lança sua crítica a esta “regra versificatória”, uma vez que este fenômeno da junção de vogais acontece em nossa fala normalmente.

Na contagem das sílabas do interior do verso, fundem-se freqüentemente em sílaba única a terminação vocálica átona e o início vocálico da palavra imediata. Costuma-se dizer que houve “absorção” ou “elisão”, exigida pela técnica versificatória, como se o fenômeno fosse alheio ao falar de todos os dias. (ALI, 2006[1948], p. 23)

Castilho (1908 [1850]), a respeito da “regra versificatória”, assim como, posteriormente Ali (2006 [1948]) o fez, afirmava que o metrificador não deveria contar as sílabas de acordo com o que elas são gramaticalmente, mas antes pelos tempos em que são pronunciadas, pois o “regulador” é o ouvido.

O metrificador não conta as syllabas pelo que ellas são grammaticalmente, mas só pelos tempos em que as pronuncia. Todas as vogaes, que em uma ou diversas palavras se pronunciam (ou se podem pronunciar) como que em um só tempo, são para o metrificador uma só syllaba. [...]
O regulador é o ouvido, pois as regras só pro elle e para elle foram ditadas. (CASTILHO, 1908 [1850], p. 26)

Em sua obra, Castilho (1908 [1850], p. 22) comenta que há exceções para os casos de junção de uma vogal em outra para se formar uma única sílaba poética; segundo o autor, isto ocorre porque temos uma vogal antecedente fortemente acentuada.

Ali (2006 [1948], p. 25) mostra que há casos de ligação de vogais de distintas palavras mesmo estas sendo separadas por sinal de pontuação, o autor confere esta junção, apesar do fator de separação por sinal de pontuação, à leitura rítmica da poesia:

A leitura rítmica do verso permite a ligação das vogais, embora em palavras separadas por sinais de pontuação. [...]

A regularidade da união fonética de vogais em contato pertencentes a dois ou mais vocábulos pressupõe leitura algo acelerada e persistência deste movimento em todos os versos do poema. (ALI, 2006 [1948], p. 25)

Há casos ainda em que a junção em uma única sílaba poética seria categórica, mas, por motivos intencionais do poeta, preocupado com o seu “fazer poético”, não ocorre. Ali (2006 [1948], p. 25) diz que muitas vezes podemos nos deparar com “uma pausa intencional do poeta”, não marcada por sinal gráfico, que acaba por “separar vogais de ordinário unidas, passando estas a funcionar como sílabas ou elementos silábicos distintos”.

Castilho (1908 [1850], p. 25) classifica em sua obra este “modo de diminuir o numero das syllabas” como *Synalepha*, qualificada como “contração de duas ou mais syllabas em uma, mas operada na passagem de uma palavra para outra”.

Até o momento, colocamos em discussão a questão da escansão dos versos, a contagem de suas sílabas métricas e notamos a importância em se distinguir uma sílaba forte (tônica ou acentuada) de uma sílaba fraca (átona ou não acentuada). Mas o que de fato diferencia uma forte de uma fraca? Segundo Ali (2006 [1948], p.35), a determinação de sílabas fortes e fracas “depende do acento vocabular, da união das palavras em grupos expiratórios e do acento oracional e subordinação de uns vocábulos a outros”.

E é também por meio desta alternância entre sílabas fortes e fracas que o ritmo de um poema é garantido. De acordo com Goldstein (2008, p. 14), podemos perceber o ritmo através da observação das sílabas poéticas, já que, segundo a mesma autora, o ritmo é formado “pela sucessão, no verso, de unidades rítmicas resultantes da alternância entre sílabas acentuadas (fortes) e não acentuadas (fracas)” (GOLDSTEIN, 2008, p. 17).

Ali (2006 [1948], p. 27) afirma que o ritmo é percebido pela reiteração de intervalos regulares:

Ritmo é o que nos impressiona quer a vista, quer o ouvido, pela sua repetição freqüente com intervalos regulares. Condição essencial deste conceito é o que os nossos sentidos possam perceber com facilidade a reiteração. A noção de ritmo não abrange fatos de cuja periodicidade regular, ou por muito espaçada, ou por demasiada rápida, só nos certificamos à custa de reflexão e esforço intelectual.

Diante destas constatações sobre a natureza do ritmo, é importante salientar que o ritmo não é exclusividade dos poemas de versos metrificados, mas também se faz presente

nos poemas de versos livres. De acordo com Chociay (1974, p. 3), o ritmo também pode ser incorporado aos versos livres e até mesmo à prosa.

Acrescente-se que o *ritmo*, elemento vital de uma linguagem, não é privilégio do poema versificado, senão do poema em versos livres e também da prosa, pois ele sempre resulta de uma tensão entre um sistema expressivo e a criatividade verbal de um indivíduo. Cada prosador, cada poeta atingem-no e podem, graças a seu talento verbalizador, impregná-lo dos mais diversos e sutis matizes e requintes. Estudá-lo segundo esse equacionamento amplo, cremos que seja tarefa para muitos anos de ciência lingüística e literária.

Os autores deixaram claro que o ritmo é resultado da alternância entre sílabas fortes e fracas, mas não é, necessariamente, obrigatório que esta alternância seja feita seguindo um padrão métrico, visto o caso de ritmo nos versos livres.

Ainda sobre o ritmo, Ali (2006 [1948], p. 31) menciona em sua obra que “podemos reduzir a esquemas os diversos ritmos empregados na versificação”. Esta alternância, de acordo com o autor, pode seguir um esquema mais simples denominado alternância binária (alternância entre forte e fraca ou o inverso). Há ainda, segundo o estudioso em questão, a alternância ternária em que temos: a) movimento dactílico: uma forte e duas fracas; b) movimento anapéstico: duas fracas e uma forte; e c) movimento anfibráquico: uma fraca, uma forte, uma fraca.

De acordo com Goldstein (2008, p.27), o que temos no sistema métrico atual é uma “adaptação da quantidade rítmica ao sistema acentual”, ou seja, o sistema de duração foi adaptado ao sistema de intensidade. Aquele sistema propunha que, pela alternância de sílabas longas e breves, o poeta poderia compor diferentes segmentos de versos classificados como pés métricos (GOLDSTEIN, 2008, p. 26). Os principais pés métricos são:

- a) pé jâmbico: uma breve e uma longa
- b) pé trocaico ou troqueu: uma longa e uma breve
- c) pé espondeu: duas longas
- d) pé dátilo: uma longa e duas breves
- e) pé anapesto ou anapéstico: duas breves e uma longa

Para o sistema acentual em que se adota o critério intensidade, a classificação dos pés métricos foi mantida, mas, ao invés de seguir a alternância de longas e breves, será seguida a alternância de fortes e fracas, por exemplo: no sistema acentual, um pé dátilo é composto por uma forte e duas fracas. A este respeito, Goldstein (2008, p. 27) afirma que “a influência do sistema latino permanece. Não raro lêem-se comentários sobre o ritmo anapéstico de um poema. Trata-se da alternância entre duas sílabas fracas e uma sílaba forte [...]”.

Até o momento, ao nos remetermos ao ritmo do poema, sempre nos referimos à alternância de sílabas forte e fracas, mas esse elemento também provém de outros efeitos sonoros. Goldstein (2008, p.22) afirma que a rima, repetição de sons semelhante, é um efeito sonoro que proporciona ritmo ao poema. Ali (2006 [1948], p. 121) afirma que não devemos confundir ritmo com rima, pois são coisas diferentes, segundo o autor a rima deve ser considerada como complemento do ritmo. O estudioso ainda acrescenta que, no ritmo, temos a repetição da acentuação de espaço em espaço, já na rima temos a reiteração dos sons finais das linhas (ALI, 2006 [1948], p. 121).

É importante nos reportarmos a esta afirmação de Ali (2006 [1948]) sobre a rima, uma vez que, a rima não se limita, unicamente, à reiteração de sons finais. Goldstein (2008, p. 57) afirma que a rima pode ocorrer em posições variadas dentro do verso: “Rima é o nome que se dá à repetição de sons semelhantes, ora no final de versos diferentes, ora no interior do mesmo verso, ora em posições variadas, criando um parentesco fônico entre palavras presentes em dois ou mais versos”.

Existem vários tipos de rimas, mas, como foi dito anteriormente, não pretendemos uma abordagem exaustiva de todo o sistema métrico, o que nos interessa são apenas pontos fundamentais, portanto, não explicaremos detalhadamente cada tipo de rima, iremos apenas apresentar um quadro proposto por Goldstein (2008, p. 63), em que a autora resume a classificação das rimas:

Classificação quanto a	Tipos de rima
Posição no verso	Interna ou externa
Semelhanças de letras	Consoante – rimam consoantes e vogais Toante – rima apenas a vogal tônica
Distribuição ao longo do poema	Cruzadas – ABABAB Emparelhadas - AA BB CC Interpoladas – A ... A Misturadas – irregularmente distribuídas na estrofe ou no poema
Categoria gramatical	Pobres (mesma categoria gramatical) Ricas (categoria gramatical diferente)
Extensão dos sons que rimam	Pobres (identidade da vogal tônica em diante) Ricas (identidade desde a consoante que vem antes da vogal tônica)

Quadro 3.1: Resumo sobre rimas proposto por Goldstein (2008).

Finalmente, chegamos ao fim de nossa breve explanação a respeito da métrica dos poemas em português atual. Obviamente ficaram de fora desta subseção outros questionamentos, outros conceitos e outras concepções a respeito da estrutura métrico-poética, mas, como foi dito anteriormente, o que se objetivava era apenas uma abordagem de alguns elementos da métrica, principalmente daqueles que norteiam e foram fundamentais para o andamento desta pesquisa, a fim de situar o leitor para uma melhor compreensão deste texto.

3.4 A Arte de Trovar na lírica medieval galego-portuguesa

A *Arte de Trovar*, ou *Poética*, ou ainda *Poética Fragmentária* é o único tratado de versificação a respeito das cantigas medievais portuguesas contemporâneo a elas que chegou até nossos dias; trata-se de um texto que serve de introdução ao *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Infelizmente, esse texto, encontrado na edição fac-similada de 1982, está incompleto, contendo apenas quatro páginas (p. 15-18). Faltam os dois primeiros capítulos e as duas primeiras partes do terceiro. É um texto cuja autoria é desconhecida; acredita-se que tenha sido escrito na segunda metade do século XIV, apesar de esta datação ser uma questão em aberto (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p. 46).

Nesse tratado podemos encontrar a terminologia da época empregada na metrificação, bem como os tipos de cantigas que eram compostas, tais como as cantigas de *amor*; de *amigo*; de *escárnio*; de *maldizer*; de *tenção*; de *vilão* e de *seguir*.

[...] cantigas de *amor* – cantiga em que o trovador se dirige diretamente à amada, de *amigo* – nesta cantiga é a dama quem fala, em geral, queixando-se da ausência do amado, de *escárnio* – cantiga para “dizer mal de alguém”, no entanto, de maneira indireta, sem citar nomes, de *maldizer* – cantiga para “dizer mal de alguém”, desta vez, de maneira direta, citando, na maioria das vezes, o nome, a *tenção* – cantiga feita por mais de um trovador, em que um responde ao outro em estrofes alternadas, a cantiga *de vilão* e cantiga *de seguir* – grupo de cantigas de um mesmo autor em que cada uma continua o assunto tratado na anterior. (COSTA, 2006, p. 67)

A seguir, temos listadas algumas definições sobre a terminologia utilizada na época conforme aponta Massini-Cagliari (1995, p. 47):

- *palavra*: termo utilizado para designar verso
- *cobra*: nome dado à estrofe
- *talho*: designava a estrutura poética
- *palavra perduda*: termo utilizado para designar o verso sem rima
- *atafiinda*: processo versificatório que consistia em levar o pensamento ininterruptamente até o fim da cantiga
- *fiinda*: remate da idéia, resumo da composição
- *dobre*: repetição da mesma palavra em dois ou mais lugares na estrofe
- *mordobre*: repetição da palavra nos seus cognatos

Além da terminologia, a *Arte de Trovar* também trata de questões a respeito da disposição das estrofes, do número de versos por estrofe, da quantidade de sílabas por verso, da rima (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p. 47).

De acordo com Massini-Cagliari (1995, p.47-48), a *Poética* traz outras considerações sobre detalhes diversos que o poeta deveria estar ciente no momento de composição; segundo o tratado, o número de estrofes (cobras) não podia exceder três; era sugerido o número de cinco versos por estrofes, além do refrão. No entanto, nem sempre os trovadores seguiam a risca este tratado, pois podemos encontrar trovas de dísticos, trísticos, quadras, quintilhas e sextilhas.

O tratado de metrificação em questão também aborda os “erros” que devem ser evitados pelos trovadores, como por exemplo o cacófato e o hiato. Na interpretação de Cunha (1961, p. 25), a *Poética* considera viciosa a colisão vocálica: “erro *he meter [en] a*

palaura vogal depos vogal [...] Non entendades....q̃ sse entende vogal depos vogal sse aas vogaes ssõ de senhas naturas”.

Sobre os encontros vocálicos, Cunha (1961, p. 25) entende que eram condenados principalmente os hiatos formados por vogais idênticas, ele ainda salienta que “parece deprender-se que se devia evitar a reiteração dos encontros de vogais diferentes se uma delas era aberta”. O referido autor acredita que o próprio tratado de metrificação em questão traz vestígios para esta sua interpretação, mas ele próprio tem dúvidas a respeito da validade das regras formuladas pela *Arte de Trovar*: “e nõ vos posso esto mayns declarar seno como o dada hũu filhar en sseu entendimento [...] as letras vogaes son estas cinque. [que] escritas sã: A. E. y. O.v.” (CUNHA, 1961, p. 26-27).

É importante destacar que os preceitos da *Arte de Trovar* foram fundamentados para as cantigas profanas; sendo assim, é possível verificar, ao analisarmos as CSM, que as cantigas religiosas não seguem muitas das regras sugeridas pelo tratado.

3.4.1 Caracterização das cantigas: a contagem das sílabas poéticas e os tipos de versos

Assim como foi visto na subseção 3.3, atualmente e também na época trovadoresca coexistem duas maneiras de se contar as sílabas poéticas. De um lado temos a tradição francesa, provençal e portuguesa em que se conta até a última sílaba tônica do verso; do outro lado temos o sistema italiano e espanhol em que se conta sempre uma sílaba depois da sílaba tônica, mesmo que esta não exista. Temos, portanto, o verso agudo, que caracteriza aquele sistema, e o verso grave, que caracteriza este (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 52).

De acordo com Michaëlis de Vasconcelos (1946 [1912-1913], p. 393), as cantigas medievais portuguesas, a exemplo do que propõe Castilho (1908 [1850]), seguem o sistema francês, provençal e português de contagem de sílabas métricas, assim como o fazemos hoje em dia:

Regra geral era então, como o é hoje: que vogal antes de vogal se absorve (no estilo épico castelhano é *vogal após vogal*) - a não ser que uma delas seja ditongo, ou vogal fortemente acentuada, ou que haja pausa entre as duas.

[...]

Regra especial é: que não há elisão, quando as duas vogais consecutivas são idênticas, nem quando elas são das que costumam formar um ditongo crescente.

No 1.º caso *há fusão*: em lugar de elisão, crase. De 2 vogais idênticas, nasce uma prolongada, como em *averá [a] morrer [...]*. No 2.º caso há sinalefa: ditongação, por ex.: na fórmula *mi-aven, mi-avier [...]*. Em regra é uma das semivogais *i u*, que precede *a* ou *o* e dá ditongo *ia iú*. Apesar disso, o hiato era permitido; e é frequente nas composições arcaicas.

Em relação às CSM, Massini-Cagliari (1995, p. 57-59) e Costa (2006, p. 70-71) afirmam que podemos encontrar três tipos de verso, dependendo de sua forma de metrificação: “cantigas com versos agudos apenas” (versos que terminam exatamente na sílaba tônica, exemplo 3.45); “cantigas compostas somente com versos graves” (versos terminados com uma sílaba átona após a tônica, exemplo 3.46); e, “cantigas que alternam os dois tipos de verso”, exemplo (3.47).

(3.45)

*Quen dona fremosa e bõa quiser amar,
am' a Groriosa e non poderá errar.*

E desta razon vos quer' eu agora dizer
fremoso miragre, que foi en França fazer
a Madre de Deus, que non quisio leixar perder
un namorado que ss' ouver' a desasperar.
Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

Este namorado foi cavaleiro de gran
prez d'armas, e mui fremos' e apost' e muy fran;
mas tal amor ouv' a hũa dona, que de pran
cuidou a morrer por ela ou sandeu tornar.
Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

E pola aver fazia o que vos direi:
non leixava guerra nen lide nen bon tornei,
u se non provasse tan ben, que conde nen rey
polo que fazia o non ouuess' a preçar.
Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

(1ª, 2ª e 3ª estrofes da CSM nº 16, 1986, p. 99-100)

(3.46)

*Por que nos ajamos
senpre, noit' e dia,*

*dela renenbrança,
en Domas achamos
que Santa Maria
fez gran demostraça.*

En esta cidade, | que vos ei ja dita,
ouv' y hũa dona | de mui santa vida,
mui fazedor d'algu' e | de todo mal quita,
rica e mui nobre | e de ben comprida.

Mas, por que sabiámos
como non queria
do mundo gabança,
como fez digamos
hũa albergaria,
u fillou morança.

Por que nos ajamos...

E ali morand' e | muito ben fazendo
a toda-las gentes | que per y passavan,
vão y un monge, | segund' eu aprendo,
que pousou con ela, | com' outros pousavan.

Diss' ela: «Ouçamos
u têedes via,
se ides a França.»

Diss' el: «Mas cuidamos
dereit' a Suria
log' ir sen tardança.»

Por que nos ajamos...

(1ª e 2ª estrofes da CSM nº 9, 1986, p. 79-80)

(3.47)

*Santa Maria amar
devemos muit' e rogar
que a ssa graça ponna
sobre nos, por que errar
non nos faça, nen peccar,
o demo sen vergonna.*

Porende vos contarey
un miragre que achei
que por hũa badessa
fez a Madre do gran Rei,
ca, per com' eu apres' ei,
era-xe sua essa.

Mas o demo enartar
a foi, por que emprennnar
s' ouve dun de Bolonna,
ome que de recadar

avia e de guardar
seu feit' e sa besonna.

Santa Maria amar...

As monjas, pois entender
foron esto e saber,
ouveron gran lediça;
ca, porque lles non sofrer
quería de mal fazer,
avian-lle mayça.
E fórona acusar
ao Bispo do logar,
e el ben de Colonna
chegou y; e pois chamar
a fez, vo sen vagar,
leda e mui risonna.

Santa Maria amar...

(1ª e 2ª estrofes das CSM nº 7, 1986, p. 75-76)

Ao discorrer sobre o sistema de contagem de sílabas métricas nas cantigas medievais galego-portuguesas, Michaëlis de Vasconcelos (1946 [1912-13]) também aponta para algumas soluções dos encontros vocálicos; a este respeito a autora ainda faz a seguinte colocação sobre os hiatos de vogais idênticas:

Os antigos não evitavam o hiato dentro do mesmo vocábulo, se as duas vogais concorrentes procediam de outras tantas sílabas, mesmo quando eram idênticas, ou pela sua natureza podiam formar ditongo. *Seer* de *sedere*; *leer* de *legere*; *veer* de *videre*; *soo* de *solo*; *cae* de *cadit*; *soedade* de *soledade*; *mão* de *manu*; *são* de *sano*. Só os mais modernos como D. Dinis já faziam contracção métricas em *seeredes veerei veeran*; e às vezes mesmo gráfica, por ex.: em *vedes*. (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1946 [1912-13], p. 394-395)

Ainda focalizando a lírica trovadoresca, Massini-Cagliari (1995, p. 52) afirma que Cunha (1961) foi quem melhor descreveu as regras que envolvem os encontros vocálicos como a elisão e hiato, embora seu *corpus* tenha sido restrito a apenas dois trovadores: Paay Gómez Charinho e Joan Zorro. Abaixo temos a citação de Cunha (1961, p. 91-92) em que o estudioso expõe suas conclusões a respeito do regime dos encontros vocálicos interverbais na poesia trovadoresca:

De ordem geral:

- a) aos trovadores não repugnavam os hiatos, embora revelassem acentuada inclinação para elidir a vogal do encontro, quando átona;
- b) o regime da elisão estava ligado ao ritmo do verso e era contra-regrado por impedimentos fonéticos, fonêmicos e morfológicos;
- c) a vogal final átona dos polissílabos perdia-se com mais frequência que a dos monossílabos;
- d) a sinalefa era aparentemente rara.

De ordem particular:

- a) a vogal da preposição *de* só não se elide antes de vogal quando esta era o corpo do pronome átono *o, a, os, as*;
- b) a vogal dos pronomes átonos *me, lhe* (ou *lhi*), *se* (ou *si*), *xe* (ou *xi*) sempre se elidia antes de outros fonemas vocálicos;
- c) a vogal do pronome *mi* elidia-se antes de palavras iniciadas por *e, i e u*, mas ditongava-se com as vogais *a e o*, quando as precedia;
- d) o pronome pessoal oblíquo *o (a)* combinava-se com as formas pronominais *me, te, xe, e lhe*, mas em outros casos mantinha a sua autonomia silábica;
- e) o pronome *lo (la)* conservava sua vogal quando precedia formas do auxiliar *aver*, mas podia perdê-la ou não antes de outras palavras de início vocálico;
- f) não se elidia nem se yodizava a vogal do pronome e da conjunção *que*, bem como a das conjunções *ca e se*;
- g) a copulativa *e* não se ditongava com uma vogal subsequente;
- h) a preposição *a* contraía-se com o artigo *el*, mas hiatizava-se com outras palavras iniciadas por vogal;
- i) a vogal átona final de verbo não sofria elisão nem sinalefa quando seguida do pronome *o (s) a (s)*;
- j) em caráter exceptivo, admitia-se a fusão silábica de vogal *nasal + vogal* (oral ou nasal).

Finalmente, em relação ao tipo de versos preferidos pelos trovadores galego-portugueses, podemos afirmar que há uma alternância entre os versos heptassílabos e decassílabos. Muitos autores defendem a predominância daqueles nas cantigas mais populares (cantigas de amigo), enquanto estes seriam os versos predominantes nas composições mais eruditas. O certo é que, entre esses dois tipos de verso, o consenso entre os estudiosos do assunto é que o redondilho maior era a preferência da época trovadoresca (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p. 54-57). A respeito dos tipos de verso, vejamos a seguir os apontamentos feitos por Spina (1971) e Vieira (1987), que, ao contrário de Spina (1971), considerava o decassílabo como mais comum:

[...] o metro mais largamente utilizado, não só pelos trovadores, como pela poesia de feição popular de todos os tempos, foi o redondilho maior, que às vezes alterna com o verso de 8 sílabas agudo porque os trovadores deviam atender, segundo a opinião de José Joaquim Nunes, ao contrário de sílabas (oito), não à posição da última tónica. (SPINA, 1971, p. 25)

Os metros utilizados por êles variaram entre o *redondilho menor* (que podia ter 5 ou 6 sílabas) e o verso de 16 sílabas; nas cantigas d'amigo predominou o redondilho, e nos cantares satíricos êste metro só foi suplantado pelo decassílabo. Ainda que o redondilho predominasse sobretudo nas cantigas tradicionais, não raro se compuseram cantares d'amor nesse metro – como o de Fernandes Cogominho, CBN 308; a poesia culta preferiu, entretanto, os metro octo- e decassílabos jámbicos, de importação estrangeira. (SPINA, 1971, p. 75)

O verso mais comum (cerca de metade das cantigas) é o verso decassílabo (em estrofes monométricas); outras possibilidades são as estrofes monométricas compostas de versos que vão de 5 a 16 sílabas, e estrofes polimétricas em 113 combinações diversas. (VIEIRA, 1987, p. 18)

3.5 Considerações finais

Mostramos, nesta seção, a metodologia empregada nesta Dissertação, evidenciando a importância de se trabalhar com textos poéticos quando se quer estudar a prosódia de uma língua da qual já não existem mais falantes e também não existem registros orais. Vimos alguns conceitos da teoria de metrificação, dada a relevância da estrutura métrico-poética para esta pesquisa, além de conhecer a maneira como era feita a metrificação das CSM.

4 NATUREZA DOS CLÍTICOS E MODELOS TEÓRICOS

Será feita, nesta seção, uma breve revisão a respeito da natureza dos clíticos, assim como o levantamento de alguns trabalhos que abordam a consideração ou não do grupo clítico como constituinte prosódico relevante para outras línguas.

4.1 Breve panorama sobre as definições do objeto de análise: clíticos e pronomes clíticos

Clíticos são palavras funcionais que não pertencem a uma classe morfológica específica. Destituídos de acento, apóiam-se no acento de uma palavra vizinha e raramente se tornam cabeça de frases. (BISOL, 2005b, p. 164)

Nesta subseção, iremos apresentar uma breve revisão de literatura sobre a definição de clíticos (e, conseqüentemente, dos pronomes clíticos). Discorrer sobre a conceituação deste elemento mostrou-se importante, uma vez que existem algumas divergências entre as acepções, estudos que o comparam com afixos e, além disso, trata-se do foco de análise da pesquisa em desenvolvimento.

4.1.1 O que são clíticos?

Para que as análises desta Dissertação de Mestrado fossem realizadas, primeiramente, foi necessário revisitar alguns trabalhos que tratassem da natureza dos clíticos. Partindo desse primeiro contato sobre a conceituação de tais elementos, foi possível perceber que os teóricos analisados divergem um pouco quanto à classe gramatical dessas partículas, mas todos apontam para o caráter átono dos clíticos.

Iremos, a seguir, discorrer sobre algumas definições que tratam de toda natureza dos clíticos e que julgamos interessantes para o trabalho em questão, mesmo que esta pesquisa aborde somente os casos de pronomes clíticos, uma vez que foram os únicos que apresentaram as três possibilidades de cliticização (próclise, ênclise e mesóclise) no *corpus* analisado.

Antes de iniciar nossas exposições, trataremos do seguinte questionamento: que tipo de palavra é um clítico? Trata-se de uma palavra lexical ou funcional? Veremos ainda

que há autores que enquadram os clíticos em outras categorias de palavras, por exemplo: palavra instrumental, palavra de classe fechada, etc. Diante de tais perguntas, faz-se necessário apresentar algumas definições encontradas a respeito dessas duas categorias de palavras.

Ao tratar das “classes fechadas”, que seriam uma subclasse das palavras funcionais, já que estas não conseguem abarcar todo o redimensionamento nas classes de palavras, Rosa (2009, p. 109) afirma que, devido à importância que as palavras funcionais vêm assumindo em virtude dos estudos de sintaxe, e ao maior conhecimento acerca das línguas do mundo, está ocorrendo um redimensionamento nas classes propostas, dando origem a uma nomenclatura variada. Rosa (2009, p. 108) propõe o seguinte a respeito da diferenciação entre palavra lexical e funcional:

Os estudos tradicionais dedicaram muita atenção às palavras lexicais. Elas são em maior número nas línguas, carregam significado, geram vocabulário novo. Seus *acidentes* nos dão as tábuas de conjugação e de declinação, que ocupam boa parte das gramáticas. Os estudos de sintaxe têm, no entanto, demonstrado a importância das palavras funcionais: elas são índice de propriedades gramaticais que fazem a diferença entre as línguas.

Em alguns dicionários de linguística, também encontramos definições acerca de palavra lexical e palavra funcional:

Lexical [...] pode indicar uma distinção da GRAMÁTICA, como aquela existente entre as “PALAVRAS gramaticais” e as **palavras lexicais**: a primeira se refere às palavras cuja função é assinalar relações gramaticais (papel geralmente atribuído a palavras como *de*, *para*, *o* etc. em português); as segundas são palavras com **significação lexical**, ou seja, CONTEÚDO semântico. (CRYSTAL, 2000, p.158)

palavra funcional Expressão usada ocasionalmente na classificação das PALAVRAS indicando uma palavra de função totalmente, ou em grande parte, gramatical, como os ARTIGOS, os PRONOMES e as CONJUNÇÕES. Diversos termos existem para caracterizar esta noção (palavra GRAMATICAL, PALAVRA INSTRUMENTAL e outros); todas contrastam com as palavras lexicais de uma língua, que portam o principal conteúdo SEMÂNTICO. (CRYSTAL, 2000, p. 195)

Palavras Funcionais são as que indicam certas relações gramaticais entre os sintagmas que constituem uma frase (preposições), ou entre as frases (conjunções), ou que marcam a fronteira de um sintagma nominal que elas determinam (artigos). As palavras funcionais se distinguem dos morfemas lexicais porque são morfemas não-autônomos, que só têm

sentido relativamente à estrutura gramatical em que entram; são também denominados *marcadores estruturais*, *palavras instrumentais* ou *instrumentos gramaticais*. (DUBOIS et al., 1978, p. 297)

Observando as citações acima, podemos notar que a classe dos pronomes não é exemplificada em nenhuma delas. Crystal (2000, p.195) coloca os pronomes dentro da categoria de palavra instrumental, que, a nosso ver, se trata de uma subcategoria da palavra funcional:

palavra instrumental Expressão usada ocasionalmente na classificação das PALAVRAS para indicar uma palavra com sentido e função gramaticais, como os ARTIGOS, PRONOMES, e CONJUNÇÕES. Existem outras expressões para caracterizar esta noção, como PALAVRA FUNCIONAL, em contraste com palavras LEXICAIS, aquelas que portam o conteúdo SEMÂNTICO da língua.

Tomando essas noções, podemos inferir que os clíticos não se enquadram na categoria de palavra lexical, uma vez que o valor semântico que eles portam só pode ser definido em função da gramática da língua, assim podemos sugerir o seu enquadramento na noção de palavra funcional (ou instrumental), já que eles carregam uma função gramatical.

Expostas as categorias utilizadas para classificar as palavras, partimos agora para os trabalhos de cunho morfológico e morfossintático que abordam a natureza dos clíticos. Em seus trabalhos de análise da morfologia do português, Câmara Jr. (1985 [1975], 2007 [1970]) dedica um capítulo exclusivo para argumentações e explanações a respeito dos pronomes. De acordo com este autor, os pronomes se limitam a mostrar o ser no espaço.

Quanto ao pronome, o que o caracteriza semanticamente é que, ao contrário do nome, ele nada sugere sobre as propriedades por nós sentidas como intrínsecas [...]. O pronome limita-se a mostrar o ser no espaço, visto esse espaço em português em função do falante: *eu, mim, me* «o falante qualquer que ele seja», *este, isto* «o que está perto do falante», e assim por diante. (CÂMARA Jr., 2007 [1970], p. 78)

Sobre os pronomes clíticos, Câmara Jr. (1985 [1975], 2007 [1970]) afirma que são uma das formas do pronome pessoal, caracterizando-os como uma *forma dependente adverbial*, “isto é, usada como forma dependente junto a um verbo, para expressar um complemento, que fonologicamente é uma partícula proclítica ou enclítica do verbo;

respectivamente: *me, nos; te, vos; o, a, ou lhe; os, as, ou lhes*” (CAMARA Jr., 2007 [1970], p. 117).

Basílio (2009) atesta a dependência fonológica dos clíticos e, ao mesmo tempo, a sua independência morfológica, ou seja, ela afirma que esses elementos não fazem parte da palavra de um ponto de vista morfológico:

Dá-se o nome de clíticos a unidades que se agregam a uma palavra fonologicamente, sem fazer parte dela do ponto de vista morfológico. Em português, temos nessa situação os artigos, assim como vários pronomes pessoais: -o, -a, -me, -te, -se etc. Esses pronomes são chamados clíticos porque não apresentam acentuação própria; são átonos, integrando-se à pronúncia do verbo, apesar de não fazerem parte dele do ponto de vista morfológico. Os clíticos colocam mais uma dificuldade de identificação da palavra, já que fazem parte do vocábulo fonológico mas não da palavra fonológica.⁶⁸ Pois, [...] os elementos que formam uma palavra são rigidamente ligados aos outros, não admitindo mudança de posição ou interferência de outro elemento: ora os clíticos podem mudar de posição, como viu-me / me viu [...]. (BASÍLIO, 2009, p.16)

Rosa (2009, p. 110-111) afirma que a noção de clítico tornou-se sinônimo de pronome pessoal, e que essa classe de palavras não é definida funcionalmente:

No estudo das línguas românicas, o termo clítico praticamente tornou-se sinônimo de pronome pessoal átono; no entanto, a denominação é mais geral que isso. [...].

Ao contrário dos demais tipos de palavras, o clítico: (a) tem uma posição fixa em relação a um outro elemento da oração (que nos dá as *proclíticas* e as *enclíticas*); (b) tem posição relativamente fixa em relação a outros clíticos – em português de Portugal (uma vez que no Brasil é construção em desuso), por exemplo, o clítico de dativo antecede o de acusativo: *lha, mo, ta, to* (mas não **alhe, *ome...*); (c) em geral se apresenta sem acento, embora em determinadas condições possa receber acento: as *proclíticas* gregas são acentuadas se antes de uma *enclítica* [...].

Ainda versando sobre a natureza dos clíticos, Crystal (2000) também afirma que os clíticos são dependentes de uma “palavra vizinha”, mas ele não esclarece qual é o tipo de dependência (morfológica, fonológica, etc.) estabelecida entre tal elemento e seu hospedeiro.

⁶⁸ Para a distinção entre “vocábulo fonológico” (de natureza rítmica, que corresponde a uma palavra lexical mais clíticos) e “palavra fonológica” (que corresponde à palavra lexical), remetemos o leitor a Câmara Jr. (2007[1970], p. 62-65).

Termo usado na GRAMÁTICA com referência a uma FORMA que se assemelha a uma PALAVRA, mas não pode aparecer sozinha em um ENUNCIADO normal, sendo estruturalmente dependente da palavra vizinha na CONSTRUÇÃO. (O termo clítico vem do grego “inclinado”.) Exemplos de clíticos são as formas CONTRAÍDAS do verbo *to be* (ser) em inglês: *I’m, he’s*. Os ARTIGOS são considerados clíticos, às vezes, no sentido em que uma forma como *o* ou *a* não pode aparecer sozinha em um enunciado, mas seria chamada de palavra por qualquer FALANTE NATIVO. Em português, são chamados clíticos os PRONOMES átonos: *me, te, se, o, a*, etc. Os clíticos podem ser classificados de acordo com sua posição em relação à palavra de que dependem: **proclíticos (próclise)** dependem da palavra seguinte (é o caso dos artigos e de formas como *Eu me sento*); **mesoclíticos (mesóclise)** ficam no meio do VERBO (*sentar-me-ei*) e os **enclíticos (ênclise)** dependem da palavra precedente (*sentei-me*). (CRYSTAL, 2000, p. 49)

Cagliari (2002, p. 48-49), em um trabalho em que são tratadas tanto questões de morfologia como de fonologia, faz uma consideração muito completa e esclarecedora a respeito dos clíticos e ainda argumenta sobre duas posições de cliticização:

Clítico é uma palavra que, embora tenha uma identidade morfológica própria, aparece sempre grudada sintaticamente em outra, chamada de ‘hospedeira’. Os pronomes oblíquos do Português são exemplos de clíticos, pois aparecem sempre ligados a um verbo; por exemplo: ‘eu *te* vi’; ‘Maria *lhe* disse’; ‘achei-*os* na gaveta’, etc. Na expressão *ele mo disse* há dois clíticos: *me + o* (cf. **ele me o disse*). Os falantes podem dizer *tu!*, mas não podem dizer **te!*. Embora não possam dizer *ti!*, podem dizer *para ti!* (cf. **para te!*). Assim, *te* é um clítico, porém *ti* não o é. A caracterização dos clíticos entram em jogo também aspectos prosódicos: os clíticos são, por natureza, átonos. Em outros termos, pode-se dizer que os clíticos combinam-se fonologicamente com palavras das quais dependem prosodicamente, mas não formam uma unidade morfológica única. Desse modo, os clíticos distinguem-se também das palavras compostas. Os clíticos grudam-se a verbos ou a substantivos. Os artigos são clíticos dos substantivos, mas outros determinantes, como os pronomes demonstrativos, não são clíticos. Em enunciados como *a casa de Júlia é antiga*, a preposição *de* é um clítico, mas na expressão *a casa é antiga para mim, não para você*, a preposição *para* não é clítico, porque pode levar acento principal.⁶⁹ Ao contrário do que diz a gramática tradicional, as preposições com mais de uma sílaba não são átonas por natureza.

Proclítico é um clítico que precede a palavra hospedeira na cadeia da fala. Enclítico é um clítico que ocorre logo após a palavra hospedeira na corrente da fala.

⁶⁹ Massini-Cagliari e Cagliari (2007, p. 114) afirmam que toda “palavra pronunciada isoladamente terá uma sílaba com acento primário, se não for monossilábica”.

Para finalizar nosso breve panorama a respeito da natureza dos clíticos, trataremos da definição fonética e fonológica apontada por Silva (2011), em que afirma ser o clítico um elemento independente gramaticalmente e dependente fonologicamente:

[...] elemento que tem independência gramatical, mas é fonologicamente dependente de um elemento adjacente. O clítico tem proeminência acentual fraca, sendo dependente do acento primário da palavra adjacente e à qual se associa. São exemplos de clíticos em português: *se, te, me, lhe* etc. (SILVA, 2011, p. 74)

4.1.2 Clíticos X Afixos

Iremos discutir, nesta subseção, alguns apontamentos levantados por Bisol (2000) e Vigário (2001) a respeito da diferença entre clíticos e afixos.

Para o PB, Bisol (2000) faz uma pequena exposição a respeito do comportamento de certos prefixos, afirmando que estes lexemas podem ter autonomia em certos casos e em outros não; a autora sustenta esta afirmação baseada na questão do acento. Segundo a estudiosa, há casos em que a sequência “prefixo + palavra” se comporta como uma palavra composta, enquanto em outros casos os prefixos são anexados à base morfológica da palavra primitiva (BISOL, 2000, p. 13-14).

Desse modo, segundo a autora, existem prefixos que funcionam como afixos (por exemplo: *re-, rebater, reformular / a-, amoral, aterrorizar/ des- desmontar*) e outros que ficam entre dois caminhos: forma livre e forma presa (por exemplo: *pós*; temos a invariante *pós-lexical* e a variante *pós-tônico* e *postônico*). O fato de diferenciação entre afixos e clíticos reside nessa questão, pois os prefixos sem autonomia (destituídos de acento) não podem ser confundidos com os clíticos, uma vez que estes se anexam à palavra fonológica formando o grupo clítico e aqueles se integram à palavra fonológica:

O ponto em questão é o fato de que prefixos sem autonomia não se confundem com os clíticos. Aqueles fazem parte da palavra fonológica, depois de terem sido anexados a uma base morfológica. Todos, sem exceção, integram a palavra fonológica que ajudam a construir. Clíticos anexam-se diretamente a uma palavra fonológica bem formada, sem integrá-la [...]. (BISOL, 2000, p. 16)

Resumidamente, o que Bisol (2000) afirma nessa citação é que os clíticos se anexam à palavra fonológica sem fazer parte dela, o que já não acontece com os afixos, mesmo com aqueles que apresentam certa autonomia.

Vigário (2001) também discorre sobre esta questão para o Português Europeu (daqui em diante PE). De acordo com a autora, os afixos se ligam à palavra prosódica no nível lexical, enquanto que os pronomes clíticos se adjungem ao seu hospedeiro pós-lexicalmente, ou seja, a cliticização, segundo a estudiosa, se dá no nível pós-lexical. Antes de apresentar a diferença de comportamento entre esses dois elementos, Vigário (2001, p. 136) afirma que os pronomes clíticos compartilham as seguintes propriedades com os afixos: a) seletividade no que diz respeito à categoria do hospedeiro; b) “gatilho” fonológico especial nas sequências clíticos-verbo; c) ordem dos clíticos em relação à inflexão.

Mas, mesmo compartilhando essas propriedades, para Vigário (2001, p. 137), a hipótese de que a cliticização no PE é uma operação pós-lexical é superior à hipótese de que os clíticos pronominais se adjungem aos seus hospedeiros no componente lexical.

Antes de apresentar as evidências que Vigário (2001) traz a respeito dessa hipótese, listaremos algumas propriedades descritas pela autora que diferenciam os clíticos dos afixos:⁷⁰

- os clíticos podem exibir um baixo grau de seleção no que diz respeito aos seus hospedeiros, enquanto os afixos mostram um alto grau de seleção no que diz respeito aos seus radicais.
- intervalos arbitrários no jogo de combinações são características mais de palavras afixadas do que de grupos clíticos.
- idiossincrasias morfofonológicas são mais características de palavras afixadas do que de grupos clíticos.
- idiossincrasias semânticas são mais características de palavras afixadas do que de grupos clíticos.
- os clíticos podem se ligar a um material que já contém clíticos, mas afixos não o podem fazer.

⁷⁰ Vigário (2001, p.137) apresenta esta lista de propriedades baseada no trabalho de Zwicky e Pullum (1983, p. 503-504).

A primeira evidência de que os pronomes clíticos podem ser independentes de seus hospedeiros no nível lexical refere-se ao fato de que os clíticos são “móveis”, ou seja, manipulados por operações sintáticas, eles podem ocorrer antes ou após o verbo, diferentemente do que ocorre com os afixos lexicais que se ligam à direita ou à esquerda do seu hospedeiro (VIGÁRIO, 2001, p. 142).

Sobre esta “mobilidade” dos clíticos, Vigário (2001, p. 142) afirma que existem elementos capazes de atrair os clíticos para a posição pré-verbal, como por exemplo: certos advérbios, quantificadores, operadores Wh⁷¹, complementizadores e palavras de forma negativa. Vejamos em (4.1) os exemplos utilizados por Vigário (2001, p. 142):⁷²

(4.1)

- | | |
|--------------------|---------------------------|
| a. dou-te | a'. não te dou |
| b. eles ouviram-te | b'. todos eles te ouviram |

De acordo com Vigário (2001, p. 142), essas informações sintagmáticas relevantes para a distribuição dos clíticos pronominais não estão disponíveis no léxico, portanto a sequência “clítico + verbo” deve ser obtida no pós-léxico.

Além dessa evidência, Vigário (2001) apresenta várias regras que diferenciam os pronomes clíticos dos afixos, dentre elas podemos citar: a) clíticos pronominais são insensíveis às mudanças de acento; b) não servem de gatilho para a regra de inserção de glide para romper um hiato; c) regras que se referem à informação morfológica são outro tipo de processos que diferenciam flexão de cliticização no PE; d) a cliticização não se restringe ao hospedeiro com características fonológicas específicas; e) clíticos pronominais apresentam autonomia sintática, podendo ligar-se a qualquer verbo; f) prefixos mais a base formam-se no nível lexical, enquanto a sequência proclíticos mais hospedeiros forma-se no pós-léxico; g) proclíticos podem submeter-se à regra de redução, mas prefixos não, etc.

A partir dessas e outras evidências, Vigário (2001) constata que os pronomes clíticos, diferentemente dos afixos, não apresentam evidências de seus status inflexional, mas foi possível verificar que a combinação verbo e clíticos pronominais não estão disponíveis no léxico, logo a cliticização pronominal deve ser considerada uma operação

⁷¹ *Wh questions* – pronomes interrogativos do inglês, como por exemplo: *why* (‘por que’), *when* (‘quando’), *what* (‘o que’), *who* (‘quem’), *which* (‘qual’), *where* (‘onde’).

⁷² Ressaltando que, para o PE, a ênclise é o padrão.

pós-lexical (VIGÁRIO, 2001, p. 167-168). Desse modo, fica claro que os clíticos não devem ser equiparados aos afixos, uma vez que apresentam várias diferenças como foi apontado.

A partir da releitura dos trabalhos mencionados, comprovamos a atonicidade dos clíticos e sua dependência sintática em contraponto com sua independência fonológica. Destacamos também os trabalhos de Bisol (2000) e Vigário (2001) que apontam evidências a favor da diferença entre os clíticos e os afixos, mesmo que para muitos estudiosos tais elementos apresentem comportamentos semelhantes. Buscamos assim, realizar uma síntese das idéias gerais dessas duas autoras no que diz respeito à diferença entre os clíticos pronominais e os afixos.

4.2 Discussões sobre o *status* prosódico dos clíticos

Diversos estudos vêm discutindo a presença do grupo clítico (C) na hierarquia prosódica. Nesta subseção, serão apresentados trabalhos que versam sobre posições distintas a respeito da consideração do grupo clítico como constituinte prosódico. Dentre as pesquisas investigadas, citaremos Selkirk (1980), Vigário (2001), Brisolara (2008, 2009) e Bisol (2000, 2005b). É importante destacar que nesta Dissertação é defendida a ideia de que os pronomes clíticos são prosodizados⁷³ junto ao grupo clítico, portanto, segue-se a mesma linha de pesquisa dos trabalhos de Bisol (2000, 2005b), diferentemente das outras autoras citadas, que não consideram o grupo clítico como um constituinte na hierarquia prosódica.

4.2.1 Pesquisas que não consideram o grupo clítico como um constituinte prosódico

Há muitos estudiosos que discutem a existência do grupo clítico (C); dentre eles há aqueles para quem o grupo clítico (C) não deve ser considerado um constituinte dentro da hierarquia prosódica. Para apresentar ao leitor alguns destes trabalhos, iniciaremos nossa discussão com a pesquisa desenvolvida por Selkirk (1980). Nesse trabalho a autora propõe

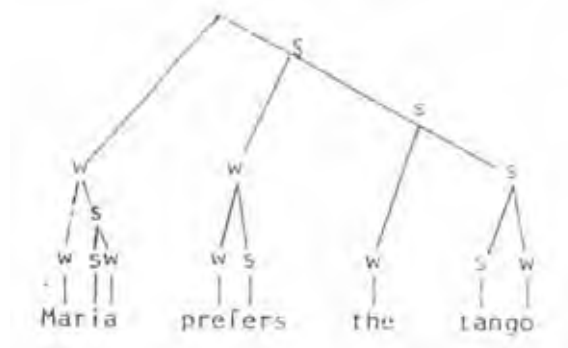
⁷³ “Prosodizados” (ou termos afins como: “prosodizar” e “prosodização”) quer dizer adjungidos a determinado constituinte prosódico; neste caso são adjungidos no nível hierárquico do grupo clítico.

uma representação fonológica, ou seja, a organização hierárquica da estrutura prosódica, baseada na teoria gerativa.

*In this paper a theory of phonological representation is presented which departs significantly from the standard generative theory (such as that outlined in Chomsky and Halle's *The Sound Pattern of English*) in imputing a suprasegmental, hierarchically arranged organization to the utterance, not a simple linear arrangement of segments and boundaries. This hierarchical organization will be referred to as PROSODIC STRUCTURE. (SELKIRK, 1980, p. 1)*⁷⁴

O trabalho de Selkirk (1980) é uma revisão da teoria de Liberman (1975) e Liberman e Prince (1977). Esses autores propuseram que a representação fonológica de um enunciado consiste em uma árvore métrica que apresenta uma divisão binária, e entre seus nós, há uma relação de proeminência entre forte e fraco (s/w).⁷⁵ Além disso, eles argumentam que, acima do nível da palavra, a organização da representação fonológica é idêntica à representação sintática proposta pelo esquema a seguir:

(4.2)



(Selkirk, 1980, p.01)

Segundo Selkirk (1980, p. 01), a concepção apresentada por Liberman (1975) e Liberman e Prince (1977) não é adequada, sendo necessário propor o que ela classificou

⁷⁴ Tradução nossa:

“Neste trabalho é apresentada uma teoria da representação fonológica que difere, significativamente, da teoria gerativa padrão (como a apresentada por Chomsky e Halle em *The Sound Pattern of English*), atribuindo organização hierárquica e suprasegmental para o enunciado, e não um simples arranjo linear de segmentos e fronteiras. Essa organização hierárquica será referida como ESTRUTURA PROSÓDICA.”

⁷⁵ s/w referem-se a “strong” and “weak”, forte e fraco, respectivamente.

como “subunidades” da estrutura prosódica, as quais comporiam os nós da árvore prosódica. Ao propor estas “subunidades” fica claro que a autora em questão não considera o grupo clítico (C) dentro da escala prosódica, uma vez que ela não menciona sua existência. Mas, nesse trabalho, Selkirk (1980) não esclarece o motivo de não considerar tal constituinte; ela simplesmente não o faz.

*PROSODIC CATEGORIES. i.e. specific differentiated sub-units of prosodic structure, which ‘label’ the nodes of the tree. These prosodic categories are the syllable, the foot, the prosodic word, the phonological phrase, the intonational phrase and the utterance. (SELKIRK, 1980, p.2)*⁷⁶

Ao longo desse trabalho, Selkirk (1980) discorre sobre a constituição e a definição da sílaba (σ), afirmando que a sílaba é uma unidade com lugar na hierarquia prosódica, além de apresentar sua própria estrutura hierárquica (SELKIRK, 1980, p.12). Nessa pesquisa, Selkirk (1980) aborda vários pontos referentes à sílaba (σ) do inglês, como por exemplo a estrutura silábica; as restrições entre núcleo, coda e *onset*; a divisão binária da sílaba e sua relação de proeminência, etc.

Em relação ao pé (Σ), Selkirk (1980, p.12) o define como a unidade superior à sílaba (σ) dentro da hierarquia prosódica, além de também discorrer sobre sua constituição e sobre a relação de proeminência (forte/fraco) que também se faz presente nesta categoria. Sobre a palavra fonológica (ω), Selkirk (1980, p. 14) afirma que este domínio prosódico apresenta uma organização interna distinta, dando ênfase à relação de proeminência, além de ser o domínio em que se aplicam as regras fonológicas.

A respeito da sílaba (σ), do pé (Σ) e da palavra fonológica (ω), Selkirk (1980, p.15) deixa clara a importância da relação de proeminência (forte/fraco):

To summarize, our examination of the organization of phonological representation has so far led to the conclusion that that representation is hierarchically arranged and that specific subunits of that hierarchy – the σ , the Σ , the ω – have to be isolated. Each one of these prosodic categories has its own specific principles of internal constituency and

⁷⁶ Tradução nossa:

“CATEGORIAS PROSÓDICAS. i.e. subunidades específicas e diferenciadas da estrutura prosódica, que “rotulam” os nós da árvore. Essas categorias prosódicas são a sílaba, o pé, a palavra prosódica, a frase fonológica, a frase entoacional e o enunciado.”

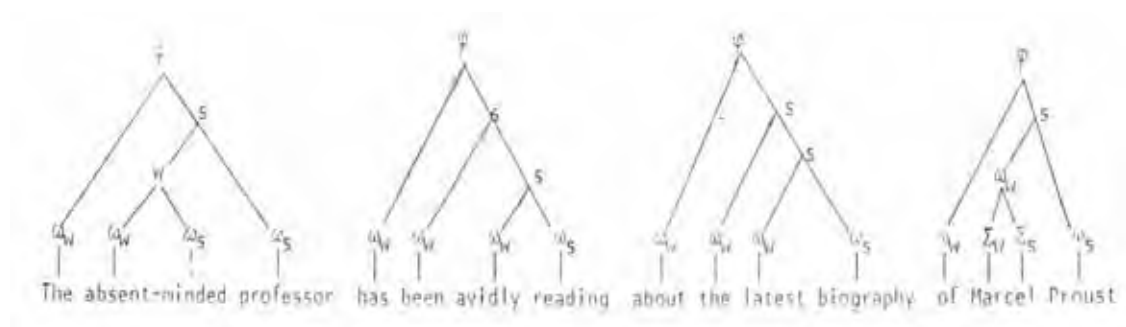
*prominence, and each one functions as a characteristic domain of phonological rules.*⁷⁷

Sobre a definição de frase fonológica (φ), frase entoacional (I) e enunciado (U), a autora afirma que “*prosodic words first group into phonological phrases (φ), [...] the phonological phrases are grouped into intonational phrases (I), and finally, [...] the intonational phrase are what make up the utterance*” (SELKIRK, 1980, p. 15).⁷⁸

Até o momento foram apresentadas as definições de constituintes trazidos no trabalho de Selkirk (1980); apesar de seu objetivo ser estabelecer uma relação entre as estruturas sintáticas e prosódicas, o que nos interessa nesta pesquisa é mostrar a não consideração do grupo clítico e tentar argumentar sobre as proposições feitas pela autora.

A seguir, temos um esquema de árvore prosódica proposto por Selkirk (1980, p. 16) ao tratar da frase fonológica (φ):

(4.3)⁷⁹



O que mais nos interessa nesta figura não é mostrar a relação com a sintaxe, como o faz Selkirk (1980) em seu trabalho. O intuito de trazer esta árvore é mostrar que a autora em questão classifica os clíticos *the* e *of* como palavras fonológicas átonas (ω_s). Se Selkirk (1980) chega a classificar tais elementos como palavras fonológicas, este é um indício de

⁷⁷ Tradução nossa:

“Resumindo, nosso exame sobre organização da representação fonológica tem, até o momento, levado à conclusão de que esta representação é organizada de maneira hierárquica e que as subunidades específicas da hierarquia - a σ , o Σ , a ω - têm que ser isoladas. Cada uma dessas categorias prosódicas tem seus princípios específicos de constituição interna e proeminência, e cada um funciona como um domínio característico de regras fonológicas.”

⁷⁸ Tradução nossa:

“Palavras prosódicas, primeiramente, se agrupam em frases fonológicas; as frases fonológicas são agrupadas nas frases entoacionais, e finalmente as frases entoacionais são o que compõem o enunciado.”

⁷⁹ Tradução nossa:

“O professor distraído tem lido avidamente sobre a última biografia de Marcel Proust.”

que a autora poderia ter um posicionamento a favor da consideração do grupo clítico, pois, como foi visto anteriormente no embasamento teórico e como será visto na análise dos dados nesta Dissertação, o grupo clítico é formado por clítico + hospedeiro, sendo que aquele é átono e este tônico, ambos sendo palavras fonológicas (ω). Mesmo ao considerar os clíticos como palavras fonológicas fracas (ω_w), Selkirk (1980) os prosodiza no nível da frase fonológica (ϕ), como pode ser observado na figura acima.

Logo após colocar esta árvore, Selkirk justifica o fato de considerar, a princípio, as partículas *the* e *of* como palavras fonológicas átonas. Segundo a estudiosa, trata-se de uma regra do domínio da frase fonológica (ϕ), em que as palavras monossílabas que pertencem à categoria não lexical têm o seu acento destituído:

The rule says that a monosyllabic prosodic word ω is ‘deworded’ (and hence ‘defooted’) if it is weak and corresponds to a non-lexical item in syntactic structure. [...] The, has, been and of are all turned into simple weak syllables by the rule, with the result that they may undergo vowel reduction and other such rules which apply only to weak syllables. (SELKIRK, 1980, p.19).⁸⁰

Esta regra é proposta pelo esquema a seguir:

(4.4)⁸¹



De acordo com esta regra, uma palavra prosódica monossilábica é destituída de seu *status* de palavra e, conseqüentemente, destituída do seu *status* de pé (Σ), caso se tratar de

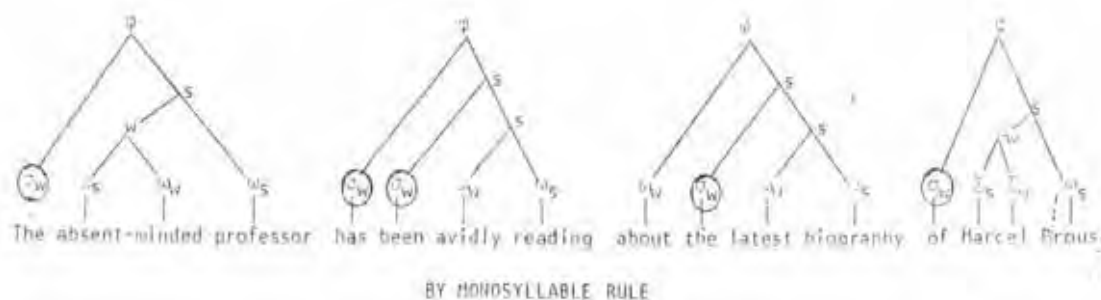
⁸⁰ Tradução nossa:

“A regra diz que a palavra prosódica monossilábica é destituída de seu “caráter” de palavra (e, portanto, de seu “caráter” de pé) se ela for fraca e corresponder a um item não lexical na estrutura sintática. [...] *The, has, been* e *of* são transformadas em sílabas fracas pela regra, com o resultado de que estes elementos podem sofrer redução vocálica ou outras regras que só se aplicam às sílabas fracas.”

⁸¹ Este esquema sintetiza a regra monossilábica traduzida na nota de rodapé anterior. Para cunho de informação ao nosso leitor, segue a tradução das partes verbalizadas do esquema. Tradução nossa: “Regra monossilábica” (*Monosyllable rule*); “se a palavra prosódica domina um item não lexical” (*if ω dominates a non-lexical item*).

uma palavra fraca e que corresponde a um item não lexical na estrutura sintática. O que a autora quer dizer é que, na forma de base, estes elementos podem ser considerados palavras fonológicas, mas são destituídos deste *status* na sintaxe prosódica, quando são considerados monossilábicos e átonos. Abaixo temos a reestruturação da árvore prosódica, na qual Selkirk (1980) passa a considerar as (ω_w) como (σ_w):⁸²

(4.5)



Podemos questionar este posicionamento de Selkirk (1980), pois a autora estrutura seus argumentos em um nível lexical. Se tomarmos como referência os níveis lexical e pós-lexical, os clíticos seriam considerados palavras funcionais na forma de base, e palavras fonológicas (ω) no nível pós-lexical. Neste nível os clíticos poderiam ser considerados palavras fonológicas fracas (ω_w) ligadas ao seu hospedeiro que é uma palavra fonológica forte (ω_s), constituindo assim o grupo clítico (C). Neste panorama os clíticos poderiam ser considerados palavras fonológicas, pois sofrem as mesmas regras de redução da palavra fonológica (como foi visto na seção de embasamento teórico e como será visto a seguir). Apesar de Selkirk (1980) não afirmar que os clíticos sofrem as mesmas regras de redução que as palavras fonológicas, ela diz que eles podem estar sujeitos à redução vocálica e outras regras aplicadas às sílabas fracas de palavras fonológicas. Tais regras são aplicadas somente no domínio da palavra fonológica; logo, se os clíticos estão sujeitos a elas, há um indício de que eles se comportam como palavras fonológicas.

Assim como Selkirk (1980), Vigário (2001) também afirma que o grupo clítico (C) não ocupa espaço na hierarquia prosódica. Para dar suporte ao seu posicionamento contra a consideração do grupo clítico (C), Vigário (2001) apresenta vários argumentos.

⁸² A partir deste exemplo podemos levantar outro argumento que pode ser levado em conta contra a proposta de Selkirk (1980), uma vez que as árvores propostas em (4.5) não obedecem a *Strict Layer Hypothesis*, já que pés monossilábicos, sílabas e palavras fonológicas estão no mesmo nível prosódico.

A autora cita Inkelas (1990), que afirma que aparentemente não há nenhuma língua na qual os processos pós-lexicais possam estabelecer uma diferença entre o grupo clítico e a palavra fonológica. De acordo com Inkelas (1990), a maioria dos casos apresentados como evidência para a consideração do grupo clítico podem ser reinterpretados desde que se distingam palavras prosódicas lexicais de palavras prosódicas pós-lexicais (que podem incluir os clíticos).

Vigário (2001, p. 28) argumenta também que os clíticos podem se ligar às seguintes estruturas prosódicas: palavra fonológica, frase fonológica e a frase entoacional, sendo que, para o PE, a autora considera que o clítico se prosodiza no nível da palavra fonológica.

De acordo com a estudiosa, pelo fato de a estrutura hierárquica apresentar um caráter universal, o grupo clítico não tem espaço dentro da estrutura prosódica, uma vez que há diferenças de prosodização destas partículas de língua para língua.

Prosodic hierarchy is assumed to be universal, and to include the constituents listed in (1). Thus, in all languages of the world it is expected that each of these phonological constituents – and only these – play some role in the phonology of the language.

- (1)
- Utterance (U)*
 - Intonational Phrase (I)*
 - Phonological Phrase (φ)*
 - Prosodic Word (ω)*
 - Foot (Σ)*
 - Syllable (σ)*

(VIGÁRIO, 2001, p. 2-3)⁸³

Outro argumento destacado por Vigário (2001) vai contra o posicionamento de Nespor e Vogel (1986), que afirmam que os clíticos podem ser classificados como palavras prosódicas independentes. Segundo Vigário (2001), não há indícios satisfatórios para tal

⁸³ Tradução nossa:

“**A Hierarquia Prosódica é tida como universal**, e inclui os elementos listados em (1). Portanto, em todas as línguas do mundo é esperado que cada um desses constiuintes prosódicos – e somente esses – desempenhe algum papel na fonologia da língua.

(1)

- Enunciado (U)
- Frase Entoacional(I)
- Frase Fonológica (φ)
- Palavra Prosódica (ω)
- Pé (Σ)
- Sílaba (σ)”

consideração, uma vez que os clíticos não apresentam propriedades suficientes para serem classificados como tal.

The definition of the clitic group presented in Nespov and Vogel (1986:154) implies furthermore that clitics form independent prosodic words. Nevertheless, the most salient property of clitic word is their prosodic deficiency and the lack of properties characteristic of independent prosodic words. By abandoning the clitic group, and the consequent need for clitics to be independent prosodic words, it is possible to establish a one-to-one correspondence between the prosodic word and word primary stress: (i) each prosodic word must bear one main stress, and (ii) there is one main stress per prosodic word. Such statement could not be made under Nespov and Vogel's (1986) assumption that a prosodic word is defined as a constituent that bears at most one main stress. (VIGÁRIO, 2001, p.19-20).⁸⁴

Para reforçar seu posicionamento contra a consideração do grupo clítico na escala prosódica, Vigário (2001) coloca outro argumento referente à assimetria entre a ênclise e a próclise em termos de coerência em relação ao hospedeiro a que se ligam.

[...] proclitics and enclitics (like prefixes and suffixes) often show asymmetries in terms of their coherence to the host (base) they attach to [...]: enclitic (like suffixes) usually show a stronger degree of connection with their hosts (bases) when compared to proclitics (and prefixes), which usually present a phonological behavior more independent of the host (base). Furthermore, enclitics and proclitics may also attach to different prosodic constituents [...]. (VIGÁRIO, 2001, p. 20).⁸⁵

⁸⁴ Tradução nossa:

“A definição de grupo clítico apresentada em Nespov e Vogel (1986:154) implica, ainda, que os clíticos são palavras prosódicas independentes. No entanto, a propriedade mais evidente de um clítico é a sua deficiência prosódica e a falta de características que o caracterizem como uma palavra prosódica independente. Desconsiderando o grupo clítico, e a consequente necessidade de eles serem assumidos como palavras prosódicas, é possível estabelecer uma correspondência entre palavra prosódica e palavra de acento primário: (i) cada palavra prosódica deve portar um acento principal, e (ii) há um acento principal por palavra prosódica. Essa afirmação não poderia ser feita a partir da proposição de Nespov e Vogel (1986), em que a palavra prosódica é definida como um constituinte que porta no máximo um acento principal.”

⁸⁵ Tradução nossa:

“[...] proclíticos e enclíticos (como prefixos e sufixos) muitas vezes mostram assimetrias em relação ao hospedeiro (base) aos quais se ligam [...]: enclíticos (como os sufixos) geralmente apresentam um forte grau de conexão com seus hospedeiros (base) se comparado com os proclíticos (e prefixos), que geralmente apresentam um comportamento fonológico mais independente em relação ao seu hospedeiro. Além disso, enclíticos e proclíticos também podem se adjungir a diferentes constituintes prosódicos.”

Como pode ser observado na citação acima, Vigário (2001) faz uma comparação entre os clíticos e os afixos; este foi outro aspecto destacado em seu trabalho.⁸⁶ Em relação à assimetria entre a próclise e a ênclise, Vigário (2001, p. 350) afirma que os proclíticos são adjungidos aos seus hospedeiros e os enclíticos são incorporados (tomando como fonte de dados o PE).

Diante dos principais apontamentos feitos por Vigário (2001), podemos iniciar uma discussão sobre os argumentos referidos contra o grupo clítico. Primeiramente, podemos contestar a afirmação de Vigário (2001) sobre a universalidade da hierarquia prosódica. A autora afirma que de língua para língua podem ocorrer discrepâncias na escala prosódica, pois, mesmo sendo considerada universal, a hierarquia prosódica pode apresentar características próprias de cada língua.

Although prosodic hierarchy is claimed to be universal, it is often observed that some prosodic domains seem to be absent in some languages. Nevertheless, as pointed out in Nespor and Vogel (1986: 11-12), the lack of rules referring to a particular prosodic domain in a given language does not necessarily mean that that prosodic domain does not play a role in the phonology of the language. (VIGÁRIO, 2001, p.3).⁸⁷

Logo, se os constituintes prosódicos podem variar de língua para língua, podemos afirmar que, para o Português Arcaico (PA), que é o objeto de estudo desta Dissertação, o grupo clítico faz parte da hierarquia prosódica desta língua, como comprovaremos na seção de análise dos dados a seguir.

Outro ponto que podemos contestar no trabalho de Vigário (2001) diz respeito à não consideração do clítico como uma palavra fonológica. A autora não considera o clítico como palavra prosódica, uma vez que ele não porta acento, mas devemos considerar que o clítico, junto com seu hospedeiro, forma o grupo clítico, e o grupo clítico é um componente pós-lexical portador de um único acento, assim como a palavra fonológica; a diferença reside no fato de que este é um constituinte lexical e aquele é um constituinte pós-lexical.

Vigário (2001) também menciona o caso de clíticos formados apenas de uma única

⁸⁶ Sobre a natureza do clítico, veja-se a seção (4.1.2), em que temos a discussão do trabalho de Vigário (2001), no que diz respeito à comparação entre clíticos e afixos.

⁸⁷ Tradução nossa

“Embora a hierarquia prosódica seja concebida para ser universal, muitas vezes observamos que alguns domínios prosódicos parecem estar ausentes em algumas línguas. No entanto, como apontado em Nespor e Vogel (1986: 11-12), a falta de regras referentes a um determinado domínio prosódico de uma língua específica não implica que, necessariamente, esse domínio não desempenhe um papel na fonologia da língua em questão.”

sílaba e, de acordo com as regras gerais, uma palavra fonológica deve ter mais de uma sílaba. Mas como, posteriormente, a própria autora comenta, há palavras no Português atual formadas apenas por uma única sílaba, portanto este não é um argumento muito forte sobre a não consideração do grupo clítico, uma vez que há palavras fonológicas formadas apenas por uma única sílaba.

Apontamos outro fator para a consideração do comportamento do clítico junto com seu hospedeiro como uma palavra fonológica pós-lexical. Podemos afirmar que o grupo clítico está sujeito a algumas regras pós-lexicais às quais a palavra fonológica também está sujeita. Como será visto na próxima subseção, Bisol (2000, 2005b), para o PB, apresenta várias considerações sobre a capacidade de o clítico junto com seu hospedeiro estar sujeito a certas regras pós-lexicais⁸⁸, dentre as quais podemos citar: neutralização, nasalização, sonorização e principalmente as regras que envolvem o processo de sândi.

Vigário (2001, p. 209-210) aponta um caso interessante em que os clíticos podem estar envolvidos em regras fonotáticas, dentro das quais podem demonstrar certa independência ou mesmo proeminência. Estas regras ocorrem em vogais ou sílabas seguidas de segmentos que pertencem a clíticos ou a palavras prosódicas independentes. Abaixo temos a colocação de Vigário:

[...] *the segments belonging to clitic function words behave like prosodic word initial segments as far as the application of these processes is concerned. That is, the processes apply whether the vowels/syllables affected are followed by segments that belong to clitics or to independent prosodic words.*⁸⁹

- | | |
|--|-------------|
| [...] a. <i>não visto a camisola</i>
'(I) do not put on the shirt' | [u]/ø |
| b. <i>faça chuva ou faça sol</i>
'(whether) it is rainy or it is sunny' | [ɐ]/ø |
| c. <i>coitado do João</i>
'poor (of-the) John' | [dudu]/[du] |

⁸⁸ Visto que serão apresentados na próxima seção trabalhos que tratam de casos em que os clíticos estão sujeitos a certas regras pós-lexicais, mesmo que o objeto de estudo seja o PB, não iremos nos prolongar neste assunto nesta seção.

⁸⁹ Tradução nossa:

"[...] os segmentos pertencentes a um clítico se comportam como os segmentos iniciais de uma palavra prosódica, na medida em que a aplicação desses processos está em causa. Isto é, Os processos se aplicam tanto a vogais/sílabas seguidas por segmentos que pertençam a clíticos ou a uma palavra prosódica independente."

Ora, se estas regras podem ser aplicadas no contexto em que o elemento seguinte é um clítico ou uma palavra prosódica, por que não considerar o caráter de palavra fonológica dos clíticos? No contexto de *a* e *b*, Vigário (2001) demonstra que pode ocorrer a redução ou o apagamento das vogais finais das palavras diante de um clítico. Partindo desse contexto, acredito que podemos sugerir uma certa tonicidade aos clíticos em um nível lexical, fazendo com que eles se portem como palavras fonológicas, submetendo-se às mesmas regras pós-lexicais que, teoricamente, seriam categóricas para o domínio da palavra fonológica.⁹⁰ Esta hipótese pode ser viável se considerarmos que, no contexto de *a* e *b*, a redução ou apagamento estão diretamente relacionados à vogal final da palavra fonológica que antecede o clítico, ou seja, essas regras se aplicam na vogal final da palavra; e os clíticos, de certo modo, preservam sua qualidade, o que pode apontar o seu caráter tônico. Já em *c*, o que temos é a redução tanto da sílaba *do* da palavra *coitado* como a redução da vogal do clítico *do*, logo podemos afirmar que este clítico está sujeito à mesma regra de redução que sofre a vogal final da palavra *coitado*.

Outra possibilidade considerada por Vigário (2001) para *c* seria a degeminação. Como a autora afirma em seu trabalho, este é um processo que tem como limite a palavra prosódica. Mesmo se tratando de uma regra que se aplica, opcionalmente, entre a palavra prosódica e a frase fonológica a que está subordinada, os dados encontrados pela autora corroboram para o *status* da regra cujo limite é a palavra fonológica (VIGÁRIO, 2001, p.125). Assim, se um clítico pode estar sujeito à degeminação, porque não considerá-lo uma palavra fonológica? Para dar suporte a nossa colocação de que, no caso *c*, o clítico *do* se comporta como uma palavra fonológica, observemos alguns dos exemplos utilizados por Vigário (2001, p. 123), para ilustrar o processo de degeminação entre duas palavras prosódicas. A partir desses exemplos, poderemos sugerir que temos uma situação semelhante à da degeminação, só que no contexto de duas palavras fonológicas:

- (4.6) a. ele bEbe bebIdas espirituosas [bibi]/[bi]
 b. ele tEme motINs desnecessários [mimu]/[mu]

Apesar de Vigário (2001) não considerar os clíticos como palavras fonológicas, a autora aponta em seu trabalho vários casos em que o clítico está sujeito às mesmas regras da palavra fonológica; dentre estas regras podemos citar outro exemplo que corresponde à

⁹⁰ Ver nota 43, nesta Dissertação.

variação entre a ditongação e o apagamento da vogal arredondada final. De acordo com a autora, pronomes clíticos em ênclise se comportam como elementos finais de palavras prosódicas, mesmo não sendo considerados como palavras prosódicas independentes (VIGÁRIO, 2001, p. 201). A seguir temos transcritos os exemplos extraídos do trabalho de Vigário (2001, p. 201):

- (4.7) a. um belo amigo [w]/0 a'.um (belo)_ω amigo
 b. posso vê-lo agora [w]/0 b' posso (vê-lo)_ω agora
 c. embalo-a já [w]/*0 c' (embalo-a)_ω já

Em seu trabalho, como pode ser visto nesses exemplos, Vigário (2001) considera a incorporação do pronome ao verbo no caso de ênclise, por isso considera que o clítico se comporta como um elemento da palavra e não como uma palavra fonológica independente. Mas por que considerá-lo parte integrante de seu hospedeiro? Veremos, na próxima subseção (4.2.2) que, ao contrário do que Vigário (2001) considera para o PE, Bisol (2000, 2005b) afirma, para o PB, que os clíticos se adjungem ao seu hospedeiro e não se incorporam, portanto não formam uma só palavra fonológica. Se partirmos do fato da adjunção do clítico, poderíamos sugerir o que está transcrito em (4.8):

- (4.8) posso vê-lo agora [w]/0 b' posso ((vê)_ω-(lo)_ω)_C agora

O que sugerimos é a consideração do grupo clítico, pois em (4.7b), o clítico se mostra “capaz” de estar sujeito às regras de ditongação e de apagamento de sua vogal arredondada final, mesma regra que se aplica em (4.7a), em que a vogal arredondada final da palavra fonológica, no caso *belo*, sofre apagamento. O que queremos propor é que não devemos considerar o clítico junto com seu hospedeiro uma única palavra prosódica, pois os clíticos podem portar certa independência prosódica mesmo que em um nível pós-lexical. Em (4.8) sugerimos esta independência prosódica do clítico *lo* que pode se comportar como uma palavra fonológica independente, formando, assim, com seu hospedeiro o grupo clítico.

Para finalizar a discussão sobre o trabalho de Vigário (2001), em (4.7c), a autora mostra que o apagamento da vogal final da palavra *embalo* diante do monossílabo clítico *a* não é categórico. Diante deste caso não podemos sugerir que o clítico *a*, por se tratar de um

monossílabo, bloqueia o apagamento da vogal arredondada final, demonstrando deste modo a sua possível tonicidade pós-lexical? Pois, se tivéssemos o apagamento da vogal arredondada, o clítico *a* se ligaria diretamente à palavra hospedeira e não teríamos mais a ênclise, assim, por questões de preservação de estrutura, o clítico *a* bloqueia o apagamento.

Brisolara (2008, 2009) desenvolveu um trabalho muito interessante sobre a estrutura prosódica dos clíticos pronominais do PB no qual ela afirma que a hierarquia prosódica não inclui o grupo clítico.

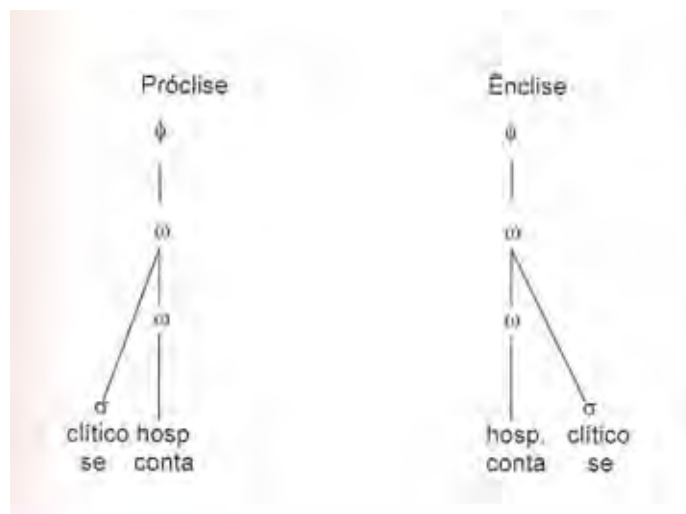
Em nossa proposta, [...], consideramos que há, na hierarquia prosódica, seis constiuintes: a sílaba (σ), o pé (Σ), a palavra fonológica (ω), a frase fonológica (Φ), a frase entonacional (I), e o enunciado (U). [...] Assim, embora apresentemos a posição a favor de uma escala prosódica sem o nível do grupo clítico, seguimos a proposta de Nespor e Vogel (1986), por seu pressuposto de que a seqüência ‘clítico-hospedeiro’ é sensível a processos fonológicos em algumas línguas. (BRISOLARA, 2009, p. 135)

Embora essa autora considere a hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986) como ponto de partida de sua pesquisa, ela não admite o grupo clítico como um constituinte prosódico. Brisolara (2008, 2009) admite recursividade na escala prosódica, ao considerar que o clítico com seu hospedeiro formam uma palavra fonológica pós-lexical sujeita unicamente a regras pós-lexicais.

Admitimos, segundo a linha de Bisol (2005), que os clíticos do PB, por estarem sujeitos apenas a processos fonológicos pós-lexicais, anexam-se ao hospedeiro no componente pós-lexical, formando com ele uma só palavra fonológica. Mas diferentemente de Bisol (2005) e de acordo com Vigário (2001), admitimos que a formação do grupo clítico como uma palavra fonológica se dá por recursividade. (BRISOLARA, 2009, p.135)

A autora constata que o clítico é prosodizado no componente lexical junto à palavra fonológica, constituindo a palavra recursiva (BRISOLARA, 2008). A seguir, reproduzimos os diagramas propostos por Brisolara (2008, 2009), nos quais a autora propõe a adjunção dos clíticos a seus hospedeiros:

(4.9)



Os argumentos apontados por Brisolara (2008) mostram que a palavra fonológica pós-lexical ou palavra recursiva insere-se no mesmo nível da palavra fonológica, já que a sequência ‘clítico-hospedeiro’ compartilha a mesma característica da palavra fonológica de portar um único acento, além de o grupo clítico estar sujeito às mesmas regras que têm como domínio de aplicação a palavra fonológica (BRISOLARA 2008, 2009). Para sustentar esta proposta, Brisolara (2008, p.156) aponta os seguintes argumentos:

- a) os clíticos com o hospedeiro são sensíveis apenas a regras pós-lexicais;
- b) proclíticos e enclíticos sujeitam-se à neutralização da postônica final
- c) a harmonia vocálica aplica-se apenas a palavras lexicais, não atingindo a sequência ‘clítico-hospedeiro’ e ‘hospedeiro-clítico’;
- d) a regra de elisão de /a/ não atinge a palavra lexical, mas atinge a sequência ‘clítico+hospedeiro’;
- e) o clítico com o hospedeiro formam uma palavra maior do que a palavra morfológica

Com estes argumentos a autora assume que a “hierarquia prosódica não necessita incluir o grupo clítico para dar conta dos clíticos, uma vez que, no PB, estes são adjungidos ao hospedeiro no componente pós-lexical, formando uma estrutura recursiva” (BRISOLARA, 2008, p. 156). Brisolara (2008, p. 156-157) apresenta o que ela classificou como “vantagens” para a não existência do grupo clítico na hierarquia prosódica:

A não existência do grupo clítico na hierarquia prosódica apresenta as seguintes vantagens, referentemente à relação ‘clítico-hospedeiro’ nas línguas

- as línguas podem ter diferentes representações prosódicas para a seqüência ‘clítico+hospedeiro’ e ‘hospedeiro+clítico’, [...] no PE, proclíticos são adjungidos ao hospedeiro, formando uma palavra recursiva; enquanto enclíticos são incorporados ao hospedeiro, constituindo uma palavra simples;⁹¹
- clíticos podem formar com o hospedeiro uma palavra prosódica lexical, uma palavra prosódica pós-lexical, uma frase fonológica, etc, havendo maior liberdade para sua representação;
- há maior liberdade na localização prosódica da seqüência ‘clítico+hospedeiro’ e ‘hospederio+clítico’ na hierarquia prosódica. No PE e o PB, por exemplo, os clíticos têm como hospedeiros palavras fonológicas; mas, segundo Peperkamp (1997), no Hausa, os clíticos têm como hospedeiros frases fonológicas, e no Bantu, frases entonacionais.

Diante dos argumentos levantados por Brisolara (2008, 2009), podemos discutir alguns pontos de seu trabalho para tentar sugerir que o grupo clítico pode ser considerado um constituinte prosódico na escala prosódica.

Iniciaremos pelo que consideramos um ponto ambíguo na pesquisa da autora. No decorrer dos dois trabalhos de Brisolara (2008, 2009), observamos, como foi visto, que a autora não considera o grupo clítico, mas considera a existência da palavra fonológica pós-lexical ou palavra recursiva que se encontra no mesmo nível da palavra fonológica dentro da hierarquia prosódica: “admitimos recursividade na escala prosódica, ao considerarmos que o clítico com o seu hospedeiro formam uma palavra fonológica pós-lexical” (BRISOLARA, 2008, p.151). Ao mesmo tempo em que a autora faz esta colocação sobre o clítico e seu hospedeiro formarem uma palavra pós-lexical, ela também considera que o grupo clítico deve ser entendido como uma palavra fonológica pós-lexical, como pode ser comprovado na citação abaixo:

[...] o grupo clítico não é uma palavra fonológica lexical, mas é, em nosso entender, uma palavra fonológica pós-lexical para o qual não há restrições de tamanho. Essa palavra fonológica pós-lexical tem exatamente o tamanho do grupo clítico na escala prosódica de Nespor e Vogel (1986). (BRISOLARA, 2008, p. 150)

Ora, se a autora admite a existência de uma palavra fonológica pós-lexical e afirma que o grupo clítico deve ser considerado como tal, logo seria lógica a consideração do grupo clítico. Assim, podemos afirmar que Brisolara (2008, 2009) acaba por se contradizer em seus trabalhos, uma vez que ela não considera a existência do grupo clítico, mas considera a palavra fonológica pós-lexical. Como veremos na próxima subseção (4.3.2),

⁹¹ É importante destacar que Brisolara (2008) retoma Vigário (2001) nessa afirmação sobre o PE.

Bisol (2000, 2005b) classifica o grupo clítico também como palavra fonológica pós-lexical.

Outro argumento que pode ser discutido sobre as proposições de Brisolara (2008, 2009) diz respeito à consideração da adjunção do clítico a seu hospedeiro estar no mesmo nível da palavra fonológica. Acreditamos que a junção ‘clítico+hospedeiro’ ou ‘hospedeiro+clítico’ não se encontra nesse mesmo nível da palavra fonológica, uma vez que este é o nível lexical mais alto dentro da hierarquia prosódica. Como foi apresentado na seção 2, a palavra fonológica é o “nível em que se faz a interação entre os componentes fonológicos e morfológico da gramática” (BISOL, 1996, p. 251), ou seja, a palavra fonológica pode corresponder ao nó terminal de uma árvore sintática, ou de forma mais clara, ela pode corresponder a uma palavra lexical. Assim, podemos apresentar mais um motivo para não considerar o grupo clítico ou palavra pós-lexical no mesmo nível da palavra fonológica, uma vez que uma palavra fonológica pode ter o mesmo tamanho de uma palavra lexical, mas isto não acontece com o grupo clítico, pois, como vimos anteriormente, Brisolara (2008, 2009) afirma que o clítico com seu hospedeiro formam uma palavra maior que a palavra lexical.

Outro fator é que a palavra fonológica está dentro do domínio das regras lexicais e das pós-lexicais, e o grupo clítico (ou palavra fonológica pós-lexical) só está sujeito às regras pós-lexicais; portanto, por que considerá-lo no mesmo nível da palavra fonológica? O fato de o grupo clítico estar sujeito somente a regras pós-lexicais, mas apresentar características que o aproxima da palavra fonológica já é um grande indício para sua consideração na escala prosódica.

Ao contrário do que coloca Brisolara (2008, 2009), veremos (em 4.3.2) que Bisol (2000, 2005b) argumenta a respeito de certas regras pós-lexicais que podem sustentar a ideia de que o grupo clítico é um constituinte prosódico. Deste modo os argumentos *c* (harmonia vocálica aplicada apenas a palavras lexicais) e *d* (regra de elisão de /a/ não se aplicar a palavra fonológica lexical) ao nosso ver não fornecem indícios suficientes para a não consideração do grupo clítico; pelo contrário, estas regras corroboram a nossa argumentação a favor do grupo clítico inserido na escala prosódica.

4.2.2 Pesquisas que consideram o grupo clítico um constituinte prosódico

Nesta subseção, iremos abordar dois trabalhos de Bisol (2000, 2005b) nos quais a autora defende a idéia de que “o clítico é prosodizado no pós-lexico junto à palavra fonológica com a qual constitui um constituinte prosódico” (BISOL, 2005b, p. 164), ou seja, de acordo com a autora, o clítico, juntamente com a palavra de conteúdo com a qual se relaciona, formam um constituinte prosódico pós-lexical.

Antes de iniciar a discussão desses dois trabalhos, que trazem argumentos muito satisfatórios em favor da existência do grupo clítico na escala prosódica, vejamos as cinco propriedades dadas aos clíticos por Bisol (2005b, p. 164):

- são átonos
- são formas dependentes
- pertencem a diferentes classes morfológicas
- são ignorados por regras sensíveis à informação morfológica
- junto de seu hospedeiro oferecem contexto para regras fonológicas pós-lexicais.

A partir dessas características, já nos deparamos com fatores que contribuem para o objetivo de nossa argumentação, dentre esses fatores citamos a dependência dos clíticos, sua insensibilidade à informação morfológica e sua sensibilidade a regras fonológicas pós-lexicais.

Sobre sua dependência, Bisol (2000, 2005b) afirma que os clíticos se adjungem a uma palavra de conteúdo formando assim o grupo clítico ou o que ela denominou como palavra fonológica pós-lexical. Essa palavra fonológica pós-lexical é o menor elemento pós-lexical dentro da escala prosódica, como afirma Bisol (2000, p. 19):

[...] os clíticos anexam-se a uma palavra fonológica pronta, sem integrá-la, emergindo daí o primeiro constituinte prosódico pós-lexical. [...] Trata-se, independentemente do rótulo, grupo clítico ou palavra fonológica pós-lexical, do menor constituinte prosódico pós-lexical.

De acordo com Bisol (2000, 2005b), o clítico mantém com seu hospedeiro uma relação de dominância, sendo que o cabeça é a palavra de conteúdo e o dominado é o clítico, portanto, temos aqui esclarecido o caráter dependente que Bisol (2005b, p. 165) apontou na caracterização dos clíticos, não importando a sua função sintática:

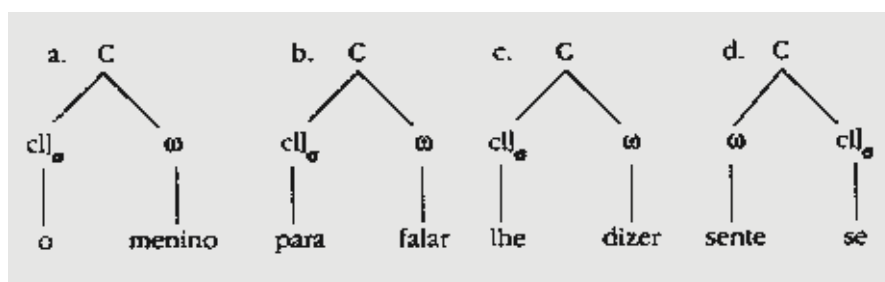
Prosodicamente, com respeito à função sintática, não importa ao clítico qual função venha a assumir junto de seu hospedeiro ou isoladamente no caso do pronome pessoal. O que conta é a relação dominante-dominado que entre os dois se estabelece, em termos de fraco e forte (w s) ou vice-versa, auferindo-lhe, junto de outras propriedades, o estatuto de constituinte prosódico, independentemente de fazer parte da escala prosódica, questão essa não consensual.

Podemos perceber que a relação de proeminência que é estabelecida entre o clítico (fraco) e o seu hospedeiro (forte), é a mesma relação de dominante-dominado que caracteriza os demais constituintes prosódicos. Logo podemos argumentar a favor do grupo clítico, uma vez que ele apresenta esta característica comum aos demais elementos da hierarquia prosódica.

Os constituintes prosódicos de uma cadeia de palavras criam-se, segundo Nespor e Vogel, através da relação forte/fraco ou vice-versa, que se estabelece entre um cabeça lexical, projetado por uma árvore sintática do tipo X-barra e todos os elementos que ficam sob o domínio do mesmo nó. (BISOL, 2000, p.8)

É importante salientar que Bisol (2000, p. 23) atesta a dependência dos clíticos em termos de constituinte, mas atesta a sua independência morfológica e sintática, como pode ser visto, no esquema proposto pela referida autora, transcrito em (4.10):

(4.10)



Como pode ser observado, o clítico se liga diretamente ao nó frasal que corresponde ao grupo clítico (C), “como se fosse uma locução, e não uma base morfológica” (BISOL, 2000, p. 23), o que comprova a sua independência morfológica e sintática, pois, caso isso não ocorresse, ele se comportaria como um afixo.

Seja denominado grupo clítico ou palavra fonológica pós-lexical, trata-se, por sua natureza frasal, de uma locução, pois envolve elementos

fonologicamente independentes. Eis aí a menor unidade prosódica do componente pós-lexical. (BISOL, 2000, p. 27)

Bisol (2000, 2005b) também fala a respeito da semelhança que o grupo clítico apresenta em relação à palavra fonológica, por ambos portarem apenas um acento, mas ela também apresenta diferenças que reforçam o fato de não considerar a prosodização do clítico e de seu hospedeiro no mesmo nível da palavra fonológica. Um dos motivos apresentados pela autora é o fato de que o grupo clítico está sujeito somente a regras pós-lexicais, enquanto que a palavra fonológica está sujeita a regras lexicais e pós-lexicais.

[...] clíticos isentos de propriedades lexicais e das regras que levam esse nome, mas sujeitos a regras pós-lexicais cujo contexto venham a satisfazer, são prosodizados junto a um hospedeiro no pós-léxico, formando um constituinte que, como a palavra fonológica, identifica-se pela presença de um só acento. (BISOL, 2005b, p. 171)

A partir de seus trabalhos, Bisol (2000, 2005b) deixa claro seu posicionamento contra a consideração de o clítico e seu hospedeiro formarem uma única palavra fonológica:

Clíticos nunca se integram a uma palavra fonológica mas a ela se anexam, por adjunção, sob o domínio de um constituinte prosodicamente mais alto. Trata-se de um constituinte prosódico que se compõe de uma palavra fonológica e de um ou mais clítico, fonologicamente silabados. (BISOL, 2000, p. 23-24)

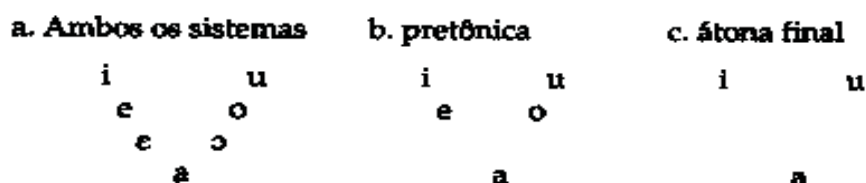
Assim como também não considera que o clítico com seu hospedeiro sejam prosodizados no mesmo nível da palavra fonológica, Bisol (2000, 2005b) considera que o clítico com seu hospedeiro se prosodizam no nível pós-lexical, diferentemente da palavra fonológica que se prosodiza no nível lexical. Além dessas diferenças, o clítico e seu hospedeiro apresentam outros pontos que os diferem da palavra fonológica como, por exemplo, o fato de a palavra fonológica ter relação direta com a morfologia, fazendo com que a palavra fonológica possa corresponder, inteiramente, à palavra lexical, o que já não acontece com ‘clítico+hospedeiro’. Enfim o “clítico e seu hospedeiro, como entidade prosódica, exposta somente a regras pós-lexicais, não pode ser confundida com a palavra fonológica correspondente à palavra lexical, a qual está sujeita tanto a regras lexicais quanto a regras pós-lexicais” (BISOL, 2005b, p. 183)

Diante do que foi exposto, podemos perceber que Bisol (2000, 2005b) deixa clara a necessidade de se considerar o grupo clítico, uma vez que ele apresenta características próprias que o diferencia da palavra fonológica. As regras fonológicas pós-lexicais que envolvem a sequência clítico e seu hospedeiro ou vice-versa são mais um argumento a favor da consideração do *status* prosódico do grupo clítico. Dentre estas regras iremos citar:

- neutralização das átonas
- nasalização
- sonorização da fricativa coronal
- a palatalização de /t/ e /d/
- as regras de sândi

A neutralização das vogais átonas finais é considerada uma regra pós-lexical em virtude de ser uma regra variável. Essa regra, em muitos dialetos, converte vogais médias finais em altas, podendo atingir tanto palavras funcionais como os clíticos, como por exemplo *se fala* ~ *si fala*; assim como palavras lexicais, como por exemplo *peixe* ~ *peixi*. Bisol (2005b, p. 168) mostra que, no PB, “o sistema de sete vogais que se manifesta na tônica é neutralizado para cinco na pretônica e para três na átona final”.⁹²

(4.11)



Essa neutralização atinge qualquer clítico, não somente os pronominais, independentemente de sua posição, como podemos observar nos exemplos retirados de Bisol (2000, p. 20)⁹³:

⁹² Neste ponto, a respeito do sistema vocálico do português, Bisol (2005) retoma o trabalho de Câmara Jr. (1985 [1975], 2007 [1970]).

⁹³ A respeito da diferenciação entre redução de clíticos e de sílabas átonas no PB, veja-se a nota 43 desta Dissertação.

(4.12)

do menino	>	du meninu
de ferro	>	di ferru
me leve	>	mi Levi
leve-me	>	levi-mi
sente-se	>	senti-si
se senti	>	si senti

A respeito da neutralização, Bisol (2000, p. 20) afirma que:

A neutralização de /e,o/, em final de palavra, onde /i,u/ respectivamente se manifestam, aplica-se em ambos os membros do grupo, como se aplica em qualquer palavra lexical ou funcional. Isso sugere que entre o clítico e seu cabeça estabelece-se uma relação de adjunção e não de integridade.

Essa afirmação de Bisol (2000, 2005b) colabora para a discussão sobre a crítica apontada por Peperkamp (1997 *apud* Brisolara 2008) a respeito do postulado de Nespor e Vogel (1986) de que o grupo clítico é um nível na escala prosódica. Segundo aquela autora, existe uma assimetria entre a próclise e a ênclise, por esse motivo os clíticos deveriam ser prosodizados fora do domínio do grupo clítico. Desse modo, de acordo com Peperkamp (1997 *apud* Brisolara 2008), a anexação do clítico junto a seu hospedeiro pode ser feita por adjunção, quando o clítico é visível às regras; ou por incorporação, quando o clítico é invisível às regras, prosodizando-se neste caso à palavra fonológica ou à frase fonológica. Para o PB, Bisol (2000, 2005b) mostra que isso não ocorre, uma vez que não existe assimetria entre a próclise e a ênclise, em ambos os casos a anexação se dá por adjunção.

Peperkamp valeu-se da assimetria entre próclise e ênclise reveladas no sistema do inglês, do alemão e do italiano, diante de certas regras, como contra-argumento ao postulado de Nespor and Vogel de que o grupo clítico é um nível da escala prosódica, sob a alegação de que os clíticos nessas línguas têm de ser invocados fora da categoria do grupo clítico, uma vez que o processo de anexação ao hospedeiro se faria em um e outro caso de forma diferente. Por adjunção quando o clítico fosse visível às regras, por incorporação quando invisível, como se o clítico e seu hospedeiro fossem duas unidades prosódicas no primeiro caso e uma só no segundo. Opositivamente, o português brasileiro mostra simetria entre próclise e ênclise pronominal, oferecendo testemunho em favor da uniformidade de formação deste grupo que se dá, por adjunção, seja qual for a posição do clítico [...]. (BISOL, 2005b, p.169)

Sobre a sonorização da fricativa coronal, Bisol (2005b) afirma que se trata de uma regra que se aplica tanto dentro da palavra como fora dela, atingindo os clíticos. “Por exemplo, *pa[s]ta*, *pa[z]ma* (palavra lexical); *o[z] meninos*, *o[s] peixes* (grupo clítico) e *casa[z] bonitas*, *casa[s] feias* (frase), [...]” (BRISOLARA, 2008, p.42). Outra regra que atinge os clíticos é a palatalização de /t/ e /d/. É uma regra pós-lexical em virtude de criar alofones.

(4.13)	a. Palavras lexicais		b. Clíticos	
	time	[ˈtʃi mi]	te vi	[tʃi] vi
	dileta	[dʒiˈlɛ ta]	de preto	[dʒi] preto

(BISOL, 2005b, p. 170)

Finalmente, a última regra pós-lexical citada por Bisol (2000, 2005b) em favor de sua argumentação a respeito do *status* prosódico do grupo clítico, trata das regras de sândi, que, segundo a autora, “oferecem argumento decisivo” para sua consideração (BISOL, 2000, p. 25). Bisol (2000, 2005b) apresenta as seguintes regras de sândi às quais os clíticos estão sujeitos: elisão e degeminação.

Bisol (2000, p. 27) afirma que, para o PB, a elisão consiste no apagamento da vogal *a*, quando seguida de outra vogal, que não seja *a*. Essa regra de sândi pode ser aplicada dentro de uma frase, por exemplo; *menina orgulhosa* > *meni[nor]gulhosa*; e entre um clítico e a palavra lexical, por exemplo: *Olhe para o lado* > *pa[ru]lado*; mas não se aplica no interior de palavra lexical, por exemplo: *saideira* > **sideira*.⁹⁴ É importante destacar que, de acordo com que postulam Nespor e Vogel (1986, p. 147), o grupo clítico é o menor nível no qual se aplicam as regras de sândi, pois um elemento só é clítico se junto com outra palavra estiver sujeito a tais regras. Por esse motivo, Bisol (2005b, p. 173) faz o seguinte comentário a respeito da elisão:

O fato de EL⁹⁵ não se aplicar dentro da palavra é um indício de que o *clítico + hospedeiro* não constitui uma palavra fonológica do tipo lexical, como *borboleta*, *parede*, *brinquedo*, embora o referido conjunto possua

⁹⁴ Todos os exemplos foram retirados de Bisol (2000, p. 26-27).

⁹⁵ Abreviatura de “elisão”.

apenas um acento. Mas vale notar que, se for preciso fazer referência ao menor domínio de aplicação dessa regra, impõe-se a presença do grupo *clítico + hospedeiro*, pois a partir daí é que a regra se estende para outros domínios. Isso é uma evidência de que o grupo clítico ocupa um espaço na literatura do português brasileiro como uma entidade prosódica, independentemente de possuir um *locus* específico na escala prosódica.

É importante comentar o caso de elisão da vogal média [-post], que se aplica unicamente no interior do grupo clítico para o PB. Afora os casos fossilizados, como, por exemplo: *falávamos nisso* > **falávamos em isso*, Bisol (2005b, p. 174) afirma que a variação encontrada nos dados atuais mostra que se trata de uma regra ativa na fala e na escrita: “*em um ~ num caso, de um ~ dum jeito, de outra ~ doutra maneira, em outra ~ noutra ocasião, de onde ~ donde ven*”.

Sobre essa forma de elisão, especificamente, Bisol (2005b, p. 174) afirma que “ocorre sobretudo em grupos formados de mais de um clítico [...] ou de um clítico e uma palavra funcional, sem acento ou com acento”.

Em relação à degeminação, Bisol (2000, p. 26) afirma que “consiste na perda de uma sílaba e fusão de vogais idênticas”. Esta regra se aplica no interior do vocábulo, independentemente de tratar-se de um prefixo de caráter composicional, como por exemplo: *reestabelecer ~ restabelecer*; e de estar no contexto de fronteiras morfológicas, como por exemplo: *álcool ~ álcool*; aplica-se entre o clítico e seu hospedeiro, por exemplo: *ele se esquece ~ [sis]quece*; e finalmente, dentro de uma frase: *casa amarela ~ ca[z]amarela*. Bisol (2000) também menciona que a degeminação pode ser aplicada entre entidades prosódicas maiores que as já referidas.

Bisol (2000, p. 28) conclui que “a elisão, diferentemente da degeminação, abrange todos os domínios prosódicos do pós-lexico, do maior ao menor, manifestando-se exclusivamente como sândi”.

Todos esses argumentos expostos por Bisol (2000, 2005b) corroboram para a hipótese de prosodização do clítico em nível pós-lexical, afirmando, assim, a existência do grupo clítico dentro da escala prosódica.

Em suma, depois de contemplarmos o clítico com seu hospedeiro em sua disponibilidade para sofrer regras pós-lexicais e nenhuma regra lexical e verificar sua função como domínio de regras que não são muitas em virtude de os clíticos formarem uma classe limitada de itens, e finalmente, constatar seu papel em certas regras, podemos afirmar que estamos diante um constituinte prosódico cujo papel na fonologia do

português brasileiro não pode ser negligenciado. Chamemo-lo grupo clítico ou palavra fonológica pós-lexical. (BISOL, 2005b, p. 183)

Através da exposição das duas vertentes, contra e a favor da consideração do grupo clítico, foi possível argumentar sobre o objeto de estudo desta Dissertação que trabalha com a hipótese de que o grupo clítico ocupa um espaço na escala prosódica. Por meio dos trabalhos revisitados, verificamos e comprovamos que grupo clítico ou palavra fonológica pós-lexical é um domínio do pós-léxico que não se prosodiza no mesmo nível da palavra fonológica. Também observamos que, apesar de o clítico não apresentar as mesmas características lexicais da palavra fonológica, ele apresenta indícios para a sua consideração junto à sua palavra adjacente para a formação do grupo clítico, como forte argumento para esses indícios temos as regras pós-lexicais a que estão sujeitos.

4.3 Considerações finais

Esta seção contribuiu com um breve panorama sobre a natureza dos clíticos, além das considerações e das discussões sobre importantes estudos a respeito da consideração ou não do grupo clítico como constituinte prosódico. Todo este levantamento contribuiu para uma melhor elaboração das análises que se seguem na próxima seção.

5 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O objetivo desta seção é apresentar os dados obtidos por este trabalho, a partir da observação das CSM, no que diz respeito à consideração da existência do grupo clítico dentro da hierarquia prosódica do PA.

5.1 Sobre as formas de cliticização nas CSM

Valendo-nos de todo esse levantamento preliminar a respeito dos clíticos, o critério utilizado nesta Dissertação, para a identificação dos clíticos, levou em consideração as opiniões dos autores analisados; mas, como somente os pronomes oblíquos estão sujeitos às três formas de cliticização, optamos por trabalhar unicamente com o seu mapeamento. Tomando o *corpus* analisado, é necessário frisar que as análises não consideraram os clíticos presentes nos títulos (epígrafes) das cantigas, e que os que estão presentes no refrão foram considerados uma única vez.

Partindo da metodologia já exposta neste trabalho, encontramos um total de 1962 casos de pronomes oblíquos, dentre os quais podemos destacar o grande uso proclítico dos pronomes átonos, seguido do uso enclítico e, por último, o uso mesoclítico; este fato pode ser comprovado na tabela abaixo:⁹⁶

Tabela 5.1 Cliticização dos pronomes clíticos

Pronome	PRÓCLISE	ÊNCLISE	MESÓCLISE
Oblíquo acusativo	504 (25,69%)	144 (7,34%)	6 (0,30%)
Oblíquo dativo	584 (29,77%)	238 (12,13%)	16 (0,82%)
Reflexivo	268 (13,66%)	120 (6,11%)	8 (0,41%)
Dativo + Acusativo	55 (2,8%)	15 (0,77%)	1 (0,05%)
Reflexivo + Acusativo	3 (0,15%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	1414 (72,07%)	517 (26,35%)	31 (1,58%)

Os resultados acima demonstram que, na época medieval, a próclise era o mecanismo mais recorrente de cliticização, em comparação com a ênclise e a mesóclise. Pode ser observado que o número total do uso da próclise é muito superior ao uso da

⁹⁶ É importante destacar que, na contabilização dos dados encontrados, foram considerados todos os casos de cliticização dos pronomes oblíquos clíticos, mas na subseção 5.2 não serão considerados os casos em que há material interveniente entre o clítico e sua palavra hospedeira, pois se trata de um assunto que será abordado em trabalhos futuros.

ênclise e da mesóclise. O uso próclítico aparece 72,07%, enquanto que o uso enclítico e mesoclítico aparecem, respectivamente, em 26,35% e 1,58% dos casos, dados que demonstram a preferência pelo uso da próclise em comparação com as outras duas formas de cliticização. Além disso, como já destacamos na subseção 3.1, diversos fatores influenciam no uso próclítico dos pronomes.

5.2 Argumentos para a consideração do grupo clítico como um constituinte prosódico relevante ao PA

Nesta subseção, iremos apresentar a análise dos dados obtidos na pesquisa que nos direcionam para a consideração do grupo clítico como um constituinte prosódico relevante ao PA. Para que nossa hipótese fosse sustentada, partimos de três argumentos que podem colaborar para a proposição desse trabalho: a métrica; a música e o processo de sândi.

5.2.1 A estrutura métrico-poética

Como pode ser visto na seção 3 desta Dissertação, a métrica foi um importante aliado para a metodologia proposta por Massini-Cagliari (1995) e, conseqüentemente, também o será para esta pesquisa. Partindo dessa metodologia, o presente trabalho irá colocar em prova um dos fatores que pode trazer evidências para a consideração do grupo clítico como constituinte prosódico relevante ao PA. A partir da observação das sílabas métricas nas cantigas, podemos observar os casos em que a proeminência poética poderá recair sobre um clítico, ou seja, casos em que o pronome clítico receberá um acento no nível poético. Este fato pode trazer evidências de que os clíticos podem apresentar alguma proeminência, em nível lexical; se não aparecerem, provavelmente, não possuem proeminência neste nível, constituindo, junto com o item lexical dotado de acento mais próximo ao qual se subordinam, uma palavra fonológica.

Para dar início à explanação das análises, é importante comentar que foram verificadas as possibilidades de os clíticos assumirem ou não proeminência poética. A possibilidade de os clíticos não assumirem proeminência poética é o que seria mais esperado, uma vez que, mesmo que os clíticos sejam adjungidos prosodicamente ao grupo clítico, normalmente, nesse nível, são fracos, em comparação com a palavra fonológica hospedeira, que é forte, porque é o núcleo. O importante é que puderam ser mapeados,

mesmo que poucos, alguns casos em que o clítico assume proeminência poética.⁹⁷ Esses casos podem constituir evidência a favor da consideração da adjunção prosódica do clítico apenas no grupo clítico, pois o fato de poderem assumir proeminência poética mostra que têm algum tipo de proeminência em níveis prosódicos inferiores (ou seja, no nível da palavra fonológica).

A seguir serão apresentados alguns dos casos em que o clítico aparece em proeminência poética. Como a base para que se possa verificar se existe alguma chance de os pronomes clíticos receberem proeminência poética é a escansão em sílabas métricas, foi utilizada na análise dos dados a contagem de sílabas poéticas proposta por Mettmann (1986), que adota a contagem das sílabas poéticas até a última tônica.

Nos versos transcritos em (5.1), segundo Mettmann (1986, p. 79), temos heptassílabos; analisando a contagem métrica destes versos, podemos sugerir que se trata de versos claramente trocaicos. Logo, podemos observar que, em um dos versos, temos o pronome clítico *se* em posição de proeminência.

(5.1)

Mas¹/un²/ **d**i³/a⁴/ **s**i⁵/na⁶/**a**⁷/do
en¹/ que²/ **D**eus³/ quis⁴/ **e**n⁵/car⁶/**n**ar⁷,
o¹/ con²/**v**en³/to⁴/ **f**oi⁵/ le⁶/**v**a⁷/do
de¹/ co²/**m**er³, e⁴/ **a**⁵/ re⁶/**z**ar⁷
se¹/fil²/**l**a³/ron⁴/ **b**en⁵/ pro⁶/**v**a⁷/do

(CSM 88; 56-60)

Nos versos da quarta estrofe da Cantiga número 5, transcritos em (5.2), podemos observar a presença do clítico *lle* (em vermelho, negrito e sublinhado) que possivelmente recebe o acento métrico poético, e outro caso do clítico *les* (em vermelho), que não apresenta proeminência poética, já que sugerimos a possibilidade de o acento recair sobre as sílabas (1) ou (2); (4) ou (5) e (7) dos versos heptassílabos.

⁹⁷ É importante salientar que os casos exemplificados nesta Dissertação não dizem respeito a todos os casos encontrados no *corpus*, uma vez que não foi feita uma quantificação de todos os dados em que os pronomes clíticos recebem o acento poético dos versos, pois o que é relevante, para este trabalho, é verificar se existe a possibilidade de os clíticos receberem acento ou não (basta que um ou dois clíticos recebam acento, para favorecer nosso argumento). Portanto os exemplos utilizados servem para ilustrar alguns dos casos encontrados, mas não se referem a todos que possam existir no *corpus*.

(5.2)

O¹/ju²/deu³/e⁴y⁵/pra⁶/zer⁷
ou¹/ve²/,ca³/**lle**⁴/pa⁵/re⁶/ci⁷/a
 que¹/os²/ti³/as⁴/a⁵/co⁶/mer⁷
lles¹/**da**²/va³/**San**⁴/ta⁵/Ma⁶/ri⁷/a,
 que¹/**vii**²/a³/**res**⁴/pran⁵/de⁶/cer⁷
 e¹/no²/al³/**tar**⁴/u⁵/si⁶/i⁷/a
 e¹/**e**²/nos³/**bra**⁴/ços⁵/tê⁶/er⁷
 seu¹/**Fi**²/llo³/**He**⁴/ma⁵/nu⁶/el⁷.
 A¹/**Ma**²/dre³/do⁴/**que**⁵/li⁶/vrou⁷...

Em (5.3), talvez tenhamos um exemplo mais evidente que comprove a possibilidade de alguns clíticos estarem em proeminência poética. Segundo Mettmann (1986), no caso em questão, temos um verso grave de sete sílabas poéticas (heptassílabo); para se obter tal contagem métrica, possivelmente o trovador não considerou a junção do pronome oblíquo *a* à palavra *demo*, uma vez que, ao contrário do que ocorre na poesia atual, a elisão era marcada na escrita trovadoresca através da omissão da vogal que deveria ser apagada. O que em regras gerais seria categórico atualmente - já que, na contagem métrica, quando nos deparamos com um encontro vocálico a regra nos dita que façamos sua união, contando apenas uma sílaba - não acontece com a lírica trovadoresca.

[...] se uma palavra termina em vogal, dentro do verso, e a palavra seguinte começa por uma vogal, o poeta poderá juntar essas duas sílabas (a sílaba final de uma palavra e a primeira sílaba da palavra seguinte) em uma sílaba poética apenas, caso elas sejam pronunciadas em um só tempo. (COSTA, 2006, p.6)

Os versos abaixo possuem um ritmo poético claramente alternante entre sílabas fortes e fracas; analisando-os desta forma, os clíticos *a* e *lles* aparecem em posições nas quais se espera que sílabas fortes ocorram. Este fato pode ser uma evidência de que poderiam ter algum nível de proeminência em constituintes inferiores ao grupo clítico, para que possam ser elegíveis para o recebimento da proeminência poética.

(5.3)

lo¹/g²/o²/**de**³/mo⁴/**a**⁵/pren⁶/**di**⁷/a
 e¹/con²/**muy**³/gran⁴/**d'** a⁵/le⁶/**gri**⁷/a
 (...)
Gran¹/re²/**ffer**³/ta⁴/**y**⁵/cre⁶/**ci**⁷/a,
 ca¹/o²/**de**³/mo⁴/**lles**⁵/**di**⁶/**zi**⁷/a:

(CSM 11; 37- 38, 45-46)

Em (5.4) temos um caso em que a possível tonicidade do pronome oblíquo acusativo *o* pode ser condicionada pelo fato de esse clítico não ser adjungido na contagem métrica com a sílaba (7). De acordo com as regras de metrificação, como já foi visto em (5.3), no encontro de duas vogais é categórica a junção das sílabas a que pertencem estas vogais em uma só sílaba métrica, mas isto não acontece, uma vez que, para que se atinjam dez sílabas poéticas (METTMANN, 1986), o artigo *o* não é adjungido à sílaba *mo* da palavra *como*.

(5.4)

De¹/ vos.²/ E³/ con⁴/ tou⁵/ co⁶/ mo⁷/ **o**⁸/ ma⁹/ ta¹⁰/ ran
 e¹/ co²/ me³/ di⁴/ a⁵/ bres⁶/ al⁷/ ma⁸/ cui⁹/ da¹⁰/ ran
 le¹/ var²/ que³/ sen⁴/ con⁵/ fis⁶/ son⁷/ a⁸/ cha⁹/ ran.
 «Mas¹/ non²/ quis³/ a⁴/ Vir⁵/ gen⁶/, das⁷/ ou⁸/ trás⁹/ mel¹⁰/ lor¹¹,
 Atal Sennor...

(CSM 96; 51-55)

Já em (5.5), provavelmente, seguindo a contagem métrica de Mettmann (1986), os versos de treze sílabas métricas em questão apresentam proeminência poética em (8), (10) ou (11) e (13), sendo que, em um dos casos, na sílaba métrica (8) temos um pronome clítico.

(5.5)

Mas¹/ con²/ coi³/ ta⁴/ gran⁵/ de⁶/ que⁷/ **tí**⁸/ ia⁹/ no¹⁰/ **co**¹¹/ ra¹²/ **çon**¹³,
 co¹/ m' o²/ me³/ fo⁴/ ra⁵/ de⁶/ seu⁷/ **si**⁸/ so⁹/, se¹⁰/ **foi**¹¹/ en¹²/ **ton**¹³
 a¹/ un²/ san³/ t' a⁴/ ba⁵/ de⁶/ e⁷/ **dis**⁸/ se⁹/ -ll' en¹⁰/ **con**¹¹/ fis¹²/ **son**¹³
 que¹/ a²/ Deus³/ ro⁴/ gas⁵/ se⁶/ que⁷/ **lla**⁸/ fe⁹/ **zes**¹⁰/ se¹¹/ gã¹²/ **ar**¹³
 Quen¹/ do²/ na³/ fre⁴/ mo⁵/ sa⁶/ e⁷/ **bō**⁸/ a⁹/ qui¹⁰/ ser¹¹/ a¹²/ **mar**¹³ ...

(CSM 16; 30-34)

Nos versos da cantiga 33, podemos sugerir uma alternância entre sílabas fortes e fracas em seus versos hepatassílabos. Partindo deste fato, possivelmente o pronome reflexivo *se* recebe o acento poético, já que, provavelmente, a tonicidade métrica recai sobre as sílabas (1) ou (2), (5), (7).

(5.6)

O¹/ mē²/ es.³/ E⁴/ **u**⁵/ sal⁶/ **tar**⁷
 de¹/ les²/ **quis**³/ e⁴/ **se**⁵/ lan⁶/ **çar**⁷

cui¹/dou²/no³/ba⁴/tel⁵/; mas⁶/dar⁷
 foi¹/de²/pe³/es⁴/en⁵/xer⁶/men⁷/tos
 que¹/y²/e³/ran⁴/, e⁵/tom⁶/bar⁷

(CSM 33; 31-35)

Na primeira estrofe da cantiga cantiga 59, sugerimos a possibilidade de o acento poético recair sobre o pronome oblíquo dativo: *vos*. Segundo Mettmann (1986, p. 201), temos versos de sete sílabas poéticas.

(5.7)

E¹/da²/ques³/to⁴/un⁵/gran⁶/fei⁷/to
 dun¹/mi²/ra³/gre⁴/vos⁵/di⁶/rei⁷
 que¹/fez²/mui³/fre⁴/mo⁵/s' a⁶/fei⁷/to
 a¹/Ma²/dre³/do⁴/al⁵/to⁶/Rey⁷,
 per¹/co²/m' eu³/es⁴/cri⁵/t' a⁶/chey⁷,
 se¹/me²/qui³/ser⁴/des⁵/o⁶/yr⁷.

Em (5.8), temos um caso em que, possivelmente, o acento poético recai sobre o pronome oblíquo dativo *lles* (em negrito e vermelho). De acordo com Mettmann (1986), temos uma redondilha maior, e, provavelmente, a tonicidade métrica recai sobre as sílabas (5) e (7), evidenciando um ritmo alternante em fortes e fracos.

(5.8)

Ca¹/os²/nem³/bros⁴/lles⁵/ca⁶/y⁷/an,
 e¹/sol²/dor³/mir⁴/nen⁵/co⁶/mer⁷
 per¹/nul²/la³/ren⁴/non⁵/po⁶/di⁷/an
 nen¹/en²/seus³/pe⁴/es⁵/s' er⁶/ger⁷,

(CSM 91; 34-37)

Os versos transcritos abaixo foram retirados da cantiga 94. Logo no primeiro verso podemos observar a possibilidade de o pronome oblíquo acusativo *nos* (em negrito) estar em proeminência poética. Segundo Mettmann (1986), estamos diante de uma estrofe composta por versos de sete e cinco sílabas métricas e, de acordo com as análises realizadas neste estudo, sugere-se que o acento poético recaia sobre as sílabas (1) ou (2), (3), (4) ou (5) e (7), já que o verso em questão tem uma cadência nitidamente trocaica.

(5.9)

De¹/ver²/go³/nna⁴/**nos**⁵/ guar⁶/**dar**⁷
 pun¹/na²/ to³/da⁴/vi⁵/a
 e¹/ de²/ fa³/lir⁴/ e⁵/ d'er⁶/**rar**⁷
 a¹/ **Vir**²/gen³/ Ma⁴/**ri**⁵/a.

(CSM 94; 3-6)

Em (5.10), temos transcrita a segunda estrofe da cantiga 37. De acordo com Mettmann (1986, p. 151), os três primeiros versos de cada estrofe são formados por doze sílabas métricas. Na escansão desses versos podemos sugerir que o acento poético recaia sobre as sílabas (2), (5), (10) e (12); logo teremos o clítico *vos* em posição de acento poético.

(5.10)

Fre¹/**mo**²/sos³/ mi⁴/**ra**⁵/gres⁶/ faz⁷/ que⁸/ en⁹/**Deus**¹⁰/ cre¹¹/**a**¹²/mos,
 e¹/ma²/ra³/vil⁴/**lo**⁵/sos⁶/, por⁷/ que⁸/ o⁹/**mais**¹⁰/ te¹¹/**ma**¹²/mos;
 po¹/**ren**²/d'un³/ da⁴/**ques**⁵/tes⁶/ é⁷/ben⁸/ que⁹/**vos**¹⁰/ di¹¹/**ga**¹²/mos,
 dos mais piedosos,
Mirages fremosos...

Agora, serão expostos alguns casos em que os clíticos não estão em posição de acento, portanto não apresentam proeminência poética. Os versos abaixo, de acordo com Mettmann (1986, p. 275), são redondilhas maiores; em sua escansão percebemos que o pronome reflexivo *se* não está em posição de proeminência poética.

(5.11)

Mui¹/to²/sse³/ **de**⁴/ven⁵/ tẽ⁶/**er**⁷
 por¹/ **gen**²/tes³/ de⁴/ **mal**⁵/ re⁶/**ca**⁷/do
os¹ /que²/ **mal**³/ cui⁴/**dan**⁵/ fa⁶/**zer**⁷
 a¹/a²/ de³/ que⁴/ **Deus**⁵/ foi⁶/ **na**⁷/do.

(CSM 99; 4-7)

Em (5.12), estão transcritos alguns versos de treze sílabas métricas (METTMANN, 1986), em que, provavelmente, o clítico *lhe* não recebe proeminência poética, já que os versos têm principalmente cinco acentos poéticos cada, recaindo principalmente na 1^a, na 5^a, na 9^a ou na 11^a e na 13^a sílabas.

(5.12)

E¹/ com²/ to³/d' a⁴/**ques**⁵/to⁶/, da⁷/va⁸/ **seu**⁹/ a¹⁰/**ver**¹¹/ tan¹²/ **ben**¹³
e¹/ tan²/ fra³/ca⁴/**men**⁵/te⁶/, que⁷/**lhe**⁸/ **non**⁹/ fi¹⁰/**ca**¹¹/va¹²/ **ren**¹³
mas¹/ quan²/do³/ di⁴/**zi**⁵/a⁶/ a⁷/a⁸/ **do**⁹/na¹⁰/ que¹¹/ o¹²/ **sen**¹³

(CSM 16; 20-22)

A partir da constituição métrico-poética dos versos analisados, é possível mapear casos em que os clíticos assumem proeminência poética e outros casos (mais comuns) em que não assumem. A possibilidade de não assumirem proeminência poética corresponde à situação que seria mais esperada, uma vez que, mesmo que os clíticos sejam adjungidos prosodicamente ao grupo clítico, normalmente, nesse nível, são fracos, em comparação com a palavra fonológica a que se subordinam, que é forte, porque é o núcleo. O importante é que puderam ser mapeados, mesmo que poucos, alguns casos em que o clítico assume proeminência poética. Esses casos podem constituir evidência a favor da consideração da adjunção prosódica do clítico apenas no grupo clítico, pois o fato de poderem assumir proeminência poética, mesmo que esporadicamente, mostra que têm algum tipo de proeminência em níveis prosódicos inferiores (ou seja, no nível da palavra fonológica).

Os dados de proeminência poética podem nos apontar para a consideração do grupo clítico como um constituinte prosódico relevante no PA, mesmo que as análises realizadas afirmem, sintática e fonologicamente, a atonicidade deste grupo, uma vez que seus constituintes sempre se subordinam a outras palavras. Os exemplos acima podem confirmar que, em alguns casos, possivelmente, ocorre a proeminência poética de pronomes clíticos; sendo assim, é importante ressaltar que tais dados sugerem um problema ou até mesmo uma contradição, uma vez que o que se espera é que os clíticos sejam, necessariamente, átonos e, portanto se subordinem a uma palavra portadora de acento.

Desta forma, a constatação de que os pronomes clíticos podem assumir proeminência poética, mesmo que apenas esporadicamente, é um argumento a favor da consideração de que assumem proeminência no nível lexical, ou seja, da palavra fonológica, e de que são adjungidos prosodicamente no nível do grupo clítico. Mesmo do ponto de vista de Selkirk (1984), que não considera o grupo clítico um nível prosódico independente, o fato de os clíticos nas CSM poderem assumir proeminência poética sugere

que, na hierarquia prosódica considerada por essa autora, eles teriam que ser considerados como palavras fonológicas independentes, que se adjungiriam à palavra fonológica seguinte (próclise) ou anterior (ênclise), sempre em uma relação de menor proeminência, em relação a esta.

5.2.2 A música

Como o *corpus* de análise apresentado neste trabalho constitui-se de uma coleção de cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, com notação musical, o mapeamento das posições tônicas tanto no nível musical como no nível prosódico pode fornecer pistas a respeito do caráter tônico ou átono dos clíticos no PA e, desta forma, evidências a respeito do domínio de sua adjunção: se à palavra fonológica ou ao grupo clítico.

A este respeito, foi realizada uma releitura dos trabalhos de Massini-Cagliari (2008a,b,c,d; 2009; 2010a,b, 2011) e Costa (2008, 2009, 2010); trata-se de dois estudiosos que desenvolveram trabalhos interessantes sobre o ritmo linguístico com base na abstração da estrutura prosódica de um período passado da língua a partir da análise musical das cantigas. A interface com a música se mostrou indispensável no estudo destes dois autores, uma vez que “as poesias medievais galego-protuguesas eram cantigas, isto é, peças poético musicais feitas para serem cantadas” (MASSINI-CAGLIARI, 2008c, p.2).

A metodologia de trabalho desenvolvida por esses dois autores aponta para a possibilidade de se realizar uma análise linguística do acento e do ritmo (linguísticos) do PA a partir de um paralelo com o texto poético e a notação musical:

A idéia que subjaz a esta metodologia é a de que as proeminências musicais devem se combinar preferencialmente com proeminências nos níveis poético e linguístico. Desta forma, a divisão dos compassos musicais das cantigas e a localização dos tempos fortes das batidas musicais podem auxiliar, por exemplo, na determinação de proeminência principal de palavras que não tenham ocorrido em posição de rima no *corpus* (a sílaba que ocorre em posição de proeminência musical tem muito mais chance de ser tônica do que a que não ocorre); ou na determinação do *status* prosódico (átono ou tônico) de clíticos (que geralmente não ocorrem em posição tônica final de verso). (MASSINI-CAGLIARI, 2008b, p.14)

É importante destacar que esses trabalhos resgatam a relevância da metodologia inaugurada por Massini-Cagliari (1995), discutida nesta Dissertação. De acordo com Costa

(2010, p. 101), a proposta de elaboração de uma metodologia que levasse em consideração a observação das proeminências musicais, a observação do texto do poema das cantigas e da sua estrutura métrico-poética surgiu a partir de um estudo de Ferreira (2005, p. 72), em que este autor afirma que os acentos musicais estão em relação direta com os acentos do poema nas cantigas de amigo.

Levando em consideração trabalhos que versaram sobre a análise da comparação entre música e poesia de outras línguas, Massini-Cagliari (2008a, b, c, d) e Costa (2010) propõem para o PA a possibilidade de se estudar o acento e o ritmo dessa língua a partir de um paralelo da notação musical e do texto poético. De acordo com esses autores a possibilidade de as proeminências linguísticas recaírem sobre as proeminências musicais é bem relevante; a este respeito, Costa (2010)⁹⁸ afirma que é possível a constatação das sílabas tônicas dos poemas através dos tempos fortes dos compassos.

[...] os tempos fortes dos compassos musicais podem indicar a localização das sílabas tônicas no texto dos poemas, em textos poéticos musicados, fornecendo pistas para a descrição e análise do acento e do ritmo da língua em que são compostos estes textos. Vimos que as proeminências no nível musical (notas presentes no tempo mais forte do compasso musical, o primeiro tempo) marcam preferencialmente proeminências no nível linguístico (sílabas tônicas de palavras com mais de uma sílaba ou monossílabo tônico.). (COSTA, 2010, p. 137)

Em um artigo, Massini-Cagliari (2008c) trabalha com a análise do ritmo de uma das cantigas religiosas (CSM 35). Nesse trabalho a autora observa um percentual de 58,35% de coincidências entre proeminências musicais e linguísticas, fato que evidencia a possibilidade de que a interface Música/Linguística pode trazer contribuições para a análise linguística da prosódia de línguas das quais não se tem registros orais.

Através de outras análises das CSM, os dois estudiosos revisitados também demonstraram, em seus trabalhos, a possibilidade de os clíticos apresentarem proeminência musical, fato que pode sugerir a possibilidade de considerar o grupo clítico como um constituinte prosódico, já que “a observação de fatos desta natureza mostra que a notação musical pode também servir para dirimir dúvidas quanto à delimitação de constituintes prosódicos em posição final e interna de verso” (MASSINI-CAGLIARI, 2008d, p. 21).

⁹⁸ Para este trabalho, Costa utiliza a transcrição para a notação musical feita por Anglés (1943).

[...] da mesma forma como ocorre com as canções atuais em PB e em outras línguas, há a possibilidade de sílabas com outra pauta prosódica, átonas finais, pretônicas ou monossílabos átonos (clíticos) caírem na posição proeminente em nível musical. (MASSINI-CAGLIARI, 2008d, p. 21)

Costa (2008)⁹⁹ aponta para um dado importante a respeito dos monossílabos (neste caso, incluem-se os pronomes clíticos, uma vez que são monossílabos), muito relevante para esta investigação. O autor em questão assegura a possibilidade de tal tipo de palavras receberem proeminência musical, mesmo que gramaticalmente não recebam acento.

Em relação aos monossílabos, levando-se em consideração a questão da tonicidade, pode-se dizer que eles podem ser acentuados ou não, dependendo da relação que estabelecem com as demais sílabas das outras palavras. Sendo assim, se eles estiverem localizados em um lugar de proeminência musical, também serão proeminentes em relação às outras sílabas que os rodeiam no nível lingüístico, já que uma maior intensidade na nota musical provavelmente exigirá uma maior intensidade na pronúncia da sílaba. (COSTA, 2008, p. 4)

Retomando o trabalho de Massini-Cagliari (2008c, p. 3-4), a autora observa um percentual de 16,9% de coincidências entre as proeminências musicais e lingüísticas para os clíticos. Mesmo não se tratando de um grande percentual, de acordo com a estudiosa, este dado pode fornecer indícios de que, pelo fato de esses elementos assumirem certa proeminência no verso, eles não sejam completamente átonos.¹⁰⁰

Massini-Cagliari (2009, p. 74) comprova a hipótese de proeminência dos clíticos, quando, a partir de análises, demonstra que “o monossílabo tônico *que* convive em um mesmo ambiente musical com os clíticos *me* e *lhi*”, conforme se pode ver na figura 5.1, abaixo; sendo o ambiente de tonicidade musical o mesmo, o peso prosódico a ser aproveitado pelas proeminências musicais é o mesmo, tanto no caso dos monossílabos tônicos quanto dos clíticos.

⁹⁹ Vale ressaltar que para este trabalho o referido autor utilizou as pautas musicais das CSM transcritas por Ferreira (1986) para a notação musical atual.

¹⁰⁰ Vale ressaltar que as análises feitas pela autora, nesse artigo, baseiam-se em transcrições das cantigas para notação musical atual, feitas por Anglés (1943).

2. se me Deus an - t'os seus o - lhos le - var,
 8. o que mha se - nhor fre - mo - sa fa - rá
 14. que lhi fiz tor - to tan des - co - mu - nal,

Figura 5.1: Versos 2, 8 e 14 da cantiga *Non sei como me salv'a mha senhor*, de D. Dinis, no Pergaminho *Sharrer 6*, na interpretação de Ferreira (2005) – linha musical 2. (apud MASSINI-CAGLIARI, 2009, p. 74)

Em outro trabalho, Massini-Cagliari (2008b) constata um percentual de 15,6% de coincidências entre proeminências musicais e linguísticas para os clíticos na CSM 100. Nesse trabalho a fonóloga já mostra que monossílabos considerados átonos poderiam receber proeminência poética, e principalmente constata que entre tais monossílabos estavam os pronomes clíticos.

Esta é uma pista de que, naquela época, os clíticos talvez pudessem assumir proeminência – o que os torna subordinados prosodicamente, mas não completamente átonos, portanto, não tão “clíticos”. Nesse sentido, a consideração da notação musical pode trazer pistas importantíssimas quanto à identificação dos verdadeiros clíticos prosódicos e sintáticos, naquela época. (MASSINI-CAGLIARI, 2008b, p. 15).

Costa (2010) também constatou a possibilidade de os monossílabos átonos, caso em que se incluem os clíticos, aparecerem em proeminência musical, mesmo que esporadicamente. A este respeito o autor afirma que se esperava um comportamento contrário destes monossílabos, em relação às proeminências musicais, uma vez que, “a expectativa era de que os monossílabos considerados átonos aparecessem mais fora da posição de proeminência musical do que nela” (COSTA, 2010, p. 140). A seguir temos uma tabela que demonstra os dados obtidos por Costa (2010) a respeito da coincidência entre as proeminências musicais e linguísticas dos clíticos:

Tabela 5.2 Proeminência musical dos clíticos (Costa 2010, p. 142).

Monossílabo	n° total de vezes que apareceu	n° de vezes que apareceu em posição de proeminência musical (percentual)	n° de vezes que apareceu fora da posição de proeminência musical (percentual)
a	1244	632 (50,80%)	612 (49,19%)
as	86	43 (50%)	43 (50%)
che	17	2 (11,76%)	15 (88,23%)
la	40	17 (42,5%)	23 (57,5%)
las	11	4 (36,36%)	7 (63,64%)
lla	21	12 (57,14%)	9 (42,86%)
llas	5	3 (60%)	2 (40%)
lle	454	133 (29,30%)	321 (70,7%)
lles	67	34 (50,75%)	33 (49,25%)
llo	22	11 (50%)	11 (50%)
llos	2	1 (50%)	1 (50%)
lo	72	34 (47,22%)	38 (52,78%)
los	22	8 (36,36%)	14 (63,64%)
me	134	39 (29,1%)	95 (70,9%)
na	111	59 (53,15%)	52 (46,85%)
nas	10	5 (50%)	5 (50%)
no	81	31 (38,27%)	50 (61,73%)
nos	145	64 (44,14%)	81 (55,86%)
o	820	403 (49,15%)	417 (50,85%)
se	182	74 (40,66%)	108 (59,34%)
sse	158	29 (18,35%)	129 (81,65%)
te	72	29 (40,28%)	43 (59,72%)
xe	20	6 (30%)	14 (70%)
xu	3	1 (33,33%)	2 (66,67%)

A partir dos dados obtidos, Costa (2010, p. 142-143) constata que, analisando o comportamento dos clíticos, pode-se afirmar que há uma tendência maior para que esses elementos sejam considerados átonos, já que, na maior parte dos casos, tais palavras apareceram mais fora da posição de proeminência musical do que nela. No entanto, devido ao equilíbrio apresentado nos percentuais de ocorrência de uma parte considerável desses monossílabos, tanto em posição de proeminência musical quanto fora dela, pode-se concluir que, apesar de não se ter certeza de que os clíticos do PA tinham caráter tônico, é possível afirmar que há indícios de sua relativa independência prosódica, uma vez que, em certos contextos, eles podem assumir proeminência.

Outro dado importante sobre a interface Música-Linguística é apontado por Massini-Cagliari (2008d, p. 22), que afirma que a extração de elementos da notação musical pode se constituir em argumentos para a realização das cantigas quanto à delimitação de constituintes prosódicos mais altos.

Os exemplos focalizados mostram que é possível extrair elementos da notação musical que podem se constituir em argumentos para a realização fonética das cantigas, quanto à sua estrutura silábica e ao seu ritmo

lingüístico (no que diz respeito à ocorrência de acentos secundários, à identificação do padrão prosódico de palavras específicas e à delimitação de constituintes prosódicos mais altos). (MASSINI-CAGLIARI, 2008d, p. 22)

Por meio dos trabalhos analisados, podemos sugerir que a possível independência dos clíticos no nível prosódico aponta para a existência do grupo clítico dentro da hierarquia prosódica do PA, uma vez que, tendo em vista sua provável tonicidade musical, a sequência clítico+hospedeiro constituiria o grupo clítico, delimitando assim um constituinte prosódico mais alto.

Deste modo, como os clíticos do PA podem assumir proeminência em nível musical, e, como nesse nível, na maior parte das vezes, as proeminências musicais se combinam com proeminências linguísticas, pode-se dizer que esse fato constitui uma evidência de que os clíticos, naquela época, tinham algum tipo de proeminência, no nível lexical. Assim sendo, só poderiam ser adjungidos prosodicamente no nível do grupo clítico, em termos de constituição prosódica.

5.2.3 Sândi

Este trabalho, assim como foi sugerido, também abordará os processos de sândi vocálico externo nas *Cantigas Santa Maria* de Afonso X, lembrando que é importante ressaltar a relevância de tais processos para a averiguação da consideração ou não do grupo clítico como constituinte prosódico.

Sândi é um termo que “designa os traços de modulação e de modificação fonética que afetam a inicial e/ou o final de certas palavras, morfemas ou sintagmas” (DUBOIS et al., 1978, p. 525), uma “modificação de pronúncia numa fronteira gramatical” (TRASK, 2004, p. 260), ou ainda, segundo Xavier e Mateus (1990, p. 327-328), um “fenômeno da fonética sintáctica em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra”. Em outras palavras, o processo rítmico de sândi compreende as “mudanças resultantes de assimilações ou dissimilações de um vocábulo em contacto com outro” (CÂMARA JR., 1973, p. 341).

Para o PA, como já foi visto nesta Dissertação, Cunha (1961, p. 27), em seus estudos linguísticos a respeito das cantigas medievais portuguesas (profanas), identifica

três processos de sândi externo: elisão, hiato e ditongação. Veremos, a seguir, que esses foram os processos de sândi aos quais estão sujeitos os pronomes clíticos retratados nesta Dissertação.

Antes de iniciar nossas análises é necessário ressaltar, mais uma vez, a importância da metodologia inaugurada por Massini-Cagliari (1995), já que o mapeamento dos ditongos, hiatos e elisões só é possível por meio da contagem das sílabas métricas das cantigas. Tais considerações a respeito desses três processos foram apreendidas pela autora a partir da análise métrica das cantigas em seu trabalho de Livre Docência (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 110). Em um outro trabalho sobre o sândi nas CSM, Massini-Cagliari (2006, p. 77) aponta a importância de sua metodologia para dirimir dúvidas quanto ao tipo de processo de sândi que ocorre em juntura vocabular.

Para a escansão dos versos e conseqüente mapeamento dos ditongos, hiatos e elisões em contexto de juntura vocabular, foi utilizada uma metodologia que busca abstrair da escansão dos versos em sílabas *poéticas* os limites entre as sílabas *fonéticas*. Desta forma, especificamente no caso de encontros vocálicos e da categorização desses encontros como ditongos ou hiatos, é particularmente relevante a observação das fronteiras de palavras no meio dos versos. Em outras palavras, a escansão e a contagem das sílabas poéticas dos versos podem elucidar dúvidas acerca da consideração de uma seqüência de vogais pertencentes a duas palavras em uma única ou em sílabas diferentes.

É importante destacar que serão analisadas apenas as seqüências formadas em junturas de palavras (entre um clítico e outra palavra, ou entre um clítico e outro), em que cada vogal pertence a palavras diferentes (a primeira vogal pertence à última sílaba da primeira palavra, e a segunda vogal, à primeira sílaba da segunda palavra – que tem que ser iniciada por vogal).¹⁰¹

Primeiramente, em relação ao fenômeno de sândi, será exposto o processo de elisão, já que foi o processo que se mostrou mais produtivo em relação aos pronomes oblíquos. Massini-Cagliari (2005, p. 224) também pode comprovar a maior produtividade da elisão em seu trabalho de Livre Docência, afirmando que a “elisão é, pois, de modo geral, o processo de sândi mais recorrente nas cantigas medievais galego-portuguesas”.

Sobre elisão, Crystal (2000, p. 92) afirma que se trata de um processo fonético-fonológico no qual há uma omissão de sons no discurso corrido. Para melhor ilustrar a

¹⁰¹ O processo de sândi vocálico externo só ocorre entre vogais, uma vez que as consoantes bloqueiam tal processo.

aplicação da elisão, tomemos a exemplificação utilizada por Massini-Cagliari (2005, p. 220):

Como exemplos da aplicação do processo de elisão, podem ser citados casos de supressão da vogal da preposição DE, seguida de palavras iniciadas por vogal: *linha d'água*, *galinha d'angola*, *frescor d'orvalho*, *cantigas d'amigo*, *cantigas d'amor*. Pode ocorrer, também, entre duas palavras lexicais, independente de sua classe gramatical: *blusa usada* → *blususada*; *leite em pó* → *'leit[ĩ]pó*; *conta histórias* → *contistórias*. Exemplos de elisão, retirados de cantigas medievais profanas, são: *e nõ me seiconsel lachar* (“e non me sei conselh' achar” - A16-v.7, na versão de Michaëlis de Vasconcelos, 1904, p. 37); *de todo ben sempr'o mellor* (“de todo ben sempr'o melhor” - A42- v.11, Michaëlis de Vasconcelos, 1904, p. 91); *Que tristoie meu amigo* (“que trist'oj' é meu amigo” - B555-v.1, Nunes, 1973, p. 7).

Como foi observado em estudos anteriores, os pronomes oblíquos são monossílabos átonos. Este dado é muito importante para a comprovação da elisão como o processo de sândi mais produtivo no PA, já que, como afirma Massini-Cagliari (2005, p. 239):

a possibilidade de a vogal de um monossílabo se elidir ou não com a vogal seguinte (do início da palavra seguinte) está relacionada mais diretamente com o grau de tonicidade desse monossílabo (e com restrições fonotáticas [...]) do que com a quantidade de sílabas das palavras envolvidas.

Comprovada a maior tendência de os monossílabos átonos se elidirem, serão expostos alguns dos casos de elisão presentes nas CSM. Primeiramente serão abordados os clíticos *me*, *lhe*, *te*, *se*, *che* e *xe*, cujas vogais normalmente se elidem antes de outro fonema vocálico. Sobre estes pronomes clíticos, Massini-Cagliari (2005, p. 244) também observou que podem ser elididos com a vogal inicial da palavra seguinte, como pode ser comprovado nos exemplos utilizados por ela em seu trabalho:

(5.13)

edixilheu q nõ lhera mest~ (B719-15)
 tornou muj triste eu ben lhentendi (B719-5)
 edefendilho eu e hunha ren (B719-3)
 o al non lle coita de pran (A155-14) (lle = ll' é)
 Ca llo nego pola ueer (A87-15)
 e tanto l' andou o dem' en derredor (CSM76-13)
 Pero aveo-l' atal que ali u sãava (CSM77-35)
 atravessou-xe-l' un osso na garganta, e sarrada (CSM322-23)
 Respondeu-l' o ome bõo: Esto faria de grado (CSM335-36)

Massini-Cagliari (2005, p. 244), baseada em suas investigações a respeito de tais clíticos, concluiu que:

[...] são monossílabos essencialmente átonos, na medida em que não seria possível a aplicação da elisão, caso fossem acentuados, por causa da restrição rítmica que bloqueia a ocorrência desse processo quando a primeira palavra acaba em vogal tônica. Assim sendo, devem ser considerados *clíticos*, que se adjungem à palavra imediatamente posterior.

Nos versos abaixo, retirados do *corpus* analisado, podemos observar o que foi comprovado por Cunha (1961) e por Massini-Cagliari (2005). Temos a elisão da vogal átona do pronome oblíquo dativo *lhe* diante da vogal tônica inicial da palavra que o sucede.

- | | |
|--|---------------|
| (5.14) E demais quero- ll' enmentar | (CSM 1; 23) |
| (5.15) deu- ll' hũa tal vestidura | (CSM 2; 11) |
| (5.16) ll' imos falir e errar | (CSM 3; 6) |
| (5.17) o que ll' avêo un dia | (CSM 4; 26) |
| (5.18) e vos seede- ll' en logar de madre poren, vos rogu' eu | (CSM 5; 29) |
| (5.19) e pode- ll' os peccados perdõar, | (CSM 10; 11) |
| (5.20) e ela logo ll' apareceu | (CSM 15; 89) |
| (5.21) e deron- ll' algu' ; e el punnou de ss'ir | (CSM 22; 37) |
| (5.22) mas foi- ll' o praz' escaecer | (CSM 25; 83) |
| (5.23) que madre', amiga ll' é , creed' a mi | (CSM 30; 18) |
| (5.24) gran poder de meter medo que ll' ajan de correger | (CSM 35; 118) |
| (5.25) que sol ena face non ll' ousavan mentes teër. | (CSM 38; 74) |

Se nos atentarmos aos exemplos transcritos de (5.26) a (5.31), iremos observar que há outro tipo de pronome clítico sujeito à elisão; trata-se do pronome reflexivo *se*. A seguir, serão listados versos em que tal pronome se elidiu diante da vogal inicial tônica da palavra posterior a ele.

- | | |
|---|-------------|
| (5.26) repentiu- ss' e foy perdon | (CSM 3; 30) |
| (5.27) cruzou- ss' e passou o mar e foi romeu a Jherusalen | (CSM 5; 22) |
| (5.28) Quando est' ouve dito, cuidou- ss' ir sem falla; | (CSM 9; 54) |

- (5.29) o syno a que **ss'** ergia (CSM 11; 81)
 (5.30) e ela **s'** acomendava, e aquello lle prestou (CSM 13; 8)
 (5.31) ouv' ant' eles e fillou-**s'** a culpar (CSM 38; 42)

Ficou comprovado que o monossílabo *se*, referente ao pronome reflexivo, é átono, uma vez que se submete ao processo de elisão; mas, nas CSM, existe outro monossílabo *se*, que não se submete à elisão, logo deve ser tônico; trata-se da conjunção *se*. Cunha (1961, p.43) considerou este e outros monossílabos como tônicos, atribuindo-lhes o caráter de “*semiforte*”. A respeito desta conjunção, Massini-Cagliari (2005, p. 240) confirma o seu caráter tônico, pois ela jamais se elide com a vogal inicial da palavra seguinte. Sendo assim, esta conjunção não deve ser considerada um clítico fonológico, já que mantém a sua autonomia.

A seguir temos versos nos quais há a conjunção *se* diante de uma palavra iniciada por vogal. Podemos comprovar que a elisão não ocorre, por se tratar de um monossílabo tônico, portanto não clítico.

- (5.32) ca, **se o** non fezermos, en mal ponto vimos (CSM 5; 120)
 (5.33) **se o** viran; o un ome | lle diss'; «Eu o vi ben quando (CSM 6; 54)
 (5.34) «Don jogar, **se a** levardes, | por sabedor vos terremos.» (CSM 8; 35)
 (5.35) **se a** que amamos (CSM 9; 61)
 (5.36) **se a** Virgen mui santa (CSM 28; 62)
 (5.37) **se a** pedra que me furados (CSM 38; 93)
 (5.38) e **se o** disser en mia faz (CSM 25; 151)
 (5.39) **se o** nos non perdermos (CSM 30; 35)

Nos versos transcritos acima, podemos perceber que a conjunção sempre antecede monossílabos, tais como artigo definido ou pronome oblíquo, ambos átonos. Nos versos abaixo, pode ser verificada a tonicidade da vogal que sucede a conjunção *se*. Em (5.40), notamos que tal conjunção está diante de um pronome pessoal tônico, e não ocorre a elisão.

- (5.40) **se eu** per ren poss' aver seu amor (CSM 10; 21)

O mesmo acontece em relação aos exemplos (5.41) e (5.42), em que temos a conjunção *se* seguida de pronome demonstrativo *esta*. Este pronome não é um clítico, pois apresenta duas sílabas, sendo que a primeira é tônica; também podemos observar que, nestes casos, a elisão não ocorre.

(5.41) *se* esta dona vos queredes, fazed' assi: (CSM 16; 41)

(5.42) de Deus, *se* esta paga fiz, (CSM 25; 160)

A não elisão da conjunção discutida também pode ser observada quando esta precede uma forma verbal que apresenta como primeira sílaba uma vogal tônica como em (5.43) e (5.44):

(5.43) foy, *se* era ren (CSM 32; 21)

(5.44) *se* ides a França.» (CSM 9; 27)

O que os exemplos de (5.32) a (5.44) nos mostram é que o comportamento da conjunção *se*, com relação à elisão, não é influenciado pela tonicidade da palavra seguinte. Por este motivo, anteriormente, estudiosos como Cunha (1961) e Massini-Cagliari (2005) concluíram estar diante de um monossílabo tônico, representado graficamente na época da mesma forma que o pronome átono *se*.

A seguir serão apresentados outros versos nos quais ocorre a elisão dos outros pronomes oblíquos (*me*, *te*, *che*, *xe*). Com estes dados, podemos sugerir a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico, uma vez que os clíticos fonológicos estão sujeitos ao processo rítmico de sândi.

(5.45) «Meu Fillo esto **ch'** envia.» (CSM 2; 45)

(5.46) dizendo-lle: «Venna-**ch'** or' acorrer (CSM 58; 47)

(5.47) dizede-**m'** ora quen sodes ou dond'.» Ela repôs: «Moller (CSM 5; 76)

(5.48) Guari-**m'** est' irmão gaff', e dar-che-ei grand' aver. » (CSM 5; 164)

(5.49) dizendo: «Se Deus **m'** anpar (CSM 7; 57)

(5.50) u **x'** ant' estav', e atou-a | mui de rrig' e diss' assi: (CSM 8; 34)

(5.51) como **x'** ante violava, | e a candea pousou (CSM 8; 38)

(5.52) ata que Santa Maria | lle disse: «Leva-**t'** ende; (CSM 6; 80)

(5.53) e se **t'** aqeste pan non refeiro, (CSM 15; 56)

Também foram verificados outros casos de elisão que ocorrem entre dois pronomes oblíquos, sendo que ocorre a perda da vogal final do primeiro pronome com a junção gráfica ao pronome que o sucede. Em todos os casos analisados, o primeiro pronome é sempre oblíquo dativo, enquanto o segundo é acusativo.

(5.54) de **cho** pagar bem a um dia (CSM 25; 30)
→ pronome oblíquo dativo *che* + pronome oblíquo acusativo *o*

(5.55) en eles; mas fillar-**chos**-ya, (CSM 25; 39)
→ pronome oblíquo dativo *che* + pronome oblíquo acusativo *os*

(5.56) que por fiança **llas** metia (CSM 25; 55)
→ pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *as*

(5.57) se eu pagar non **llo** podia (CSM 25; 64)
→ pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *o*

(5.58) como demo, e **lla** deu (CSM 3; 21)
→ pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *a*

(5.59) mas defendeu-**llo** San Pedro, | e a Deus por el rogou (CSM 14; 23)
→ pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *o*

No decorrer das análises, outros casos de sândi foram observados, como a ditongação e o hiato (que não é um processo de sândi propriamente dito; ele é mais a contraparte do sândi, ou seja, o caso em que o sândi não acontece), revelados quando se faz a contagem das sílabas métricas poéticas.

Os pronomes oblíquos constituídos apenas de uma única vogal não sofreram em nenhum momento a elisão. Massini-Cagliari (2005, p. 247) justifica este fato, pois se trata de monossílabos de um único segmento, os quais não podem ser elididos, já que nesses casos a elisão não pode ser aplicada “por questões de preservação de estrutura, uma vez que, caindo a vogal, nada sobraria da sílaba original – o que acarretaria problemas de ordem semântica, com conseqüências para a interpretação do enunciado”.

Massini-Cagliari (2005, p. 247) também afirma que, nesses casos, há uma tendência a estes pronomes formarem hiato com a vogal inicial da palavra seguinte. Em (5.60), para que a contagem métrica feita por Mettman (1986) seja válida, deve ocorrer um hiato entre

o pronome oblíquo dativo *a* e a forma verbal *amava*, para que se obtenha um verso de 16 sílabas métricas.

(5.60) de¹/la²/, e³/dis⁴/se⁵/-lle⁶/ que⁷/ **a**⁸/ **a**⁹/ma¹⁰/va¹¹/ mui¹²/ de¹³/ co¹⁴/ra¹⁵/çon¹⁶;
(CSM 5; 35)

O mesmo acontece em outro verso da mesma cantiga, em que temos formado o hiato entre o pronome oblíquo acusativo *o* e a forma verbal *atan*.

(5.61) mas¹/ o²/ Em³/pe⁴/ra⁵/dor⁶/, quan⁷/do⁸/ **o**⁹/ **a**¹⁰/tan¹¹/ mal¹²/ pa¹³/ra¹⁴/do¹⁵/ v¹⁶yu¹⁶,
(CSM 5; 50)

Em (5.62) está transcrito um verso composto por dois hemistíquios de 7 sílabas métricas (METTMAN, 1986, p. 75); para se atingir tal metrificação, é necessário que ocorra um hiato entre o pronome oblíquo acusativo *o* e a forma verbal *oya*.

(5.62) que¹/ qual²/quer³/ que⁴/ **o**⁵ /**o**⁶/y⁷/a | tan t⁸oste o fillava
(CSM 6; 28)

Já a ditongação, em todas as cantigas analisadas, só ocorre entre os pronomes *mi* e *ti* seguidos de vogal grafada <a> ou <o>; segundo Massini-Cagliari (2005, p.251) é “o único contexto favorável para a ditongação”. Em (5.63) e (5.64) temos dois versos distintos extraídos da cantiga 15. Segundo Mettmann (1986, p. 93), são versos de 9 sílabas métricas, tal metrificação só é possível se considerarmos a ditongação do pronome oblíquo dativo *mi* com a forma verbal *ás*, em ambos os versos.

(5.63) **mi** **ás**¹/ que²/ co³/mês⁴/se⁵/ fe⁶/zis⁷/te⁸/ mal⁹ (CSM 15; 62)

(5.64) e es¹/t' or²/gul³/ho⁴/ que⁵/ **mi** **ás**⁶/ mos⁷/tra⁸/do⁹ (CSM 15; 63)

Em (5.65) podemos sugerir a ditongação do pronome oblíquo dativo *ti* com o pronome pessoal *eu*, uma vez que, para obter a contagem de sete sílabas poéticas proposta por Mettmann (1986) tal processo de sândi deve ocorrer. É interessante observar que este caso foge do que Massini-Cagliari (2005) obervou como categórico, uma vez que o

pronome clítico em questão não é seguido por vogal grafada <a> ou <o>, mas mesmo assim sofre ditongação.

(5.65) mais¹/ o²/ que³/ **ti eu**⁴/ da⁵/d'a⁶/vi⁷/a

(CSM 66; 67)

Há outros casos em que os pronomes oblíquos dativos *mi* e *ti* estão grafados juntamente com pronomes acusativos. Este fato aponta para a ditongação, pois levamos em consideração a contagem das sílabas métricas (METTMANN, 1986) e comprovamos tal processo.

(5.66) Deus **tio** demande, que pod' e val (CSM 15; 64)

(5.67) en dar-m' este fill' e logo **mio** toller (CSM 21; 37)

(5.68) Ca tu soa es a que **mio** podes dar (CSM 21; 45)

(5.69) sobre bom pennor, se **mio** deres (CSM 25; 26)

(5.70) a paga u **mia** eu porria. (CSM 25; 66)

(5.71) os queixos ouv', e **mia** vedes trager, (CSM 38; 94)

Diante dos dados obtidos, o resultado aponta para a consideração do grupo clítico como constituinte prosódico, já que, assim como Bisol (1996, p. 248) observou para o PB, também foi possível notar que, no PA, os clíticos presentes nas CSM se mostraram independentes, submetendo-se às mesmas regras da palavra fonológica (aos processos de sândi, por exemplo).

Diante de tais considerações, os dados obtidos apontam para a grande possibilidade de se considerar os clíticos como constiuinte prosódico relevante no PA, já que o processo de sândi aponta para a independência fonológica dos clíticos, uma vez que, como já foi visto nesta Dissertação, o grupo clítico é o menor domínio de aplicação das regras de sândi. Enfim, os estudos realizados apontam para a atonicidade fonológica dos clíticos, o que faz com que eles estejam sujeitos aos processos de sândi, característica que vem comprovar, novamente, a possibilidade de se considerar o grupo clítico um constituinte prosódico, já que, assim como afirmam Nespor e Vogel (1986, p. 147), um elemento é clítico se, junto com outra palavra, está sujeito às regras de sândi.

*[...] an element is a clitic if, together with a word, it is affected by internal sandhi rules; it is an independent word if, together with a word, it is affected by external sandhi rules. By the same token, if an element is counted as part of a phonological word for the purpose of stress assignment, it must be considered a clitic and not a word.*¹⁰²

5.3 Análise dos dados a partir da Teoria Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986)

Nas subseções anteriores, sugerimos que é possível a existência do grupo clítico dentro da hierarquia prosódica do PA, uma vez que, como foi visto, os pronomes clíticos se comportaram como elementos “não tão clíticos”, já que foram mapeados casos em que se encontravam em proeminência poética, musical e sujeitos às regras de sândi, constituindo assim, junto à palavra fonológica, o grupo clítico.

Partindo do que foi proposto por Nespor e Vogel (1986), de que os clíticos se comportam como palavras fonológicas independentes, iremos, nesta subseção, aplicar a teoria dessas autoras aos dados encontrados nesta pesquisa de Mestrado. Vimos que Bisol (1996) propôs a existência de dois tipos de clíticos e, por meio de nossas análises, comprovamos que os pronomes oblíquos do PA se enquadram no tipo dos clíticos que revelam certa independência, pois, além de portarem proeminência poética e musical, o que nos sugere sua “tonicidade” lexical, também verificamos que esses elementos se submetem às mesmas regras da palavra fonológica, no caso em questão, às regras de sândi, mesmo tratando-se de pronomes categoricamente átonos. Para demonstrar essa proposta, iremos reutilizar alguns exemplos já citados nesta Dissertação, pois foi a partir deles que comprovamos a independência fonológica dos clíticos.

Na subseção 5.2.1, sob observações da estrutura métrico-poética, demonstramos que há casos em que os clíticos estão em posição de acento poético dentro do verso da cantiga, por esse motivo foi sugerido que esses clíticos, por portarem acento métrico-poético, apresentam proeminência no nível lexical, constituindo, assim, uma palavra

¹⁰² Tradução nossa:

“[...] um elemento é considerado clítico se, juntamente com uma palavra, for afetado pelas regras de sândi interno; ele é uma palavra independente se, junto de outra palavra, for afetado pelas regras de sândi externo. Da mesma forma, se um elemento é tido como parte de uma palavra fonológica pela atribuição do acento, ele deve ser considerado um clítico e não uma palavra.”

fonológica independente que, unindo-se a outra palavra fonológica (hospedeira), formam o grupo clítico, como podemos verificar abaixo:¹⁰³

- (5.72) que Deus [[**o**]ω [queria]ω]_C (CSM 9; 84)
- (5.73) ouve, ca [[**lle**]ω [parecia]ω]_C (CSM 4; 35)
- (5.74) log'o demo [[**a**]ω [prendía]ω]_C (CSM 11, 37)
- (5.75) ca o demo [[**lles**]ω [dizia]ω]_C (CSM 11; 46)
- (5.76) De vos." E contou como [[**o**]ω [mataran]ω]_C (CSM 96; 51)
- (5.77) que a Deus rogasse que [[**lla**]ω [fezesse]ω]_C gãar (CSM 16; 33)
- (5.78) deles quis e [[**se**]ω [lançar]ω]_C (CSM 33; 32)
- (5.79) dun miragre [[**vos**]ω [darei]ω]_C (CSM 59; 6)
- (5.80) se [[**me**]ω [quiserdes]ω]_C oyr (CSM 59; 10)
- (5.81) Ca os nembros [[**lles**]ω [cayan]ω]_C (CSM 91; 34)
- (5.82) De vergonna [[**nos**]ω [guardar]ω]_C (CSM 94; 3)
- (5.83) ela mui bem [[**o**]ω [guardou]ω]_C (CSM 94; 65)
- (5.84) a monja e [[**se**]ω [partiu]ω]_C (CSM 94; 7)
- (5.85) porend'un daquestes é ben que [[**vos**]ω [digamos]ω]_C, (CSM 37; 8)

¹⁰³ É importante esclarecer que, mesmo considerando duas palavras fonológicas dentro do domínio do grupo clítico, não há dois acentos em um mesmo domínio.

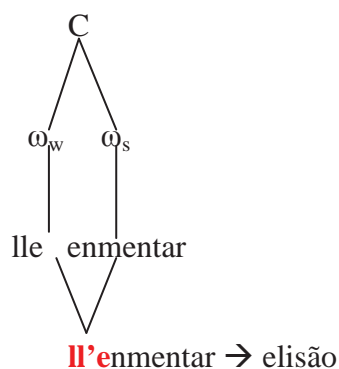
Finalmente, temos a elisão, processo de sândi que se mostrou mais produtivo com os pronomes oblíquos presentes nas CSM. A partir dessa regra pós-lexical, cujo domínio de aplicação é o grupo clítico, propomos uma estruturação de alguns dados referentes à elisão a partir da Teoria Prosódica e constatamos, assim como o fez Nespor e Vogel (1986), que os pronomes clíticos, apesar de átonos, estão sujeitos ao sândi, o que faz com que eles se adjunjam à palavra hospedeira junto ao grupo clítico, uma vez que tais partículas não aparecem sozinhas.

Em (5.86) podemos observar que o pronome oblíquo átono *lhe* sofre elisão diante de *enmentar*.¹⁰⁴ O que podemos propor, seguindo a teoria de Nespor e Vogel (1986), é que o pronome *lhe* é uma palavra fonológica fraca (ω_w), que se adjunge a *enmentar*, que é uma palavra fonológica forte (ω_s), constituindo assim o grupo clítico:

(5.86) E demais quero [[-H'] ω [enmentar] ω]_C (CSM 1; 23)

Partindo deste exemplo, podemos propor o seguinte esquema arbóreo para o caso em análise transcrito em (5.87):

(5.87)

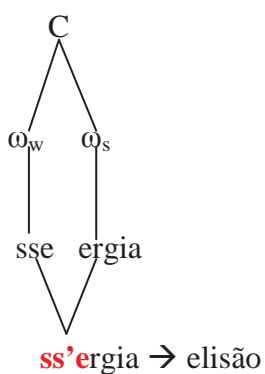


A seguir serão expostos mais cinco exemplos em que temos a elisão ocorrendo entre um pronome oblíquo e outra palavra, e a estruturação arbórea de cada caso.

¹⁰⁴ Os motivos pelos quais ocorre a elisão neste e nos demais exemplos foram discutidos na seção 4.3.3 desta Dissertação.

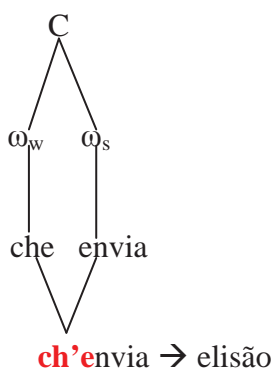
(5.88) o syno a que [[**ss'**] ω [ergia] ω]_C

(CSM 11; 82)



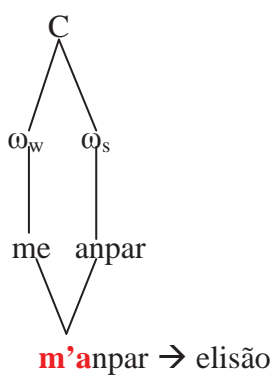
(5.89) Meu Fillo esto [[**ch'**] ω [envia] ω]_C

(CSM 2; 45)



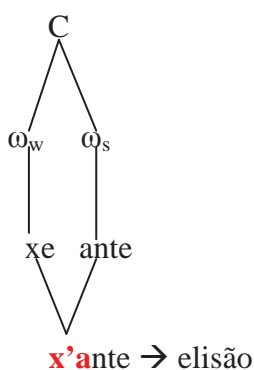
(5.90) dizendo: Se Deus [[**m'**] ω [anpar] ω]_C

(CSM 7; 57)



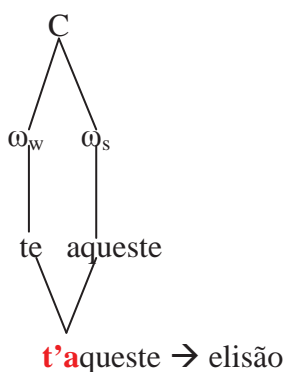
(5.91) como $[[x']\omega [ante]\omega]_C$ violava, | e a candea pousou

(CSM 8; 38)



(5.92) e se $[[t']\omega [aqueste]\omega]_C$ pan non refeiro

(CSM 15; 56)



Desta maneira, os exemplos acima mostram que o domínio da elisão no PA é o grupo clítico, um domínio pós-lexical, portanto. É por este motivo que ela não se aplica internamente à palavra (veja-se o caso de *doo*, no exemplo abaixo), mas se aplica tanto entre duas palavras lexicais como entre um clítico e seu hospedeiro, uma vez que, no nível C, o clítico se comporta como uma palavra fonológica.

(5.93)

	PA			
	<i>doo</i>	<i>triste oje</i>	<i>sse ergia</i>	
lexical	-	-	-	internamente à palavra (não se aplica)
pós-lexical	-	$[triste]\omega [oje]\omega$	$[sse]\omega [ergia]\omega$	ω
	-	$[trist'oje]_C$	$[ss'ergia]_C$	C

5.4 Considerações Finais

Diante dos resultados encontrados, podemos afirmar que as observações métrico-poéticas e musicais apontam para indícios relevantes sobre a consideração do grupo clítico como constituinte prosódico, uma vez que, em ambas as situações, mesmo que esporadicamente, foram mapeados casos em que o pronome clítico estava em proeminência poética ou musical, apresentando, desta maneira, uma característica atípica ao comportamento dos clíticos, que é a tonicidade.

Sobre a possibilidade de os clíticos em PA assumirem proeminência no nível poético, verificou-se que, embora não em todos os casos, existe a possibilidade de os clíticos suportarem os acentos da poesia. Ora, como os acentos poéticos sempre recaem sobre sílabas acentuadas (geralmente no nível lexical, mas, às vezes, também sobre acentos secundários), essa possibilidade, mesmo que esporádica, sugere que os clíticos tinham tonicidade de algum tipo (provavelmente no nível da palavra), no momento histórico considerado.

Em relação à música se observa que a metodologia empregada pelos dois autores revisitados é muito eficaz para o estudo de um nível mais abstrado do PA, no caso em um nível fonológico. A este respeito Massini-Cagliari (2008c, p. 6) afirma que:

[...] a observação da notação musical pode ser considerada uma fonte secundária de informações relativas à prosódia de línguas “mortas”, um instrumento auxiliar confiável, que pode ser aproveitado para confirmar ou infirmar hipóteses levantadas com base nas fontes primárias (registros escritos das cantigas) e dirimir dúvidas.

Assim, podemos afirmar que a revisão dos estudos realizados por Massini-Cagliari (2008a,b,c,d, 2010a,b, 2011) e Costa (2008, 2009, 2010) trouxe subsídios importantes para a investigação realizada já que ambos afirmam a possibilidade de os clíticos não serem tão “clíticos”, uma vez que, podem receber o acento musical, não estando, desta forma, tão subordinados a outras classes de palavras.

Já em relação ao processo de sândi foi possível observar que os casos de elisão, ditongação e hiato apontam, como foi visto em Bisol (1996), para a consideração dos clíticos como palavra fonológica independente, uma vez que estes processos ocorrem somente entre palavras. Considerando o clítico como palavra fonológica, comprovamos a

sua independência e, conseqüentemente, apontamos para a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico relevante no PA.

CONCLUSÃO

Com o objetivo de verificar a relevância de considerar o grupo clítico um constituinte prosódico ativo dentro da hierarquia prosódica do PA, a presente Dissertação partiu de três argumentos: a métrica, a música e os processos de sândi. Esses argumentos, como foi comprovado, forneceram suporte para a nossa constatação de que um clítico mais o seu hospedeiro devem ser classificados prosodicamente junto ao grupo clítico e não à palavra fonológica.

O primeiro argumento apresentado foi construído a partir dos indícios que vêm da métrica. Foi observado que, em alguns casos, o pronome clítico pode assumir proeminência poética, ou seja, foram encontrados casos em que o acento poético recaiu sobre os clíticos investigados, fato que pode nos sugerir sua tonicidade em níveis prosódicos inferiores, como, por exemplo, no nível da palavra fonológica. Deste modo, devido à sua tonicidade em um nível lexical, os clíticos poderiam ser considerados palavras fonológicas, já que portam proeminência neste nível e, assim, junto com a palavra hospedeira, outra palavra fonológica, constituiriam o grupo clítico.

Além da possibilidade de o acento recair sobre os pronomes clíticos investigados, também foram encontrados casos em que a junção dos pronomes acusativos com a sílaba que os antecede (terminada em vogal), em uma única sílaba métrico-poética, não aconteceu, gerando um hiato. Diante desses casos, comparando com o que seria esperado para a contagem de sílabas métricas neste caso, sugerimos a tonicidade desses clíticos, já que a contagem em uma única sílaba métrica, que seria esperada, não ocorreu. Para se chegar ao número de sílabas poéticas proposto por Mettmann (1986), foi necessário separar esse encontro de vogais, surgindo assim duas sílabas métrica, a este respeito podemos sugerir a tonicidade desses clíticos nesse contexto, já que eles não se mostraram sujeitos à regra categórica de junção em uma única sílaba métrico-poética.

Observamos, portanto, que a métrica apresentou-se como um argumento representativo para a consideração de que o clítico se prosodiza junto com a palavra hospedeira no nível hierárquico do grupo clítico. Foi comprovado que alguns dos pronomes clíticos investigados se mostraram aptos a portar o acento no nível lexical, característica própria da palavra fonológica; logo, tais elementos, a partir da análise métrica, se mostraram independentes prosodicamente, devido ao seu possível caráter tônico.

O segundo argumento levantado para a consideração de nossa hipótese é a relevância da música. Para levantar as proposições a este respeito, foram revisitados dois autores que trabalharam com a interface Música-Linguística no PA. Massini-Cagliari (2008a,b,c,d; 2010a,b, 2011) e Costa (2008, 2009, 2010) desenvolveram trabalhos representativos a respeito da coincidência entre as proeminências musicais e linguísticas a partir de cantigas profanas e religiosas. Os autores constataram em suas pesquisas que pode haver um grande percentual de coincidência entre a proeminência musical e a linguística, ou seja, eles verificaram que o acento musical pode recair sobre o acento linguístico (acento das sílabas métricas), o que mostra que estas duas entidades possuem similaridades.

A partir dos dados analisados em seus trabalhos, os dois autores acima referidos encontram casos em que os clíticos apareceram em posição de proeminência musical. É importante ressaltar a este respeito que o que seria esperado era que esses clíticos aparecessem fora da proeminência musical, já que são considerados átonos, mas Massini-Cagliari e Costa puderam constatar alguns casos, mesmo que não sejam a maioria, em que os clíticos estão em posição de proeminência.

A partir de suas observações, Costa (2010) afirma que o fato de esses clíticos estarem em posição de proeminência musical nos sugere que esses elementos apresentem relativa independência prosódica. Além disso, visto que há a coincidência entre as proeminências musical e linguística, o autor constata que os clíticos daquela época poderiam suportar algum tipo de proeminência lexical. Uma vez considerada certa tonicidade em um nível lexical, esses clíticos só podem ser adjungidos à palavra fonológica no nível do grupo clítico.

Finalmente, o último argumento apontado diz respeito às regras de sândi. Como pode ser visto em nossas análises, os pronomes clíticos, por serem monossílabos átonos, se mostraram sujeitos a três processos de sândi, os mesmos apontados por Cunha (1961): elisão, hiato e ditongação.

No caso da elisão, vimos que foi o processo que se mostrou mais produtivo. Verificamos sua ocorrência entre os pronomes *me*, *lhe*, *te*, *se*, *che* e *xe*. Além desses dados em relação à elisão, também ressaltamos o caso da conjunção *se*, que, diferentemente de sua forma homônima, o pronome reflexivo *se*, não sofre elisão, ou seja, a conjunção não é influenciada pela tonicidade da palavra seguinte.

Também observamos a ocorrência de casos de elisão entre dois pronomes átonos, ocorrendo a junção gráfica entre eles, como em *cho*, *chos*, *lla*, *llas*, *llo*, *llos*, etc. Nesses casos temos sempre um pronome oblíquo dativo e um pronome oblíquo acusativo, ocorrendo a perda da vogal final do primeiro pronome com a junção gráfica do pronome que o sucede, como por exemplo: *llo* → *lle* + *o*.

Em relação ao hiato, que não é um processo de sândi propriamente dito, e sim a sua contraparte, ou seja, caso em que o sândi não ocorre, verificamos sua ocorrência, principalmente, entre os pronomes oblíquos acusativos de uma única sílaba *a(s)*, *o(s)*. Esses pronomes apresentaram uma tendência ao hiato, já que não podem ser elididos por questões de preservação de estrutura.

O último processo de sândi investigado foi a ditongação. Este processo, de acordo com Massini-Cagliari (2005), tende a se mostrar mais favorável em contexto dos pronomes *mi* e *ti* seguidos de vogal grafada <a> ou <o>, mas foi possível verificar um caso em que o pronome *ti* seguido de vogal grafada <o> também se mostrou sujeito à ditongação. Assim como na elisão, foram verificados casos em que os pronomes *mi* e *ti* são grafados juntos com os pronomes acusativos, mas sem a perda de nenhuma vogal, por exemplo: *tio*, *mio*, *tia*, *mia*.

Diante dos casos de sândi verificados, foi possível constatar que os clíticos se mostraram independentes prosodicamente, uma vez que os pronomes investigados se submeteram às mesmas regras da palavra fonológica, no caso as regras de sândi. Logo, podemos afirmar que, embora sejam fonologicamente átonos, pois se submetem a tais regras, os pronomes clíticos analisados podem apresentar uma certa independência apontada pelo sândi, pois, assim como afirmam Nespor e Vogel (1986), o grupo clítico é o menor domínio de aplicação dessas regras.

Pode-se dizer, portanto, que o presente trabalho afirma a possibilidade de se considerar o grupo clítico um domínio prosódico dentro da escala prosódica do PA. Foi possível comprovar, pelos fatores apontados, que os pronomes clíticos são adjungidos junto à palavra fonológica no nível hierárquico do grupo clítico, uma vez que foi verificada a possibilidade de tais elementos aparecerem em proeminência lexical, o que comprova sua tonicidade no nível da palavra fonológica. Além disso, assim como afirmam Nespor e Vogel (1986) e Bisol (1996), o grupo clítico é o menor domínio de aplicação das regras de sândi e, por meio do *corpus* investigado, verificamos os casos desse fenômeno no PA.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, M. B. M.; Ch. C. GALVES. As diferenças rítmicas entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 14, nº 2, p. 377-403, 1998.

ABAURRE, M. B. M.; Ch. C. GALVES; E. M. SCARPA. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do Português Brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In SCARPA, Ester Miriam (org.) *Estudos de Prosódia*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. p. 285-323.

AITA, N. *O Códice florentino das cantigas do Rey Affonso, o sábio*. Rio de Janeiro: Litho-Typo Fluminense, 1922.

ALI, M. S. *Versificação portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2006. 1. ed. em 1948.

ÁLVAREZ, R. Los instrumentos musicales en los códices alfonsinos: origen. Algunos problemas iconográficos. In: *Semana de Música Española*, 1984. Madrid. *Symposium Alfonso X el Sabio y la Música*. Madrid: Sociedad Española de Musicología, 1987. p. 67-104.

ANGLÉS, H. *La música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el sabio*: facsímil, transcripción y estudio crítico por Higinio Anglés. v. II. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona: Biblioteca Central; Publicaciones de la Sección de Música, 1943.

AMARAL, T.T. Direcionamento da cliticização prosódica nas Cantigas de Santa Maria. Araraquara: FCL/Unesp, 2009. Monografia de conclusão de curso.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Cantigas de Santa Maria. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p. 142-146.

BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 247-261.

BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. In: *Revista de estudos da Linguagem*. v.9, n.1, p. 5-30. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

BISOL, L. Fonologia Lexical. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. – 4. ed. ver. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005a.

BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. In: *Letras de Hoje*. n. 141, p. 163-184. Porto Alegre, 2005b.

BRISOLARA, L. B. *Os clíticos pronominais do Português Brasileiro e sua prosodização*. Porto Alegre: PURCS, 2008. Tese de Doutorado em Letras.

- BRISOLARA, L. B. A estrutura prosódica dos clíticos pronominais do português do Brasil. In: *Caderno de Pesquisas em Linguística*. v. 4, n.1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009
- BUENO, F. da S. *Estudos de Filologia Portuguesa*. 4ª edição. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CAGLIARI, L. C. *Questões de Morfologia e Fonologia*. Série Espiral Linguística. vol. 5. Campinas: edição do autor, 2002.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática referente à Língua Portuguesa*. 5ª edição. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1973.
- CÂMARA Jr. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Padrão, 1985. 1. ed. em 1975.
- CÂMARA Jr. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2007. 1. ed. em 1970.
- CAMPOS, L. B. B. *Segmentações alternativas e constituintes prosódicos em Português Brasileiro: uma análise através de canções da MPB*. São José do Rio Preto: IBILCE/Unesp, 2007. Dissertação de Mestrado.
- CARNEIRO, Z.; GALVES, C. Variação e Gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v18: nº2, jul./dez. 2010. p.7-38.
- CASTILHO, A. F. de. *Tratado de metrificação portuguesa*. 5.ed. Lisboa: Livraria Moderna Typographia, 1908. 1. ed. em 1850.
- CASTRO, B. M de. *As Cantigas de Santa Maria: Um estudo gótico da lírica ibérica medieval*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006.
- CHOCIAIY, R. *Teoria do verso*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- COSTA, D. S. *Estudo do acento lexical no Português Arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. Araraquara: FCL/UNESP, 2006. Dissertação de Mestrado.
- COSTA, D. S. Música e Linguística: uma metodologia para estudos da prosódia do português arcaico. In: *Anais do SIMCAM4 – IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. São Paulo, USP, p. 1-6, 28 a 30 de maio de 2008. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/anais_simcam4.htm . Acesso em 06 novembro 2010.
- COSTA, D. S. Música e texto: uma metodologia para o estudo da prosódia de línguas mortas. In: *Estudos Linguísticos*, nº 38, v. 2, p. 211-221, 2009. Disponível em http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N2_17.pdf. Acesso em 12 maio 2011.
- COSTA, D. S. *A interface Música e Linguística como instrumental metodológico para o estudo da prosódia do Português Arcaico*. 2010. 200 f. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. PÁDUA DIAS, M.C. (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. [Tradução de M.C. Pádua Dias].

- CUNHA, C. F. da. *Estudos de poética trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: MEC, 1961.
- DUBOIS, J., GIACOMO, M., GUESPIN, L., MARCELLESI, C., MARCELLESI, J.B. e MEVEL, J.P. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FERREIRA, M. P. *O som de Martin Codax: sobre a dimensão musical da lírica galegoportuguesa (séculos XII-XIV)*. Lisboa: UNYSIS, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.
- FERREIRA, M. P. The Stemma of the Marian Cantigas: Philological and Musical Evidence. In: *Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria*, Cincinnati, n. 6, p. 58-98, 1994.
- FERREIRA, M. P. *Cantus coronatus. 7 Cantigas d'El-Rei Dom Dinis by King Dinis of Portugal*. Kassel: Reichenberger, 2005.
- FIDALGO, E. *As Cantigas de Santa Maria*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2002.
- FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: *ALFONSO X EL SABIO. Cantigas de Santa María: Códice Rico de El Escorial*. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.
- GALVES, C. M. C.; SOUSA, M. C. P.; BRITTO, H. The change in clitic-placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. In: *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n. 1, p. 39-67, 2005.
- GALVES, C. M. C.; SANDALO, Filomena. Clitic-placement in Modern and Classical European Portuguese. In: *MIT Working Papers in Linguistics*, Boston, v. 47, p. 115-128, 2004.
- GALVES, C.; ABAURRE, M.B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. e BASÍLIO M. (Orgs). *Gramática do Português Falado*. Vol IV. Estudos Descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP. 2002. p. 267-313. Disponível em http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/abaurre/abaurre_galves.htm. Acesso em 09 jan 2011.
- GOLDSTEIN, N. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 2008.
- HALLE, M.; S.J. KEYSER. *English Stress: its form, its growth, and its role in verse*. New York: Haper & Row, 1971.
- HAYES, B. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, P.; YOUMANS, G. (Ed.). *Phonetics and Phonology*. New York: Academic Press, 1989. p. 201-260.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª reimpressão com alterações. Rio de Janeiro; Objetiva, 2004.
- INKELAS, S. *Prosodic Constituency in the Lexicon*. New York: Garland Publishing, 1990.
- KIPARSKY, P. From cyclic phonology to lexical Phonology. In: VAN DER HULST, H.; SMITH, N. (Ed.). *The structure of Phonological Representations (Part I)*. Dordrecht: Foris

Publications, 1982. p. 131-175.

LAPA, R. M. *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval*. Rio de Janeiro: MEC, 1965.

LAPA, R. M. *Lições de literatura portuguesa: época medieval*. 6.ed. Coimbra: Limitada, 1966.

LEÃO, Â. V. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. *Ensaios: Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)*. 2002. Disponível em: <http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>. Acesso em: 17 jan. 2005.

LEÃO, Â. V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio. Aspectos culturais e literários*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

LEE, S-H. Fonologia Lexical do Português. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, (23): 103-120, jul./dez. 1992.

LEE, S.-H.. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística)-IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.

LIBERMAN, M. *The intonational system of English*. MIT: IULC, 1975. Tese de Doutorado.

LIBERMAN, M.; A. PRINCE. On stress and linguistic rhythm. In: *Linguistic Inquiry* 8: 1977. p. 249 -336.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese (Doutorado em Lingüística)-IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Tese (Livre Docência em Fonologia) – FCL/UNESP, Araraquara, 2005.

MASSINI-CAGLIARI, G. Sândi vocálico externo em Português Arcaico: condicionamentos lingüísticos e usos estilísticos. In: *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 30, p. 76-94, 2006. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/gcm.pdf>. Acesso em 03 de dezembro de 2010.

MASSINI-CAGLIARI, G. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X como **corpus** da diacronia do Português. In Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo & Maria Filomena Gonçalves (orgs.) *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 101-126, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. Características prosódicas do Português Arcaico. In: Massini-Cagliari, Gladis; Muniz, Márcio Ricardo Coelho; Sodré, Paulo Roberto; Souza, Risonete Batista (orgs.) *Série Estudos Medievais – Metodologias*. Rio de Janeiro: GT de Estudos Medievais da Anpoll, p. 1-15, 2008a. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/poslinpor/gtmedieval/interno.php?secao=metodologias>. Acesso em 03 dezembro de 2010. (ISBN 978-85-89760-02-7)

MASSINI-CAGLIARI, G. Interface Fonologia-Poesia-Música: uma análise do ritmo lingüístico do Português Arcaico, a partir da notação musical das Cantigas de Santa Maria. In: *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 9-20, jan.-abr. 2008b. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N1_01.pdf. Acesso em: 29 de novembro de 2010.

MASSINI-CAGLIARI, G. Do ritmo musical para o ritmo lingüístico, a partir da análise de uma *Cantiga de Santa Maria* de Afonso X. In: *Anais do SIMCAM4 – IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. São Paulo, USP, p. 1-7, 28 a 30 de maio de 2008c. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/anais_simcam4.htm. Acesso em 06 novembro de 2010.

MASSINI-CAGLIARI, G. Das cadências musicais para o ritmo lingüístico: uma análise do ritmo lingüístico do português arcaico, a partir da notação musical das Cantigas de Santa Maria. In: *Revista da ABRALIN*, v. 7, p. 9-26, 2008d.

MASSINI-CAGLIARI, G. A notação musical como fonte para o estudo do ritmo lingüístico no período trovadoresco do português: as cantigas de amor de D. Dinis. In: Massini-Cagliari, Gladis; Muniz, Márcio Ricardo Coelho; Sodré, Paulo Roberto (orgs.) *Série Estudos Medievais 2 – Fontes*. Araraquara: GT de Estudos Medievais da Anpoll, p. 63-79, 2009.

MASSINI-CAGLIARI, G. From Musical Cadences to Linguistic Prosody: How to Abstract Speech Rhythm of the Past. In: Partridge, John (ed.) *Interfaces in language*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2010a. p. 113-134.

MASSINI-CAGLIARI, G. Sobre as relações entre proeminências musicais e poéticas na poesia trovadoresca profana e religiosa. In: Pires, Antônio Donizetti; Fernandes, Maria Lúcia Outeiro. *Matéria de poesia. Crítica e criação*. Araraquara : FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010b. p. 47-66.

MASSINI-CAGLIARI, G. Contribuição para a análise do ritmo lingüístico das cantigas medievais profanas e religiosas a partir de uma interface Música-Linguística. In: Rebelo, Helena (Coord.) *Lusofonia: Tempo de Reciprocidades*. Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Madeira, 4 a 9 de agosto de 2008. Porto: Edições Afrontamento, 2011. Vol. I, p. 41-53.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L.C. Fonética. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (org). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 105-146.

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas - elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, R. V. *O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOSO, G. *Tratado de versificação*. São Paulo: Annablume, 2010.

MESSNER, D. Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et.al. (Org.). *Descrição do português: Lingüística Histórica e Historiografia Lingüística*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 97-117. Série Trilhas Lingüísticas nº 3.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV: Glossário.

METTMANN, W. (ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)*. Madrid: Castalia, 1986.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13); seguidas das lições práticas de português arcaico*. Lisboa: Revista de Portugal, 1946. 1. ed. em 1912-1913.

MOHANAN, K. P. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

NASCIMENTO, Aires A. Hagiografia. In LANCIANI, G.; TAVANI, G. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p. 307-310.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PAGOTTO, E. G. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Tese (Mestrado em Lingüística)- IEL/UNICAMP, Campinas, 1992.

PARKINSON, S. R. As *Cantigas de Santa Maria*: estado das cuestións textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, p. 179-205, 1998a.

PARKINSON, S. Two for the price of one; on the Castroxeriz *Cantigas de Santa Maria*. In: FLITTER, D. W.; BAUBETA, P. O. (Coord.). *Ondas do Mar de Vigo: Actas do Simposio Internacional sobre a Lírica Medieval Galego-Portuguesa*. Día das Letras Galegas. Birmingham, UK: Seminario de Estudios Galegos, Department of Hispanic Studies, University of Birmingham, 1998b. p. 72-88.

PARKINSON, S. Layout and Structure of the Toledo Manuscript of the *Cantigas de Santa Maria*. In: PARKINSON, S. (Ed.). *Cobras e Son: Papers on the Text Music and Manuscripts of the 'Cantigas de Santa Maria'*. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p. 133-153.

PULLEYBLANK, D. *Tone in Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

RIBEIRO, I. Sobre os usos de ênclise nas estruturas subordinadas no português. In: *Estudos da Lingua(gem) – Estados diacrônicos e sincrônicos da Lingua Portuguesa/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*. v.8, n.1 (jun. 2010). – Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2010. p.15-40.

ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*. 5.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHAFFER, M. E. Los códices de las «Cantigas de Santa María»: su problemática. In: MONTOYA MARTÍNEZ, J.; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, A. (Coord.). *El Scriptorium 345 alfonsí: de los Libros de Astrología a las «Cantigas de Santa María»*. Madrid: Editorial Complutense, 1999. p. 127-148.

SCHAFFER, M. E. The ‘Evolution’ of the *Cantigas de Santa Maria*: The Relationships between Manuscripts T, F and E. In: PARKINSON, S. (Ed.). *Cobras e Son: Papers on the Text Music and Manuscripts of the ‘Cantigas de Santa Maria’*. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p. 186-213.

SELKIRK, E. O. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Indiana: IULC, 1980.

SELKIRK, E. O. *Phonology and syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.

SILVA, T. C. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1950.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970. 1. ed. em 1957.

SIMIONI, T. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em Português Brasileiro. In: *Alfa*. São Paulo, 52 (2). p. 431-446, 2008.

SNOW, J. T. Alfonso X y las “Cantigas”: documento personal y poesía colectiva. In: MONTOYA MARTÍNEZ, J.; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, A. (Coord.). *El Scriptorium alfonsí: de los Libros de Astrología a las «Cantigas de Santa María»*. Madrid: Editorial Complutense, 1999. p. 159-172.

SPINA, S. *Manual de versificação românica medieval*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971.

TAVANI, G. *Ensaios portugueses: Filologia e Lingüística*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casada Moeda, 1988.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para prosódia e para aplicação de processos fonológicos*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2002.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

TONELI, P. M. *A palavra prosódica no Português Brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais*. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

VASCONCELLOS, J. L. de. *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

- VIEIRA, Y. F. *Poesia Medieval: Literatura Portuguesa*. São Paulo: Global, 1987.
- VIGÁRIO, M. *The prosodic word in European Portuguese*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001. Tese de Doutorado.
- VIGÁRIO, M. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M. & COUTINHO, M. A. (Orgs.) *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, p. 2007. p. 673-688.
- VIGÁRIO, M; FERNANDES-SVARTMAN, F. A atribuição de acentos tonais em compostos no Português do Brasil. In: *Actas do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados*. Porto: Tip. Nunes, Ltda-Maia, 2010. p.769-786.
- ZWICKY, A.; G. K. PULLUM. Cliticization vs. inflection: English n't. *Language* 59 (3): 1983. p.502-513.
- WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.
- WULSTAN, D. The compilation of the *Cantigas* of Alfonso el Sabio. In: PARKINSON, S. (Ed.). *Cobras e Son: Papers on the Text Music and Manuscripts of the 'Cantigas de Santa Maria'*. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p. 154-185.
- XAVIER, M. F.; M. H. M. MATEUS (orgs.) *Dicionário de termos lingüísticos*. Volume 1. Lisboa: Cosmos, 1990.

APÊNDICE

A seguir temos as cem *Cantigas de Santa Maria* analisadas. Para melhor ilustrar o nosso mapeamento, optamos por grifar de amarelo o pronome oblíquo clítico; escrito em azul, logo abaixo do verso no qual há um pronome analisado, estão especificados o tipo de cliticização e a natureza do pronome, se acusativo, dativo ou reflexivo, e, finalmente, em verde, temos a palavra à qual o clítico está subordinado (em nossa análise sempre será o verbo) e a descrição do material interveniente (quando este existe) entre o verbo e o clítico. Também é importante destacar que nos casos em que nos deparamos com um sintagma verbal¹ optamos por não considerar sua estrutura interna e nem a relação de subordinação entre os verbos, assim não será marcado o verbo subordinante, uma vez que, do ponto de vista de cliticização fonológica, a estrutura interna do sintagma não é relevante.

¹ Casos de estrutura de sintagma verbal semelhante, pois os casos que julgamos diferentes e particulares serão analisados.

ANÁLISE CANTIGA 1

ESTA É A PRIMEIRA CANTIGA DE LOOR DE SANTA MARIA,
EMENTANDO OS VII GOYOS QUE OUVI DE SEU FILLO.

Des oge mais quer' eu trobar
pola Sennor onrrada,
en que Deus quis carne fillar
bñeyta e sagrada,
por nos dar gran soldada
no seu reyno e **nos** erdar

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*erdar*)

por seus de sa masnada
de vida perlongada,
sen avermos pois a passar
per mort' outra vegada.

E poren quero começar
como foy saudada
de Gabriel, u **lle** chamar

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*chamar*)

foy: «Benaventurada
Virgen, de Deus amada:
do que o mund' á de salvar
ficas ora prennada;
e demais ta cunnada
Elisabeth, que foi dultar,
é end' envergonnada».

E demais quero-**ll'** enmentar

3- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quero*)

como chegou canssada
a Belem e foy pousar
no portal da entrada,

u paryu sen tardada
 Jesu-Crist', e foy-**o** deytar,

4- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foy*)

como moller menguada,
 u deytan a cevada,
 no presev', e apousentar
 ontre bestias d'arada.

E non ar quero obridar
 com' angeos cantada
 loor a Deus foron cantar
 e “paz en terra dada”;
 nen como a contrada
 aos tres Reis en Ultramar
 ouv' a strela mostrada,
 por que sen demorada
 vëeron sa offerta dar
 estranna e preçada.

Outra razon quero contar
 que **ll'** ouve pois contada

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ouve*)

a Madalena: com' estar
 vynu a pedr' entornada
 do sepulcr' e guardada
 do angeo, que **lle** falar

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*falar*)

foy e disse: «Coytada
 moller, sey confortada,
 ca Jesu, que vëes buscar,
 resurgiu madurgada.»

E ar quero-**vos** demostrar

7- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quero*)

gran lediç' aficada

que ouv' ela, u vvy alçar
 a nuv' enlumada
 seu Fill'; e poys alçada
 foi, viron angeos andar
 ontr' a gent' assuada,
 muy desaconsellada,
 dizend': Assi verrá juygar,
 est' é cousa provada.

Nen quero de dizer leixar
 de como foy chegada
 a graça que Deus enviar
 lle quis, atan grãada,

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quis*)

que por el esforçada
 foy a companna que juntar
 fez Deus, e enssinada,
 de Spirit' avondada,
 por que souberon preegar
 logo sen alongada.

E, par Deus, non é de calar
 como foy corõada,
 quando seu Fillo a levar

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levar*)

quis, des que foy passada
 deste mund' e juntada
 con el no ceo, par a par,
 e Reña chamada,
 Filla, Madr' e Criada;
 e poren nos dev' ajudar,

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*dev'ajudar*)

ca x' é noss' avogada

ANÁLISE CANTIGA 2

ESTA É DE COMO SANTA MARIA PARECEU EN TOLEDO A SANT'
ALIFONSSO E DEU-LL' HÛA ALVA QUE TROUXE DE PARAYSO,
CON QUE DISSESSE MISSA.

*Muito devemos, varões,
loar a Santa Maria
que sas graças e seus dões
dá a quen por ela fia.*

Sen muita de bõa manna,
que deu a un seu prelado,
que primado foi d'Espanna
e Affons' era chamado,
deu-ll' hũa tal vestidura

1- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

que trouxe de Parayso,
ben feyta a ssa mesura,
porque metera seu siso
en a loar noyt' e dia.

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*loar*)

Poren devemos, varões...

Ben entregou el seus ditos,
com' achamos en verdade,
e os seus bõos escritos
que fez da virgĩdade
daquesta Sennor mui santa,
per que sa loor tornada
foi en Espanna de quanta
a end' avian deytada

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*ende*) + verbo (*avian*)

judeus e a eregia.

Poren devemos, varões...

Mayor miragre do mundo

II' ant' esta Sennor mostrara,

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrara*)

u con Rei Recessiundo

ena precisson andara,

u **lles** pareceu sen falla

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pareceu*)

Santa Locay', e enquanto

II' el Rey tallou da mortalla,

6- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *el* + substantivo *Rey*) + verbo (*tallou*)

disse-**I'**: «Ay, Affonso santo,

7- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

per ti viv' a Sennor mya.»

Poren devemos, varões...

Porque **o** a Groriosa

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma nominal (artigo defino *a* + substantivo *Groriosa*) + verbo (*achou*)

achou muy fort' e sen medo

en loar sa preciosa

virgĩindad' en Toledo,

deu-**lle** porend' hũa alva,

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

que nas sas festas vestisse,

a Virgen santa e salva

e, en dando-**lla**, **lle** disse:

10- ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *a* / verbo (*dando*)

11- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

«Meu Fillo esto **ch'** envia.»

12- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*envia*)

Poren devemos, varões...

Pois **II'** este don tan estrãyo

13- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (pronome demonstrativo *este* + substantivo *don* + advérbio *tan* + adjetivo *estrãyo*) + sintagma verbal (*ouve dad'*)

ouve dad' e tan fremoso,
disse: «Par Deus, muit eãyo
seria e orgulloso
quen **ss'** en esta ta cadeira,

14- próclise – pronome reflexivo / sintagma preposicional (preposição *en* + pronome demonstrativo *esta* + pronome possessivo *ta* + substantivo *cadeira*) + conjunção *se* + pronome pessoal tônico *tu* + negação *non* + verbo *es* + pronome reflexivo *se* + verbo (*assentasse*)²

se tu non es, **s'** assentasse,

15- próclise – pronome reflexivo / verbo (*assentasse*)

nen que per nulla maneira
est' alva vestir provasse,
ca Deus del **se** vingaria.

16- próclise – pronome reflexivo / verbo (*vingaria*)

Poren devemos, varões...

Pois do mundo foi partido
este confessor de Cristo,
Don Siagrio falido
foi Arcebispo, poys isto,
que **o** fillou a seu dano;

17- próclise- pronome oblíquo acusativo / verbo (*fillou*)

ca, porque foi atrevudo
en **se** vestir aquel pano,

18- próclise – pronome reflexivo / verbo (*vestir*)

foi logo mort' e perdudo,
com' a Virgen dit' avia.
Poren devemos, varões...

² Neste caso ouve uma duplicação do uso do pronome reflexivo *se*, que nos dois casos se cliticiza à forma verbal *assentasse*.

ANÁLISE CANTIGA 3

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ COBRAR A THEOPHILO A
CARTA QUE FEZERA CONO DEMO, U SE TORNOU SEU VASSALO.

Mais **nos** faz Santa Maria

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*faz*)

a seu Fillo perdōar,
que nos per nossa folia

ll' imos falir e errar.

2- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*imos falir*)

Por ela **nos** perdōou

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*perdōou*)

Deus o pecado d'Adam
da maçãa que gostou,
per que soffreu muit' affan
e no inferno entrou;
mais a do mui bon talan
tant' a seu Fillo rogou,
que **o** foi end' el sacar.

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foi*)

Mais **nos** faz Santa Maria...

Pois ar fez perdon aver
a Theophilo, un seu
servo, que fora fazer
per consello dun judeu
carta por gãar poder
cono demo, e **lla** deu;

5- próclise – pronome oblíquo dativo *lhe* + pronome oblíquo acusativo *la* / verbo (*deu*)

e fez-**ll'** en Deus descreer,

6- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

des i a ela negar.

Mais **nos** faz Santa Maria...

Pois Theophilo assi
 fez aquesta trayçon,
 per quant' end' eu aprendi,
 foy do demo gran sazon;
 mais depoys, segund' oý,
 repentiu-ss' e foy perdon

7- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*repentiu*)

pedir logo, ben aly
 u peccador sol achar.

Mais **nos** faz Santa Maria...

Chorando dos ollos seus
 muito, foy perdon pedir,
 u vyu da Madre de Deus
 a omagen; sen falir

lle diss': «Os peccados meus

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

son tan muitos, sen mentir,
 que, se non per rogos teus,
 non poss' eu perdon gãar.»

Mais **nos** faz Santa Maria

Theophilo dessa vez
 chorou tant' e non fez al,
 trões u a que de prez
 todas outras donas val,
 ao demo mais ca pez
 negro do fog' infernal
 a carta trager-**lle** fez,

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*trager*)

e deu-**lla** ant' o altar.

10- ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *a* / verbo (*deu*)

Mais **nos** faz Santa Maria...

ANÁLISE CANTIGA 4

ESTA É COMO SANTA MARIA GUARDOU AO FILLO DO JUDEU
QUE NON ARDESSE, QUE SEU PADRE DEITARA NO FORNO.

*A Madre do que livrou
dos leões Daniel,
essa do fogo guardou
un menyo d'Irrael.*

En Beorges un judeu
ouve que fazer sabia
vidro, e un fillo seu
-ca el en mais non avia,
per quant' end' aprendi eu-
ontr' os crischãos liya
na escol'; e era greu
a seu padre Samuel.

A Madre do que livrou ...

O menyo o mellor
leeu que leer podia
e d'aprender gran sabor
ouve de quanto oya;
e por esto tal amor
con esses moços collia,
con que era leedor,
que ya en seu tropel.

A Madre do que livrou...

Poren **vos** quero contar

1- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quero contar*)

o que **II'** avëo un dia

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avëo*)

de Pascoa, que foi entrar

na eygreja, u viia
 o abad' ant' o altar,
 e aos moços dand' ya
 ostias de comungar
 e vy' en un calez bel.
A Madre do que livrou...

O judeucyo prazer
 ouve, ca **lle** parecia
 3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*parecia*)
 que ostias a comer
lles dava Santa Maria,
 4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dava*)
 que viia resprandecer
 eno altar u siia
 e enos braços ter
 seu Fillo Hemanuel.
A Madre do que livrou...

Quand' o moç' esta vison
 vya, tan muito **lle** prazia,
 5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prazia*)
 que por fillar seu quinnon
 ant' os outros **se** metia.
 6- próclise – pronome reflexivo / verbo (*metia*)
 Santa Maria enton
 a mão **lle** porregia,
 7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*porregia*)
 e deu-**lle** tal comuyon
 8- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)
 que foi mais doce ca mel.
A Madre do que livrou ...

Poi-la comuyon fillou,
 logo dali **se** partia

9- próclise – pronome reflexivo / verbo (*partia*)

e en cas seu padr' entrou

como **xe** fazer soya;

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fazer*)

e ele **lle** preguntou

11- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*preguntou*)

que fezera. El dizia:

«A dona **me** comungou

12- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*comungou*)

que vi so o chapitel.»

A Madre do que livrou...

O padre, quand' est' oyu,

creceu-**lli** tal felonia,

13- ênclise – pronome oblíquo dativo (lle) / verbo (*creceu*)

que de seu siso sayu;

e seu fill' enton prendia,

e u o forn' arder vyu

meté-**o** dentr' e choya

14- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*meté*)

o forn', e mui mal falyu

como traedor cruel.

A Madre do que livrou...

Rachel, sa madre, que ben

grand' a seu fillo queria,

cuidando sen outra ren

que **lle** no forno ardia,

15- próclise – pronome oblíquo dativo / adjunto adverbial (*no forno*) + verbo (*ardia*)

deu grandes vozes poren

e ena rua sayu;

e aque a gente vem

ao doo de Rachel.

A Madre do que livrou...

Pois souberon sen mentir
 o por que ela carpia,
 foron log' o forn' abrir
 en que o moço jazia,
 que a Virgen quis guarir
 como guardou Anania
 Deus, seu fill', e sen falir
 Azari' e Misahel.
A Madre do que livrou...

O moço logo dali
 sacaron con alegria
 e preguntaron-**II'** assi

16- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*preguntaron*)
 se **sse** d'algun mal sentia.

17-próclise – pronome reflexivo / sintagma preposicional (preposição *de* + pronome indefinido
algun + substantivo *mal*) + verbo (*sentia*)

Diss' el: «Non, ca eu cobri
 o que a dona cobria
 que sobelo altar vi
 con seu Fillo, bon donzel.»
A Madre do que livrou ...

Por este miragr' atal
 log' a judea criya,
 e o menño sen al
 o batismo recebia;
 e o padre, que o mal
 fezera per sa folia,
 deron-**II'** enton morte qual

18- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deron*)
 quis dar a seu fill' Abel.

A Madre do que livrou ...

ANÁLISE CANTIGA 5

ESTA É COMO SANTA MARIA AJUDOU A EMPERADRIZ DE ROMA
A SOFRE-LAS GRANDES COITAS PER QUE PASSOU.

*Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer,
Santa Maria deve sempr'ante si pōer.*

E desto **vos** quer' eu ora contar, segund' a letra diz,

1- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*contar*)

un mui gran miragre que fazer quis pola Enperadriz
de Roma, segund' eu contar oý, per nome Beatriz,
Santa Maria, a Madre de Deus, ond' este cantar fiz,

que **a** guardou do mundo, que **lle** foi mal joyz,

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guardou*)

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*foi*)

e do demo que, por tentar, **a** cuydou vencer.

4 – próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*cuydou vencer*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Esta dona, de que **vos** disse ja, foi dun Emperador

5- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

moller; mas pero del nome non sei, foi de Roma sennor
e, per quant' eu de seu feit' aprendi, foi de mui gran valor.

Mas a dona tant' era fremosa, que foi das belas flor

e servidor de Deus e de sa ley amador,

e soube Santa Maria mays d'al ben querer.

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Aquest' Emperador a sa moller queria mui gran ben,

e ela outrossi a el amava mais que outra ren;

mas por servir Deus o Enperador, com' ome de bon sen,

cruzou-**ss**' e passou o mar e foi romeu a Jherusalen.

6- ênclise - pronome reflexivo / verbo (*cruzou*)

Mas, quando moveu de Roma por passar alen,

leyxou seu irmão e fez y gran seu prazer.

Quenas coitas deste mundo ben quiser sofrer...

Quando **ss'**ouv' a ir o Emperador, aquel irmão seu,

7- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ouv'*)

de que **vos** ja diss', a ssa moller a Emperadriz **o** deu,

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (advérbio *ja* + verbo *disse*)

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deu*)

dizend': «Este meu irmão receb' oi mais por fillo meu,

e **vos** seede-**ll'** en lugar de madre poren, **vos** rogu' eu,

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*seede*)

11- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*seede*)

12- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogu'*)

e de **o** castigardes ben non **vos** seja greu;

13- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*castigardes*)

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*seja*)

en esto **me** podedes muy grand' amor fazer.»

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*podedes*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Depoi-lo Emperador **se** foi. A mui pouca de sazón

16- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

catou seu irmão a ssa moller e namorou-**s'** entón

17- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*namorou*)

dela, e disse-**lle** que **a** amava mui de corazón;

18- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

19- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*amava*)

mai-la santa dona, quando **ll'** oyu dizer tal trayçon,

20- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*oyu dizer*)

en hũa torre **o** meteu en muy gran prijon,

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*meteu*)

jurando muyto que **o** faria y morrer.

22- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faria*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

O Emperador dous anos e meyo en Acre morou
e tod'a terra de Jerussalem muitas vezes andou;
e pois que tod' est' ouve feito, pera Roma **se** tornou;

23- próclise – pronome reflexivo / verbo (*tornou*)

mas ante que d'Ultramar **se** partisse, mandad' enviou

24- próclise – pronome reflexivo / verbo (*partisse*)

a sa moller, e ela logo soltar mandou

o seu irmão muy falsso, que **a** foy traer.

25- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foy traer*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Quando o irmão do Emperador de prijon sayu,
barva non fez nen cercêou cabelos, e mal **se** vestiu;

26- próclise – pronome reflexivo / verbo (*vestiu*)

a seu irmão foi e da Emperadriz non **s** espedyu;

27- próclise – pronome reflexivo / verbo (*espedyu*)

mas o Emperador, quando **o** atan mal parado vyu,

28- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma adverbial (advérbio *atan* + advérbio *mal* + adjetivo *parado*) + verbo (*vyu*)

preguntou-**lli** que fora, e el **lle** recodyu:

29- ênclise – pronome oblíquo dativo (*lle*) / verbo (*preguntou*)

30- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*recodyu*)

«En poridade **vos** quer' eu aquesto dizer.»

31- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizer*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Quando foron ambos a hũa parte, fillou-**s'** a chorar

32- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

o irmão do Emperador e muito **xe lle** queixar

33- próclise – pronome reflexivo / pronome oblíquo dativo (*lle*) + verbo (*queixar*)

34- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*queixar*)

de sa moller, que, porque non quisera con ela errar,

que **o** fezera porende tan tost' en un carcer deitar.

35- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fezera*)

Quand' o Emperador oyu, ouv' en tal pesar,

que **se** leixou do palaffren en terra caer.

36- próclise – pronome reflexivo / verbo (*leixou*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser sofrer...

Quand' o Emperador de terra **s'**ergeu, logo, sen mentir,

37- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ergeu*)

cavalgou e quanto mais pod' a Roma começou de **ss'**ir;

38- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

e a pouca d'ora vyu a Emperatriz a ssi vñir,

e logo que **a** vyu, mui sannudo a ela leixou-**ss'** ir

39- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vyu*)

40- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

e deu-**lle** gran punnada no rostro, sen falir,

41- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

e mandou-**a** matar sen a verdade saber.

42- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mandou*)

Quenas coytas deste mundo ben quiser soffrer...

Dous monteiros, a que esto mandou, fillárona des i

e rastrand' a un monte **a** levaron mui preto dali;

43- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levaron*)

e quando **a** no monte teveron, falaron ontre si

44- próclise – pronome oblíquo acusativo / adjunto adverbial (*no monte*) + verbo (*teveron*)

que jouvessen con ela per força, segund' eu aprendi.

Mas ela chamando Santa Maria, log' y

chegou un Conde, que **lla** foy das mãos toller.

45- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *a* / verbo (*foy*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

O Conde, poi-**la** livrou dos vilãos, disse-**lle**: «Senner,

46- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*livrou*)

47- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

dizede-**m'** ora quen sodes ou dond'.» Ela respos: «Moller

48- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizede*)

são mui pobr' e coitada, e de vosso ben ei mester.»

«Par Deus», diss' el Conde, «aqueste rogo farei volonter,
ca mia companneira tal come vos muito quer
que criedes nosso fill' e façedes crecer.»
Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Pois que o Cond' aqesto diss', enton atan toste, sen al,
a levou consigo aa Condessa e disse-ll' atal:

49- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levou*)

50- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

«Aquesta moller pera criar nosso fillo muito val,
ca vejo-a mui fremosa, demais, semella-me sen mal;

51- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vejo*)

52- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*semelha*)

e poren tenno que seja contra nos leal,
e metamos-ll'e des oi mais o moç' en poder.»

53- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*metamos*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Pois que a santa dona o fillo do Conde recebeu,
de o criar muit' apost' e mui ben muito sse trameteu;

54- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*criar*)

55- próclise – pronome reflexivo / verbo (*trameteu*)

mas un irmão que o Cond' avia, mui falss' e sandeu,
Pedi-ll'e seu amor; e porque ela mal llo acolleu,

56- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pediu*)

57- próclise – pronome oblíquo dativo lle + pronome oblíquo acusativo o / verbo (*acolleu*)

degolou-ll' o menço hũa noit' e meteu

58- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*degolou*)

ll' o cuitelo na mão po-la fazer perder.

59- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*meteu*)

60- próclise – pronome oblíquo acusativo la / preposição (*por*) + sintagma verbal (*fazer perder*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Pois desta guisa pres mort' o menço, como vos dit' ei,

61- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*dit'ei*)

a santa dona, que **o** sentiu morto, diss': «Ai, que farei?»

62- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*sentiu*)

O Cond' e a Condessa **lle** disseron: «Que ás?» Diz: «Eu ey

63- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disseron*)

pesar e coita por meu criado, que ora mort' achey.»

Diss' o irmão do Conde: «Eu **o** vingarey

64- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vingarey*)

de ti, que **o** matar foste por nos cofonder.»

65- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*matar*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Pois a dona foi ferida mal daquel, peyor que tafur,

e non vñia quen **lla** das mãos sacasse de nenllur

66- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma preposicional (preposição *das* + substantivo *mãos*)
+ verbo (*sacasse*)

senon a Condessa, que **lla** fillou, mas esto muit' adur;

67- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fillou*)

ñus dizian: «Quéimena**a**!» e outros: «Moirá con segur!»

68- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Quéimen*)

Mas poi-**la** deron a un marñeiro de Sur,

69- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deron*)

que **a** fizesse mui longe no mar somerger.

70- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fizesse*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

O marñeiro, poi-**la** ena barca meteu, ben come fol

71- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma preposicional (preposição + artigo) *ena* +
substantivo *barca*) + verbo (*meteu*)

disse-**lle** que fizesse seu talan, e seria sa prol;

72- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

mas ela diss' enton: «Santa Maria, de mi non **te** dol,

73- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*dol*)

nenno teu Fillo de mi non **se** nenbra, como fazer sol?»

74- próclise – pronome reflexivo / verbo (*nenbra*)

Enton vñe voz de ceo, que **lle** disse: «Tol

75- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

tas mãos dela, se non, farey-**te** perecer.»

76- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*farey*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Os marýeiros disseron enton: «Pois est' a Deus non praz,
leixemo-**la** sobr' aquesta pena, u pod' aver assaz

77- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixemo*)

de coita e d'affan e pois morte, u outra ren non jaz,
ca, se **o** non fazermos, en mal ponto vimos seu solaz.

78- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*fazermos*)

E pois foy feyto, o mar non**a** leixou en paz,

79- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixou*)

ante **a** vëo con grandes ondas combater.

80- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vëo*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

A Emperadriz, que non **vos** era de coração rafez,

81- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*era*)

com' aquela que tanto mal sofrera e non hũa vez,
tornou, con coita do mar e de fame, negra come pez;
mas en dormindo a Madre de Deus direi-**vos** que **lle** fez:

82- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

83- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

tolleu-**ll'** a fam' e deu-**ll'** hũa erva de tal prez,

84- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tolleu*)

85- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

con que podesse os gaffos todos guarecer.

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

A santa dona, pois que **ss'** espertou, non sentiu null' afan

86- próclise – pronome reflexivo / verbo (*espertou*)

nen fame, come se senpr' ouvesse comudo carn' e pan;
e a erva achou so sa cabeça e disse de pran:

«Madre de Deus, bẽeitos son os que en ti fyuzan,

ca na ta gran mercee nunca falecerán
enquanto **a** souberen guardar e agradecer.»

87- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*souberen*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Dizend' aquesto, a Emperadriz, muit' amiga de Deus,
vyu vñir hũa nave preto de si, chũa de romeus,
de bõa gente, que non avia y mouros nen judeus.
Pois chegaron, rogou-**lles** muito chorando dos ollos seus,

88- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogou*)

dizendo: «Levade-**me** vosc', ay, amigos meus!»

89- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*levade*)

E eles logo conssigo **a** foron coller.

90- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foron coller*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Pois a nav' u a Emperadriz ya aportou na foz
de Roma, logo baixaron a vea, chamando: «Ayoç.»
E o maestre da nave diss' a un seu ome: «Vai, coz
carn' e pescado do meu aver, que **te** non cost' hũa noz.»

91- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*cost'*)

E a Emperadriz guaryu un gaf', e a voz
foy end', e muitos gafos fezeron **ss'** y trager.

92- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fezeron*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Ontr' os gafos que a dona guariu, que foron mais ca mil
foi guarecer o irmão de Conde eno mes d'abril;
mas ant' ouv' el a dizer seu pecado, que fez come vil.
Enton a Condessa e el Conde changian a gentil
dona, que perderan por trayçon mui sutil
que **ll'** aquel gaffo traedor fora bastecer.

93- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (pronome demonstrativo *aquel* + substantivo *gaffo* + adjetivo *traedor*) + sintagma verbal (*fora bastecer*)

Quenas coytas deste mundo ben quiser soffrer...

Muitos gafos sãou a Emperadriz en aquele mes;
mas de grand' algo que poren **lle** davan ela ren non pres,

94- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*davan*)

mas andou en muitas romarias, e depois ben a três
meses entrou na cidade de Roma, u er' o cortes

Emperador, que **a** chamou e disso-**lle**: «Ves?

95- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*chamou*)

96- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disso*)

Guari-**m**' est' irmão gaff', e dar-**ch**-ei grand' aver.»

97- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Guari*)

98- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*darei*)

Quenas coytas deste mundo ben quiser soffrer...

A dona diss' ao Emperador: «Voss' irmão guarrá;
mas ante que eu en el faça ren, seus pecados dirá
ant' o Apostolig' e ante vos, como os feitos á.»

E pois foi feito, o Emperador diss': «Ai Deus, que será?

Nunca mayor trayçon desta om' oyrá.»

E con pesar seus panos **se** fillou a ronper.

99- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

Quenas coytas deste mundo ben quiser soffrer...

A Emperadriz fillou-**s**' a chorar e diss': «A mi non nuz

100- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

en vos saberdes que soon essa, par Deus de vera cruz,
a que **vos** fezeistes atan gran torto, com' agor' aduz

101- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fezeistes*)

voss' irmão a mãefesto, tan feo come estruz;

mas des oi mais a Santa Maria, que é luz,

quero servir, que **me** nunca á de falecer.

102- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*nunca*) + verbo (*á*)

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer...

Per nulla ren que **ll**' o Emperador dissesse, nunca quis

103- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo *o* + substantivo *Emperador*) + verbo (*dissesse*)

a dona tornar a el; ante **lle** disse que fosse fis

104- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

que ao segre non ficaria nunca, par San Denis,

nen ar vestiria pano de seda nen pena de gris,

mas hũa cela faria d'obra de Paris,

u **se** metesse por mays o mund' avorrecer.

105- próclise – pronome reflexivo / verbo (*metesse*)

Quenas coytas deste mundo ben quiser soffrer...

ANÁLISE CANTIGA 6

ESTA É COMO SANTA MARIA RESSUCITOU AO MENO
QUE O JUDEU MATARA PORQUE CANTAVA «GAUDE VIRGO MARIA».

*A que do bon rey Davi
de seu linnage decende,
nenbra-**lle**, creed' a mi,*

1- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*nenbra*)

de quen por ela mal prende.

Porend' a Sant' Escritura, | que non mente nen erra,
nos conta un gran miragre | que fez en Engraterra

2- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*conta*)

a Virgen Santa Maria, | con que judeus an gran guerra
porque naceu Jesu-Cristo | dela, que **os** reprende.

3- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*reprende*)

A que do bon rei Davi...

Avia en Engraterra | hũa moller menguada,
a que morreu o marido, | con que era casada;
mas ficou-**lle** del un fillo, | con que foi mui confortada,

4- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ficou*)

e log' a Santa Maria | **o** offereu porende.

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*offereu*)

A que do bon rei Davi...

O menỹ' a maravilla | er' apost' e fremoso,
e d' aprender quant' oya | era muit' engẽoso;
e demais tan ben cantava, | tan manss' e tan saboroso,
que vencia quantos eran | en ssa terr' e alende.

A que do bon rei Davi...

E o cantar que o moço | mais aposto dizia,
e de que **sse** mais pagava | quen quer que **o** oya,

6- próclise – pronome reflexivo / advérbio (*mais*) + verbo (*pagava*)

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*oya*)

era un cantar en que diz: «Gaude Virgo Maria»;

e pois diz mal do judeu, que sobr' aqesto contende.

A que do bon rei Davi...

Este cantar o menño | atan ben **o** cantava,

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*cantava*)

que qualquer que **o** oya | tan toste **o** fillava

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*oya*)

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fillava*)

e por leva-**lo** consigo | conos outros barallava,

11- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leva*)

dizend': «Eu dar-**ll**-ei que jante, | e demais que merende.»

12- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*darei*)

A que do bon rei Davi...

Sobr' esto diss' o menño: | «Madre, fe que devedes,

des oge mais **vos** consello | que **o** pedir leixedes,

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*consello*)

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*pedir leixedes*)

pois **vos** dá Santa Maria | por mi quanto **vos** queredes,

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dá*)

16- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*queredes*)

e leixad' ela despenda, | pois que tan ben despende.»

A que do bon rei Davi...

Depois, un dia de festa, | en que foron juntados

muitos judeus e crischãos | e que jogavan dados,

enton cantou o menño; | e foron en mui pagados

todos, senon un judeu que **lle** quis gran mal des ende.

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quis*)

A que do bon rei Davi...

No que o moço cantava | o judeu meteu mentes,

e levó-o a ssa casa, | pois se foron as gentes;

18- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levo*)

19- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foron*)

e deu-lle tal da acha, | que ben atro enos dentes

20- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

o fendeu bñes assi, ben como quen lenna fende.

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fendeu*)

A que do bon rei Davi...

Poi-lo menño fo morto, | o judeu muit' agña

soterró-o na adega, | u sas cubas tñya;

22- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*soterró*)

mas deu mui maa noite | a sa madre, a mesqña,

que o andava buscando | e dalend' e daquende.

23- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*andava buscando*)

A que do bon rei Davi...

A coitada por seu fillo | ya muito chorando

e a quantos ela viia, | a todos preguntando

se o viran; o³ un ome | lle diss'; «Eu o vi ben quando

24- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*viran*)

25- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

26- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vi*)

un judeu o levou sigo, | que os panos revende.»

27- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levou*)

A que do bon rei Davi...

As gentes, quand' est' oiron, | foron alá correndo,

e a madre do menño | braadand' e dizendo:

«Di-me que fazes, meu fillo, | ou, que estás atendendo,

28- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Di*)

que non vees a ta madre, | que ja sa mort' entende.»

A que do bon rei Davi...

³ Desconsiderado, possível erro de cópia.

Pois diss': «Ai, Santa Maria, | Sennor, tu que es porto
u ar[r]ibano os coytados, | dá-me meu fillo morto

29- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dá*)

ou viv' ou qual quer que seja; | se non, farás-me gran torto,

30- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*farás*)

e direi que mui mal erra | queno teu ben atende.»

A que do bon rei Davi...

O menñ' enton da fossa, | en que o soterrara

31- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*soterrara*)

o judeu, começou logo | en voz alta e clara

a cantar «Gaude Maria», | que nunca tan ben cantara,

por prazer da Gloriosa, | que seus servos defende.

A que do bon rei Davi...

Enton tod' aquela gente | que y juntada era

foron corrend' aa casa | ond' essa voz vëera,

e sacaron o menñõ | du o judeu o posera

32- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*posera*)

viv' e são, e dizian | todos: Que ben recende!»

A que do bon rey Davi...

A madr' enton a seu fillo | preguntou que sentira;

e ele lle contou como | o judeu o ferira,

33- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contou*)

34- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ferira*)

e que ouvera tal sono | que sempre depois dormira,

ata que Santa Maria | lle disse: «Leva-t' ende;

35- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

36- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Leva*)

A que do bon rey Davi...

Ca muito per ás dormido, | dormidor te feziste,

37- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*feziste*)

e o cantar que dizias | meu ja escaeciste;

mas leva-t' e di-o logo | mellor que nunca dissiste,

38- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*leva*)

39- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*di*)

assi que achar non possa | null'om' y que emende.»

A que do bon rey Davi...

Quand' esto diss' o menño, | quantos s'y acertaron

40- próclise – pronome reflexivo / advérbio (y) + verbo (*acertaron*)

aos judeus foron logo | e todo-los mataron;

41- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mataron*)

e aquel que o ferira | eno fogo o queimaron,

42- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ferira*)

43- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*queimaron*)

dizendo: «Quen faz tal feito, | desta guisa o rende.»

44- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*rende*)

A que do bon rey Davi...

ANÁLISE CANTIGA 7

ESTA É COMO SANTA MARIA LIVROU A ABADESSA PRENNE,
QUE ADORMECERA ANT' O SEU ALTAR CHORANDO.

Santa Maria amar

*devemos muit' e rogar
que a ssa graça ponna
sobre nos, por que errar
non nos faça, nen peccar,*

1-próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faça*)

o demo sen vergonna.

Porende vos contarey

2-próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contarey*)

un miragre que achei
que por hũa badessa
fez a Madre do gran Rei,
ca, per com' eu apres' ei,
era-xe sua essa.

3- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*era*)

Mas o demo enartar

a foi, por que emprennnar

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*foi*)

s ouve dun de Bolonna,

5- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ouve*)

ome que de recadar
avia e de guardar
seu feit' e sa besonna.

Santa Maria amar...

As monjas, pois entender

foron esto e saber,

ouveron gran lediça;

ca, porque lles non sofrer

6- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*sofrer*)

quería de mal fazer,

avian-**lle** mayça.

7- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avian*)

E fóron**a** acusar

8- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foron*)

ao Bispo do logar,

e el ben de Colonna

chegou y; e pois chamar

a fez, vëo sen vagar,

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

leda e mui risonna.

Santa Maria amar...

O Bispo **lle** diss' assi:

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

«Dona, per quant' aprendi,

mui mal vossa fazenda

fezestes; e vin aqui

por esto, que ante mi

façades end' emenda.»

Mas a dona sen tardar

a Madre de Deus rogar

foi; e, come quen sonna,

Santa Maria tirar

lle fez o fill' e criar

11- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

lo mandou en Sanssonna.

12- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mandou*)

Santa Maria amar...

Pois **s** a dona espertou

13- próclise – pronome reflexivo / sintagma nominal (artigo *a* + substantivo *dona*) + verbo (*espertou*)

e se guarida achou,

log' ant' o Bispo vêo;

e el muito **a** catou

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*catou*)

e desnua-**la** mandou;

15- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*desnua*)

e pois **lle** vyu o sêo,

16- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*vyu*)

começou Deus a loar

e as donas a brasmar,

que eran d'ordin d'Onna,

dizendo: «Se Deus **m**'anpar,

17- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*anpar*)

por salva poss' esta dar,

que non sei que **ll**'aponna.»

18- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*apomma*)

Santa Maria amar...

ANÁLISE DA CANTIGA 8

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ EN ROCAMADOR DECENDER
HÛA CANDEA NA VIOLA DO JOGRAR QUE CANTAVA ANT' ELA.

A Virgen Santa Maria

todos **a** loar devemos,

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*loar*)

cantand' e con alegria,

quantos seu ben atendemos.

E por aquest' un miragre | **vos** direi, de que sabor

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

averedes poy-**l'** oirdes, | que fez en Rocamador

3- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*oirdes*)

a Virgen Santa Maria, | Madre de Nostro Sennor;

ora oyd' o miragre, | e nos contar-**vo-lo-**emos.

4- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contaremos*)

5- mesóclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*contaremos*)

A Virgen Santa Maria ...

Un jograr, de que seu nome | era Pedro de Sigrar,

que mui ben cantar sabia | e mui mellor violar,

e en toda-las eigrejas | da Virgen que non á par

un seu lais senpre dizia, | per quant' en nos aprendemos

A Virgen Santa Maria...

O lais que ele cantava | era da Madre de Deus,

estand' ant' a sa omagen, | chorando dos ollos seus;

e pois diss': «Ai, Groriosa, | se **vos** prazen estes meus

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prazen*)

cantares, hũa candea | **nos** dade a que cêemos.»

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dade*)

A Virgen Santa Maria ...

De com' o jograr cantava | Santa Maria prazer
ouv', e fez-**lle** na viola | hũa candea decer;

8- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

may-lo monge tesoureiro | foi-**lla** da mão toller,

9- ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *la* / sintagma preposicional
(preposição *da* + substantivo *mão*) + verbo (*toller*)

dizend': «Encantador sodes, | e non **vo-la** leixaremos.

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*leixaremos*)

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixaremos*)

A Virgen Santa Maria...

Mas o jograr, que na Virgen | tũa seu coração,
non quis leixar seus cantares, | e a candea enton
ar pousou-**lle** na viola; | mas o frade mui felon

12- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pousou*)

tolleu-**lla** outra vegada | mais toste ca **vos** dizemos.

13- ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *la* / verbo (*tolleu*)

14- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizemos*)

A Virgen Santa Maria ...

Pois a candea fillada | ouv' aquel monge des i
ao jograr da viola, | foy-**a** pøer ben ali

15- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foy*)

u **x'** ant' estav', e atou-**a** | mui de rrig' e diss' assi:

16- próclise – pronome reflexivo / conjunção (*ant'*) + verbo (*estav'*)

17- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*atou*)

«Don jograr, se **a** levardes, | por sabedor **vos** terremos.»

18- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levardes*)

19- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*terremos*)

A Virgen Santa Maria...

O jograr por tod' aquesto | non deu ren, mas violou
como **x'** ante violava, | e a candea pousou

20- próclise – pronome reflexivo / conjunção (*ante*) + verbo (*violava*)

outra vez ena vyola; | mas o monge **lla** cuidou

21- próclise – pronome oblíquo dativo *lhe* + pronome acusativo *a* / verbo (*cuidou*)

fillar, mas disse-**ll'** a gente: | «Esto **vos** non sofreremos.»

22- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

23- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*sofreremos*)

A Virgen Santa Maria...

Poi-lo monge perfiado | aqeste miragre v^{yu},
entendeu que muit' errara, | e logo **ss'** arrepen^{tiu};

24- próclise – pronome reflexivo / verbo (*arrepen^{tiu}*)

e ant' o jogar en terra | **se** deitou e **lle** pedyu

25- próclise – pronome reflexivo / verbo (*deitou*)

26- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pedyu*)

perdon por Santa Maria, | en que vos e nos creemos.

A Virgen Santa Maria...

Poy-la Viregen groriosa | fez este miragr' atal,
que deu ao lograr dōa | e converteu o negral
monge, dali adeante | cad' an' un grand' estadal
lhe trouxe a ssa eigreja | o jogar que dit' avemos.

27- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*trouxe*)

A Virgen Santa Maria...

ANÁLISE CANTIGA 9

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ EN SARDONAY, PRETO DE
DOMAS, QUE A SSA OMAGEN, QUE ERA PINTADA EN HÛA
TAVOA, SSE FEZESSE CARNE E MANASS' OYO.

*Por que nos ajamos
senpre, noit' e dia,
dela renenbrança,
en Domas achamos
que Santa Maria
fez gran demostraça.*

En esta cidade, | que **vos** ei ja dita,
1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (ei)
ouv' y hũa dona | de mui santa vida,
mui fazedor d'algu' e | de todo mal quita,
Mas, por que sabíamos
como non queria
do mundo gabança,
como fez digamos
hũa albergaria,
u fillou morança.
Por que nos ajamos...

E ali morand' e | muito ben fazendo
a toda-las gentes | que per y passavan,
vêo y un monge, | segund' eu aprendo,
que pousou con ela, | com' outros pousavan.
Diss' ela: «Ouçamos
u tēedes via,
se ides a França.»
Diss' el: «Mas cuidamos
dereit' a Suria
log' ir sen tardança.»

Por que nos ajamos...

Log' enton a dona, | chorando dos ollos,
muito **lle** rogava | que per y tornasse,

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogava*)

des que el ouvesse | fito-los gẽollos
ant' o San Sepulcro | e en el beijassee.

«E mais **vos** rogamos

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogamos*)

que, sse **vos** prazia,

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prazia*)

hũa semellança

que dalá vejamos

da que sempre guia

os seus sen errança.»

Por que nos ajamos...

Pois que foi o monge | na santa cidade,
u Deus por nos morte | ena cruz prendera,
comprido seu feito, | ren da magestade
non **lle** veo a mente, | que el prometera;

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*veo*)

mas disse: «Movamos,»

a sa conpania,

«que gran demorança

aqui u estamos

bõa non seria

sen aver pitança.»

Por que nos ajamos...

Quand' est' ouve dito, | cuidou-**ss'** ir sen falla;

6- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*cuidou*)

mas a voz do ceo | **lle** disse: «Mesqõo,

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

e como non levas, | asse Deus **te** valla,

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*valla*)

a omagen tigo | e vas teu camño?

Esto non loamos;

ca mal **ch**estaria

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*estaria*)

que, per obridança,

se a que amamos

monja non avia

da Virgen senbrança.»

Por que nos ajamos...

Mantenent' o frade | os que con el yan

leixou ir, e logo | tornou sen tardada

e foi buscar u as | omages vendian,

e comprou end' ùa, | a mellor pintada.

Diss' el: «Ben mercamos;

e quen poderia

a esta osmança

põer? E vaamos

a noss' abadia

con esta gaança.»

Por que nos ajamos...

E pois que o monge | aqesto feit' ouve,

foi-**ss** enton sa vi', a | omagen no sêo.

10- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

E log' y a preto | un leon, u jouve,

achou, que correndo | pera ele vêo

de so ùus ramos,

non con felonia,

mas con omildança;

por que ben creamos

que Deus **o** queria

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*queria*)

guardar, sen dultança.

Por que nos ajamos...

Des quando o monge | do leon foi quito,
que, macar **se** fora, | non perdera medo

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fora*)

del, a pouca d'ora | un ladron maldito,
que romeus roubava, | diss' aos seus quedo:

«Por que non matamos
este, pois desvia?

Dar-**ll**-ei con mia lança,

13- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*darei*)

e o seu partamos,

logo sen perfia

todos per iguança.»

Por que nos ajamos...

Quand' est' ouve dito, | quis en el dar salto,
dizendo: «Matemo- | **lo** ora, irmãos.»

14- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Matemo*)

Mas a voz do ceo | **lles** disse mui d'alto:

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

«Sandeus, non ponnades | en ele as mãos;

ca nos **lo** guardamos

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guardamos*)

de malfeitoria

e de malandança,

e ben **vos** mostramos

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostramos*)

que Deus prenderia

de vos gran vingança.»

Por que nos ajamos...

Pois na majestade | viu tan gran vertude,
o mong' enton disse: | «Como quer que seja,
bõa será esta, | asse Deus **m'**ajude,

18- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ajude*)

en Costantinoble | na nossa eigreja;

ca, se **a** levamos

19- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levamos*)

allur, bavequia

e gran malestança

serán, non erramos.»

E ao mar **s'** ya

20- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ya*)

con tal acordança.

Por que nos ajamos...

E en hũa nave | con outra gran gente

entrou, e gran peça | pelo mar singlaron;

mas hũa tormenta | vëo mantenente,

que do que tragian | muit' en mar deitaron,

por guarir, osmamos.

E ele prendia

con desasperança

a que aoramos,

que sigo tragia

por sa delivrança,

Por que nos ajamos...

Por no mar deita-**la**. | Que **a** non deitasse

21- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deita*)

22- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*deitasse*)

hũa voz **lle** disse, | ca era peccado,

23- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

mas contra o ceo | suso **a** alçasse,

24- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*alçasse*)

e o tempo forte | seria quedado.

Diz: «Prestes estamos.»

Enton **a** ergia

25- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ergia*)

e diz con fiança:

«A ti graças damos
que es alegria
noss' e amparança.»

Por que nos ajamos...

E log' a tormenta | quedou essa ora,
e a nav' a Acre | enton foi tornada;
e con ssa omagen | o monge foi fora
e foi-sse a casa | da dona onrrada.

26- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

Ora retrayamos
quan grand' arteria
fez per antollança;
mas, como pensamos,
tanto lle valrria

27- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*valrria*)

com' hũa garvança,
Por que nos ajamos...

O monge da dona | non foi connoçudo,
onde prazer ouve, | e ir-se quisera;

28- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

logo da capela | u era metudo
non viu end' a porta | nen per u vëera.

«Por que non leixamos.»

contra ssi dizia,
«e sen demorança,
esta que conpramos,
e Deus tiraria
nos desta balança?»

29- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*tiraria*)

Por que nos ajamos...

El esto pensando, | viu a port' aberta

e foi aa dona | contar ssa fazenda,
e deu-ll' a omagen, | ond' ela foi certa,

30- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

e sobelo altar | a pos por emenda.

31- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pos*)

Carne, non dultamos,

se fez e saya

32- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fez*)

dela, mas non rança,

grossain, e sejamos

certos que corria

e corr' avondança.

Por que nos ajamos...

ANÁLISE CANTIGA 10

ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA, COM' É FREMOSA E BÕA
E Á GRAN PODER.

*Rosas das rosas e Fror das frores,
Dona das donas, Sennor das sennores.*

Rosa de beldad' e de parecer
e Fror d'alegria e de prazer,
Dona en mui piadosa seer,
Sennor en toller coitas e doores.

Rosas das rosas e Fror das frores...

Atal Sennor dev' ome muit' amar,
que de todo mal **o** pode guardar;

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pode*)

e pode-**ll'** os peccados perdõar,

2- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pode*)

que faz no mundo per maos sabores.

Rosas das rosas e Fror das frores...

Devemo-**la** muit' amar e servir,

3- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Devemo*)

ca punna de **nos** guardar de falir;

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*guardar*)

des i dos erros **nos** faz repentir,

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faz*)

que nos fazemos come pecadores.

Rosas das rosas e Fror das frores,

Esta dona que tenno por Sennor
e de que quero seer trobador,
se eu per ren poss' aver seu amor,
dou ao demo os outros amores.

Rosas das rosas e Fror das frores...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 11

ESTA É DE COMO SANTA MARIA TOLLEU A ALMA DO MONGE
QUE SS' AFFOGARA NO RIO AO DEMO, E FEZE-O RESSOCITAR.

Macar ome per folia
aginna caer
pod' en pecado,
do ben de Santa Maria
non dev' a seer

Poren direi todavia
com' en hũa abadia
un tesoureiro avia,
 monge que trager
 con mal recado
a ssa fazenda sabia,
 por a Deus perder,
 o malfadado.

Macar ome per folia ...

Sen muito mal que fazia,
cada noyt' en drudaria
a hua sa druda ya
 con ela tẽer
 seu gasallado;
pero ant' «Ave Maria»
 sempr' ya dizer
 de mui bon grado.

Macar ome per folia ...

Quand' esto fazer queria,
nunca os sinos tangia,
e log' as portas abria
 por ir a fazer

o desguisado;
 mas no ryo que soya
 passar foi morrer
 dentr' afogado.
Macar ome per folia ...

E u **ll'** a alma saya,

1- próclise - pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *a* + substantivo *alma*) + verbo (*saya*)

log' o demo **a** prendia

2- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*prendia*)

e con muy grand' alegria

foi po**la** pōer

3- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*pōer*)

no fog' irado;

mas d' angeos compania

po**la** socorrer

4- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*socorrer*)

vẽo privado.

Macar ome per folia ...

Gran refferta y crecia,

ca o demo **lles** dizia:

5- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*dizia*)

«Ide daqui vossa via,

que dest' alm' aver

é juigado,

ca fez obras noit' e dia

senpr' a meu prazer

e meu mandado.»

Macar ome per folia ...

Quando est' a conpann' oya

dos angeos, **sse** partia

6- próclise - pronome reflexivo / verbo (*partia*)

dali triste, pois viya

o demo seer

ben rezõado;

mas a Virgen que **nos** guía

7- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*guía*)

non quis falecer

a seu chamado.

Macar ome per folia ...

E pois chegou, **lles** movía

8- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*movia*)

ssa razon con preitesia

que per ali **lles** faria

9 – próclise - pronome oblíquo dativo/ verbo (*faria*)

a alma toller

do frad' errado,

dizendo-**lles**: «Ousadia

10- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*dizendo*)

foi d'irdes tanger

meu comendado.»

Macar ome per folia ...

O demo, quand' entendía

esto, con pavor fugia;

mas un angeo corria

a alma prender,

led' afícado,

e no corpo **a** metia

11- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*metia*)

e fez-**lo** erger

12- ênclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

ressucitado.

Macar ome per folia ...

O convento atendia

o syno a que **ss'** ergia,

13- próclise - pronome reflexivo / verbo (*ergia*)

ca des peça non durmia;

poren sen lezer

ao sagrado

foron, e à agua ffria,

u viron jazer

o mui culpado.

Macar ome per folia...

Tod' aquela crerezia

dos monges logo liia

sobr' ele a ledania,

polo defender

14- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*defender*)

do denodado

demo; mas a Deus prazia,

e logo viver

fez o passado.

Macar ome per folia ...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 12

ESTA É COMO SANTA MARIA SE QUEIXOU EN TOLEDO ENO DIA
DE SSA FESTA DE AGOSTO, PORQUE OS JUDEUS CRUCIFIGAVAN
ÛA OMAGEN DE CERA, A SEMELLANÇA DE SEU FILLO.

*O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.*

E daquest' un gran miragre | vos quer' eu ora contar,

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quer'*)

que a Reinna do Ceo | quis en Toledo mostrar

eno día que a Deus foi corõar,

na sa festa que no mes d'Agosto jaz.

O que a Santa Maria mais despraz...

O Arcebispo aquel día | a gran missa ben cantou;

e quand' entrou na segreda | e a gente se calou,

2- próclise – pronome reflexivo / verbo (*calou*)

oyron voz de dona, que lles falou

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*falou*)

piadosa e doorida assaz.

O que a Santa Maria mais despraz...

E a voz, come chorando, | dizia: «Ay Deus, ai Deus,

com' é mui grand' e provada | a perfia dos judeus

que meu Fillo mataron, seendo seus,

e aynda non queren conosco paz.»

O que a Santa Maria mais despraz...

Poi-la missa foi cantada, | o Arcebispo sayu

da igrexa e a todos | diss' o que da voz oyu;

e toda a gent' assi lle recodyu:

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*recodyu*)

«Esto fez o poblo dos judeus malvaz.»

O que a Santa Maria mais despraz...

Enton todos mui correndo | começaron logo d'ir
dereit' aa judaria, | e acharon, sen mentir,
omagen de Jeso-Crist', a que ferir
yan os judeus e conspir-**lle** na faz.

5- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*conspir*)

O que a Santa Maria mais despraz...

E sen aquest', os judeus | fezeran a cruz fazer
en que aquela omagen | querian logo pøer.

E por est' ouveron todos de morrer,
e tornou-**xe-lles** en doo seu solaz.

6- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*tornou*)

7- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tornou*)

O que a Santa Maria mais despraz...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 13

ESTA É COMO SANTA MARIA GUARDOU O LADRON QUE NON
MORRESSE NA FORCA, PORQUE A SAUDAVA.

*Assi como Jesu-Cristo, estando na cruz, salvou
un ladron, assi sa Madre outro de morte livrou.*

E porend' un gran miragre **vos** direi desta razón,

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

que feze Santa Maria, dun mui malfeitor ladron
que Elbo por nom' avia; mas sempr' en ssa oraçon
a ela **s'** acomendava, e aquello **lle** prestou.

2- próclise – pronome reflexivo / verbo (*acomendava*)

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prestou*)

Assi como Jesu-Cristo, estando na cruz, salvou...

Onde **ll'** avẽo un día que foi un furto fazer,

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avẽo*)

e o meiryo da terra ouve-**o** log' a prender,

5- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ouve*)

e tan toste sen tardada fez-**lo** na forca põer;

6- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

mas a Virgen, de Deus Madre, log' enton del **se** nenbrou.

7- próclise – pronome reflexivo / verbo (*nenbrou*)

Assi como Jesu-Cristo, estando na cruz, salvou...

E u pendurad' estava no forca por **ss'** afogar,

8- próclise – pronome reflexivo / verbo (*afogar*)

a Virgen Santa Maria non **vos** quis enton tardar,

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quis*)

ante chegou muit' aga e foil-**ll'** as mãos parar

10- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*foil*)

so os pees e alçó-**o** |assi que non **ss'** afogou.

11- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*alço*)

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*afogou*)

Assi como Jesu-Cristo, estando na cruz, salvou...

Assi esteve tres dias o ladron que non morreu;

mais lo meirão passava per y e mentes meteu

com' era viv', e un ome seu logo **lle** corregeu

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*corregeu*)

o laço per que morresse, mas a Virgen **o** guardou.

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guardou*)

Assi como Jesu-Cristo, estando na cruz, salvou...

U cuidavan que mort' era, o ladron **lles** diss' assi:

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

«Quero-**vos** dizer, amigos ora por que non morri:

16- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Quero*)

guardou-**me** Santa Maria, e aque-**vo-la** aqui

17- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*guardou*)

18- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*aque*)⁴

19- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*aque*)⁵

que **me** nas sas mãos sofre que **m'** o laço non matou.»

20- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma preposicional (preposição *nas* + pronome possessivo *sas* + substantivo *mãos*) + verbo (*sofre*)

21- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *o* + substantivo *laço*) + negativa (*non*) + verbo (*matou*)

Assi como Jesu-Cristo, estando na cruz, salvou...

Quand' est' oyu o meiro, deu aa Virgen loor

Santa Maria, e logo foi decer por seu amor

Elbo, o ladron, da forca, que depois por servidor

dela foi senpr' en sa vida, ca en orden log' entrou.

Assi como Jesu-Cristo, estando na cruz, salvou...

⁴ Estamos considerando a forma *aque* como um verbo, por conta da observação de Mettmann (1972, p. 25). Em seu glossário, o autor afirma que o verbete *aque*, um advérbio, tem uma variante *aquey* usada com a primeira pessoa do singular. Ora, se esta forma pode flexionar como verbo, talvez seja mais adequado considerá-la como tal, principalmente pelo fato de apresentar significado de verbo na passagem analisada: “Santa Maria me guardou e ei-la aqui a vós”

⁵ Idem a nota de rodapé 4.

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 14

ESTA É COMO SANTA MARIA ROGOU A SEU FILLO POLA ALMA
DO MONGE DE SAN PEDRO, POR QUE ROGARAN TODO-LOS
SANTOS, E O NON QUIS FAZER SENON POR ELA.

*Par Deus, muit' é gran razon
de poder Santa Maria mais de quantos Santos son.*

E muit' é cousa guysada de poder muito con Deus
a que **o** troux' en seu corpo, e depois nos braços seus
1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*troux'*)
o trouxe muitas vegadas, e con pavor dos judeus
2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*trouxe*)
fugiu con el a Egipto, terra de rey Faraon.

Par Deus, muit' é gran razon...

Esta Sennor groriosa quis gran miragre mostrar
en un mōesteir' antigo, que soya pret' estar
da cidade de Colonna, u soyan a morar
monges e que de San Pedro avian a vocaçõn.

Par Deus, muit' é gran razón...

Entr' aqueles bõos frades avia un frad' atal,
que dos sabores do mundo mais ca da celestial
vida gran sabor avia; mas por **se** guardar de mal
3- próclise – pronome reflexivo / verbo (*guardar*)
beveu hũa meezã, e morreu sen confisson.

Par Deus, muit' é gran razon...

E tan toste que foi morto, o dem' a alma fillou
dele e con gran lediça logo a levar cuidou;
mas defendeu-**llo** San Pedro, e a Deus por el rogou
4 - ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome acusativo *lo* / verbo (*defendeu*)
que a alma do seu monge por el ouvesse perdon.

Par Deus, mui' é gran razon...

Pois que San Pedr' esto disse a Deus, respos-**ll'** el assi:

5 - ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (respos)

«Non sabes la profecia que diss' o bon rei Davi,
que o ome con mazela de peccado ante mi
non verrá, nen de mia casa nunca será conpannon?»

Par Deus, mui' é gran razon...

Mui triste ficou San Pedro |quand' esta razon oyu,

e chamou todo-los Santos ali u **os** estar vyu,

6 - próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (estar vyu)

e rogaron polo frade a Deus; mas el recodiu
ben com' a el recodira, e en outra guisa non.

Par Deus, mui' é gran razon...

Quando viu San Pedr' os Santos que assi foran falir,

enton a Santa Maria mercee **lle** foi pedir

7 - próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (foi pedir)

que rogass' ao seu Fillo que non quisess' consentir
que a alma do seu frade tevess' o dem' en prijon.

Par Deus, mui' é gran razon...

Log' enton Santa Maria a seu Fill' o Salvador

foi rogar que aquel frade ouvesse por seu amor

perdon. E diss' el: «farey-**o** pois end' avedes sabor;

8 - ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (farey)

mas torn' a alma no corpo, e compra ssa profisson.»

Par Deus, mui' é gran razon...

U Deus por Santa Maria este rogo foi fazer,

o frade que era morto foi-**ss'** en pees log' erger,

9 - ênclise – pronome reflexivo/ verbo (foi)

e contou ao convento como **ss'** ouver' a perder,

10 - próclise – pronome reflexivo / verbo (ouver')

se non por Santa Maria, a que Deus **lo** deu en don.

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deu*)

Par Deus, muit' é gran razon...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 15

ESTA É COMO SANTA MARIA DEFENDEU A CIDADE DE CESAIRA
DO EMPERADOR JUYÃO.

*Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor
Santa Maria a Virgen, Madre / de Jeso-Cristo, Nostro Sennor.*

E de **lle** seeren ben mandados,

1- **próclise** – pronome oblíquo dativo / verbo (*seeren*)

esto dereit' e razon aduz,
pois que por eles encravelados
ouve seu Fill' os nembros na cruz;
demais, per ela Santos chamados
son, e de todos é lum' e luz;
porend' estan sempr' apparellados
de fazer quanto **ll'** en prazer for.

2- **próclise** - pronome oblíquo dativo / advérbio de modo (*en prazer*) + verbo (*for*)

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Ond' en Cesaira a de Suria
fez un miragre, á gran sazon,
por San Basillo Santa Maria
sobre Juyão falss' e felon,
que os crischãos matar queria,
ca o demo no seu coraçõn
metera y tan grand' erigia,
que per ren non podia mayor.

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Este Juyão avia guerra
con perssiãos, e foi sacar
oste sobr' eles, e pela terra
de Cesaira ouve de passar;
e San Basill' a pe dũa serra

sayu a el por **xe ll'** omillar,

3- próclise – pronome reflexivo / pronome oblíquo dativo (*lle*) + verbo (*omillar*)

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*omillar*)

e diss' assi: «Aquel que non erra,
que Deus é, **te** salv', Enperador.»

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*salv'*)

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Juyão diss' ao ome santo:

«Sabedor es, e muito **me** praz;

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*praz*)

mas quer' agora que sábias tanto
que mui mais sei eu ca ti assaz,
e de tod' esto eu ben **m** avanto

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avanto*)

que sei o que en natura jaz.»

Basil[l]o diz: «Será est' enquanto .

tu connoceres teu Criador.»

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

O sant' ome tirou de seu sêo

pan d' orjo, que **lle** foi offercer

8- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foi offercer*)

dizend': «Esto **nos** dan do allêo

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dan*)

por Deus, con que possamos viver.

Pois ta pessôa nobr' aqui vêo,

filla-**o**, se **te** jaz en prazer.»

10- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*filla*)

11- próclise – pronome reflexivo / verbo (*jaz*)

Juyão disse: «Den-**ti** do fêo,

12- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Den*)

pois **me** cevada dás por amor.

13- próclise – pronome oblíquo dativo / substantivo (*cevada*) + verbo (*dás*)

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

E mais **ti** digo que, sse conqueiro

14- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*digo*)

terra de Perssia, quero vñir
per aqui log' e teu mōesteiro
e ta cidade **ti** destroyr;

15- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*destroyr*)

e fẽo comerás por fazfeiro,
ou **te** farey de fame fiir;

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*farey*)

e se **t'** aqeste pan non refeiro,

17- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (pronome demonstrativo *aqeste* +
sunstantivo *pan*) + negação (*non*) + verbo (*refeiro*)

terrei-**me** por d'outr' ome peyor.»

18- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*terrei*)

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Pois San Basill' o fẽo fillado

ouve, tornando-**sse** diss' atal:

19- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*tornando*)

«Juyão, deste fẽo que dado
mi ás que comesse feziste mal;

20- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ás*)

e est' orgullo que **mi** ás mostrado,

21- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*ás mostrado*)

Deus **tio** demande, que pod' e val;

22- próclise – pronome oblíquo dativo *ti* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*demande*)

e quant' eu ei tenn' encomendado
da Virgen, Madre do Salvador.»

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Pois **se** tornou aos da cidade,

23- próclise – pronome reflexivo / verbo (*tornou*)

fez-**los** juntar, chorando dos seus

24- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

ollos, contand' a deslealdade
 de Juyão, e disse: «Por Deus
 de quen é Madre de piadade
 Santa Mari', ay amigos meus,
 roguemos-**lle** pola sa bondade

25- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*roguemos*)

que **nos** guarde daquel traedor.»

26- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guarde*)

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Demais fez-**lles** gejúar tres dias

27- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

e levar gran marteir' e afan,
 andando per muitas romarias,
 bevend' agua, comendo mal pan;
 de noite **lles** fez têer vigias

28- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

na eigreja da do bon talan,
 Santa Maria, que désse vias
 per que saissen daquel pavor.

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Poi-lo sant' om' aquest' ouve feito,
 ben ant' o altar adormeceu
 da Santa Virgen, lass' e maltreito;
 e ela logo **ll'** apareceu

29- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*apareceu*)

con gran poder de Santos afeito
 que a terra toda 'sclareceu,
 e dizendo: «Pois que ei congeyto,
 vingar-**m**-ei daquele malfeitor.»

30- mesóclise – pronome reflexivo/ verbo (*vingarei*)

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Pois esto disse, chamar mandava

San Mercurio e disse-**ll'** assi:

31- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

«Juyão falsso, que rezõava
mal a meu Fill' e peyor a mi,
por quanto mal **nos** ele buscava

32- próclise – pronome oblíquo acusativo / pronome pessoal tônico (*ele*) + verbo (*buscava*)

dá-**nos** dereyto del ben aly

33- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dá*)

du vay ontr' os seus, en que fiava,
e sei de nos ambos vingador.»

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

E mantenença sen demorança

San Mercurio log' ir-**se** leixou

34- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

en seu cavalo branqu', e sa lança
muito brandind'; e toste chegou
a Juyão, e deu-**lle** na pança

35- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

que en terra morto **o** deitou

36- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deitou*)

ontr' os seus todos; e tal vingança
fillou del come bon lidador.

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Tod' aquesto que **vos** ora dito

37- próclise – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*ora*) + verbo (*dito*)

ei, San Basil' en sa vison viu;
e Santa Maria deu-**ll'** escrito

38- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

un lyvro, e ele **o** abryu,

39- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*abryu*)

e quant' y viu no coraçõ fito
teve ben, e logo **ss'** espedyu

40- próclise – pronome reflexivo / verbo (*espedyu*)

dela. E pois da vison foi quito,
ficou en con med' e con tremor.

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Depos aquest' un seu conpanheiro
San Basilio logo chamou,
e catar foi logo de primeiro
u as sas armas ante leixou
de San Mercurio, o cavaleiro
de Jeso-Crist', e nonas achou;

41- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*achou*)

e teve que era verdadeyro
seu sonn', e deu a Deus en loor.

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Essa ora logo sen tardada
San Basillo, com' escrit' achey,
u a gente estav' assuada
foi-lles dizer como vos direi:

42- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*foi*)

43- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*vos*)

«Gran vengança nos á ora dada

44- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*á*)

San Mercurio daquel falsso rei,
ca o matou dũa gran lançada,

45- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*matou*)

que nunca atal deu justador.

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

E se daquesto, pela ventura,
que digo non me creedes en:

46- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*creedes*)

eu fui catar a ssa sepultura
e das sas armas non vi y ren.

Mas tornemos y log' a cordura,

por Deus que o mund' en poder ten,
ca este feit' é de tal natura
que dev' om' en seer sabedor.»

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Logo tan toste foron correndo
e as armas todas essa vez
acharon, e a lança jazendo,
con que San Mercur' o colbe fez,
sangoent'; e per y entendendo
foron que a Virgen mui de prez
fez fazer esto en defendendo
os seus de Juyão chufador.

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

Eles assi a lança catando,
que creer podian muit' adur,
maestre Libano foi chegando,
filosofo natural de Sur,
que **lles** este feito foi contando,

47- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (pronome demonstrativo *este* + substantivo *feito*) + sintagma verbal (*foi contando*)

ca sse non detevera nenllur
des que leixara a ost' alçando
e Juyão morto sen coor.

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

E contou-**lles** a mui gran ferida

48- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contou*)

que **ll'** un cavaleiro branco deu,

49- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo indefino *un* + substantivo *cavaleiro* + adjetivo *branco*) + verbo (*deu*)

per que alma tan toste partida

lle foi do corp'. «Aquesto vi eu,»

50- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*foi*)

diss' el, «poren quero santa vida
fazer vosqu', e non vos seja greu,

51- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*seja*)

e receber vossa ley comprida,
e serey dela preegador.»

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

E log' a agua sobela testa

lle deytaron, e batismo pres;

52- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deytaron*)

e começaron log' y a festa
da Virgen, que durou ben un mes;
e cada dia pela gran sesta
van da ost' un e dous e tres,
que lles contaron da mort' a gesta

53- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contaron*)

que pres Juyão a gran door.

Todo-los Santos que son no Ceo / de servir muito an gran sabor...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANITGA 16

ESTA É COMO SANTA MARIA CONVERTEU UN CAVALEIRO
NAMORADO, QUE SS' OUVER' A DESASPERAR PORQUE NON
PODIA AVER SA AMIGA.

*Quen dona fremosa e bõa quiser amar,
am' a Groriosa e non poderá errar.*

E desta razon **vos** quer' eu agora dizer

1- próclise – pronome oblíquo dativo / oração (*quer' eu agora*) + verbo (*dizer*)

fremoso miragre, que foi en França fazer
a Madre de Deus, que non quiso leixar perder
un namorado que **ss'** ouver' a desasperar.

2- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ouver'*)

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

Este namorado foi cavaleiro de gran
prez d'armas, e mui fremos' e apost' e muy fran;
mas tal amor ouv' a hũa dona, que de pran
cuidou a morrer por ela ou sandeu tornar.

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

E **po**la aver fazia o que **vos** direi:

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*aver*)

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

non leixava guerra nen lide nen bon tornei,
u se non provasse tan ben, que conde nen rey
polo que fazia **o** non ouvess' a preçar.

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / forma negativa (*non*) + verbo (*ouvess'*)

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

E, con tod' aquesto, dava seu aver tan ben
e tan francamente, que **lle** non ficava ren;

6- próclise – pronome oblíquo dativo / forma negativa (*non*) + verbo (*ficava*)

mas quando dizia aa dona que o sen
perdia por ela, non **llo** queri' ascoitar.

7- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome acusativo *o* / sintagma verbal (*queri'ascoitar*)

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

Macar o cavaleir' assi despreçar **se** viu

8- próclise – pronome reflexivo / verbo (*viu*)

da que el amava, e seu desamor sentiu,
pero, con tod' esto, o coraçõn non partiu
de querer seu ben e de o mais d'al cobiiçar.

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

Mas con coita grande que tñia no coraçõn,
com' ome fora de seu siso, **se** foi enton

9- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

a un sant' abade e disse-**ll'** en confisson

10- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

que a Deus rogasse que **lla** fizesse gãar.

11- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome acusativo *la* / sintagma verbal (*fizesse gãar*)

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

O sant' abade, que o cavaleiro sandeu
vyu con amores, atan toste **ss'** apercebeu

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*apercebeu*)

que pelo dem' era; e poren **se** trameteu

13- próclise – pronome reflexivo / verbo (*trameteu*)

de buscar carreira pera **o** ende tirar.

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*ende*) + verbo (*tirar*)

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

E poren **lle** disse: «Amigo, creed' a mi,

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

se esta dona vos queredes, fazed' assi:

a Santa Maria a pedide des aqui,

que é poderosa e vo-**la** poderá dar.

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*poderá*)

17- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*poderá*)

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

E a maneyra en que **lla** devedes pedir

18- próclise – pronome oblíquo dativo + pronome acusativo (*lhe + a*) / sintagma verbal (*devedes pedir*)

é que duzentas vezes digades, sen mentir,

«Ave Maria, d'oj' a un ano, sen falir,

cada dia, en gẽollos ant' o seu altar.»

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

O cavaleiro fez todo quanto **el** mandou

19- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tônico (*el*) + verbo (*mandou*)

e tod' ess' ano sas Aves-Marias rezou,

senon poucos dias que na cima en leixou

con coita das gentes que yan con el falar.

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

Mas o cavaleiro tant' avia gran sabor

de comprir o ano, cuidand' aver sa sennor,

que en un' ermida da Madre do Salvador

foi conprir aquilo que fora ant' obridar.

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

E u el estava en aqueste preit' atal,

mostrand' a Santa Maria ssa coit' e seu mal,

pareceu-**lle** log' a Reinna esperital,

20- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pareceu*)

tan fremos' e crara que **a** non pod' el catar;

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / forma negativa (*non*) + verbo (*pod'*)

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

E disse-**ll'** assi: «Toll' as mãos dante ta faz

22- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

e para-mi mentes, ca eu non tenno anfaz;
de mi e da outra dona, a que **te** mais praz

23- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*mais*) + verbo (*praz*)

filla qual quiseses, segundo teu semellar.»

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

O cavaleiro disse: «Sennor, Madre de Deus,
tu es a mais fremosa cousa que estes meus
ollos nunca viron; poren seja eu dos teus
servos que tu amas, e quer' a outra leixar.»

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

E enton **lle** disse a Sennor do mui bon prez:

24- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

«Se **me** por amiga queres aver, mais rafez,

25- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma preposicional (preposição *por* + substantivo *amiga*) + verbo (*queres*)

tanto que est' ano rezes por mi outra vez
quanto pola outra antano fuste rezar.»

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

Poi-la Groriosa o cavaleiro por seu
fillou, des ali rezou el, e non **lle** foi greu,

26- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*foi*)

quanto **lle** mandara ela; e, com' oý eu,

27- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mandara*)

na cima do ano foy-**o** consigo levar.

28- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foy*)

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 17

ESTA É DE COMO SANTA MARIA GUARDOU DE MORTE A
ONRRADA DONA DE ROMA A QUE O DEMO ACUSOU POLA
FAZER QUEIMAR.

Sempre seja bẽeita e loada
Santa Maria, a noss' avogada.

Maravilloso miragre d'oir

vos quer' eu ora contar sen mentir,

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quer'*)

de como fez o diabre fogir
de Roma a Virgen de Deus amada.

Sempre seja bẽeita e loada...

En Roma foi, ja ouve tal sazón,
que hũa dona mui de coraçón
amou a Madre de Deus; mas entón
soffreu que fosse do demo tentada.

Sempre seja bẽeita e loada...

A dona mui bon marido perdeu,
e con pesar del per poucas morreu;
mas mal conorto dun fillo prendeu
que del avia, que **a** fez prennada.

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*fez prennada*)

Sempre seja bẽeita e loada...

A dona, pois que prenne **se** sentiu,

3- próclise - pronome reflexivo / verbo (*sentiu*)

gran pesar ouve; mas depois pariu
un fill', e u a nengũu non viu
mató-**o** dentr' en sa cas' enserrada.

4- ênclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*mato*)

Sempre seja bẽeita e loada...

En aquel tempo o demo mayor
tornou-**ss'** en forma d' ome sabedor,

5- ênclise - pronome reflexivo / verbo (*tornou*)

e mostrando-**sse** por devỹador,

6- ênclise - pronome reflexivo / verbo (*mostrando*)

o Emperador **lle** fez dar soldada.

7- próclise - pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*fez dar*)

Sempre seja bẽeita e loada...

E ontr' o al que soub' adevyar,
foy o feito da dona mesturar;
e disse que **llo** queria provar,

8- próclise - pronome oblíquo dativo *lhe* + pronome acusativo *o* / sintagma verbal (*queria provar*)

en tal que fosse log' ela queimada.

Sempre seja bẽeita e loada...

E pero **ll'** o Emperador dizer

9- próclise - pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *o* + substantivo

Emperador) + verbo (*dizer*)

oyu, ja per ren non **llo** quis creer;

10- próclise - pronome oblíquo dativo *lhe* + pronome acusativo *o* / sintagma verbal (*quis creer*)

mas fez a dona ante ssi trager,

e ela vẽo ben aconpannada.

Sempre seja bẽeita e loada...

Poi-lo Emperador chamar m[a]ndou

a dona, logo o dem' ar chamou,

que **lle** foi dizer per quanto passou,

11- próclise - pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foi dizer*)

de que foi ela mui maravillada.

Sempre seja bẽeita e loada...

O Emperador **lle** disse: «Moller

12- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

bõa, de responder **vos** é mester.»

13- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*responder*)

«O ben», diss' ela, «se prazo ouver

en que eu possa seer consellada.»

Sempre seja bẽeita e loada...

O emperador **lles** pos praz' atal:

14- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*pos*)

«D'oj'a tres dias, u non aja al,

venna provar o maestr' este mal;

se non, a testa **lle** seja tallada.»

15- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*seja*)

Sempre seja bẽeita e loada...

A bõa dona **se** foi ben dali

16- próclise - pronome reflexivo / verbo (*foi*)

a un' eigreja, per quant' aprendi,

de Santa Maria, e diss' assi:

«Sennor, acorre a tua coitada.»

Sempre seja bẽeita e loada...

Santa Maria **lle** diss': «Est' affan

17- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

e esta coita que tu ás de pran

faz o mestre; mas mẽos que can

o ten en vil, e sei ben esforçada.»

18- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ten*)

Sempre seja bẽeita e loada...

A bõa dona sen niun desden

ant' o Emperador aque-**a** ven;

19- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ven*)

mas o demo enton per nulla ren

nona **a** connoceu nen **lle** disse nada.

20- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*connoceu*)

21- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

Sempre seja bẽeita e loada...

Diss' o Emperador: «Par San Martin,

maestre, mui pret' é a vossa fin.»

Mas foi-ss' o demo e fez-ll' o bocin,

22- ênclise - pronome reflexivo / verbo (*foi*)

23- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

e derribou do teit' hũa braçada.

Sempre seja bẽeita e loada...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 18

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ FAZER AOS BABOUS QUE CRIAN
A SEDA DUAS TOUCAS, PORQUE A DONA QUE OS GUARDAVA
LLE PROMETERA HÛA E NON LLA DERA.

*Por nos de dulta tirar,
praz a Santa Maria
de seus miragres mostrar
fremosos cada dia.*

E por nos fazer veer
sa apostura,
gran miragre foi fazerlo
en Estremadura,
en Segovia, u morar
hũa dona soya,
que muito sirgo criar
en ssa casa fazia.
Por nos de dulta tirar...

Porque os babous perdeu
e ouve pouca
seda, poren prometeu
dar hũa touca
per' a omagen onrrar
que no altar siia
da Virgen que non á par,
en que muito criya.
Por nos de dulta tirar...

Pois que a promessa fez,
senpre creceron
os babous ben dessa vez
e non morreron;

mas a dona con vagar
grande que y prendia,
d' a touca da seda dar
senpre **II'** escaecia.

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*escaecia*)

Por nos de dulta tirar...

Onde **II'** avẽo assi

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avẽo*)

ena gran festa
d' Agosto, que vẽo y
con mui gran sesta
ant' a omagen orar;
e ali u jazia
a prezes, foi-**IIe** nenbrar

3- ênclise- pronome oblíquo dativo / verbo (*foi*)

a touca que devia.

Por nos de dulta tirar...

Chorando de coração

foi-**sse** correndo

4- ênclise -pronome reflexivo / verbo (*foi*)

a casa, e viu enton
estar fazendo
os bischocos e obrar
na touca a perfia,
e começou a chorar
con mui grand' alegria.

Por nos de dulta tirar...

E pois que assi chorou,

meteu ben mentes

na touca; des i chamou

muitas das gentes

y, que vẽessen parar

mentes como sabia
 a Madre de Deus lavrar
 per santa maestria.
Por nos de dulta tirar...

As gentes, con gran sabor,
 quand' est' oyron
 dando aa Madre loor
 de Deus, sayron
 aas ruas braadar,
 dizendo: «Via, via
 o gran miragre catar
 que fez a que **nos** guia.»

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guia*)

Por nos de dulta tirar...

Un e un, e dous e dous
 log' y vëeron;
 ontre tanto os babous
 outra fezeron
 touca, per que fossen par,
 que se alguen quera
 a hũa delas levar,
 a outra leixaria.

Por nos de dulta tirar...

Poren don Affons' el Rei
 na ssa capela
 trage, per quant' apres' ei,
 end' a mais bela,
 que faz nas festas sacar
 por toller eregia
 dos que na Virgen dultar
 van per sa gran folia.

Por nos de dulta tirar...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 19

ESTA É COMO SANTA MARIA FILLOU VINGANÇA DOS TRES
CAVALEIROS QUE MATARON SEU ËEMIGO ANT' O SEU ALTAR.

Gran sandece faz quen se por mal filla

1- próclise - pronome reflexivo / sintagma preposicional (preposição *por* + advérbio *mal*) + verbo (*filla*)

cona que de Deus é Madre e Filla.

Desto vos direi un miragre fremoso,

2- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

que mostrou a Madre do Rei grorioso

contra un ric-ome fol e sobervioso,

e contar-vos-ei end' a gran maravilla.

3- mesóclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*contarei*)

Gran sandece faz quen se por mal filla...

El [e] e outros dous un dia acharon

un seu ãemig', e pos el derranjaron

e en hũa eigreja o enserraron

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*enserraron*)

por prazer do demo, que os seus aguilla.

Gran sandece faz quen se por mal filla...

O enserrado teve que lle valrria

5- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*valrria*)

aquela eigreja de Santa Maria;

mas ant' o altar con ssa gran felonia

peças del fezeron per ssa pepadilla.

Gran sandece faz quen se por mal filla...

E pois que o eles peças feit' ouveron,

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / pronome pessoal (*eles*) + substantivo (*peças*) + sintagma verbal (*feit'ouveron*)

logo da eigreja sayr-**sse** quiseron;

7- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*quiseron*)

mas aquesto per ren fazer non poderon,
ca Deus **os** trillou, o que os maos trilla.

8- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*trillou*)

*Gran sandece faz quen **se** por mal filla...*

Non foi quen podesse arma nen escudo
têr niun deles, assi foi perdudo
do fogo do ceo, ca tod' encendudo
foi ben da cabeza tro ena verilla.

*Gran sandece faz quen **se** por mal filla...*

Poi-los malapresos arder-**s** assi viron,

9- ênclise - pronome reflexivo / verbo (*arder*)

logo por culpados muito **se** sentiron;

10- próclise - pronome reflexivo / verbo (*sentiron*)

a Santa Maria mercee pediron
que **os** non metesse o dem' en sa pilla.

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / forma negativa (*non*) + verbo (*metesse*)

*Gran sandece faz quen **se** por mal filla...*

Pois **sse** repentiron, foron mellorados

12- próclise - pronome reflexivo / verbo (*repentiron*)

e dun santo bispo mui ben confessados,
que **lles** mandou, por remñir seus pecados,

13- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*mandou*)

que fossen da terra como quen **ss'** eixilla.

14- próclise - pronome reflexivo / verbo (*eixilla*)

*Gran sandece faz quen **se** por mal filla...*

Demais **lles** mandou que aquelas espadas

15- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*mandou*)

con que **o** mataran fossen pecejadas

16- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*mataran*)

e cintas en feitas, con que apertadas
trouxessen as carnes per toda Cezilla.

Gran sandece faz quen se por mal filla...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 20

ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA, POR QUANTAS MERCEES
NOS FAZ

*Virga de Jesse,
quen **te** soubesse*

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*soubesse*)

*loar como mereces,
e sen ouvesse
per que dissesse
quanto por nos padeces!*

Ca tu noit' e dia
sempr' estás rogando
teu Fill', ai Maria,
por nos que, andando
aqui peccando
e mal obrand' -o
que tu muit' avorreces-
non quera, quando
sever julgando,
catar nossas sandeces.

Virga de Jessé...

E ar todavia
sempr' estás lidando
por nos a perfia
o dem' arrancando,
que, sossacando,
nos vai tentando

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*vai tentando*)

con sabores rafeces;
mas tu guardando
e anparando

nos vas, poi-**lo** coseces.

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*vas*)

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*coseces*)

Virga de Jessé...

Miragres fremosos

vas por nos fazendo

e maravillosos,

per quant' eu entendo,

e corregendo

muit' e soffrendo,

ca non **nos** escaeces,

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*escaeces*)

e, contendendo,

nos defendendo

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*defendendo*)

do demo, que sterreces.

Virga de Jessé...

Aos soberviosos

d'alto vas decendo,

e os omildosos

en onrra crecendo,

e enadendo

e provezendo

tan santas grãadeces.

Poren **m** acomendo

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*acomendo*)

a ti e rendo,

que os teus non faleces.

Virga de Jessé...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 21

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ AVER FILLO A HÛA MOLLER
MANÏA, E DEPOIS MORREU-LLE, E RESSOCITOU-LLO.

*Santa Maria pod' enfermos guarir
quando **xe** quiser, e mortos resorgir.*

1- próclise – pronome reflexivo / verbo (*quiser*)

Na que Deus seu Sant' Esperit' enviou,
e que forma d'ome en ela fillou,
non é maravilla se del gaannou
vertude per que podess' esto comprir.
Santa Maria pod' enfermos guarir...

Porend' un miragr' a questa Reÿa
santa fez mui grand' a hũa mesqya
moller, que con coita de que manÿa
era, foi a ela un fillo pedir.
Santa Maria pod' enfermos guarir...

Chorando dos ollos mui de coraçon,
lle diss': «Ai Sennor, oe mia oraçon,
2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

e por ta mercee un fillo baron
me dá, con que goy' e **te** possa servir.»

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dá*)

4- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*possa servir*)

Santa Maria pod' enfermos guarir...

Log' o que pediu **lle** foi outorgado,
5- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foi outorgado*)
e pois a seu tenp' aquel fillo nado
que a Santa Maria demandado
ouve, calle non quis eno don falir.

Santa Maria pod' enfermos guarir...

Mas o menÿ', a pouco pois que naceu,
dũa forte fever mui cedo morreu;
mas a madre per poucas ensandeceu
por el, e sas faces fillou-ss| a carpir.

6- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

Santa Maria pod' enfermos guarir...

Enton a cativa con gran quebranto
ao mõeiteir'o| levou e ant' o

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levou*)

altar o| pos, fazendo tan gran chanto,

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pos*)

que toda-las gentes fez a ssi vïir.

Santa Maria pod' enfermos guarir...

E braandando começou a dizer:

«Santa Maria, que me| fuste fazer

9- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*fuste fazer*)

en dar-m'| este fill' e logo mio| toller,

10- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dar*)

11- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*toller*)

por que non podesse con ele goyr?

Santa Maria pod' enfermos guarir...

Sennor, que de madre nome me| déste,

12- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deste*)

en toller-mio logo mal me| fezeste;

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fezeste*)

mas polo prazer que do teu ouveste

Fillo, dá-m'| este meu que veja riir.

14- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dá*)

Santa Maria pod' enfermos guarir...

Ca tu soa es a que **mio** podes dar,

15- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + oblíquo acusativo *o* / sintagma verbal (*podes dar*)

e poren'd' a ti **o** venno demandar;

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*venno demandar*)

onde, groriosa Sennor, sen tardar

dá-**mio** vivo, que aja que ti gracir.»

17- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*dá*)

Santa Maria pod' enfermos guarir...

Log' a oraçon da moller oyda

foi, e o menço tornou en vida

por prazer da Virgen santa conprida,

que **o** fez no leit' u jazia bolir.

18- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

Santa Maria pod' enfermos guarir...

Quand' esto viu a moller, ouve pavor

da primeir', e pois tornou-**sse-l'** en sabor;

19- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*tornou*)

20- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tornou*)

e deu poren graças a Nostro Sennor

e a ssa Madre, porque **a** quis oyr.

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*quis oyr*)

Santa Maria pod' enfermos guarir...

ANÁLISE PRONOMINAL CANTIGA 22

ESTA É COMO SANTA MARIA GUARDOU A UN LAVRADOR QUE
NON MORRESSE DAS FERIDAS QUE LLE DAVA UN CAVALEIRO
E SEUS OMEES.

*Mui gran poder á a Madre de Deus
de deffender e ampara-los seus.*

Gran poder á, ca sseu Fillo **llo** deu,

1- próclise – pronome oblíquo dativo *lhe* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*deu*)

en deffender quen **se** chamar por seu;

2- próclise - pronome reflexivo / verbo (*chamar*)

e dest' un miragre **vos** direi eu

3- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

que ela fez grande nos dias meus.

Mui gran poder á a Madre de Deus...

En Armenteira foi un lavrador,
que un cavaleiro, por desamor
mui grande que avi' a seu sennor,
foi **polo** matar, per nome Mateus.

4- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*matar*)

Mui gran poder á a Madre de Deus...

E u **o** viu seu millo debullar

5- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*viu*)

na eira, mandou-**lle** lançadas dar;

6- ênclise - pronome oblíquo dativo/ verbo (*mandou*)

mas el começou a Madr' a chamar
do que na cruz mataron os judeus.

Mui gran poder á a Madre de Deus...

Duas lançadas **lle** deu un peon,

7- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

mas non **ll'** entraron; e escantaçon

8- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*entraron*)

cuidou que era o coteif', enton

mais bravo foi que Judas Macabeus.

Mui gran poder á a Madre de Deus...

Enton a ssa azcûa **lle** lançou

9- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*lançou*)

e feriu-**o**, pero non**o** chagou;

10- ênclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*feriu*)

11- próclise - pronome oblíquo acusativo/ verbo (*chagou*)

ca el a Santa Maria chamou:

«Sennor, val-**me** como vales os teus,

12- ênclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*val*)

Mui gran poder á a Madre de Deus...

E non moira, ca non mereci mal.»

Eles, pois viron o miragr' atal

que fez a Reynna esperital,

creveron ben, ca ant' eran encreus.

Mui gran poder á a Madre de Deus...

E fillaron-**sse** log' a repentir

13- ênclise - pronome reflexivo/ verbo (*fillaron*)

e ao lavrador perdon pedir,

e deron-**ll'** algu'; e el punnou de **ss'** ir

14- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*deron*)

15- próclise - pronome reflexivo / verbo (*ir*)

a Rocamador con outros romeus.

Mui gran poder á a Madre de Deus...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 23

ESTA É COMO SANTA MARIA ACRECENTOU O VÏO NO TONEL,
POR AMOR DA BÕA DONA DE BRETANNA.

*Como Deus fez vÏo d'agua ant' ArchetecrÏo,
ben assi depois sa Madr' acrecentou o vinno.*

Desto direi un miragre que fez en Bretanna
Santa Maria por hÛa dona mui sen sanna,
en que muito bon costum' e muita bõa manna
Deus posera, que quis dela seer seu vezÏo.
Como Deus fez vÏo d'agua ant' Archetecryo...

Sobre toda-las bondades que ela avia,
era que muito fiava en Santa Maria;
e porende **a** tirou de vergonna un dia
1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (tirou)
del Rei, que a ssa casa vëera de camÏo
Como Deus fez vÏo d'agua ant' Archtecryo...

A dona po**lo** servir foi muit' afazendada,
2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (servir)
e deu-**lle** carn' e pescado e pan e cevada;
3- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (deu)
mas de bon vÏo pera el era mui menguada,
ca non tÏia senon pouco en un tonelcÏo.
Como Deus fez vÏo d'agua ant' Archtecro...

E dobrava-**xe-ll'** a coita, ca pero quisesse
4- ênclise – pronome reflexivo / verbo (dobrava)
5- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (dobrava)
ave-**lo**, non era end' en terra que podesse
6- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (ave)
por dÏeiros nen por outr' aver que por el dÏesse,

se non fosse pola Madre do Vell' e Meniõ.
Como Deus fez vỹo d'agua ant' Archtecro...

E con aquest' asperança foi aa eigreja
 e diss' «Ai, Santa Maria, ta mercee seja
 que **me** saques daquesta vergonna tan sobeja;
 7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*saques*)
 se non, nunca vestirei ja mais lãa nen lỹo.»
Como Deus fez vỹo d'agua ant' Archtecrỹo...

Mantenent' a oraçon da dona foi oyda,
 e el Rei e ssa companna toda foi conprida
 de bon vinn', e a adega non en foi falida
 que non achass' y avond' o riqu' e o mesqỹo.
Como Deus fez vỹo d'agua ant' Archtecrỹo...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 24

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ NACER HÛA FROR NA BOCA
AO CRERIGO, DEPOIS QUE FOI MORTO, E ERA EN SEMELLANÇA
DE LILIO, PORQUE A LOAVA.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Non pod' errar nen falecer
quen loar **te** sab' e temer.

1- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*loar*)

Dest' un miragre retraer
quero, que foi en França.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

En Chartes ouv' un crerizon,
que era tafur e ladron,
mas na Virgen de coraçon
avia esperança.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Quand' algur ya mal fazer,
se via omagen seer

2- próclise – pronome reflexivo / verbo (*via*)

de Santa Maria, correr
ya là sen tardança.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

E pois fazia oraçon,
ya comprir seu mal enton;
poren morreu sen confisson,
per sua malandança.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Porque tal morte foi morrer,

nono quiseron receber

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*quiseron receber*)

no sagrad', e ouv' a jazer
fora, sen demoraça.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Santa Maria en vison

se mostrou a pouca sazon

4- próclise – pronome reflexivo / verbo (*mostrou*)

a un prest', e disse-II' enton:

5- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

«Fezestes malestança,

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Porque non quisestes coller

o meu crerigo, nen meter

no sagrad', e longe pøer

o fostes por viltança.

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fostes*)

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Mas cras, asse Deus vos perdon,

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*perdon*)

ide por el con procisson,

con choros e con devoçon,

ca foi grand' a errança.»

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

O preste logo foi-ss' erger

8- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

e mandou os sinos tanger,

por ir o miragre veer

da Virgen sen dultança.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Os crerigos en mui bon son
cantando “kyrieleyson”,
viron jazer aquel baron,
u fez Deus demostraça.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Que, porque fora ben dizer
de ssa Madre, fez-lle nacer

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (fez)

fror na boca e parecer
de liro semellança.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Esto teveron por gran don
da Virgen, e mui con razon;
e pois fezeron en sermon,
levárono con dança.

10- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (leváron)

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 25

ESTA É COMO A YMAGEN DE SANTA MARIA FALOU EN
TESTIMONIO ONTR' CRISCHÃO E O JUDEU.

*Pagar ben pod' o que dever
o que à Madre de Deus fia.*

E desto **vos** quero contar

1- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quero contar*)

un gran miragre mui fremoso,
que fezo a Virgen sen par,
Madre do gran Rei grorioso,
por un ome que seu aver
todo ja despendud' avia
por fazer ben e mais valer,
ca non ja en outra folia.

Pagar ben pod' o que dever...

Quand' aquel bon ome o seu
aver ouv' assi despendudo,
non pod' achar, com' aprix eu,
d' estrãyo nen de connoçudo
quen sol **ll'** emprestido fazer

2- próclise – pronome oblíquo dativo / substantivo + verbo (*fazer*)

quisess'; e pois esto viia,
a un judeu foi sen lezer
provar se **ll'** alg' enprestaria.

3- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome indefinido (*ll'*) + verbo (*enprestaria*)

Pagar ben pod' o que dever...

E o judeu **lle** diss' enton:

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

«Amig', aquesto que tu queres
farei eu mui de coraçõn

sobre bon pennor, se **mio** deres.»

5- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*deres*)

Disse-**ll'** o crischão: «Poder

6- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Disse*)

d'esso fazer non averia,

mas fiador quero seer

de **cho** pagar ben a un dia.»

7- próclise – pronome oblíquo dativo *che* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*pagar*)

Pagar ben pod' o que dever...

O judeu **lle** respos assi:

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*respos*)

«Sen pennor non será ja feito

que **o** per ren leves de mi.»

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma preposicional (preposição *per* + pronome indefinido *ren*) + verbo (*leves*)

Diz o crischão: «Fas un preito:

ir-**t**-ei por fiador meter

10- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*irei*)

Jeso-Crist' e Santa Maria.»

Respos el: «Non quer' eu creer

en eles; mas fillar-**chos**-ya,

11- mesóclise – pronome oblíquo dativo *che* + pronome oblíquo acusativo *os* / verbo (*fillarya*)

Pagar ben pod' o que dever...

Porque sei que santa moller

foi ela, e el ome santo

e profeta; poren, senner,

fillar-**chos** quer' e dar-**ch**-ei quanto

12- ênclise – pronome oblíquo dativo *che* + pronome oblíquo acusativo *os* / verbo (*fillar*)

13- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dar*)

quiseres, tod' a teu prazer.»

E o crischão respondia:

«Sas omagães, que veer

posso, dou-**t'** en fiadoria.»

14- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*dou*)

Pagar ben pod' o que dever...

Pois o judeu est' outorgou,
ambos **se** foron mantenede,

15- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foron*)

e as omagões **lle** mostrou

16- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*mostrou*)

o crischão, e ant' a gente
tangeu e fillou-**ss** a dizer

17- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

que por fiança **llas** metia

18- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *las* / verbo (*metia*)

por que **ll'** o seu fosse render

19- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma nominal (artigo definido *o* + pronome possessivo *seu*) + sintagma verbal (*fosse render*)

a seu prazo sen tricharia.

Pagar ben pod' o que dever...

«E vos, Jeso-Cristo, Sennor,
e vos, sa Madre muit' onrrada,»
diss' el, «se daqui longe for
ou mia fazenda enbargada,
non possa per prazo perder,
se eu pagar non **llo** podia

20- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome acusativo *lo* / verbo (*podia*)

per mi, mas vos ide pões
a paga u **mia** eu porria.

21- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome oblíquo acusativo *a* / pronome tônico (*eu*) + verbo (*porria*)

Pagar ben pod' o que dever...

Ca eu a vos **lo** pagarei,

22- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*pagarei*)

e vos fazed' a el a paga,

por que non diga pois: «Non ei
o meu», e en preito **me** traga,

23- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*traga*)

nen mi o meu faça despende
con el andand' en preitesia;
ca se de coita a morrer
ouvesse, desta morreria.»

Pagar ben pod' o que dever...

Poi-lo crischão assi fis
fez o judeu, a poucos dias
con seu aver quant' ele quis
gãou en boas merchandias;
ca ben **se** soub' entrameter

24- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*soub'*)

dest' e ben faze-**lo** sabia;

25- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*faze*)

mas foi-**ll'** o praz' escaecer

26- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*foi*)

a que **o** el pagar devia.

27- próclise – pronome oblíquo acusativo / pronome tônico (*el*) + verbo (*pagar*)

Pagar ben pod' o que dever...

O crischão, que non mentir
quis daquel prazo que posera,
ant' un dia que a vñir
ouvesse, foi en coita fera;
e por esto fez compõer
un' arca, e dentro metia
quant' el ao judeu render
ouv', e diss': «Ai, Deus, tu **o** guia.»

28- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*guia*)

Pagar ben pod' o que dever ...

Dizend' est', en mar **la** meteu;

29- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*meteu*)

e o vento moveu as ondas,
e outro dia pareceu
no porto das aguas mui fondas
de Besanç'. E pola prender

30- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*prender*)

un judeu mui toste corria,
mas log' y ouv' a falecer,
que a arc' ant' ele fogia.

Pagar ben pod' o que dever...

E pois o judeu esto vyu,
foi, metendo mui grandes vozes,
a seu sennor, e el sayu
e disse-lle: «Sol duas nozes

31- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*disse*)

non vales, que fuste temer
o mar con mui gran covardia;
mas esto quer' eu cometer,
ben leu a mi Deus la daria.»

Pagar ben pod' o que dever...

Pois esto disse, non fez al,
mas correu alá sen demora,
e a archa en guisa tal
fez que aportou ant' el fora.
Enton foi ssa mão tender
e fillou-a con alegria,

32- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*fillou*)

ca non sse podia soffrer

33- próclise – pronome reflexivo / sintagma nominal (*podia soffrer*)

de saber o que y jazia.

Pagar ben pod' o que dever...

Des i feze-a levar en

34- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*feze*)

a ssa casa, e seus dñeiros

achou en ela. E mui ben

se guardou de seus conpanneiros

35- próclise – pronome reflexivo / verbo (*guardou*)

que non **ll'** ouvessen d'entender

36- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*ouvessem*)

de como **os** el ascondia;

37- próclise – pronome oblíquo acusativo / pronome tônico (*el*) + verbo (*ascondia*)

poi-**los** foi contar e volver,

38- próclise – pronome oblíquo acusativo/ sintagma verbal (*foi contar*)

a arca pos u el dormia.

Pagar ben pod' o que dever...

Pois ouve feito de ssa prol,

o mercador ali chegava,

e o judeu ben come fol

mui de rrijo **lle** demandava

39- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*demandava*)

que **lle** déss' o que **ll'** acreer

40- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*déss'*)

41- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*acreer*)

fora; se non, que el diria

atal cousa per que caer

en gran vergonna **o** faria.

42- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faria*)

Pagar ben pod' o que dever...

O crischão disse: «Fiel

bõo tenno que **t'** ey pagado:

43- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma verbal (*ey pagado*)

a Virgen, madre do donzel

que no altar **ch'** ouvi mostrado,

44- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma verbal (*ouvi mostrado*)

que **te** fará ben connocer

45- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*fará*)

como foi, ca non mentiria;
e tu non queras contender
con ela, que mal **t** en verria.»

46- próclise – pronome oblíquo dativo/ pronome relativo (*en*) + verbo (*verria*)

Pagar ben pod' o que dever...

Diss' o judeu: «Desso **me** praz;

47- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*praz*)

pois vaamos aa eigreja,
e se **o** disser en **mia** faz

48- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*disser*)

49- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome oblíquo acusativo *a* / verbo (*faz*)

a ta omagen, feito seja.»

Enton fillaron-**s'** a correr,

50- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*fillaron*)

e a gente pos eles ya,
todos con coita de saber
o que daquel preit' averria.

Pagar ben pod' o que dever...

Pois na eigreja foron, diz
o crischão: «Ai, Majestade
de Deus, se esta paga fiz,
rogo-**te** que digas verdade

51- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*rogo*)

per que tu faças parecer
do judeu ssa aleivosia,
que contra mi cuida trager
do que **lle** dar non deveria.»

52- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*dar*)

Pagar ben pod' o que dever...

Enton diss' a Madre de Deus,
per como eu achei escrito:

«A falsidade dos judeus
é grand'; e tu, judeu maldito,
sabes que fuste receber
teu aver, que ren non falia,
e fuste a arc' asconder
so teu leito con felonía.»

Pagar ben pod' o que dever...

Quand' est' o judeu entendeu,
bêes ali logo de chão
en Santa Maria creeu
e en seu Fill', e foi crischão;
ca non vos quis escaecer

53- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma verbal (*quis escaecer*)

o que profetou Ysaya,
como Deus verria nacer
da Virgen por nos todavía.

Pagar ben pod' o que dever...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 26

ESTA É COMO SANTA MARIA JUIGOU A ALMA DO ROMEU QUE YA
A SANTIAGO, QUE SSE MATOU NA CARREIRA POR ENGANO DO
DIABO, QUE TORNASS' AO CORPO E FEZESSE PĒEDENÇA.

*Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar
a Madre do que o mundo | tod' á de joigar.*

Mui gran razon é que sábia dereito
que Deus troux' en seu corp' e de seu peito
mamentou, e del despeito
nunca foi fillar;
poren de sen **me** sospeito

1- próclise – pronome reflexivo / verbo (*sospeito*)

que **a** quis avondar.

2- próclise – pronome oblíquo acusativo/ sintagma verbal (*quis avondar*)

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

Sobr' esto, se **m'** oissedes, diria

3- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*oissedes*)

dun joyzo que deu Santa Maria
por un que cad' ano ya,
com' oý contar,
a San Jam' en romaria,
porque **se** foi matar.

4- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*) + sintagma verbal (*foi matar*)

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

Este romeu con bõa voontade
ya a Santiago de verdade;
pero desto fez maldade
que ant' albergar
foi con moller sen bondade,
sen con ela casar.

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

Pois esto fez, meteu-ss' ao camño,

5- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*meteu*)

e non sse mãefestou o mesqño;

6- próclise – pronome reflexivo / verbo (*mãefestou*)

e o demo mui festño

se le foi mostrar

7- próclise – pronome reflexivo / pronome oblíquo dativo (*le*) + sintagma verbal (*foi mostrar*)

8- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foi mostrar*)

mais branco que un armño,

polo tost' enganar.

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*tost'*) + verbo (*enganar*)

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

Semellança fillou de Santiago

e disse: «Macar m' eu de ti despago,

10- próclise – pronome reflexivo / pronome tónico (*eu*) + sintagma preposicional (preposición *de* + pronome tónico *ti*) + verbo (*despago*)

a salvaçon eu cha trago

11- próclise – pronome oblíquo dativo *che* + pronome acusativo *a* / verbo (*trago*)

do que fust' errar,

por que non cáias no lago

d' iferno, sen dultar.

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

Mas ante farás esto que te digo,

12- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*digo*)

se sabor ás de seer meu amigo:

talla o que trages tigo

que te foi deytar

13- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foi deytar*)

en poder do emigo,

e vai-te degolar.»

14- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*vai*)

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

O romeu, que ssen dovida cuidava
que Santiag' aquilo lle mandava,

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mandava*)

quanto lle mandou tallava;

16- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mandou*)

poi-lo foi tallar,

17- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foi tallar*)

log' enton se degolava,

18- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*degolava*)

cuidando ben obrar.

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

Seus companheiros, poi-lo mort' acharon,

19- próclise – pronome oblíquo acusativo / adjetivo (*mort'*) + verbo (*acharon*)

por non lles apõer que o mataron,

20- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*apõer*)

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mataron*)

foron-ss'; e logo chegaron

22- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*foron*)

a alma tomar

demões, que a levaron

23- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*levaron*)

mui toste sen tardar.

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

E u passavan ant' hũa capela
de San Pedro, muit' aposta e bela,

San James de Conpostela

dela foi travar,

dizend': «Ai, falss' alcavela,

non podedes levar

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

A alma do meu romeu que fillastes,
ca por razon de mi **o** enganastes;

24- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*enganastes*)

gran traíçon y penssastes,
e, se Deus **m'** anpar,

25- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*anpar*)

pois falssament' **a** gãastes,

26- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*gãastes*)

non **vos** pode durar.»

27- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma verbal (*pode durar*)

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

Responderon os demões louçãos:

«Cuja est' alma foi fez feitos vãos,

por que somos ben certãos

que non dev' entrar

ante Deus, pois con sas mãos

se foi desperentar.»

28- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*foi despenrentar*)

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

Santiago diss': «Atanto façamos:

pois nos e vos est' assi rezõamos,

ao joyzo vaamos

da que non á par,

e o que julgar façamos

logo sen alongar.»

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

Log' ante Santa Maria vëeron

e rezõaron quanto mais poderon.

Dela tal joiz' ouveron:

que fosse tornar

a alma onde **a** trouxeron,

29- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*trouxeron*)

por **se** depois salvar.

30- próclise – pronome reflexivo/ advérbio (*depois*) + verbo (*salvar*)

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

Este joyzo logo foi cumprido,
e o romeu morto foi resorgido,
de que foi pois Deus servido;
mas nunca cobrar
pod' o de que foi falido,
con que fora pecar.

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar...

ANÁLISE PRONOMINAL CANTIGA 27

ESTA É COMO SANTA MARIA FILLOU A SINAGOGA DOS JUDEUS
E FEZ DELA EIGREJA.

*Non devemos por maravilla tẽer
d' a Madre do Vencedor sempre vencer.*

Vencer dev' a Madre daquele que deitou
Locifer do Ceo, e depois britou
o ifern' e os santos dele sacou,
e venceu a mort' u por nos foi morrer.
Non devemos por maravilla ter...

Porend' un miragre a Madre de Deus
fez na sinagoga que foi dos judeus
e que os Apostolos, amigos seus,
compraran e foran eigreja fazer.
Non devemos por maravilla tẽer...

Os judeus ouveron desto gran pesar,
e a Cesar **se** foron ende queixar,
1- próclise – pronome reflexivo / verbo (foron)
dizendo que o aver querian dar
que pola venda foran en receber.
Non devemos por maravilla tẽer...

O Emperador fez chamar ante ssi
os Apostolos, e disse-**lles** assi:
2- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (disse)
«Contra tal querela que or' ante mi
os judeus fezeron, que ides dizer?»
Non devemos por maravilla tẽer...

Os Apostolos, com' omees de bon sen,

responderon: «Sennor, nos fizemos ben,
pois que **lla** compramos e fizemos en

3- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *la* / verbo (*compramos*)
eigreja da que virgen foi conceber.»

Non devemos por maravilla tēer...

Sobr' esto deu Cesar seu joyz' atal:

«Serren a eigreja, u non aja al,
e a quaraenta días, qual sinal
de lei y acharen, tal **a** dev' aver.

4- próclise – pronome oblíquo acusativo/ sintagma verbal (*dev'aver*)

Non devemos por maravilla tēer...

Os Apostolos log' a Monte Syon
foron, u a Virgen morava enton
Santa Maria, e muy de coraçon
a rogaron que **os** vñess' acorrer.

5- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*rogaron*)

6- próclise – pronome oblíquo acusativo/ sintagma verbal (*vñess'acorrer*)

Non devemos por maravilla tēer...

Assi **lles** respos a mui santa Sennor:

7- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*respos*)

«Daqueste preito non ajades pavor,
ca eu **vos** serei y tal ajudador

8- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*serei*)

per que **a** os judeus ajan de perder.»

9- próclise – pronome oblíquo acusativo/ sintagma nominal (artigo *os* + substantivo *judeus*) +
sintagma verbal (*ajan de perder*)

Non devemos por maravilla tēer...

E pois que o prazo chegou, sen falir,
mandou enton Cesar as portas abrir,
e amba-las partes fez log' alá ir
e dos seus que fossen a prova veer.

Non devemos por maravilla têer...

Des que foron dentr', assi **lles** conteceu

10- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*conteceu*)

que logo San Pedr' ant' o altar varreu,

e aos judeus tan tost' apareceu

omagen da Virgen pintada seer.

Non devemos por maravilla têer...

Os judeus disseron: «Pois que a Deus praz

que esta omagen a Maria faz,

leixemos-**ll'** a queste seu logar en paz

11- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*leixemos*)

e non queramos con ela contender.»

Non devemos por maravilla têer...

Foron-**ss'** os judeus, e gãou dessa vez

12- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*Foron*)

aquela eigreja a Sennor de prez,

que foi a primeira que **sse** nunca fez

13- próclise – pronome reflexivo/ advérbio (*nunca*) + verbo (*fez*)

en seu nome dela, sen dulta prender.

Non devemos por maravilla têer...

Depois Juyão, emperador cruel,

que a Santa Maria non foi fiel,

mandou ao poboo dos d' Irrael

que **ll'** aquela omagen fossen trager.

14- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma nominal (pronome demonstrativo *aquela* + substantivo *omagen*) + sintagma verbal (*fossen trager*)

Non devemos por maravilla têer...

E os judeus, que sempr' acostumad' an

de querer gran mal à do mui bon talan,

foron y; e assi **os** catou de pran

15- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*catou*)

que **a** non ousaron per ren sol tanger.

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*ousaron*)

Non devemos por maravilla têer...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 28

ESTA É COMO SANTA MARIA DEFFENDEU COSTANTINOBRE
DOS MOUROS QUE A CONBATIAN E A CUIDAVAN FILLAR.

*Todo logar mui ben pode sseer deffendudo
o que a Santa Maria á por seu escudo.*

Onde daquesta razon
un miragre vos quero

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*quero*)

contar mui de coração,
que fez mui grand' e fero
a Virgen que non á par,
que non quis que perdudo
foss' o poboo que guardar
avia, nen vençudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

De com' eu escrit' achei,
pois que foi de crischãos
Costantinobre, un rei
con oste de pagãos
vẽo a vila cercar
mui brav' e mui sannudo,
pola per força fillar

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma preposicional (preposição *per* + substantivo *força*) + verbo (*fillar*)

por seer mais temudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

E começou a dizer,
con sanna que avia,
que sse per força prender
a cidade podia,

que faria en matar
o pobo myudo
e o tesour' en levar
que tñian ascondudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

Na cidade, com' oý,
se Deus **m'** ajud' e parca,

3- **próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (ajud')**

San German dentr' era y,
un santo Patriarcha,
que foi a Virgen rogar
que dela acorrudo
foss' o poblo sen tardar
daquel mour' atrevudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

E as donas ar rogou
da mui nobre cidade
mui de rrig' e conssellou
que ant' a majestade
da Virgen fossen queimar
candeas, que traudo
o pobo do logar
non fosse, nen rendudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

Mas aquel mouro Soldan
fez-**lles** pōer pedreiras

4- **ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (fez)**

per' aos de dentr' afan
dar de muitas maneiras,
e os arqueiros tirar;
e assi combatudo
o muro foi sen vagar,

que toste foi fendudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

E coyta soffreron tal
 os de dentro e tanta, .
 que presos foran sen al,
 se a Virgen mui santa
 non fosse, que y chegar
 con seu mant' estendido
 foi polo mur' anparar
 que non fosse caudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

E ben ali u deceu,
 de Santos gran conpanna
 con ela apareceu;
 e ela mui sen sanna
 o seu manto foi parar,
 u muito recibudo
 colb' ouve dos que y dar
 fez o Soldan beyçudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

E avêo dessa vez
 aos que combatian
 que Deus por ssa Madre fez
 que dali u ferian
 os colbes, yan matar
 daquel Soldan barvudo
 as gentes, e arredar
 do muro ja movudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

Aquel Soldan, sen mentir,
 cuidou que per abete

non querian envayr
 os seus, e Mafomete
 começou muit' a chamar,
 o falsso connoçudo,
 que **os** vëess' ajudar;

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*vëess' ajudar*)

mas foy y decebudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

Ali u ergeu os seus
 ollos contra o ceo,
 viu log' a Madre de Deus,
 coberta de seu veo,
 sobela vila estar
 con seu manto tendudo,
 e as feridas fillar.

Pois est' ouve veudo,

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

Teve-**sse** por peccador,

6- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*Teve*)

ca viu que aquel feito
 era de Nostro Sennor;
 poren per niun preito
 non quis combater mandar,
 e fez come sisudo,
 e na vila foi entrar
 dos seus desconnoçudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

Pera San German **se** foi

7- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*foi*)

aquel Soldan pagão
 e disse-**lle**: «Sennor, oi

8- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

mais me quer' eu crischão
 per vossa mão tornar
 e seer convertudo
 e Mafomete leixar,
 o falsso recreudo.

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

E o por que esto fiz,
 direi-vo-lo aginna:

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

10- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*direi*) + pronome oblíquo dativo (*vo*)

segundo vossa lei diz,
 a mui santa Reinna
 vi, que vos vëo livrar;

11- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma verbal (*vëo livrar*)

pois m'est' apareçudo

12- próclise – pronome oblíquo dativo/ pronome demonstrativo (*est'*) + verbo (*apareçudo*)

foi, quero-me batiçar,

13- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*quero*)

mas non seja sabudo.»

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

Poderia-vos de dur

14- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*Poderia*)

dizer as grandes dõas
 que aquel Soldan de Sur
 deu y, ricas e bõas;
 demais foy-os segurar

15- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foy*)

que non fosse corrudo
 o reino, se Deus m'anpar,

16- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*anpar*)

e foi-lle gradeçudo.

17- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*foi*)

Todo logar mui ben pode sseer deffendudo...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 29

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ PARECER NAS PEDRAS
OMAGES A SSA SEMELLANÇA.

*Nas mentes senpre tẽer
devemo-**las** sas feiturias*

1- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*devemo*)

da Virgen, pois receber

as foron as pedras duras.

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foron*)

Per quant' eu dizer oý
a muitos que foron y,
na santa Gessemani
foron achadas figuras
da Madre de Deus, assi
que non foron de pinturas.
Nas mentes sempre tẽer...

Nen ar entalladas non
foron, se Deus **me** perdon,

3- próclise- pronome oblíquo acusativo / verbo (*perdon*)

e avia y fayçon

da Sennor das aposturas

con sseu Fill', e per razon

feitas ben per sas medidas.

Nas mentes sempre tẽer...

Poren **as** resprandecer

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*resprandecer*)

fez tan muit' e parecer,

per que devemos creer

que é Sennor das naturas,

que nas cousas á poder

de fazer craras d' escuras.

Nas mentes sempre tẽer...

Deus **x' as** quise figurar

5- próclise - pronome reflexivo / pronome oblíquo acusativo (*as*) + sintagma verbal (*quise figurar*) s

6- próclise - pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*quise figurar*)

en pedra por nos mostrar

que a ssa Madre onrrar

deven todas creaturas,

pois deceu carne fillar

en ela das sas alturas.

Nas mentes senpre tẽer...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 30

ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA, DE COMO DEUS NON LLE
PODE DIZER DE NON DO QUE LLE ROGAR, NEN ELA A NOS.

Muito valvera mais, se Deus m' anpar,

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*anpar*)

que non fossemos nados,

se nos non désse Deus a que rogar

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*désse*)

vai por nossos pecados.

Mas daquesto nos fez el o mayor

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

ben que fazer podia,

u fillou por Madr' e deu por Sennor

a nos Santa Maria,

que lle rogue, quando sannudo for

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogue*)

contra nos todavia,

que da ssa graça nen do seu amor

non sejamós deitados.

Muito valvera mais, se Deus m' anpar...

.

Tal foi el meter entre nos e ssi

e deu por avogada,

que madr', amiga ll' é, creed' a mi,

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*é*)

e filla e criada.

Poren non lle diz de non, mas de si,

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diz*)

u a sent' afficada,

rogando-lle por nos, ca log' ali

7- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogando*)

somos del perdoados.

Muito valvera mais, se Deus **m'** anpar...

Nen ela outrossi a nos de non

pode, se Deus **m'** ajude,

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ajude*)

dizer que non rogue de coração

seu Fill', ond' á vertude;

ca por nos **lle** deu el aqieste don,

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

e por nossa saude

fillou dela carn' e sofreu paxon

por fazer-**nos** onrrados

10- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fazer*)

Muito valvera mais, se Deus **m'** anpar...

No seu reino que el pera nos ten,

se **o** nos non perdermos

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / pronome tônico (*nos*) + negação (*non*) + verbo (*perdemos*)

per nossa culpa, non obrando ben,

e o mal escollermos.

Mas seu ben non perderemos per ren

se nos firme creermos

que Jeso-Crist' e a que **nos** manten

12- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*manten*)

por nos foron juntados.

Muito valvera mais, se Deus **m'** anpar...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 31

ESTA É COMO SANTA MARIA LEVOU O BOI DO ALDEÃO DE
SEGOVIA QUE LL' AVIA PROMETUDO E NON LLO QUERIA DAR.

*Tanto, se Deus **me** perdon,*

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*perdon*)

*son da Virgen connoçudas
sas mercees, que quinnon
queren end' as bestias mudas.*

Desto mostrou un miragre a que é chamada Virga
de Jesse na ssa eigreja que éste en Vila-Sirga,
que a preto de Carron
é duas leguas sabudas,
u van fazer oraçon
gentes grandes e miudas.
*Tanto, se Deus **me** perdon...*

Ali van muitos enfermos, que reciben sãydade,
e ar van-**x'i** muitos sãos, que dan y ssa caridade;

2- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*van*)

*e per aquesta razon
sson as gentes tan movudas,
que van y de coraçon
ou envian sas ajudas.
*Tanto, se Deus **me** perdon...**

E porend' un aldeão de Segovia, que morava
na aldea, hũa vaca perdera que muit' amava;
e en aquela ssazon
foran y outras perdudas,
e de lobos log' enton
comestas ou mal mordudas.

Tanto, se Deus me perdon...

E porque o aldeão desto muito se temia,

3- próclise – pronome reflexivo / verbo (*temia*)

ante sa moller estando, diss' assi: «Santa Maria,
dar-t-ei o que trag', en don,

4- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*darei*)

a vaca, se ben m' ajudas

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ajudas*)

que de lob' e de ladron

mia guardes; ca defendudas

6- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome oblíquo acusativo *a* / verbo (*guardes*)

Tanto, se Deus me perdon...

Son as cousas que tu queres; e por aquesto te rogo

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogo*)

que mi aquesta vaca guardes.» E a vaca vëo logo

8- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (pronome demonstrativo *aquesta* + substantivo *vaca*) + verbo (*guardes*)

sen dan' e sen ocajon,

con ssas orellas merjudas,

e fez fillo sen lijon

con sinaes pareçudas.

Tanto, se Deus me perdon...

Pois creceu aquel bezerro e foi almall' arrizado,

a ssa moller o vilão diss': «Irey cras a mercado;

mas este novelo non

yra nas offereçudas

bestias qu' en offereçon

sson aos Santos rendudas.»

Tanto, se Deus me perdon...

Dizend' esto aa noyte, outro dia o vilão

quis ir vende-lo almallo; mas el sayu-lle de mão,

9- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vende*)

10- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*sayu*)

e correndo de randon

foi a jornadas tendudas,

come sse con aguillon

o levassen de corrudas.

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levassen*)

Tanto, se Deus me perdon...

Pois foi en Santa Maria, mostrou-sse por bestia sage:

12- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*mostrou*)

meteu-sse na ssa eigreja e parou-ss' ant' a omage;

13- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*meteu*)

14- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*parou*)

e por aver ssa raçon

foi u as bestias metudas

eran, que ena maison

foran dadas ou vendudas.

Tanto, se Deus me perdon...

E des ali adeante non ouv' y boi nen almallo

que tan ben tirar podesse o carr' e soffrer traballo,

de quantas bestias y son

que an as unnas fendudas,

sen feri-lo de baston

15- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*feri*)

nen d' aguillon a 'scodudas.

Tanto, se Deus me perdon...

O lavrador que pos ele a mui gran pressa vëera,

poi-lo vyu en Vila-Sirga,ouv' en maravilla fera;

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vyu*)

e fez chamar a pregon,

e gentes foron vỹudas,

a que das cousas sermon

fez que **II**eran contçadas.

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*eran*)

Tanto, se Deus me perdon...

ANÁLISE PRONOMINAL –CANTIGA 32

ESTA É COMO SANTA MARIA AMEÃOÇOU O BISPO QUE DESCO-
MUNGOU O CRERIGO QUE NON SABIA DIZER OUTRA MISSA
SENON A SUA.

*Quen loar podia,
com' ela querria,
a Madre de quen
o mundo fez,
seria de bon sen.*

Dest' un gran miragre **vos** contarei ora,

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contarei*)

que Santa Maria fez, que por nos ora,

du que al, fora
a ssa missa, ora-
çon nunca per ren
outra sabia
dizer mal nen ben.
Quen loar podia...

Onde ao Bispo daquele bispado
en que el morava foi end' acusado;

e ant' el chamado
e enpreguntado
foy, se era ren
o que oya
del Respos: «O ben.»
Quen loar podia...

Poi-lo Bispo soube per el a verdade,
mandou-**lle** tan toste mui sen piedade

2- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mandou*)

que a vezindade

leixas' da cidade
 tost' e sen desden,
 e que ssa via
 logo **sse** foss' en.

3- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*foss'*)

Quen loar podia...

Aquela noit' ouve o Bispo veuda
 a Santa Maria con cara sannuda,
 dizendo-**lle**: «Muda

4- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizendo*)

a muit' atrevuda
 sentença, ca ten
 que gran folia
 fezist'. E poren
Quen loar podia...

Te dig' e **ti** mando que destas perfias

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dig'*)

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mando*)

te quites; e se non, d' oj' a trinta días

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quites*)

morte prenderias
 e alá yrias
 u dem' os seus ten
 na ssa baylia,
 ond' ome non ven.»
Quen loar podia...

O Bispo levou-**sse** mui de madurgada,

8- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*levou*)

e deu ao preste ssa raçon dobrada.

«E missa cantada
 com' acostumada
 ás,» disse, «manten

da que **nos** guia,

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guia*)

ca assi conven.»

Quen loar podia...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 33

ESTA É COMO SANTA MARIA LEVOU EN SALVO O ROMEU QUE
CAERA NO MAR, E O GUYOU PER SO A AGUA AO PORTO ANTE
QUE CHEGASS' O BATEL.

*Gran poder á de mandar
o mar e todo-los ventos
a Madre daquel que fez
todo-los quatr' elementos.*

Desto **vos** quero contar

1- **próclise** – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quero contar*)

un miragre, que achar
ouv' en un livr', e tirar
o fui ben d' ontre trezentos,
que fez a Virgen sen par
por nos a todos mostrar
que seus sson os mandamentos.

Gran poder á de mandar...

Hũa nav' ya per mar,
cuidand' en Acre portar;
mas tormenta levantar
se foi, que os bastimentos

2- **próclise** – pronome reflexivo/ verbo (*foi*)

da nave ouv' a britar,
e começou-**ss** afondar

3- **ênclise** – pronome reflexivo/ verbo (*começou*)

con romeus mais d' oitocentos.

Gran poder á de mandar...

Un Bispo fora entrar
y, que cuidava passar
con eles; e pois torvar

o mar viu, seus pensamentos
foron dali escapar;
e poren **se** foi cambiar

4- próclise – pronome reflexivo/ sintagma verbal (*foi cambiar*)

no batel ben con duzentos
Gran poder á de mandar...

Omães. E u saltar
deles quis e **se** lançar

5- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*lançar*)

cuidou no batel; mas dar
foi de pees en xermentos
que y eran, e tonbar
no mar foi e mergullar
be até nos fundamentos.
Gran poder á de mandar...

Os do batel a remar
se fillaron sen tardar

6- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*fillaron*)

per **sse** da nav' alongar

7- próclise – pronome reflexivo/ sintagma preposicional (preposição *de* + substantivo *nav'*) + verbo (*alongar*)

e fugir dos escarmentos,
de que oyran falar,
dos que queren perfiar
sen aver acorrimentos.
Gran poder á de mandar...

E con coyta d' arribar,
ssa vea foron alçar,
e terra foron fillar
con pavor e medorentos;
e enton viron estar
aquele que perigoar

viran enos mudamentos.

Gran poder á de mandar...

Començaron-ss' a sinar,

8- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*Començaron*)

e fórono preguntar

9- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fóron*)

que a verdad' ensinar

lles fosse sen tardamentos,

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fosse*)

se guarira per nadar,

11- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*guarira*)

ou quen fora tirar

12- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*fora tirar*)

do mar e dos seus tormentos.

Gran poder á de mandar...

E el fillou-ss' a chorar

13- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*fillou*)

e disse: «Se Deus m' anpar,

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*anpar*)

Santa Maria guardar

me quis por merecimentos

15- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*quis*)

non meus, mas por vos mostrar

que quen per ela fiar,

valer-ll-an seus cousimentos.»

16- mesóclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*valeran*)

Gran poder á de mandar...

Quantos eran no logar

começaron a loar

e «mercee» lle chamar,

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*chamar*)

que dos seus ensinamentos

os quisess' acostumar,

18- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*quisess' acostumar*)

que non podessen errar

nen fezessen falimentos.

Gran poder á de mandar...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 34

ESTA É COMO SANTA MARIA FILLOU DEREITO DO JUDEU POLA
DESONRRA QUE FEZERA A SUA OMAGEN.

*Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento
quen contra Santa Maria filla atrevemento.*

Poren direi un miragre, que foi gran verdade,
que fez en Costantinoble, na rica cidade,
a Virgen, Madre de Deus, por dar entendimento
que quen contra ela vay, palla é contra vento.
Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento...

Hũa omage pintada na rua siya
en tavaoa, mui ben feita, de Santa Maria,
que non podian achar ontr' outras mais de cento
tan fremosa, que furtrar foi un judeu a tento
Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento...

De noit'. E poi-la levou sso ssa capa furtada,
1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levou*)
en ssa cas' a foi deitar na camara privada,
des i assentous-ss aly e fez gran falimento;
2- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*assentous*)
mas o demo o matou, e foi a perdimento.
3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*matou*)
Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento...

Pois que o judeu assi foi mort' e cofondudo,
e o demo o levou que nunc' apareçudo
4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levou*)
foi, un crischão enton con bon ensinamento
a omagen foi sacar do logar balorento.
Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento...

E pero que o logar muit' enatio estava,
 a omagen quant' en si muy bõo cheiro dava,
 que specias d'Ultramar, balssamo nen onguento,
 non cheiravan atan ben com' esta que emento.

Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento...

Pois que **a** sacou daly, mantenente lavou-**a**

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*sacou*)

6- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*lavou*)

con agua e log' enton a ssa casa levou-**a**,

7- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levou*)

e en bon logar **a** pos e fez-**lle** cumprimento

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pos*)

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

de quant' ouve de fazer por ayer salvamento.

Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento...

Pois **lle** tod' esto feit' ouve, mui gran demostraça

10- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (pronome indefinido *todo*+ pronome definido *esto*) + sintagma verbal (*feit'ouve*)

fez y a Madre de Deus, que d' oyo semellança

correu daquela omage grand' avondamento,

que ficasse deste feito por renenbramento.

Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 35

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ QUEIMAR A LÃA AOS MERCA-
DORES QUE OFFERERAN ALGO A SUA OMAGE, E LLO TOMARAN
DEPOIS.

*O que a Santa Maria der algo ou prometer,
dereit' é que ss' en mal ache se llo pois quiser toller.*

1- próclise - pronome reflexivo / sintagma preposicional (preposição *en* + advérbio *bem*) + verbo (*ache*)

2- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / conjunção (*pois*) + sintagma verbal (*quiser toller*)

Ca muit' é ome sen siso quen lle de dar algu' é greu,

3- próclise – pronome oblíquo dativo / preposição (*de*) + verbo (*dar*)

ca o ben que nos avemos, Deus por ela no-lo deu.

4- próclise - pronome oblíquo dativo / pronome oblíquo acusativo (*lo*) + verbo (*deu*)

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deu*)

E por esto non lle damos ren do nosso, mas do seu,

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*damos*)

onde quen llo toller cuida gran sobervia vay fazer.

7- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*toller*)

O que a Santa Maria der algo ou prometer...

Desta razon un miragre direi fremoso, que fez
a Virgen Santa Maria, que é Sennor de gran prez,
por hũas sas reliquias que levaron hua vez
uus crerigos a França, de que vos quero dizer.

8- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quero dizer*)

O que a Santa Maria der algo ou prometer...

Estes foron da cidade que é chamada Leon
do Rodão, u avia muy grand' igreja enton,
que ardeu tan feramente que sse fez toda carvon;

9- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*fez*)

mas non tangeu nas relicas, esto devedes creer.

O que a Santa Maria der algo ou prometer...

Ca avia y do leyte | da Virgen esperital,
outrossi dos seus cabelos | envoltos en un cendal,
tod' aquest' en hũa arca | feita d' ouro, ca non d'al;
estas non tangeu o fogo, | mai-lo al foi tod' arder.

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*al*) + verbo auxiliar (*foi*) + quantificador (*tod'*)
+ verbo principal (*arder*)

O que a Santa Maria der algo ou prometer...

Os crerigos, quando viron que a eigreja queimar

se fora, como vos digo, ouveron-sse d' acordar

11- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fora*)

12- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*digo*)

13- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ouveron*)

que sse fossen pelo mundo conas relicas gãar

14- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fossen*)

per que ssa eigreja feita podess' agynna seer.

O que a Santa Maria der algo ou prometer...

Maestre Bernald' avia nom' un que er' en dayan

da egreja, ome bõo, manss' e de mui bon talan,

que por aver Parayso sempre soffria afan;

este foi conas relicas polas fazer connocer.

15- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*fazer connocer*)

O que a Santa Maria der algo ou prometer...

E andou primeiro França, segundo com' aprendi,

u fez Deus muitos miragres per elas; e foi assy

que depois a Ingraterra ar passou e, com' oý,

polas levar mais en salvo foy-as na nave meter.

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levar*)

17- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foy*)

O que a Santa Maria der algo ou prometer...

Dun mercador que avia | per nome Colistanus,
que **os** levass' a Bretanna, | a que pobrou rei Brutus;

18- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levass'*)

e entrou y tanta gente | que non cabian y chus,
de mui ricos mercadores | que levavan grand' aver.

O que a Santa Maria der algo ou prometer...

E u ja pelo mar yan | todos a mui gran sabor,
ouveron tan gran bonaça | que non podia mayor;
e estando en aquesto, | ar ouveron gran pavor,
ca viron ben seis galeas | leixar-**ss** a eles correr,

19- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*leixar*)

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

De cossarios que fazian | en aquel mar mal assaz.
Mas pois o sennor da nave | **os** viu, disse: «Non **me** praz

20- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*viu*)

21- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*praz*)

con estes que aqui vëen; | mais paremo-**nos** en az,

22- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*paremo*)

e ponnamos as relicas | alt' u **as** possan veeer»

23- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*possan veeer*)

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

Logo que esto foi dito, | maestre Bernalt sacou
a arca conas relicas; | e tanto que **as** mostrou,

24- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mostrou*)

dos mercadores que yan | ena nav' un non ficou
que tan toste non vëessen | mui grand' alg' y offerer.

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

Todos enton mui de grado | offerian y mui ben:
os ñus davan y panos, | os outros our' ou argen,
dizendo: «Sermor, tod' esto | filla que non leixes ren,

sol que non guardes os corpos | de mort' e de mal prender.»

O que a Santa Maria | der algo ou prometer...

En tod' est' as seis galeas | non quedavan de vñir,

cada hũa de ssa parte, | por ena nave ferir.

E o que tñi' a arca | das relicas, sen mentir,

alçou-**a** contra o ceo, | pois foy-**a** alte pøer.

25- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*alçou*)

26- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foy*)

O que a Santa Maria der algo ou prometer...

O almiral das galeas | vñia muit' ant' os seus,

e o que tñia a arca | da Virgen, Madre de Deus,

lles diss' a mui grandes vozes: | «Falsoss, maos e encreus,

27- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

de Santa Maria somos, | a de que Deus quis nacer,

O que a Santa Maria | der algo ou prometer...

E poren mal non **nos** faças, | se non, logo morrerás

28- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*faças*)

e con quantos tigo trages | ao inferno yrás

e de quant' acabar cuidas | ren en non acabarás,

ca a nav' estas relicas | queren de ti deffender.»

O que a Santa Maria der algo ou prometer...

Quant' o crerigo dizia | o almiral tev' en vil,

e fez tirar das galeas | saetas mui mais de mil

por mataren os da nave; | mas un vento non sutil

se levantou muit' agña, | que as galeas volver

29- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*levantou*)

O que a Santa Maria | der algo ou prometer...

Fez, que a do almirallo | de fond' a cima fendeu,

e britou logo o maste, | e sobr' el enton caeu

e deu-**lle** tan gran ferida, | que os ollos **lle** verteu

30- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

31- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*verteu*)

logo fora da cabeza | e fez-**lo** no mar caer.

32- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

E fez as outras galeas | aquele vento de sur
alongar enton tan muito | que **as** non viron nenllur;

33- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*viron*)

e apareceu-**lles** Dovra, | a que pobrou rey Artur,

34- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*apareceu*)

e enton cuydaron todos | o seu en salvo tēer.

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

E logo aas relicas | correndo mui gran tropel
vẽo desses mercadores, | e cada un seu fardel
fillou e quant' aly dera, | e non cataron o bel
miragre maravilloso, | per que **os** fez guarecer

35- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*fez guarecer*)

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

A Virgen Santa Maria, | Madre do muit' alto Rey,
que matou seus ãemigos, | como **vos** eu ja dit' ey.

36- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tônico (*eu*) + advérbio (*já*) + sintagma verbal (*dit'ey*)

E maestre Bernal disse: «Un preito vosco farey:
dar-**vos**-ey a meyadade, | e leixad' o al jazer.»

37- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*darey*)

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

Todos responderon logo: | «Preit' outr' y non averá
que o todo non tomemos, | mas tornaremos dacá;
daquelo que gaannarmos | cada ñu y dará
o que vir que é guisado, | como o poder soffrer.»

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

Os mais desses mercadores | de Frandes e de Paris
eran; e pois **s'** apartaron, | cada ñu deles quis

38- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*apartaron*)

comprar de seu aver lãa, | cuidando seer ben fis
que en salvo a ssa terra | a poderia trager.

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

E poy-**II'** ouveron conprada, | un dia ante da luz

39- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*ouveron conprada*)

moveron do porto Dovra; | mais o que morreu na cruz,
querendo vingar sa Madre, | fez com' aquel que aduz
gran poder de meter medo | que **II'** ajan de correger

40- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*ajan de correger*)

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

O gran torto que fezeran | a ssa Madr' Emperadriz,
a que é Sennor do mundo. | E poren, par San Fiiz,
feriu corisco na nave, | e com' o escrito diz,
queimou tod' aquela lãa | e non quis o al tanger.

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

Quand' este miragre viron, | tornaron mui volonter
u leixaran as relicas, | e disseron: «Pois Deus quer
que a ssa Madre do nosso | demos, quis do que tever
dará y de bõa mente, | e ide-**o** receber.»

41- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ide*)

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

Disso maestre Bernaldo: | «Esto mui gran dereit' é
de vos nenbrar das relicas | da Virgen que con Deus ssé,
a que fezestes gran torto | guardando mal vossa fe.»

E non quis en mais do terço, | que fezo logo coller.

O que a Santa Maria / der algo ou prometer...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 36

ESTA É DE COMO SANTA MARIA PARECEU NO MASTE DA NAVE,
DE NOITE, QUE YA A BRETANNA, E A GUARDOU QUE NON
PERIGOASSE.

*Muit' amar devemos en nossas voontades
a Sennor, que coitas nos toll' e tempestades.*

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*toll*)

E desto mostrou a Virgen maravilla quamanna
non pode mostrar outro santo, no mar de Bretanna,
u foi livrar hũa nave, u ya gran companna
d'omees por sa prol buscar, no que todos punnades.

Muit' amar devemos en nossas voontades...

E u singravan pelo mar, atal foi ssa ventura
que sse levou mui gran tormenta, e a noit' escura

2- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*levou*)

se fez, que ren non lles valia siso nen cordura,

3- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fez*)

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*valia*)

e todos cuidaron morrer, de certo o sabiades.

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*sabiades*)

Muit' amar devemos en nossas voontades...

Pois viron o perigo tal, gemendo e chorando
os santos todos a rogar se fillaron, chamando

6- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fillaron*)

por seus nombres cada un deles, muito lles rogando

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogando*)

que os vëessen acorrer polas ssas piedades.

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vëessen*)

Muit' amar devemos en nossas voontades...

Quand' est' oyu un sant' abade, que na nave ya,
disse-**lles**: Tenno que fazedes ora gran folia,

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

que ides rogar outros santos, e Santa Maria,
que **nos** pode desto livrar, sol non **a** ementades.

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pode*)

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ementades*)

Muit' amar devemos en nossas voontades...

Quand' aquest' oyron dizer a aquel sant' abade,
enton todos dun coração e dũa voontade
chamaron a Virgen santa, Madre de piedade,
que **lles** valvess' e non catasse as suas maldades.

12- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*valvess'*)

Muit' amar devemos en nossas voontades...

E dizian: «Sennor, val-**nos**, ca a nave **sse** sume!

13- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*val*)

14- próclise – pronome reflexivo / verbo (*sume*)

E dizend' esto, cataron, com' er é de costume,
contra o masto, e viron en cima mui gran lume,
que alumêava mui mais que outras craridades.

Muit' amar devemos en nossas voontades...

E pois **lles** est' apareceu, foi o vento quedado,

15- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome demonstrativo (*est'*) + verbo (*apareceu*)

e o ceo viron craro e o mar amanssado,
e ao porto chegaron cedo, que desejado
avian; e se **lles** proug' en, sol dulta non prendades.

16- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*proug'*)

Muit' amar devemos en nossas voontades...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 37

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ COBRAR SEU PEE AO OME QUE
O TALLARA CON COYTA DE DOOR.

*Miragres fremosos
faz por nos Santa Maria,
e maravillosos.*

Fremosos miragres faz que en Deus creamos,
e maravillosos, por que **o** mais temamos;

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*mais*) + verbo (*temamos*)

porend' un daquestes é ben que **vos** digamos,

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*digamos*)

dos mais piadosos.

Miragres fremosos...

Est' avêo na terra que chaman Berria,
dun ome coytado a que o pe ardia,
e na ssa eigreja ant' o altar jazia
ent' outros coitosos.

Miragres fremosos...

Aquel mal do fogo atanto **o** coytava,

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*coytava*)

que con coita dele o pe tallar mandava;

e depois eno conto dos çopos ficava,

desses mais astrosos,

Miragres fremosos...

Pero con tod' esto sempr' ele confiando
en Santa Maria e mercee chamando
que dos seus miragres en el fosse mostrando
non dos vagarosos,

Miragres fremosos...

E dizendo: «Ay, Virgen, tu que es escudo
sempre dos coitados, queras que acorrudo
seja per ti; se non, serei oi mais tẽudo
por dos mais nojosos.

Mirages fremosos...

Logo a Santa Virgen a el en dormindo
per aquel pe a mão yndo e ṽindo
trouxe muitas vezes, e de carne conprindo
con dedos nerviosos,

Mirages fremosos...

E quando **s'** despertou, sentiu-**sse** mui ben sãõ,

4- próclise – pronome reflexivo / verbo (*espertou*)

5- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*sentiu*)

e catou o pe; e pois foi del ben certãõ,
non semellou log', andando per esse chãõ,
dos mais preguiçosos.

Mirages fremosos...

Quantos aquest' oyron, log' **ali** ṽeron
e aa Virgen santa graças ende deron,
e os seus mirages ontr' os outros teveron
por mais groriosos.

Mirages fremosos...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 38

ESTA É COMO A OMAGEN DE SANTA MARIA TENDEU O BRAÇO
E TOMOU O DE SEU FILLO, QUE QUERIA CAER DA PEDRADA
QUE LLE DERA O TAFUR, DE QUE SAYU SANGUI.

Pois que Deus quis da Virgen fillo

seer por nos pecadores salvar,

*porende non **me** maravillo*

1- próclise – pronome reflexivo / verbo (*maravillo*)

*se **lle** pesa de quen **lle** faz pesar.*

2- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*pesa*)

3- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*faz pesar*)

Ca ela e sseu Fillo son juntados

d'amor, que partidos per ren nunca poden seer;

e poren son mui neicios provados

os que contra ela van, non cuidand' y el tanger.

Esto fazen os malfadados

que est' amor non queren entender

como Madr' e Fill' acordados

son en fazer ben e mal castigar.

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

Daquest' avêo, tempos sson passados

grandes, que o Conde de Peiteus quis batall' aver

con Rey de Franç'; e foron assũados

en Castro Radolfo, per com' eu oý retraer,

un mōesteiro d' ordỹados

monges qu' el Conde mandou desfazer

porque **os** ouv' el sospeytados

4- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*ouv'*)

que a franceses **o** querian dar.

5- próclise – pronome oblíquo acusativo/ sintagma verbal (*querian dar*)

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

Poi-los monges foron ende tirados,
mui maas conpannas **se** foron tan tost' y meter,

6- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*foron*)

ribaldos e jogadores de dados
e outros que **lles** tragian y vÿo a vender;

7- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*tragian*)

e ontr' os malaventurados
ouv' y un que começou a perder,
per que foron del dẽostados
os Santos e a Reynna sen par.

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

Mas hũa moller, que por seus pecados
entrara na eigreja, como sol acaecer,

ben u soyan vesti-**los** sagrados

8- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*vesti*)

panos os monges quando yan sas missas dizer,
porque viu y ben entallados

en pedra Deus con ssa Madre seer,
os gẽollos logo ficados
ouv' ant' eles e fillou-**s'** a culpar.

9- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*fillou*)

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

O tafur, quand' esto vÿu, con yrados
ellos **a** catou, e começou-**a** mal a trager

10- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*catou*)

11- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*começou*)

dizendo: «Vella, son muit' enganados
os que nas omagẽes de pedra querer creer;
e por que vejas com' errados

sson, quer' eu ora logo cometer
aqueles ydolos pintados.»

E foi-**lles** log' hũa pedra lançar.

12- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*foi*)

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

E deu no Fillo, que ambos alçados
tíia seus braços en maneira de bēeizer;
e macar non **llos** ouv' ambos britados,

13- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *los* / verbo (*ouv'*)

britou-**ll'** end' un assi que **ll'** ouvera log' a caer;

14- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*britou*)

15- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*ouvera*)

mas sa Madre os seus deitados

ouve sobr' el, con que **llo** foy erger,

16- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / sintagma verbal (*foy erger*)

e a fror que con apertados

seus dedos tíia foy logo deytar.

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

Mayores miragres ouv' y mostrados
Deus, que sangui craro fez dessa ferida correr
do Menño, e os panos dourados
que tíia a Madre fez ben sso as tetas decer,
assi que todos desnudados
os peitos **ll'** ouveron de parecer;

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ouveron*)

e macar non dava braados,

o contenente parou de chorar.

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

E demais ouve os ollos tornados
tan bravos, que quantos **a** soyan ante veer,

18- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*soyan*)

atan muit' eran dela espantados

que sol ena face non **ll'** ousavan mentes tēer.

19- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ousavan*)

E demões log' assembrados
 contra o que esto fora fazer,
 come monteyros ben mandados
 o foron logo tan toste matar.

20- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foron*)

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

Outros dous tafures demoniados
 ouv' y, porque foran aquel tafur mort' asconder;
 poren sass carnes os endiabrados
 con gran ravia as começaron todas de roer;

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*começaron*)

e poys no rio affogados
 foron, ca o demo non lles lezer

22- próclise – pronome oblíquo dativo / substantivo (*lezer*) + verbo(*deu*)

deu, que todos escarmentados
 fossen quantos dest' oyssen falar.

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

O Conde, quando' est' oyu, con armados
 cavaleiros vëo e ant' a eigreja decer
 foi; e un daqueles mais arrufados
 diss' assi: «No meu coraçõ non pod' esto caber,
 se a pedra que me furados

23- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*furados*)

os queixos ouv', e mia vedes trager,

24- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome acusativo *a* / sintagma verbal (*vedes trager*)

e por que dÿeiros pagados
 ouvi muitos, se me non quer sãar.»

25- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + sintagma verbal (*quer sãar*)

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

Pois esto disse, pernas e costados
 e a cabeça foi log' ant' a omagen merger,
 e log' os ossos foron ben soldados

e a pedra ouv' ele pela boca de render.

Desto foron maravillados

todos, e el foy a pedra pøer,

estand' y omees onrrados,

ant' a omagen sobelo altar.

Pois que Deus quis da Virgen fillo...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 39

ESTA É COMO SANTA MARIA GUARDOU A SA OMAGEN,
QUE A NON QUEIMAS' O FOGO.

*Torto seria grand' e desmesura
de prender mal da Virgen ssa figura.*

Ond' avêo en San Miguel de Tomba,
no mōesteiro que jaz sobre lomba
dũa gran pena, que ja quant' é comba,
en que corisco feriu noit' escura.
Torto seria grand' e desmesura...

Toda a noite ardeu a perfia
ali o fog' e queimou quant' avia
na eigreja, mas non foi u siia
a omagen da que foi Virgen pura.
Torto seria grand' e desmesura...

E como quer que o fogo queimasse
en redor da omagen quant' achas[s]e,
Santa Maria non quis que chegasse
o fum' a ela, nena caentura.
Torto seria grand' e desmesura...

Assi guardou a Reña do Ceo
a ssa omagen, que nen sol o veo
tangeu o fogo, come o ebreo
guardou no forno con ssa vestidura.
Torto seria grand' e desmesura...

Assi **lle** foi o fog' obediente

1- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*foi*)

a Santa Maria, que sol niente

non tangeu sa omage veramente,
ca de seu Fill' el era creatura.

Torto seria grand' e desmesura...

Daquesto foron mui maravillados
quantos das terras y foron juntados,
que solament' os fios defumados
non viron do veo, nena pintura.

Torto seria grand' e desmesura...

Da omagen nen ar foi afumada,
ante semellava que mui lavada
fora ben toda con agua rosada,
assi cheirava con ssa cobertura.

Torto seria grand' e desmesura...

ANÁLISE PRONOMINAL – CANTIGA 40

ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA DAS MARAVILLAS
QUE DEUS FEZ POR ELA.

Deus **te** salve, groriosa

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*salve*)

Reÿa Maria,

Lume dos Santos fremosa

e dos Ceos Via.

Salve-**te**, que concebiste

2- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Salve*)

mui contra natura,

e pois teu padre pariste

e ficaste pura

Virgen, e poren sobiste

sobela altura

dos ceos, porque quesiste

o que el queria.

Deus **te** salve groriosa...

Salve-**te**, que enchoisti

3- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Salve*)

Deus gran sen mesura

en ti, e dele fezisti

om' e creatura;

esto foi porque ouvisti

gran sen e cordura

en creer quando oisti,

ssa mesageria.

Deus **te** salve, groriosa...

Salve-**te** Deus, ca **nos** disti

4- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Salve*)

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disti*)

en nossa figura
o seu Fillo que trouxisti,
de gran fremosura,
e con el **nos** remñisti

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*remñisti*)

da mui gran locura
que fez Eva, e vencisti
o que **nos** vencia.

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vencia*)

Deus **te** salve, groriosa...

Salve-**te** Deus, ca tollisti

8- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Salve*)

de nos gran tristura
u por teu Fillo frangisti
a carcer escura
u yamos, e metisti
nos en gran folgura;
con quanto ben **nos** vñisti,

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vñisti*)

quen**o** contaria?

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*contaria*)

Deus **te** salve, groriosa...

ANÁLISE CANTIGA 41

ESTA É COMO SANTA MARIA GUARECEU O QUE ERA SANDEU

A Virgen, Madre de Nostro Sennor,

ben pode dar seu siso

ao sandeu, pois ao pecador

faz aver Parayso.

En Seixons fez a Garin cambiador

a Virgen, Madre de Nostro Sennor,

que tant' ouve de **o** tirar sabor

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tirar*)

a Virgen, Madre de Nostro Sennor,

do poder do demo, ca de pavor

del perdera o siso;

mas ela tolleu-**ll'** aquesta door

2- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tolleu*)

e deu-**lle** Parayso.

3- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

A Virgen, Madre de Nostro Sennor...

Gran ben **lle** fez en est' e grand' amor

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

a Virgen, Madre de Nostro Sennor,

que **o** livrou do dem' enganador,

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*livrou*)

a Virgen, Madre de Nostro Sennor,

que **o** fillara come traedor

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fillara*)

e tollera-**ll'** o siso;

7- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tollera*)

mas cobrou-**llo** ela, e por mellor

8- ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*cobrou*)

ar deu-**lle** Parayso.

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

A Virgen, Madre de Nostro Sennor...

Loada será mentr' o mundo for
a Virgen, Madre de Nostro Sennor,
de poder, de bondad' e de valor,
a Virgen, Madre de Nostro Sennor,
porque a ssa mercee é mui mayor
ca o nosso mal siso,
e sempre a seu Fill' é rogador
que nos dé Parayso.

A Virgen, Madre de Nostro Sennor...

ANÁLISE CANTIGA 42

ESTA É DE CÓMO O CRERIZON METEU O ANEL ENO DEDO DA OMAGEN DE SANTA
MARIA, E A OMAGEN ENCOLLE O DEDO CON EL.

*A Virgen mui groriosa,
Reña espirital,
dos que ama é ceosa,
ca non quer que façan mal.*

Dest' un miragre fremoso, | ond' averedes sabor,
vos direy, que fez a Virgen, | Madre de Nostro Sennor,
1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direy*)
per que tirou de gran falla | a un mui falss' amador,
que amñude cambiava | seus amores dun en al.
A Virgen mui groriosa...

Foi en terra d'Alemanna | que querian renovar
hũas gentes ssa eigreja, | e poren foran tirar
a majestad' ende fora, | que estava no altar,
e posérona na porta | da praça, sso o portal.
2- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*poséron*)
A Virgen mui groriosa...

En aquela praç' avia | un prado mui verd' assaz,
en que as gentes da terra | yan tẽer seu solaz
e jogavan à pelota, | que é jogo de que praz
muit' a omẽes mancebos | mais que outro jog' atal.
A Virgen mui groriosa...

Sobr' aquest' hũa vegada | chegou y un gran tropel
de mancebos por jogaren | à pelot', e un donzel
andava y namorado, | e tragia seu anel
que ssa amiga lle dera, | que end' era natural.
3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dera*)

A Virgen mui groriosa...

Este donzel, con gran medo | de **xe l'** o anel torcer

4- próclise – pronome reflexivo / pronome oblíquo acusativo (*l'*) + sintagma nominal (artigo *o* + substantivo *anel*) + verbo (*torcer*)

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma nominal (artigo *o* + substantivo *anel*) + verbo (*torcer*)

quando feriss' a pelota, | foy buscar u o pōer

podess'; e viu a omage | tan fremosa parecer,

e foi-**llo** meter no dedo, | dizend': «Oi mais non **m'**enchal

6- ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*foi*)

7- próclise – pronome reflexivo / verbo (*enchal*)

A Virgen mui groriosa...

Daquela que eu amava, | ca eu ben **o** jur' a Deus

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*jur'*)

que nunca tan bela cousa | viron estes ollos meus;

poren daqui adelante | serei eu dos servos teus,

e est' anel tan fremoso | **ti** dou porend' en sinal.»

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dou*)

A Virgen mui groriosa...

E os gẽollos ficados | ant' ela con devoçon,

dizendo «Ave Maria», | prometeu-**lle** log' enton

10- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prometeu*)

que des ali adelante | nunca no seu coraçõn

outra moller ben quisesse | e que **lle** fosse leal.

11- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fosse*)

A Virgen mui groriosa...

Pois feit' ouve ssa promessa, | o donzel logo **ss'** ergeu,

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ergeu*)

e a omagen o dedo | cono anel encolleu;

e el, quando viu aquesto, | tan gran pavor **lle** creceu

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*creceu*)

que diss' a mui grandes vozes: | «Ay, Santa Maria, val!

A Virgen mui groriosa...

As gentes, quand' est' oyron, | correndo chegaron y

u o donzel braadava, | e el contou-**lles** des i

14- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contou*)

como **vos** ja dit' avemos; | e conscellaron-**ll'** assi

15- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*ja*) + sintagma verbal (*dit' avemos*)

16- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*conscellaron*)

que orden logo fillasse | de monges de Claraval.

A Virgen mui groriosa...

Que **o** fezesse cuidaron | logo todos dessa vez;

17- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*fezesse cuidaron*)

mas per consello do demo | ele d' outra guisa fez,

que o que el prometera | aa Virgen de gran prez,

assi **llo** desfaz da mente | como desfaz agua sal.

18- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*desfaz*)

A Virgen mui groriosa...

E da Virgen groriosa | nunca depois **se** nenbrou,

19- próclise – pronome reflexivo / verbo (*nenbrou*)

mas da amiga primeira | outra vez **sse** namorou,

20- próclise – pronome reflexivo / verbo (*namorou*)

e per prazer dos parentes | logo con ela casou

e sabor do outro mundo | leixou polo terreal.

A Virgen mui groriosa...

Poi-las vodas foron feitas | e o dia **sse** sayu,

21- próclise – pronome reflexivo / verbo (*sayu*)

deitou-**ss'** o novio primeiro | e tan toste **ss'** adormyu;

22- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*deitou*)

23- próclise – pronome reflexivo / verbo (*adormyu*)

e el dormindo, en sonnos | a Santa Maria vyu,

que **o** chamou mui sannuda: | «Ai, meu falss' e mentiral!

24- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*chamou*)

A Virgen mui groriosa...

De mi por que **te** partiste | e fuste fillar moller?

25- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*partiste*)

Mal **te** nenbrou a sortella | que **me** dést'; ond' á mester

26- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*nenbrou*)

27- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dést'*)

que **a** leixes e **te** vaas | comigo a como quer,

28- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixes*)

29- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vaas*)

se non, daqui adeante | averás coyta mortal.»

A Virgen mui groriosa...

Logo **s'** espertou o novio, | mas pero non **se** quis ir;

30- próclise – pronome reflexivo / verbo (*espertou*)

31- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*quis ir*)

e a Virgen groriosa | fez-**lo** outra vez dormir,

32- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

que viu jazer ontr' a novia | e ssi pera **os** partir,

33- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*partir*)

chamand' a el mui sannuda: | «Mao, falsso, desleal,

A Virgen mui groriosa...

Ves? E por que **me** leixaste | e sol vergonna non ás?

34- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixaste*)

Mas se tu meu amor queres, | daqui **te** levantarás,

35- próclise – pronome reflexivo / verbo (*levantarás*)

e vai-**te** comigo logo, | que non esperes a cras;

36- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vai*)

erge-**te** daqui correndo | e sal desta casa, sal!»

37- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*erge*)

A Virgen mui groriosa...

Enton **ss'** espertou o novio, | e desto tal medo pres

38- próclise – pronome oblíquo refelxivo / verbo (*espertou*)

que **ss'** ergeu e foi ssa via, | que non chamou dous nen tres

39- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ergeu*)

omêes que con el fossen; | e per montes mais dun mes

andou, e en un' hermida | **se** meteu cab' un pñal.

40- próclise – pronome reflexivo / verbo (*meteu*)

A Virgen mui groriosa...

E pois en toda ssa vida, | per com' eu escrit' achei,

serviu a Santa Maria, | Madre do muit' alto Rei,

que **o** levou pois conssigo | per com' eu creo e sei,

41- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levou*)

deste mund' a Parayso, | o reino celestial.

A Virgen mui groriosa...

ANÁLISE CANTIGA 43

ESTA É COMO SANTA MARIA RESUCITOU UM MENÏO NA SSA EIGREJA DE SALAS.

*Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira,
poren muito **ll'** avorrece / da paravla mentireira.*

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avorrece*)

E porend' un ome bõo | que en Darouca morava,
de ssa moller, que avia | bõa e que muit' amava,
non podia aver fillos, | e porende **se** queixava

2- próclise – pronome reflexivo / verbo (*queixava*)

muit' end' el; mas disse-**ll'** ela: | «Eu **vos** porrei en carreira

3- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*porrei*)

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

Com' ajamos algun fillo, | ca se non, eu morreria.
Poren dou-**vos** por consello | que log' a Santa Maria

5- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dou*)

de Salas ambos vaamos, | ca quen **se** en ela fia,

6- próclise – pronome reflexivo / sintagma preposicional (preposição *en* + pronome nominativo *ela*)
+ verbo (*fia*)

o que pedir dar-**ll'** á logo, | aquest' é cousa certa.»

7- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dará*)

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

Muit' en proug' ao marido, | e tan toste **se** guisaron

8- próclise – pronome reflexivo / verbo (*guisaron*)

de fazer sa romaria | e en seu camÿ' entraron.

E pois foron na eigreja, | Santa Maria rogaron
que podessen ayer fillo | ontr' el e ssa conpanneira.

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

E a moller fez promessa | que se ela fill' ouvesse,

que con seu peso de cera | a un ano **llo** trouxesse

9- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*trouxesse*)

e por seu servidor sempre | na ssa eigreja **o** désse;

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*désse*)

e que aquesto comprisse | entrou-**ll** ende par maneira.

11- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*entrou*)

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

E pois aquesto dit' ouve, | ambos fezeron tornada

a Darouca u moravan; | mas non ouv' y gran tardada

que log' a poucos de días | ela **se** sentiu prennada,

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*sentiu*)

e a seu temp' ouve fillo | fremoso de gran maneira.

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

Des que **lle** naceu o fillo, | en logar que adianos

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*nasceu*)

déss' end' a Santa Maria | teve-**o** grandes set' anos

14- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*teve*)

que **lle** non vëo emente | nen da cera nen dos panos

15- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*vëo*)

con que **o** levar devera, | e cuidou seer arteira.

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*levar devera*)

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

Ca u quis tõe-lo fillo | e a cera que tñia,

deu fever ao menño | e mató-**o** muit' agña,

17- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mató*)

que **lle** nunca prestar pode | fisica nen meezña;

18- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*lle*) + sintagma verbal (*prestar pode*)

mas gran chanto fez la madre | pois **se** viu dele senlleira.

19- próclise – pronome reflexivo / verbo (*viu*)

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

Que **o** soterrassen logo | o marido ben quisera;

20- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*soterrassen*)

mas la madre do menyo | disse con gran coita fera

que el' a Santa Maria | **o** daria, que **llo** dera

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*daria*)

22- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*dera*)

con sa cera como **ll'** ela | prometera da primeira.

23- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tónico (*ela*) + verbo (*prometera*)

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

E logo en outro día | entraron en seu camyo,

e a madr' en ataude | levou sig' aquel menyo;

e foron en quatro dias, | e ant' o altar festinno

o pos, facendo gran chanto, | depenando sa moleira

24- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pos*)

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

E dizend' a grandes voces: | «A ti venno, Groriosa,

con meu fill' e cona cera | de que **te** fui mentirosa

25- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fui*)

en **cho** dar quand' era vivo; | mas, porque es piadosa,

26- próclise – pronome oblíquo dativo *che* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*dar*)

o adug' ante ti morto, | e dous dias á que cheira.

27- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*adug'*)

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

Mas se **mio** tu dar quisesses, | non porque seja dereito,

28- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome oblíquo acusativo *o* / pronome tónico (*tu*) + sintagma verbal (*dar quisesses*)

mas porque sabes mia coita, | e non catasses despeito

de como fui mentirosa, | mas quisesses meu proveito

e non quisesses que fosse | nojosa e mui parleira.»

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

Toda a noit' a mesquinna | estev' assi braadando

ant' o altar en gëollos, | Santa Maria chamando

que **ss'** amercêasse dela | e seu Fillo **ll'** ementando,

29- próclise – pronome reflexivo / verbo (*amercêasse*)

30- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ementando*)

a quen polas nossas coitas | roga senpr' e é vozeira.

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

Mas, que fez Santa Maria, | a Sennor de gran vertude

que dá aos mortos vida | e a enfermos saude?

Logo fez que o menño | chorou eno ataude

u jazia muit' envolto | en panos dũa liteira.

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

Quando o padr' e a madre, | que fazian muit' esquivo

doo por seu fillo, viron | que o menỹ' era vivo,

britaron o ataude | u jazia o cativo.

Enton vëo y mais gente | que non ven a hũa feira,

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

Por veer o gran miragre | que a Virgen demostrara

de como aquel meninno | de morte ressucitara,

que a cabo de seis días | jazendo morto chorara

por prazer da Groriosa, | santa e dereitureira.

Porque é Santa Maria / leal e mui verdadeira...

ANÁLISE CANTIGA 44

ESTA É COMO O CAVALEIRO QUE PERDERA SEU AÇOR FOY-O PEDIR A SANTA
MARIA DE SALAS; E ESTANDO NA EIGREJA, POSOU-LLE NA MÃO.

*Quen fiar na Madre do Salvador
non perderá ren de quanto seu for.*

Quen fiar en ela de corazón,
averrá-**lle** com' a un ifançon

1- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*averrá*)

avẽo eno reino d' Aragon,
que perdeu a caça un seu açor,

Quen fiar na Madre do Salvador...

Que grand' e mui fremos' era, e ren
non achava que non fillasse ben
de qual prijon açor fillar conven,
d' ave pequena tro ena mayor.

Quen fiar na Madre do Salvador...

E daquest' o ifançon gran pesar
avia de que **o** non pod' achar,

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + sintagma verbal (*pod' achar*)

e porende **o** fez apregoãr

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*fez apregoar*)

pela terra toda en derredor.

Quen fiar na Madre do Salvador...

E pois que por esto non **o** achou,

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*achou*)

pera Salas seu camo fillou

e de cera semellança levou

de ssa av', e diss' assi: «Ai, Sennor

Quen fiar na Madre do Salvador...

Santa Maria, eu venno a ti
con coita de meu açor que perdi,
que **mio** cobres; e tu fas-**lo** assi,

5- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*cobres*)

6- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faz*)

e aver-**m**-ás sempre por servidor.

7- mesóclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*averás*)

Quen fiar na Madre do Salvador...

E demais esta cera **ti** darei

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*darei*)

en sa figura, e sempr' andarei
pregõando teu nome e direi
como dos Santos tu es la mellor.»

Quen fiar na Madre do Salvador

Pois esto disse, missa foi oyr
mui cantada; mas ante que partir
s' en quisesse, fez-**ll'** o açor vir

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

Santa Maria, ond' ouv' el sabor.

Quen fiar na Madre do Salvador...

E que ouuess' end' el mayor prazer,

fez-**ll'** o açor ena mão decer,

10- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

come se ouvesse log' a prender
caça con el como faz caçador.

Quen fiar na Madre do Salvador...

E el enton muit' a Madre de Deus

loou, e chorando dos ollos seus,
dizend': «Ai, Sennor, tantos son os teus
bes que fazes a quen ás amor!»

Quen fiar na Madre do Salvador...

ANÁLISE CANTIGA 45

ESTA É COMO SANTA MARIA GÃOU DE SEU FILLO QUE FOSSE SALVO O CAVALEIRO
MALFEITOR QUE CUIDOU DE FAZER UM MÔESTEIRO E MORREU ANTE QUE O
FEZESSE.

*A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piedade,
que ao peccador colle | por feito a voontade.*

E desta guisa avẽo | pouc' á a un cavaleiro
fidalg' e rico sobejo, | mas era brav' e terreiro,
sobervios' e malcreente, | que sol por Deus un dñeiro
non dava, nen polos Santos, | esto sabed' en verdade.

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

Aqueste de fazer dano | sempre **ss'** ende traballava,

1- próclise – pronome reflexivo / advérbio (*ende*) + verbo (*traballava*)

e a todos seus vezos | feria e dñostava;

sen esto os mōesteiros | e as igrejas britava,

que vergonna non avia | do prior nen do abade.

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

E todo seu cuidad' era | de destróir los mesq̃yos
e de roubar os que yan | seguros pelos camos,
e per ren non perdõav' a | molleres nen a menos,
que **ss'** en todo non metesse | por de mui gran crueldade.

2- próclise – pronome reflexivo / sintagma preposicional (preposição *en* + pronome indefinido *todo*)
+ negação (*non*) + verbo (*metesse*)

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

E esta vida fazendo, | tan brava e tan esquiva,
un dia meteu ben mentes | como sa alma cativa
era chã de pecados | e mui mais morta ca viva,
se mercee non **ll'** ouvesse | a comprida de bondade.

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ouvesse*)

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

E, porque sempre os bõos | **lle** davan mui gran fazfeiro

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*davan*)

do muito mal que fazia, | penssou que un mōesteiro

faria con bõa claustra, | igreja e cymiteiro,

estar e enfermaria, | e todo en ssa herdade.

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

E des i ar cuidou logo | de meter y gran convento

de monges, se el podesse, | ou cinquenta ou cento;

e per que mui ben vivessen | **lles** daria conprimento,

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*daria*)

e que por Santa Maria | servir seria y frade.

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

Tod' aquesto foi cuidando | mentre siia comendo;

e poi-**ll'** alçaron a mesa, | foi catar logo correndo

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*alçaron*)

logar en que **o** fezesse, | e achó-**o**, com' aprendo,

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fezesse*)

8- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*achó*)

muit' apost' e mui viçoso, | u compris' ssa caridade.

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

En este coidad' estando | muit' aficad' e mui forte,

ante que **o** começasse, | door **lo** chegou a morte;

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*começasse*)

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*chegou*)

e os demões a alma | fillaron del en sa sorte,

mais los angeos chegaron | dizendo: «Estad', estade!

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

Ca non quer Santa Maria | que a vos assi levedes.»

E disseron os diabos: | «Mais vos, que razon avedes

d' ave-la? Ca senpr' est' ome | fezo mal, como sabedes,

11- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ave*)

por que est' alma é nossa, | e allur outra buscade.»

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

Os angeos responderon: | «Mais vos folia fezestes

en fillardes aquest' alma, | mao consell' y ouvestes

e mui mal vos acharedes | de quanto a ja tevestes;

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*acharedes*)

mais tornad' a vosso fogo | e nossa alma leixade.»

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

Os diabos ar disseron: | «Esto per ren non faremos,

ca Deus é mui justiceiro, | e por esto ben sabemos

que esta alma fez obras | por que a aver devemos

toda ben enteiramente, | sen terç' e sen meadade.»

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

E un dos angeos disse: | «O que vos dig' entendede:

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dig'*)

eu sobirei ao ceo, | e vos aqui mi atendede,

14- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*atendede*)

e o que Deus mandar desto, | vos enton esso fazed;

e oi mais non vos movades | nen faledes, mais calade.»

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

Depois aquestas palavras | o angeo logo ss' ya

15- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ya*)

e contou aqueste feito | mui tost' a Santa Maria;

ela log' a Jeso-Cristo | aquela alma pidia,

dizend': «Ai, meu Fillo santo, | aquesta alma me dade.»

16- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dade*)

A Virgen Santa Maria | tant' e de gran piadade...

E ele lle respondia: | «Mia Madr', o que vos quiserdes

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*respondia*)

ei eu de fazer sen falla, | pois vos en sabor ouverdes;
mais torn' a alma no corpo, | se **o** vos por ben teverdes,

18- próclise – pronome oblíquo acusativo / pronome tônico (*vos*) + sintagma preposicional
(preposição *por* + advérbio *ben*) + verbo (*teverdes*)

e faça o mōesteyro, | u viva en omildade.»

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

E pois Deus est' ouve dito, | un pano branco tomava,
feito ben come cogula, | que ao angeo dava,
e sobela alma logo | o pano deitar mandava,
porque **a** leixass' o demo | comprido de falsidade.

19- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixass'*)

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

Tornou-**ss'** o angeo logo; | e atan toste que viron

20- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*Tornou*)

os diabos a cogula, | todos ant' ela fugiron;
e os angeos correndo | pos eles mal **los** feriron,

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*feriron*)

dizendo: «Assi perdestes | o ceo per neycidade.»

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

Pois que **ss'** assi os diabos | foron dali escarnidos

22- próclise – pronome reflexivo / advérbio (*assi*) + sintagma nominal (artigo definido *os* +
substantivo *diabos*) + verbo (*foron*)

e maltreitos feramente, | dostados e feridos,
foron pera seu iferno, | dando grandes apelidos,
dizendo aos diabos: | «Varões, oviad', oviade.»

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

Os angeos depos esto | aquela alma fillaron,
e cantando «Surgat Deus» | eno corpo **a** tornaron

23- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tornaron*)

daquel cavaleiro morto, | e vivo **o** levantaron;

24- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levantaron*)

e fezo seu mōesteiro, | u viveu en castidade.

A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piadade...

ANÁLISE CANTIGA 46

ESTA É COMO A OMAGEN DE SANTA MARIA, QUE UM MOURO QUARDAVA EM AS
CASA ONRRADAMENTE, DEITOU LEITE DAS TETAS.

*Porque ajan de seer
seus miragres mais sabudos
da Virgen, deles fazer
vai ant' omees descreeudos.*

E dest' avêo assi
como vos quero contar

1- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quero contar*)

dun mouro, com' aprendi,
que con ost' en Ultramar
grande foi, segund' oý,
por crischãos guerrejar
e roubar,
que non eran percebudos.
Porque ajan de seer...

Aquel mouro astragou
as terras u pod' entrar,
e todo quanto robou
feze-o sigo levar;

2- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*feze*)

e mui ledosse tornou

3- próclise – pronome reflexivo / verbo (*tornou*)

a ssa terra, e juntar
foi e dar
os roubos que ouv' avudos.
Porque ajan de seer...

Daquel aver que partiu
foi en pera ssi fillar

ha omagen que vyu
da Virgen que non á par;
e pois **la** muito cousyu,

4- **próclise** – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*muito*) + verbo (*cousyu*)

feze-**a** logo alçar

5- **ênclise** – pronome oblíquo acusativo / verbo (*feze*)

e guardar
en panos d' ouro teçudos.
Porque ajan de seer...

E ameude veer
a ya muit' e catar;
pois fillava-**ss** a dizer

6- **ênclise** – pronome reflexivo / verbo (*fillava*)

ontre ssi e rezõar
que non podia creer
que Deus quisess' encarnar
nen tomar
carn' en moller. «E perdudos
Porque ajan de seer...

Son quantos lo creer van,»
diss' el, «ca non poss' osmar
que quisesse tal afan
prender Deus nen **ss** abaxar,

7- **próclise** – pronome reflexivo / verbo (*abaxar*)

que el que éste tan gran
se foss' en corp' enserrar

8- **próclise** – pronome reflexivo / verbo (*foss'*)

nen andar
ontre poboos mudos,
Porque ajan de seer...

Como dizen que andou
pera o mundo salvar;

mas se de quant' el mostrou
foss' a mi que quer mostrar,
faria-me logo sou

9- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faria*)

crischão, sen detardar,
e crismar
con estes mouros barvudos.»

Porque ajan de seer...

Adur pod' esta razon
toda o mour' encimar,
quand' à omagen enton
viu duas tetas a par,
de viva carn' e d' al non,
que foron logo mãar
e deitar

leite come per canudos.

Porque ajan de seer...

Quand' esto viu, sen mentir,
começou muit' a chorar,
e un crerigo vir
fez, que o foi batiçar;

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*batiçar*) + sintagma verbal (*foi batiçar*)

e pois desto, sen falir,
os seus crischãos tornar
fez, e ar
outros bes connosçudos.

Porque ajan de seer...

ANÁLISE CANTIGA 47

ESTA É COMO SANTA MARIA GUARDOU O MONGE, QUE O DEMO QUIS ESPANTAR
POR LO FAZER PERDER.

*Virgen Santa Maria,
guarda-nos, se te praz,*

1- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guarda*)

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*praz*)

*da gran sabedoria
que eno demo jaz.*

Ca ele noit' e dia | punna de nos meter

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*meter*)

per que façamos erro, | porque a Deus perder
ajamo-, lo teu Fillo, | que quis por nos sofrer
na cruz paxon e morte, | que ouvessemos paz.

Virgen Santa Maria...

E desto, meus amigos, | vos quer' ora contar

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quer'*)

un miragre fremoso, | de que fix meu cantar,
como Santa Maria | foi un monge guardar
da tentação do demo, | a que do ben despraz.

Virgen Santa Maria...

Este mong' ordado | era, segund' oý,

muit', e mui ben sa orden | tñia, com' aprendi;

mas o demo arteiro | o contorvou assy

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*contorvou*)

que o fez na adega | beber do v' assaz.

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

Virgen Santa Maria...

Pero beved' estava | muit', o monge quis s' ir

7- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

dereit' aa eigreja; | mas o dem' a sair

en figura de touro | **o** foi, polo **o** ferir

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foi*)

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ferir*)

con seus cornos merjudos, | ben como touro faz.

Virgen Santa Maria...

Quand' esto viu o monge, | feramen **s'** espantou

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*espantou*)

e a Santa Maria | mui de rrijo chamou,

que **ll'** apareceu log' e | o tour' amaçou,

11- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*apareceu*)

dizendo: «Vai ta via, | muit' es de mal solaz.»

Virgen Santa Maria...

Pois en figura d' ome | pareceu-**ll'** outra vez,

12- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pareceu*)

longu' e magr' e veloso | e negro come pez;

mas acorreu-**lle** logo | a Virgen de bon prez,

13- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*acorreu*)

dizendo: «Fuge, mao, | mui peor que rapaz.»

Virgen Santa Maria...

Pois entrou na eigreja, | ar pareceu-**ll'** enton

14- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pareceu*)

o demo en figura | de mui bravo leon;

mas a Virgen mui santa | deu-**lle** con un baston,

15- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

dizendo: «Tol-**t'**, astroso, | e logo **te** desfaz.»

16- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Tol*)

17- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*desfaz*)

Virgen Santa Maria...

Pois que Santa Maria | o seu mong' acorreu,

como **vos** ei ja dito, | e **ll'**o medo tolleu

18- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ei*) + advérbio (*ja*) + participío (*dito*)

19- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *o* + substantivo *medo*) + verbo (*tolleu*)

do demo e do vinno, | con que era sandeu,

disse-**ll'**: «Oy mais **te** guarda | e non sejas malvaz.»

20- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

21- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*guarda*)

Virgen Santa Maria...

ANÁLISE CANTIGA 48

ESTA É COMO SANTA MARIA TOLLEU A AGUA DA FONTE AO CAVALEIRO, EM CUYA
ERDADE ESTAVA, E A DEU AOS FRADES DE MONSSARRAD A QUE EL QUERIA
VENDER.

*Tanto son da Groriosa | seus feitos mui piadosos,
que fill' aos que an muyto | e dá aos menguadosos.*

E daquest' un gran miragre | fez pouc' á en Catalonna
a Virgen Santa Maria, | que con Jeso-Cristo ponna
que no dia do joyzo | possamos ir sen vergonna
ant' el e que non vaamos | u yrán os soberviosos.

Tanto son da Groriosa | seus feitos mui piadosos...

Monssarrat éste chamado | o logar u é a fonte
saborosa, grand' e crara, | que naç' encima dun monte,
que era dun cavaleiro; | e d'outra parte de fronte
avia un mōesteyro | de monges religiosos.

Tanto son da Groriosa | seus feitos mui piadosos...

Mas en aquel mōesteiro | ponto d'agua non avia
se non quant' o cavaleiro | da fonte **lles** dar queria,

1- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*dar queria*)

por que os monges **lle** davan | sa renta da abadia;

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*davan*)

e quando **lla** non conprian, | eran dela perdidosos.

3- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *la* / negação (*non*) + verbo (*conprian*)

Tanto son da Groriosa | seus feitos mui piadosos...

E demais, sobre tod' esto, | el assi **os** pennorava,

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pennorava*)

que quanto quer que achasse | do mōesteiro fillava;

e porend' aquel convento | en tan gran coita estava,

que non cantavan as oras | e andavan mui chorosos.

Tanto son da Groriosa | seus feitos mui piadosos...

Os monges, porque sentian a | ssa casa mui menguada,

entre ssi acord' ouveron | de **lle** non daren en nada,

5- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*daren*)

ca tian por sobervia | de beber agua conprada;

poren todos na eigreja | entraron muit' omildosos,

Tanto son da Groriosa | seus feitos mui piadosos...

Dizend': «Ai Santa Maria, | a nossa coyta veede,

e con Deus, o vosso Fillo, | que todo pode, pōede

que **nos** dé algun consello, | que non moiramos de sede,

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dé*)

veend' agua conos ollos e seer en desejosos.»

Tanto son da Groriosa | seus feitos mui piadosos...

Pois ssa oraçon fezeron, | a Sennor de piadade

fez que **sse** cambiou a fonte | ben dentro na sa erdade

7- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*cambiou*)

dos monges, que ant' avian | da agua gran soidade,

e des alia adeante | foron dela avondosos.

Tanto son da Groriosa | seus feitos mui piadosos...

Pois que viu o cavaleiro | que ssa font' assi perdera

por prazer da Groriosa, | que **lla** aposto tollera,

8- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *la* / adjetivo (*aposto*) + verbo (*tollera*)

deu a erdad' u estava | a fonte ond' el vendera

a agu' àquele convento, | onde pois foron viçosos.

Tanto son da Groriosa | seus feitos mui piadosos...

ANÁLISE CANTIGA 49

ESTA É DE COMO SANTA MARIA QUIOU OS ROMEUS, QUE YAN A SE EIGREJA A
SEIXON E ERRARAN O CAMÏO DE NOITE.

*Ben com' aos que van per mar
a estrela guia,
outrossi aos seus guiar
vai Santa Maria.*

Ca ela **nos** vai demostrar

1- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*vai demostrar*)

de como nos guardemos
do demo e de mal obrar,
e en como gãemos
o seu reyno que non á par,
que nos ja perdemos
per don' Eva, que foi errar
per sa gran folia.

Ben com' aos que van per mar ...

E ar acorre-**nos** aqui

2- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*acorre*)

enas mui grandes coitas,
segund' eu sei ben e oý,
quaes avemos doitas;
ca muitos omees eu vi
e molleres moitas
a que el' acorreu assi
de noit' e de dia.

Ben com' aos que van per mar...

E, segund' eu oý dizer,

hũa mui gran conpanna
de romeus ar foi guarecer

en hũa gran montanna,
 en que **ss'** ouveran de perder

3- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*ouveran de perder*)

con coita estranna,
 porque **lles** foi escurecer

4- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foi escurecer*)

e perderon via.

Ben com' aos que van per mar ...

E sen aquest' un med' atal
 enos seus coraçõs
 avian mui fero mortal,
 ca andavan ladrõs
 per y fazendo muito mal;
 porend' oraçõs
 fezeron todos y sen al,
 quis come sabia.

Ben com' aos que van per mar...

E chamand' a Madre de Deus,
 com' é nosso costume,
 que dos graves pecados seus
 perdess' ela queixume;
 e logo aqueles romeus
 viron mui gran lume
 e disseron: «Ai, Sennor, teus
 somos todavía.»

Ben com' aos que van per mar ...

E en aquel gran lum' enton
 viron hũa mui bela
 moller de corp' e de faizon,
 e ben come donzela

lles pareceu; e pero non

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pareceu*)

siia en sela,
mas tãa na mã' un baston
que resprandecia.
Ben com' aos que van per mar ...

E poi-la donzela chegou,
todas essas montannas
do seu gran lum' alumou,
e logo as compannas
dereito a Seixon levou
e per muit' estrannas
terras en salvo **os** guiou
6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guiou*)
come quen podia.
Ben com' aos que van per mar ...

ANÁLISE CANTIGA 50

ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA, QUE MOSTRA POR QUE RAZON ENCARNOU
NOSTRO SENNOR EM ELA.

*Non deve null' ome desto per ren dultar
que Deus ena Virgen vëo carne fillar.*

E dultar non deve, por quanto **vos** direi,

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

porque, se non foss' esto, non viramos Rei
que corpos e almas **nos** julgass', eu **o** sei,

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*julgass'*)

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*sei*)

como Jeso-Cristo **nos** verrá joigar.

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*verrá joigar*)

Non deve null' ome desto per ren dultar...

Nen d' outra maneira non viramos Deus,
nen amor con doo nunca dos feitos seus
ouveramos, se el non foss', amigos meus,
tal que nossos ollos **o** podessen catar.

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*podessen catar*)

Non deve null' ome desto per ren dultar...

Ca Deus en ssi mesmo ele mingua non á,
nen fame nen sede nen frio nunca ja,
nen door nen coyta; pois quen **sse** doerá

6- próclise – pronome reflexivo / verbo (*doerá*)

del, nen piadade averá nen pesar?

Non deve null' ome desto per ren dultar...

E poren dos ceos quis en terra decer
sen seer partido nen menguar seu poder;
e quis ena Virgen por nos carne prender,

e leixou-ss' encima, demais, por nos matar.

7- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*leixou*)

Non deve null' ome desto per ren dultar...

Onde come a Deus lle devemos amor

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*devemos*)

e come a Padre e nosso Criador,

e come a ome del coyta e door

avermos de quanto quis por nos endurar.

Non deve null' ome desto per ren dultar...

E a Santa Virgen, en que ss' el ensserrou,

9- próclise – pronome reflexivo / pronome tônico (*el*) + verbo (*ensserrou*)

de que prendeu carne e por madre fillou,

muit' amar devemos, ca per ela mostrou

todas estas cousas que vos fui ja contar.

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fui*) + advérbio (*ja*) + verbo (*contar*)

Non deve null' ome desto per ren dultar...

ANÁLISE CANTIGA 51

ESTA É COMO A OMAGE DE SANTA MARIA ALÇOU O GÊOLLO E RECEBEU O COLBE
DA SAETA POR GUARDAR O QUE ESTAVA POS ELA

A Madre de Deus

devemos tẽer mui cara,
porque aos seus
sempre mui ben **os** ampara.

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ampara*)

E desto **vos** contar quero | hũa mui gran demostraça

2- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*contar quero*)

que mostrou Santa Maria | en terra d'Orlens en França

al Con de Peiteus,

que un castelo cercara

e come judeus

a gent' en fillar cuidara.

A Madre de Deus...

Este castel' aquel conde | por al fillar non queria

senon pola gran requeza | que eno logar avia;

poren gran poder

de gent' ali assara

con que combater

o fez, e que **o** tomara,

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tomara*)

A Madre de Deus...

Se non foss' os do castelo | que, pois **se** viron coitados,

5- próclise – pronome reflexivo / verbo (*viron*)

que fillaron a omagen, | por seer mais anparados,

da Virgen enton,

Santa Maria, que para

mentes e que non
os seus nunca desanpara.

A Madre de Deus...

E logo sobela porta | do castelo **a** poseron

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*poseron*)

e, aorando **a**, muito | chorand' assi **lle** disseron:

7- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*aorando*)

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disseron*)

«Madre do Sennor
do mund', estrela mui crara,
sei defendedor
de nos, tu, altar e ara

A Madre de Deus

En que o corpo de Cristo | foi feito e consagrado;
e porende **te** rogamos | que daqueste cond' irado

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogamos*)

nos queras guardar,

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*queras guardar*)

e sei nossa acitara,

ca **nos** quer britar

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*quer britar*)

con seus engños que para.»

A Madre de Deus...

Mantenente dos de fora | vño log' un baesteiro
e diss' a outro da vila, | que poseran por porteiro,

que pera guarir

da omagen **s'** escudara,

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*escudara*)

que vñess' abrir

a porta que el serrara.

A Madre de Deus...

O de dentro respos logo | que non faria en nada;
 e o de fora tan toste | ouv' a baesta armada
 e tirou-**ll'** assi

13- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tirou*)

que sen dulta **o** chagara.

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*chagara*)

Mais, com' aprendi,
 un dos gēollos alçara
A Madre de Deus...

A omagen atan alte | que chegou preto da teta,
 por guarda-**lo** baesteiro, | e feriu-**lli** a saeta.

15- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guarda*)

16- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*feriu*)

E ar aprix al,
 que o de dentro tirara
 en maneira tal
 que o de fora matara.
A Madre de Deus...

Esta maravilla viron | os de dentr' e os da oste,
 e outrossi fez el Conde; | e deceu a terra toste
 dun cavalo seu,
 en que enton cavalgara,
 e come romeu
 aprix que dentro entrara.
A Madre de Deus...

E os gēollos ficados | aorou a magestade,
 muito dos ollos chorando, | connocendo sa maldade;
 e logo mandou
 tornar quant' ali fillara,
 e ssa ost' alçou
 que sobr' a vila deitara.
A Madre de Deus...

Desto a Santa Maria | todos loores **lle** deron

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deron*)

e punnaron d 'a saeta | tirar, mas nunca poderon,

com' escrit' achey,

da perna u **lla** ficara

18- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *la* / verbo (*ficara*)

o que **vos** dit' ei

19- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*dit'ei*)

baesteiro que osmara

A Madre de Deus...

Mata-**lo** outro de dentro | que a omagen guardava;

20- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mata*)

e poren Santa Maria | tan gran pesar en mostrava,

que nunca per ren

achei que depois tornara

a perna, mas ten

na como quand' mudara.

A Madre de Deus...

ANÁLISE CANTIGA 52

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ VÏIR LAS CABRAS MONTESAS A MONTSARRAT, E
SE LEIXAVAN ORDENNAR AOS MONGES CADA DIA.

*Mui gran dereit' é d' as bestias obedecer
a Santa Maria, de que Deus quis nacer.*

E dest' un miragre, se Deus **m'** anpar,

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*anpar*)

mui fremoso **vos** quer' ora contar,

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quer'*)

que quisu mui grand' a Groriosa mostrar;

oyde-**mio**, se ouçades prazer:

3- ênclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*oyde*)

Mui gran dereit' é d' as bestias obedecer...

En Monsarrat, de que **vos** ja contei,

4- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*ja*) + verbo (*contei*)

á un' igreja, per quant' apres' ei,

feita no nome da Madre do alto Rei

que quis por nos morte na cruz prender.

Mui gran dereit' é d' as bestias obedecer...

Aquel logar a pe dun mont' está

en que muitas cabras montesas á;

ond' estrãya maravilla avêo ja,

ca foron todas ben juso decer.

Mui gran dereit' é d' as bestias obedecer...

Ant' a eigreja qu' en un vale jaz,

e ant' a porta paravan-**ss'** en az

5- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*paravan*)

e estavam y todas mui quedas en paz,

ta que os monges las yan monger.

Mui gran dereit' é d' as bestias obedecer...

E quatr' anos durou, segund' oý,
 que os monges ouveron pera si
 assaz de leite; que cada noite ali
 vñian as cabras esto fazer.

Mui gran dereit' é d' as bestias obedecer...

Atães que un crerizon sandeu
 furtou un cabrit' en e **o** comeu;

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*comeu*)

e das cabras depois assi **lles** conteceu

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*conteceu*)

que nunca mais **las** poderon aver.

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*poderon aver*)

Mui gran dereit' é d' as bestias obedecer...

E desta guisa a Madre de Deus
 quis governar aqueles monges seus,
 por que depois gran romaria de romeus
 vñeron polo miragre saber.

Mui gran dereit' é d' as bestias obedecer...

ANÁLISE CANTIGA 53

COMO SANTA MARIA GUARECEU O MOÇO PEGUREIRO QUE LEVARON A SEIXON E
LLE FEZ SABER O TESTAMENTO DAS ESCRITURAS, MARCAR NUNCA LEERA.

*Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar,
assi aos que non saben / pode todo saber dar.*

E de tal ja end' avêo | un miragre que dizer
vos quer' ora, que a Virgen | quis grand' en Seixon fazer,

1- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizer*)

dun menço pegureiro, | a que os pees arder
começaron daquel fogo | que salvaj' ouço chamar.

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

Seu padre del era morto; | mas hũa pobre moller
sa madr' era que fiava | a lãa mui volonter,
per que ss' ambos governavan; | mas quen m'ascoitar quiser,

2- próclise – pronome reflexivo / pronome indefinido (*ambos*) + verbo (*governavan*)

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ascoitar*)

direi-ll' eu de com' a Virgen | quis no menço mostrar.

4- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

Aquel fog' ao mininno | tan feramente coitou
que a per poucas dos pees | os dedos non lle queimou;

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*queimou*)

e a madre mui coitada | pera Seixon o levou

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levou*)

e chorando mui de rrijo, | o pos ben ant' o altar.

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pos*)

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

Tod' essa noite vigia | tev'; e logo guareceu
o menço en tal guisa | que andou ben e correu,

des i foi-**sse** con ssa madre; | mas atal amor colleu

8- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

daquel logar **ti** sãara, | que **sse** quis log' y tornar.

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*sãara*)

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*quis*)

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

Depois a cabo dun ano | **lle** rogou que **o** ali

11- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogou*)

12- próclise – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*ali*) + verbo (*tornass'*)

tornass', e non quis la madre; | e ele **lle** diss' assi:

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

«Se non quisedes, o fogo | sei eu que verná a mi

e que vos pes **m'**averedes | eno col' a soportar.»

14- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*averedes*)

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

Dizend' aquest' o meno, | o fog' en el salto deu,

e travou log' en sa madre, | dizendo: «Ay eu, ay eu!»

E ela **o** en seu colo | fillou, com' aprendi eu,

15- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma preposicional (preposição *en* + pronome possessivo *seu* + substantivo *colo*) + verbo (*fillou*)

e a Seixon de caminn | começou toste d' andar.

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

E pois entrou na eigreja, | ant' o altar sen falir

e pos; e log' o menino | **se** fillou ben a dormir,

16- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

e viu en vijon a Madre | de Deus, que **o** foi guarir,

17- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foi guarir*)

e seu fillo Jeso-Cristo, | a que ela presentar

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

A alma en Parayso | foi dele. E alá vyu

que a Virgen a seu Fillo | mercee por el pediu

e por todo-los da terra | de Seixon, e ben sentiu
que por seu rogo do fogo | **os** quis Deus todos livrar.

18- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*quis*)

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

E oyu mais que a Virgen | diss' a Deus esta razon:
«Fillo, esta mia capela | que é tan pobr' en Seixon,
fas tu que seja ben feita.» | E el **Ile** respos enton:

19- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*respos*)

«Madr', eu farei y as gentes | vñir ben dalend' o mar
Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

E de muitas outras terras, | que darán aver assaz,
ca todo quanto demandas | e queres, todo **me** praz;

20- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*praz*)

e que eu faça teu rogo, | aquest' en dereito jaz,
ca fillo por bõa madre | fazer dev' o que mandar.»
Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

Quand' esto viu o menyo | no Ceo, foi-**Ili** tal ben

21- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*foi*)

que quant' al depois viia | sol non**o** preçava ren;

22- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*preçava*)

ca o Espirito Santo | pos en el atan gran sen
que as Escrituras soube, | e latin mui ben falar.
Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

E quanto no Testamento | Vedro e no Novo sé
escrito muy ben sabia, | e mui mais, per bõa fe;
e dizia aas gentes: | «De Santa Maria é
prazer que esta igreja | façades mui ben obrar.

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

E por que certos sejades | que tod' est' e mui mais sei,
mostrade-**mi** as Escrituras, | ca eu **as** esbranarey;

23- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrade*)

24- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*espranarey*)

demais, d' oj' a trinta dias | sabiades que morrerey,
ca a que **me** mostrou esto | **me** quer consigo levar.»

25- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrou*)

26- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*quer*)

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

Todos quantos est' oyron | deron graças e loor
aa Virgen groriosa, | Madre de Nostro Sennor;
e acharon en verdade | quanto diss' aquel pastor,
e começaram tan toste | na eigreja de lavrar.

Como pod' a Groriosa / mui ben enfermos sãar...

ANÁLISE CANTIGA 54

ESTA É DE COMO SANTA MARIA GUARYU COM SEU LEITE O MONGE DOENTE QUE
CUIDAVAN QUE ERA MORTO.

*Toda saude da Santa Reũa
ven, ca ela é nossa meezũa.*

Ca pero avemos enfermidades
que merecemos per nossas maldades,
atan muitas son as sas piedades,
que sa vertude **nos** acorr' agũa.

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*acorr'*)

Toda saude da Santa Reũa...

Dest' un miragre **me** vëo emente

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*vëo*)

que **vos** direi ora, ay, bõa gente,

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

que fez a Virgen por un seu sergente,
monge branco com' estes da Espũa.

Toda saude da Santa Reũa...

Est' era sisudo e letrado
e omildoso e ben ordinnado,
e a Santa Maria todo dado,
sen tod' orgullo e sen louçaũa.

Toda saude da Santa Reũa...

E tal sabor de **a** servir avia

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*servir*)

que, poi-lo convent' as oras dizia,
ele fazend' oraçon remania
en hũa capela mui pequenã;

Toda saude da Santa Reũa...

E dizia prima, terça e sesta
 e ñoa e vespas, e tal festa
 fazia sempre baixada a testa,
 e pois completas e a ledanña.
Toda saude da Santa Reña...

E vivend' en aquesta santidade,
 ena garganta ouv' enfermidade
 tan maa que, com' aprix en verdade,
 peyor cheirava que a caavrña.
Toda saude da Santa Reña...

Ca o rostr' e a garganta **ll'** enchara
 5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*enchara*)
 e o coiro fendera-**ss'** e britara,
 6- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fendera*)
 de maneira que atal **se** parara
 7- próclise – pronome reflexivo / verbo (*parara*)
 que non podía trocir a taulña.
Toda saude da Santa Reña...

Os frades, que cuidavan que mort' era,
 porque un día sen fala jouvera,
 cada un deles de grado quisera
 que **o** ongesen como convña.
 8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ongesen*)
Toda saude da Santa Reña...

E porend' o capeyron **lle** deitaron
 9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deitaron*)
 sobelos ollos, porque ben cuidaron
 que era mort', e torna-**lo** mandaron
 10- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*torna*)
 a ourient' onde o sol vña.

Toda saude da Santa Reÿa...

E u el en tan gran coita jazia
que ja ren non falava nen oya,
vee-**lo** vëo a Virgen Maria,

11- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vee*)

e con hũa toalla que tũa

Toda saude da Santa Reÿa...

Tergeu-**ll'** as chagas ond' el era chëo;

12- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Tergeu*)

e pois tirou a ssa teta do sëo

santa, con que criou aquel que vëo

por **nos** fillar nossa carne mesquÿa.

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fillar*)

Toda saude da Santa Reÿa...

E deitou-**lle** na boca e na cara

14- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deitou*)

do seu leite. E tornou-**lla** tan crara,

15- ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *la* / verbo (*tornou*)

que semellava que todo mudara

como muda penas a andorÿa.

Toda saude da Santa Reÿa...

E disse-**lle**: «Por esto vin, irmão,

16- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

que **tí** acorress' e **te** fezesse são;

17- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*acorress'*)

18- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fezesse*)

e quando morreres, sei ben certão

que irás u é Santa Catelÿa.»

Toda saude da Santa Reÿa...

Pois esto dit' ouve, foi-**ss'**. E mui cedo

19- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

se levantou o monge; e gran medo

20- próclise – pronome reflexivo / verbo (*levantou*)

ouveron os outros, e quedo, quedo

foron tanger hũa ssa canpaña,

Toda saude da Santa Reña...

A que logo todos foron juntados

e deste miragre maravillados,

e a Santa Maria muitos dados

loores, a Estrella Madodña.

Toda saude da Santa Reña...

ANÁLISE CANTIGA 55

ESTA É COMO SANTA MARIA SERVIU POLA MONJA QUE SE FORA DO MÕESTEYRO E
LLI CRIOU O FILLO QUE FEZERA ALÁ ANDANDO.

*Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,
que mui d' anvidos s' assanna | e mui de grado perdõa.*

1- próclise – pronome reflexivo / verbo (*assanna*)

Desto direi un miragre | que quis mostrar en Espanna
a Virgen Santa Maria, | piadosa e sen sanna,
por hũa monja, que fora | fillar vida d' avol manna
fora de seu mõeiteiro | con un preste de corõa.
Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

Esta dona mais amava | d'outra ren Santa Maria,
e porend' en todo tempo | sempre sas oras dizia
mui ben e conpridamente, | que en elas non falia
de dizer prima e terça, | sesta, vespervas e nõa.
Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

Compretas e madodinnos | ben ant' a ssa majestade.

Mais o demo, que sse paga | pouco de virgĩidade,

2- próclise – pronome reflexivo / verbo (*paga*)

fez, como vos eu ja dixeu, | que sse foi con un abade,

3- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tônico (*eu*) + advérbio (*ja*) + verbo (*dixeu*)

4- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

que a por amiga teve | un mui gran tenp' en Lisbõa.

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma preposicional (*preposição por + substantivo amiga*) + verbo (*teve*)

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

Ambos assi estiveron | ta que ela foi prennada;

enton o crerig' astroso | leixou-a desanparada,

6- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixou*)

e ela tornou-**sse** logo | vergonnosa e coitada,

7- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*tornou*)

andando senpre de noite, | come sse fosse ladrõa.

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

E foi ao mõeiteiro | ali onde **sse** partira,

8- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*partira*)

e falou-**ll'** a abadessa, | que **a** nunca mēos vira

9- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*falou*)

10- próclise – pronome oblíquo acusativo/ sintagma adverbial (advérbio *nunca* + advérbio *mēos*) + verbo (*vira*)

ben des que do mõeiteiro | sen ssa lecença sayra,

dizendo: «Por Deus, mia filla, | logo aa terça sõa.»

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

E ela foi fazer logo | aquilo que **lle** mandava;

11- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*mandava*)

mas de que **a** non achavan | mēos **sse** maravillava,

12- próclise - pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*achavan*)

13- próclise - pronome reflexivo / verbo (*maravillava*)

e dest' a Santa Maria | chorando loores dava,

dizendo: «Bêeita eras, | dos pecadores padrõa.»

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

Estas loores e outras | a Santa Maria dando

muitas de noit' e de dia, | fois-**sse-ll'** o tenpo chegando

14- ênclise - pronome reflexivo / verbo (*fois*)

15- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*fois*) + pronome reflexivo (*fois*)

que avia d'aver fillo; | e enton **sse** foi chorando

16- próclise - pronome reflexivo / sintagma verbal (*foi chorando*)

pera a ssa majestade, | e como quen **sse** razõa

17- próclise - pronome reflexivo / verbo (*razõa*)

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

Con sennor, assi dizia, | chorando mui feramente:

«Mia Sennor, eu a ti venno | como moller que **se** sente

18- próclise - pronome reflexivo / verbo (*sente*)

de grand' erro que á feito; | mas, Sennor, venna-**ch'** a mente

19- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*venna*)

se **che** fiz algun serviço, | e guarda-**me** mia pessoa

20- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*fiz*)

21- ênclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*guarda*)

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

Que non cáia en vergonna, | Sennor, e alma **me** guarda

22- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*guarda*)

que **a** non lev' o diablo | nen eno inferno arda.

23- próclise - pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*lev'*)

Esto con medo **cho** peço, | ca eu são mui covarda

24- próclise – pronome oblíquo dativo *che* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*peço*)

de por nulla ren rogar-**te**, | mas peço-**ch'** esto por dõa.»

25- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*rogar*)

26- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*peço*)

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

Quand' ela est' ouve dito, | chegou a Santa Reña

e ena coita da dona | pos logo ssa meezynna,

e a un angeo disse: | «Tira-**ll'** aquel fill' agynna

27- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*Tira*)

do corp' e criar-**llo** manda | de pan, mais non de borõa.»

28- ênclise - pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*criar*)

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

Foi-**ss'** enton Santa Maria, | e a monja ficou sãa;

29- ênclise - pronome reflexivo / verbo (*Foi*)

e cuidou achar seu fillo, | mais en seu cuidar foi vãa,

ca **o** non viu por gran tempo, | senon quand' era ja cãa,

30- próclise - pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*viu*)

e por el foi mas coitada | que por seu fill' é leõa.

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

Mais depois assi **ll'** avẽo | que, u vespervas dizendo

31- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*avẽo*)

estavan todas no coro | e ben cantand' e leendo,
viron entrar y un moço | mui fremosyo correndo,
e cuidaron que fill' era | d' infançon e d' infançõa.

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

E pois entrou eno coro, | en mui bõa voz e crara
começou: «Salve Regina», | assi como **lle** mandara

32- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*mandara*)

a Virgen Santa Maria | que o gran tenpo criara,
que aos que ela ama | por **ll'** errar non abaldõa.

33- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*errar*)

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

A monja logo tan toste | connoceu que seu fill' era,
e el que era ssa madre; | e a maravilla fera
foi enton ela mui leda | poi-**ll'** el diss' onde vẽera,

34- próclise - pronome oblíquo dativo / pronome nominativo (*el*) + verbo (*diss'*)

dizendo: «Tornar-**me** quero, | e leixade-**m'** yr, varõa.»

35- ênclise - pronome reflexivo / verbo (*Tornar*)

36- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*leixade*)

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

Mantenent' aqieste feito | soube todo o convento,
que eran y ajuntadas | de monjas mui mais ca cento,
e loaron muit' a Virgen | por aqieste cousimento
que fezera, cujos feitos | todo o mund' apregõa.

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa...

ANÁLISE CANTIGA 56

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ NACER AS CINCO ROSAS NA BOCA DO MONGE
DEPOS SSA MORTE, POLOS CINCO SALMOS QUE DIZIA A ONRA DAS CINCO LETERAS
QUE Á NO SEU NOME.

*Gran dereit' é de seer
seu miragre mui fremoso
da Virgen, de que nacer
quis por nos Deus grorioso.*

Poren quero retraer
un miragre que oý,
ond' averedes prazer
oyndo-**o** outrossi,

1- ênclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*oyndo*)

per que podedes saber
o gran ben, com' aprendi,
que a Virgen foi fazer
a un bon religioso.

Gran dereit' é de ser...

Este sabia leer
pouco, com' oý contar,
mas sabia ben querer
a Virgen que non á par;
e poren foi compõer
cinque salmos e juntar,
por en ssa loor crecer,
de que era desejoso.

Gran dereit' é de seer...

Dos salmos foi escoller
cinque por esta razon
e de ssũu os põer
por cinque letras que son

en Maria, por prender
 dela pois tal galardón,
 per que podesse veer
 o seu Fillo piadoso.
Gran dereit' é de seer...

Quen catar e revolver
 estes salmos, achará
 «Magnificat» y jazer,
 e «Ad Dominum» y á,
 e cabo del «In conver-
 tendo» e «Ad te» está,
 e pois «Retribue ser-
 vo tuo» muit' omildoso.
Gran dereit' é de seer...

Pera ben de Deus aver,
 ond' aquestes, sen falir,
 salmos sempr' ya dizer
 cada dia, sen mentir,
 ant' o altar e tender
 se todo e repentir

2- ênclise - pronome reflexivo / verbo (*tender*)

do que fora merecer
 quand' era fol e astroso.
 Gran dereit' é de seer...

Est' uso foi manter
 mentre no mundo viveu;
 mas pois, quand' ouv' a morrer,
 na boca II' apareceu

3- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*apareceu*)

rosal, que viron ter
 cinco rosas, e creceu
 porque fora beizer
 a Madre do Poderoso.

Gran dereit' é de seer...

ANÁLISE CANTIGA 57

ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ GUAREÇER OS LADRÕES QUE FORAN TOLLEITOS
 PORQUE ROUBARAN ÛA DONA E SSA CANPANNA QUE YAN EM ROMARIA A
 MONSARRAT.

*Mui grandes noit' e dia
 devemos dar porende
 nos a Santa Maria
 graças, porque defende
 os seus de dano
 e sen engano
 en salvo **os** guia.*

1- próclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*guia*)

E daquesto queremos
 un miragre preçado
 dizer, porque sabemos
 que será ascuitado
 dos que a Virgen santa
 aman, porque quebranta
 sempr' aos soberviosos
 e os bõas avanta
 e dá-**les** siso

2- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*dá*)

e Parayso
 con tod' alegria.

Mui grandes noit' e dia...

En Monsarrat vertude
 fez, que muy longe sõa,
 a Virgen, se **mi** ajude

3- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*ajude*)

ela, por hũa bõa
 dona que na montanna

d' i muy grand' e estranna
 deçe a hua fonte
 con toda sa companna,
 por y jantaren,
 des i folgaren
 e yren sa via.

Mui grandes noit' e dia...

U seyan comendo
 cabo daquela fonte,
 a eles muy correndo
 sayu ben desse monte
 Reimund', un cavaleiro
 roubador e guerreiro,
 que de quanto tragian
 non **lles** leyxou dinneiro

4- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*leyxou*)

 que non roubasse
 e non fillase
 con sa compannia.

Mui grandes noit' e dia...

A dona mantenente,
 logo que foy roubada,
 foi-**ss** ende con sa gente

5- ênclise - pronome reflexivo / verbo (*foi*)

muy trist' e muy coitada;
 a Monsarrat aginna
 chegou essa mesquinna,
 dando grandes braados:
 «Virgen santa, Reynna,
 dá-**me** vingança,

6- ênclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*dá*)

 ca pris viltança
 en ta romaria.»

Mui grandes noit' e dia...

E os frades sayron
 aas vozes que dava;
 e quand' esto oyron,
 o prior cavalgava
 corrend' e foi muy toste,
 e passou un recoste
 e viu cabo da fonte
 de ladrões grand' hoste
 jazer maltreitos,
 cegos, contreitos,
 que un non **s'** ergia.

7- próclise - pronome reflexivo / verbo (*ergia*)

Mui grandes noit' e dia...

Entr' esses roubadores
 viu jazer un vilão
 desses mais malfeitores,
 ha perna na mão
 de galinna, freame
 que sacara con fame
 enton d' enpãada,
 que so un seu çurame
 comer quisera;
 mais non podera,
 ca Deus non queria.

Mui grandes noit' e dia...

Ca se **ll'** atravessara

8- próclise - pronome oblíquo dativo / verbo (*atravessara*)

ben des aquela ora
 u a comer cuidara,
 que dentro nen afora
 non podia saca-**la**,

9- ênclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*saca*)

nen comer nen passa-**la**;

10- ênclise - pronome oblíquo acusativo / verbo (*passa*)

demais jazia çego

e ar mudo sen fala

e muy maltreito

por aquel preito,

ca **xo** mereçia.

11- próclise – pronome reflexivo *xe* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*mereçia*)

Mui grandes noit' e dia...

O prior e seus frades,

pois que assi acharon

treitos por sas maldades

os ladrões, mandaron

que logo d' i levados

fossen, atravessados

en bestias que trouxeran,

ant' o altar deitados

que y morressen,

ou guareçessen

se a Deus prazia.

Mui grandes noit' e dia...

E pois que os ladrões

ant' o altar trouxeron,

por eles orações

e pregairas fizeram.

E log' ouveron sãos

ollos, pees e mãos;

e porende juraron

que nunca a crischãos

jamais roubassen,

e **se** quitassen

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*quitassen*)

daquela folia.

Mui grandes noit' e dia...

ANÁLISE CANTIGA 58

COMO SANTA MARIA DESVIOU A MONJA QUE SE NON FOSSE CON UM CAVALEIRO
COM QUE POSERA DE SS'IR.

De muitas guisas nos guarda de mal

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guarda*)

Santa Maria, tan muyt' é leal.

E dest' un miragre vos contarei

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contarei*)

que Santa Maria fez, com' eu sei,
dũa monja, segund' escrit' achei,
que d' amor lle mostrou mui gran sinal.

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrou*)

De muitas guisas nos guarda de mal...

Esta monja fremosa foi assaz

e tñia ben quant' en regla jaz,
e o que a Santa Maria praz,
esso fazia senpr' a comunal.

De muitas guisas nos guarda de mal...

Mas lo demo, que dest' ouve pesar,

andou tanto pola fazer errar

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*fazer errar*)

que a troux' a que ss' ouve de pagar

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*troux'*)

6- próclise – pronome oblíquo reflexivo / verbo (*ouve*)

dun cavaleiro; e pos preit' atal

De muitas guisas nos guarda de mal...

Con ele que sse foss' a como quer,

7- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foss'*)

e que a fillasse pois por moller

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fillasse*)

e **lle** déss' o que ouvesse mester;

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*déss'*)

e pos de **s**'ir a el a un curral

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

De muitas guisas nos guarda de mal...

Do mōesteir'; e y **a** atendeu.

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*atendeu*)

Mas en tant' a dona adormeçeu

e viu en vijon, ond' esterreçeu

con mui gran pavor que ouve mortal.

De muitas guisas nos guarda de mal...

Ca **sse** viu sobr' ur poç' aquela vez,

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*viu*)

estreit' e fond' e mais negro ca pez,

e o demo, que **a** trager y fez,

13- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*trager*)

deita-**la** quis per i no infernal

14- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deita*)

De muitas guisas nos guarda de mal...

Fogo, u mais de mil vozes oyu

d' omes e muitos tormentar y viu;

e con med' a poucas **xe lle** partiu

15- próclise – pronome reflexivo / pronome oblíquo dativo (*lle*) + verbo (*partiu*)

16- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*partiu*)

o coração, e chamou: Sennor, val

De muitas guisas nos guarda de mal...

Santa Maria, que Madr' es de Deus,

ca sempre punnei en faze-**los** teus

17- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faze*)

mandamentos, e non cates los meus

pecados, ca o teu ben nunca fal.»

De muitas guisas nos guarda de mal...

Pois esto disse, foi-ll' aparecer

18- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*foi*)

Santa Maria e mui mal trager,

dizendo-ll'e: «Venna-ch' or' acorrer

19- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizendo*)

20- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*Venna*)

o por que me deitast', e non m' en cal.»

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deitast'*)

22- próclise – pronome reflexivo / pronome relativo (*en*) + verbo (*cal*)

De muitas guisas nos guarda de mal...

Esto dito, un diaboo a puxou

23- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*puxou*)

dentro no poç'; e ela braadou

por Santa Maria, que a sacou

24- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*sacou*)

del, a Reynna nobre spirital.

De muitas guisas nos guarda de mal...

Des que a pos fora, disse-ll' assi:

25- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pos*)

26- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

«Des oge mais non te partas de mi

27- próclise – pronome reflexivo / verbo (*partas*)

nen de meu Fillo, e se non, aqui

te tornarei, u non averá al.»

28- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tornarei*)

De muitas guisas nos guarda de mal...

Pois passou esto, acordou enton

a monja, tremendo-ll' o coraçõ;

29- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tremendo*)

e con espanto daquela vijon
 que vira, foi logo a un portal
De muitas guisas nos guarda de mal...

U achou os que fezera vïyr
 aquele con que posera de **ss** ir,
 30- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

e disse-**lles**: «Mal quisera falir
 31- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)
 en leixar Deus por ome terrêal.
De muitas guisas nos guarda de mal...

Mais, se Deus quiser, esto non será,
 nen fora daqui non **me** veerá
 32- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*veerá*)

ja mais null' ome; e ide-**vos** ja,
 33- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ide*)
 ca non quer' os panos neno brial.
De muitas guisas nos guarda de mal...

Nen mentre viva nunca amator
 averei, nen non quer' eu outr' amor
 senon da Madre de Nostro Sennor,
 a Santa Reynna celestial.»
De muitas guisas nos guarda de mal...

ANÁLISE CANTIGA 59

COMO O CRUCIFISSO DEU A PALMADA A ONRRA DE SA MADRE AA MONJA DE
 FONTEBRAR QUE POSERA DE SS'IR COM SEU ENTENDEDOR.

*Quena Virgen ben servir
 nunca poderá falir.*

E daquesto un gran feito
 dun miragre **vos** direi

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

que fez mui fremos' afeito
 a Madre do alto Rey,
 per com' eu escrit' ahey,
 se **me** quiserdes oyr.

2- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quiserdes oyr*)

Quena Virgen ben servir...

Esto foi dũa donzela
 que era en Fontebrar
 monja, fremosa e bela,
 que a Virgen muit' amar
 sabia, se Deus **m'** anpar.

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*anpar*)

Mais quis da orden sayr

Quena Virgen ben servir...

Con un cavaleir' aposto
 e fremos' e de bon prez,
 e non catou seu dẽosto,
 mais como moller rafez
 quisiera **ss'** ir dessa vez.

4- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

Mais nona **quis** leixar ir

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*quis*)

Quena Virgen ben servir...

A Virgen Santa Maria,
a que mui de coração
saudava noit' e dia
cada que sa oraçon
fazia, e log' enton
ya beyjar, sen mentir,

Quena Virgen ben servir...

Os pees da majestade
e dun crucifiss' assi,
que y de gran santidade
avia, com' aprendi.

E pois **s'** ergia dali,

6- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ergia*)

ya as portas abrir.

Quena Virgen ben servir ...

Da ygreg', e sancristãa
era, com' oý dizer,
do logar, e a campãa

se fillava a tanger

7- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fillava*)

por **s'** o convento erger

8- próclise – pronome reflexivo / sintagma nominal (artigo definido *o* + substantivo *convento*) +
verbo (*erger*)

e a sas oras vÿir.

Quena Virgen ben servir ...

Fazend' assi seu offiço,
mui gran tenp' aquest' usou,
atêes que o proviço

a fez que **se** namorou

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*namorou*)

do cavaleir', e punnou

de seu talante comprir.

Quena Virgen ben servir...

E porend' hũa vegada

a meya noite **s'** ergeu

11- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ergeu*)

e, com' era costumada,

na ygreja **se** meteu

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*meteu*)

e à omagen correu

por **se** dela espedir.

13- próclise – pronome reflexivo / pronome (*dela*) + verbo (*espedir*)

Quena Virgen ben servir...

E ficando os gẽollos,

disse: «Con graça, Sennor.»

Mas chorou logo dos ollos

a Madre do Salvador,

en tal que a pecador

se quisesse repentir.

14- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*quisesse repentir*)

Quena Virgen ben servir...

Enton **s'** ergeu a mesquinna

15- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ergeu*)

por **s'** ir log' ante da luz;

16- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

mas o crucifiss' aginna

tirou a mão da cruz

e, com' ome que aduz,

de rrijo a foi ferir.

Quena Virgen ben servir...

E ben cabo da orella

lle deu orellada tal

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

que do cravo a semella

teve sempre por sinal,

por que non fizesse mal

nen **s'** assi foss' escarnir.

18- próclise – pronome reflexivo / advérbio (*assi*) + sintagma verbal (*foss' escarnir*)

Quena Virgen ben servir...

Desta guisa come morta

jouve tolleita sen sen,

trões o convent' a porta

britou; e espantou-**s'** en

19- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*espantou*)

quand' ela **lles** contou quen

20- próclise – pronome reflexivo / verbo (*contou*)

a feriu pola **a** partir

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*feriu*)

22- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*partir*)

Quena Virgen ben servir...

Do grand' erro que quisera

fazer, mais que non quis Deus

na sa Madre, que fera

mente quer guarda-**los** seus,

23- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guarda*)

segun Lucas e Matheus

e os outros escribir

Quena Virgen ben servir ...

Foron. Porend' o convento

se pararon log' en az,

24- próclise – pronome reflexivo / verbo (*pararon*)

u avia mil e çento

donas, todas faz a faz,

e cantando ben assaz

est' a Deus foron graçir.

Quena Virgen ben servir ...

ANÁLISE CANTIGA 60

ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA, DO DEPARTIMENTO QUE Á ENTRE AVE E EVA.

Entre Av' e Eva
gran departiment' á.

Ca Eva **nos** tolleu

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tolleu*)

o Parays' e Deus,

Ave **nos** y meteu;

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Ave*)

porend', amigos meus:

Entre Av' e Eva...

Eva **nos** foi deitar

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foi deitar*)

do dem' en sa prijon,

e Ave en sacar;

e por esta razon:

Entre Av' e Eva...

Eva **nos** fez perder

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*fez perder*)

amor de Deus e ben,

e pois Ave aver

no-**lo** fez; e poren:

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

Entre Av' e Eva...

Eva **nos** ensserrou

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ensserrou*)

os çeos sen chave,

e Maria britou

as portas per Ave.

Entre Av' e Eva...

ANÁLISE CANTIGA 61

COMO SANTA MARIA GUAREÇEU AO QUE XE LLE TORÇERA A BOCA PORQUE
DESCREERA EM ELA.

*Fol é o que cuida que non poderia
faze-lo que quisesse Santa Maria.*

1- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faze*)

Dest' un miragre vos direi que avêo

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

en Seixons, ond' un libro á todo chëo
de miragres ben d' i, ca d'allur non vëo,
que a Madre de Deus mostra noit' e dia.

Fol é o que cuida que non poderia...

En aquel mõeiteir' á hũa çapata
que foi da Virgen por que o mundo cata,
por que diss' un vilão de gran barata
que aquesto per ren ele non creya.

Fol é o que cuida que non poderia...

Diss' el: «Ca de o creer non é guisada
cousa; pois que tan gran sazón é passada,
de seer a çapata tan ben guardada
que ja podre non foss', esto non seria.»

Fol é o que cuida que non poderia...

Esto dizend' ya per hũa carreyra
ele e outros quatro a hũa feyra;
e torceu-xe-ll' a boca en tal maneira

3- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*torceu*)

4- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*torceu*) + pronome reflexivo (*xe*)

que quen quer que o visse espantar-s-ia.

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*visse*)

6- mesóclise – pronome reflexivo/ verbo (*espantaria*)

Fol é o que cuida que non poderia...

E tal door avia que ben cuidava
que **ll'** os ollos fora da testa deitava,

7- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *o* + substantivo *ollos*) + advérbio (*fora*) + sintagma preposicional (preposição *da* + substantivo *testa*) + verbo (*deitava*)

e con esta coita logo **se** tornava

8- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*tornava*)

u a çapata era en romaria.

Fol é o que cuida que non poderia...

E logo que chegou deitou-**se** tendudo

9- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*deitou*)

ant' o altar en terra como perdido,

repentindo-**se** de que for' atrevudo

10- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*repentindo*)

en sol ousar dizer atan gran folia.

Fol é o que cuida que non poderia...

Enton a abadessa do mōesteyro

lle trouxe a çapata por seu fazfeiro

11- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*trouxe*)

pelo rostro, e tornou-**llo** tan inteiro

12- ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo*/ verbo (*tornou*)

e tan são ben como **xo** ant' avia.

13- próclise – pronome reflexivo *xe* + pronome oblíquo acusativo *o*/ preposição (*ant'*) + verbo (*avia*)

Fol é o que cuida que non poderia...

Poi-lo vilão **se** sentiu ben guarido,

14- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*sentiu*)

do sennor de que era foi espedido,

e ao mōesteiro logo vido

foi, e dali sergent' é pois todavia.

Fol é o que cuida que non poderia...

ANÁLISE CANTIGA 62

COMO SANTA MARIA DEU O FILLO A HÛA BÕA DONA QUE O DEITARA EM PENNOR,
E CREÇERA A USURA TANTO QUE NON PODIA QUITAR.

*Santa Maria sempr' os seus ajuda
e os acorr' a gran coita sabuda.*

1- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*acorr'*)

A qual acorreu ja hũa vegada
a hũa dona de França coitada,
que por fazer ben tant' endevedada
foi que sa erdad' ouvera perduda.

Santa Maria sempr' os seus ajuda...

Se non fosse pola Virgen Maria
que a acorreu, todo quant' avia

2- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*acorreu*)

perdud' ouvera; que ja non podia
usura soffrer, tant' era creçuda.

Santa Maria sempr' os seus ajuda...

E macar a dona de gran linnage
era, non quiseron dela menage
seus devedores; mais deu-lles en gage

3- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*deu*)

seu fill', onde foi pois mui repentuda.

Santa Maria sempr' os seus ajuda...

Ca daquesto pois pres mui gran quebranto,
porque a usura lle creceu atanto

4- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*creceu*)

que a non podia pagar por quanto

5- próclise – pronome oblíquo acusativo/ negação (*non*) + sintagma verbal (*podia pagar*)

avia, se d' al non foss' acorruda.

Santa Maria sempr' os seus ajuda...

E porque achar non pode consello
nos que fiava, porend' a conçello
non ousou sayr, mas ao Espello
das Virgêes foi ben come sisuda.

Santa Maria sempr' os seus ajuda...

E de coraçon que **a** acorresse

6- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*acorresse*)

lle rogou enton, como non perdesse

7- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*rogou*)

seu fill' en prijon, mais que **llo** rendesse.

8- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*rendesse*)

E ssa demanda **lle** foi ben cabuda;

9- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*foi*)

Santa Maria senpr' os seus ajuda...

Ca ben como se **lle** ouvesse dito

10- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma verbal (*ouvesse dito*)

Santa Maria: «vai, e dar-**ch**-ey quito

11- mesóclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*darey*)

teu fillo do usureiro maldito»,
assi foi ela led' e atrevuda.

Santa Maria senpr' os seus ajuda...

E cavalgou logo sen demorança
e foi a seu fillo con esperança,
e viu-**o** estar u fazian dança

12- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*viu*)

a gente da vila, qu' esteve muda,

Santa Maria senpr' os seus ajuda...

Que non disse nada quand' **o** chamava:

13- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*chamava*)

«ven acá, meu fillo», e poi-lo deitava

14- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*deitava*)

depos si na bestia que o levava

15- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*levava*)

per meya a vila, de todos viuda.

Santa Maria sempr' os seus ajuda...

Que sol non disseron: «Dona, onde vêes?»

nen «de que o levas, gran torto nos tées.»

16- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*levas*)

17- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*tées*)

Esto fez a Virgen que ja outros bées

fez e senpre faz, ca dest' é tẽuda.

Santa Maria sempr' os seus ajuda...

ANÁLISE CANTIGA 63

COMO SANTA MARIA SACOU DE VERGONNA A UM CAVALEIRO QUE OUVÉR' A SEER
 ENA LIDE EM SANT' ESTEVAN DE GORMAZ, DE QUE NON POD' Y SEER POLAS SUAS
 TRES MISSAS QUE OYU.

*Quen ben serv' a Madre do que quis mor[r]er
 por nos, nunca pod' en vergonna caer.*

Dest' un gran miragre **vos** quero contar

1- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma verbal (*quero contar*)

que Santa Maria fez, se Deus **m'**anpar,

2- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*anpar*)

por hun cavaleiro a que foi guardar
 de mui gran vergonna que cuidou prender.

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Este cavaleiro, per quant' aprendi,
 franqu' e ardid' era, que bẽes ali
 u ele morava nen redor dessi
 d'armas non podian outro tal saber.

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

E de bõos costumes avia assaz
 e nunca con mouros quiso aver paz;
 porend' en Sant' Estevão de Gormaz
 entrou, quand' Almançor **a** cuidou aver,

3- próclise – pronome oblíquo acusativo/ sintagma verbal (*cuidou aver*)

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Con el conde don Garcia, que enton
 tũa o lugar en aquela sazon,
 que era bon om' e d'atal coraçõn
 que aos mouros **se** fazia temer.

4- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*fazia temer*)

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Este conde de Castela foi sennor
e ouve gran guerra con rei Almançor,
que Sant' Estevão tod' a derredor
lle vëo çercar, cuidando-**lla** toller.

5- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma verbal (*vëo çercar*)

6- ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *la* / verbo (*cuidando*)

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Mais el conde defendia-**sse** mui ben,

7- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*defendia*)

ca era ardido e de mui bon sen;
e poren do seu non **lle** leixava ren,

8- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*leixava*)

mais ya-**os** mui de rrijo cometer.

9- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*ya*)

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Mais o cavaleiro de que **vos** faley

10- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*faley*)

tanto fez y d'armas, per quant' end' eu sei,
que non ouv' y lide nen mui bon torney
u se non fezesse por bõo têer.

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

E avëo-**ll'** un dia que quis sayr

11- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*avëo*)

con el conde por na hoste ir ferir
dos mouros; mais ante foi missa oir,
como cada dia soya fazer.

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Pois foi na ygreja, ben **se** repentiu

12- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*repentiu*)

dos seus pecados e a missa oyu
de Santa Maria, que ren non faliu,
e outras duas que y foron dizer,
Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Que da Reynna eran espirital.

Mais un seu escudeiro **o** trouxe mal

13- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*trouxe*)

dizendo: «Quen en tal torneyo non sal
com' aqeste, nunca dev' aparecer.»

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Por nulla ren que **lle** dissess' aquel seu

14- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*dissess'*)

escudeiro, ele nulla ren non deu,
mais a Santa Maria diz: «São teu,
e tol-**me** vergonna, ca ás en poder.»

15- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*tol*)

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

As missas oydas, logo cavalgou

e ena carreira o conde achou,

que **ll'** o braço destro no colo deitou

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma nominal (artigo definido *o* + substantivo *braço* + adjetivo *destro*) + sintagma preposicional (preposição *no* + substantivo *colo*) + verbo (*deitou*)

dizend': «En bon ponto **vos** fui connocer.

17- próclise – pronome oblíquo acusativo/ sintagma verbal (*fui connocer*)

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Ca se vos non fossedes, juro par Deus

que vençudos fomos eu e os meus;

mais tantos matastes vos dos mouros seus

dél rei Almançor, que **ss'** ouv' a recreer.

18- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*ouv' a recreer*)

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

E tanto fezeistes por gãardes prez,
 que ja cavaleiro nunca tanto fez
 nen soffreu en armas com' aquesta vez
 soffrer fostes vos polos mouros vençer.
Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Mas rogo-**vos**, porque vos é mui mester,
 19- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*rogo*)

que de vossas chagas pensedes, senner;
 e eu ey un meje dos de Monpisler
 que **vos** pode çedo delas guareçer.»

20- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*pode*)

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Disse-**ll'** est' el conde, e mui mais ca tres
 21- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*Disse*)

lle disseron aquesta razon medes;

22- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*disseron*)

e el deles todos tal vergonna pres
 que con vergonna **se** cuidou ir perder.

23- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*cuidou*)

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Mais pois que sas armas viu e couseçeu
 que feridas eran, logo connosçeu
 que miragre fora, ca ben entendeu
 que d'outra guisa non podia seer.
Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

Pois est' entendudo ouve, ben foi fis
 que Santa Maria leixa-**lo** non quis
 24- ênclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*leixa*)

caer en vergonna; e maravidis
 e outras offrendas **lle** foi offreçer.

25- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foi oferecer*)

Quen ben serv' a Madre do que quis morrer...

ANÁLISE CANTIGA 64

COMO A MOLLER QUE O MARIDO LEIXARA EN COMENDA A SANTA MARIA NON
 PODO A ÇAPATA QUE LLE DERA SEU ENTENDEDOR METER NO PEE NEN DESCALÇA-
 LA.

*Quen mui ben quiser o que ama guardar,
 a Santa Maria o dev' a encomendar.*

1- próclise – pronome oblíquo acusativo/ sintagma verbal (*dev' a encomendar*)

*E dest' un miragre, de que fiz cobras e son,
 vos direi mui grande, que mostrou en Aragon*

2- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*direi*)

*Santa Maria, que a moller dun infançon
 guardou de tal guisa, por que non podess' errar.*

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

*Esta dona, per quant' eu dela oý dizer,
 aposta e ninna foi, e de bon parecer;
 e por aquesto a foi o infançon prender*

3- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*foi*) + sintagma nominal (artigo definido *o* + substantivo *infançon*) + verbo principal (*prender*)

por moller, e foi-a pera sa casa levar.

4- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma preposicional (preposição *pera* + pronome possessivo *sa* + substantivo *casa*) + verbo (*levar*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

*Aquel infançon un mui gran tenp' assi morou
 con aquela dona; mais pois s' ir dali cuidou*

5- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

por hũa carta de seu sennor que lle chegou,

6- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*chegou*)

que avia guerra e que o foss' ajudar.

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foss' ajudar*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

Ante que movesse, diss-**ll'** assi sa moller:

8- ênclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*diss*)

«Sennor, pois vos ides, fazedo, se vos prouguer,
que **m'** encomendedes a alguen, ca **m'** é mester

9- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*encomendedes*)

10- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*é*)

que **me** guarde e que **me** sábia ben consellar.»

11- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*guarde*)

12- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*sábia*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

E o infançon **lle** respondeu enton assi:

13- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*respondeu*)

«Muito **me** praz ora daquesto que **vos** oý;

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*praz*)

15- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*oý*)

mais ena ygreja mannãa seremos y,

e enton **vos** direi a quen **vos** cuid' a leixar.»

16- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*direi*)

17- próclise – pronome oblíquo dativo/ sintagma verbal (*cuid' a leixar*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

Outro dia foron ambos a missa oyr,

e pois foi dita, u **se lle** quis el espedir,

18- próclise – pronome reflexivo / pronome oblíquo dativo (*lle*) + verbo (*quis*)

19- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*quis*)

chorand' enton ela **lle** começou a pedir

20- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*começou a pedir*)

que **lle** désse guarda por que ouuess' a catar.

21- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*désse*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

E ar ele, chorando muito dos ollos seus,

mostrou-**ll'** a omagen da Virgen, Madre de Deus,

22- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrou*)

e disse-**ll'**: «Amiga, nunca os pecados meus

23- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

sejan perdoados, se vos a outri vou dar

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

Senon a esta, que é Sennor Espirital,

que **vos** pode ben guardar de posfaz e de mal;

24- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*pode ben guardar*)

e porende a ela rog' eu, que pod' e val,

que **mi** vos guarde e leix' a min cedo tornar.»

25- próclise – pronome oblíquo dativo/ pronome nominativo (*vos*) + verbo (*guarde*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

Foi-**ss'** o cavaleiro logo dali. Mas, que fez

26- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*Foi*)

o diabr' arteiro por **lle** toller seu bon prez

27- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*toller*)

a aquela dona? Tant' andou daquela vez

que un cavaleiro fezo dela namorar.

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

E con seus amores a poucas tornou sandeu;

e porend' hũa sa covilleira cometeu

que **lle** fosse bõa, e tanto **lle** prometeu

28- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fosse*)

29- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prometeu*)

que por força fez que fosse con ela falar.

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

E disse-**ll'** assi: «Ide falar con mia sennor

30- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

e dizede-**lle** como moiro por seu amor;

31- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizede*)

e macar vejades que **lle** desto grave for,

32- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (pronome demonstrativo *desto* + substantivo *grave*) + verbo (*for*)

nona **a** leixedes vos poren muito d' aficar.»

33- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixedes*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

A moller respos: «Aquesto de grado farei,

e que **a** ajades quant' eu poder punnarei;

34- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ajades*)

mas de vossas dōas **me** dad', e eu **llas** darei,

35- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dad'*)

36- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *las* / verbo (*darei*)

e quiçay per esto **a** poderei enganar.»

37- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma nominal (*poderei enganar*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

Diss' o cavaleir': «Esto farei de bon talan.»

Log' ãas çapatas **lle** deu de bon cordovan;

38- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

mais a dona **a** trouxe peor que a un can

39- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*trouxe*)

e disse que per ren non **llas** queria fillar.

40- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *as* / sintagma verbal (*queria fillar*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

Mais aquela vella, com' era moller mui vil

e d' alcayotaria sabedor e sotil,

por que a dona as çapatas fillasse, mil

razões **lle** disse, trões que **llas** fez tomar.

41- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

42- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *las* / sintagma verbal (*fez tomar*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

Mais a mesquinna, que cuidava que era ben,
fillou logo as çapatas, e fez y mal sen;
ca u quis calça-la hũa delas, ja per ren

43- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*calça*)

fazer nono pode, nena do pee sacar.

44- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pode*)

45- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma preposicional (preposição *do* + substantivo *pee*) + verbo (*sacar*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

E assi esteve un ano e ben un mes,
que a çapata ao pee assi se II' apres

46- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*apres*)

que, macar de toller-lla provaron dous nen tres,

47- ênclise – pronome oblíquo dativo *Ile* + pronome oblíquo acusativo *la* / verbo (*toller*)

nunca lla poderon daquel pee descalçar.

48- próclise – pronome oblíquo dativo *Ile* + pronome oblíquo acusativo *las* / verbo (*poderon*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

E depos aquest' a poucos dias recodiu
seu marid' a ela, e tan fremosa a viu

49- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*viu*)

que a logo quis; mas ela non llo consentiu

50- próclise – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*logo*) + verbo (*consentiu*)

ata que todo seu feito II' ouve a contar.

51- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*ouve a contar*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

O cavaleiro disse: «Dona, desto me praz,

52- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*praz*)

e sobr' esto nunca averemos senon paz,

ca sei que Santa Mari', en que todo ben jaz,

vos guardou.» E a çapata lle foi en tirar.

53- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guardou*)

54- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foi en tirar*)

Quen mui ben quiser o que ama guardar...

ANÁLISE CANTIGA 65

COMO SANTA MARIA FEZ SOLTAR O OME QUE ANDARA GRAN TEMPO
ESCOMUNGADO.

*A creer devemos que todo pecado
Deus pola sa Madr' averá perdõado.*

Porend' un miragre **vos** direi mui grande

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

que Santa Maria fez; e ela mande
que mostra-**lo** possa per mi e non ande

2- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mostra*)

demandand' a outre que **m'**en dé recado.

3- próclise – pronome oblíquo dativo / preposição (*en*) + verbo (*dé*)

A creer devemos que todo pecado...

Poren direi com' un clerig' aldeão,
de mui santa vida e mui bon crischão,
ouv' un seu feegres sobervi' e loução,
que nunca queria fazer seu mandado.

A creer devemos que todo pecado...

E o ome bõo sempre **lle** rogava

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogava*)

que **sse** corregesse e **o** castigava;

5- próclise – pronome reflexivo / verbo (*corregesse*)

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*castigava*)

mais aquel vilão poren ren non dava,
assi **o** tragia o dem' enganado.

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tragia*)

A creer devemos que todo pecado...

Pois que o preste viu que mōestamento
non **lle** valia ren hũa vez nen çento,

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*valia*)

escomungou-**o** enton por escarmento,

9- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*escomungou*)

cuidando que fosse per i castigado.

A creer devemos que todo pecado...

Mais el por aquesto non deu nemigalla

nen preçou sa escomoyon hũa palla.

Entanto o preste morreu, e sen falla

ficou o vilão del escomungado.

A creer devemos que todo pecado...

E durou depois muit' en esta maldade,

ata que caeu en grand' enfermidade

que **lle** fez cambiar aquela voontade,

10- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*fez cambiar*)

e do que fezera sentiu-**se** culpado.

11- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*sentiu*)

A creer devemos que todo pecado...

E quis comungar e fillar pẽedença,

mais non **lla** quiseron dar pola sentença

12- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *la* / sintagma verbal (*quiseron dar*)

en que el jazia por sa descreença,

mais mandaron-**lle** que foss' a seu prelado.

13- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mandaron*)

A creer devemos que todo pecado...

E logo que podó foi a el correndo

e seu mal **le** disso, chorand' e gemendo;

14- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disso*)

e ele **lle** disse, per quant' eu entendo:

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

«Vai-**te** ao Papa, ca muit' ás errado.»

16- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vai*)

A creer devemos que todo pecado...

El, quand' est' oyu, ouv' alegria fera
e foi log' a Roma u o Papa era
e disso-**ll** aquelo sobre que vëera.

17- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disso*)

El mandou-**o** livrar a un seu privado,

18- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mandou*)

A creer devemos que todo pecado...

Que **lle** disse, se livre seer queria,

19- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

que **lle** déss' algo, se non non**o** seria.

20- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*déss'*)

21- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*seria*)

El dar non **llo** pode, ca **o** non tragia,

22- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*pode*)

23- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*tragia*)

e poren foy-**sse** mui trist' e mui coitado.

24- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foy*)

A creer devemos que todo pecado...

E pensou que sempr' assi ja mais andasse

ata que algun bon crischão achasse

que **lle** non**o** pediss' e que **o** consellasse

25- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + pronome oblíquo acusativo (*o*) + verbo (*pediss'*)

26- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pediss'*)

27- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*consellasse*)

como saysse daquel mao estado.

A creer devemos que todo pecado...

Atan muit' andou per terras e per mares,

soffrendo traballos muitos e pesares,

buscando ermidas e santos logares
 u achasse tal om'. E tant' ouv' andado
A creer devemos que todo pecado...

Que achou un ome mui de santa vida
 na Montanna Negra, en hũa ermida;
 e pois sa fazenda toda ouv' oyda,
 ouve do cativo gran doo ficado,
A creer devemos que todo pecado...

E disse-**ll**: «Amigo, se **me** tu creveres

28- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

29- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tónico (*tu*) + verbo (*creveres*)

e desta ta coita bon consello queres,
 vay Alexandria, e se **o** fezeres,

30- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fezeres*)

dar-**ch**-á y consello un fol trosquiado.»

31- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dará*)

A creer devemos que todo pecado...

Quand' aquest' oyu aquel ome cativo,
 quiser' enton seer mais morto ca vivo;
 e semellou-**lle** consello muit' esquivo,

32- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*semellou*)

e teve-**ss**' enton ja por desasperado.

33- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*teve*)

A creer devemos que todo pecado...

E diss': «Aquesto semella-**me** trebello,

34- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*semella*)

que poi-lo Papa nen todo seu conçello
 en este feito non **me** deron consello,

35- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deron*)

como mio dará o que é fol provado?»

A creer devemos que todo pecado...

E o ermitan **lle** diss' enton: «Sandeçe

36- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

non á en aquel se non quanto parece
aas gentes, e tod' aquest' el padeçe
por **lle** seer de Deus pois galardõado.»

37- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*seer*)

A creer devemos que todo pecado...

E o ome disse: «Pero eu fezesse
esto, non cuido que mio ele crevesse
se **ll'** ant' algũa vossa carta non désse

38- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma preposicional (preposição *ant'* + pronome indefinido *algũa* + pronome possessivo *vossa* + substantivo *carta*) + verbo (*désse*)

per que fosse del creud' e ascuitado.»

A creer devemos que todo pecado...

E o ermitan deu-**lle** sa carta logo

39- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

que **lle** levasse, e disse-**ll'**: «Eu **te** rogo

40- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*levasse*)

41- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

42- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogo*)

que **lla** leves, e se en este meogo

43- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *la* / verbo (*leves*)

morreres, morrerás de Deus perdõado.»

A creer devemos que todo pecado...

Foi-**s'** o om' e punnou de chegar mui çedo

44- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*Foi*)

a Alexandria, que come Toledo
é grand' ou mayor; mais ya con gran medo
de non aver ali seu preit' ençimado.

A creer devemos que todo pecado...

E morou ena vila ben quinze dias,
 buscand' o fol per carreiras e per vias;
 e poi-lo non achou, disse: «A Messias

45- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*achou*)

poss' eu aver ante que aquest' achado.»

A creer devemos que todo pecado...

Esto dizendo, viu vñir muita gente
 escarneçend' un ome mui feramente,
 mui magr' e roto e de fol contenente,
 e diss': «Aquest' é o que tant' ei buscado.

A creer devemos que todo pecado...

Pero se aquest' é fol, pela ventura,
 aguarda-lo-ei tēena noit' escura;

46- mesóclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*aguardaei*)

ca se el non é ben louco de natura,
 algur irá long' albergar apartado.»

A creer devemos que todo pecado...

Dizend' aquesto, foi-ss' a noite chegando,

47- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

e o sandeu foi-sse da gent' esfurtando,

48- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

e el depos el, sempre o aguardando,

49- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*aguardando*)

ata que o viu mui longe do poblado,

50- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*viu*)

A creer devemos que todo pecado...

U entrava en hũa eigreja vedra,
 mui ben feita tod' a boveda de pedra,
 pero con velleçe ja cuberta d'edra,
 que fora d' antigo lugar mui onrrado.

A creer devemos que todo pecado...

Pois aquel fol na ygreja foi metudo,
non **vos** semellaria fol, mais sisudo;

51- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*semellaria*)

ca **se** deitou log' ant' o altar tendudo,

52- próclise – pronome reflexivo / verbo (*deitou*)

chorando muito com' avia usado.

A creer devemos que todo pecado...

E des i ergeu-**s** e como quen **ss**'aparta

53- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*ergeu*)

54- próclise – pronome reflexivo / verbo (*aparta*)

tomou dun pan d' orjo quant' é hũa quarta

polo **lo** comer, mais o ome deu-**ll**' a carta

55- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*comer*)

56- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

ante que huviasse comer nen bocado.

A creer devemos que todo pecado...

E pois que a carta ouve ben leuda

e ouv' a razon dela ben entenduda,

disse-**lle** chorand': «Eu **vos** farei ajuda,

57- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

58- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*farei*)

e seed' esta noit' aqui albergado.

A creer devemos que todo pecado...

E dormid' agora, pois canssad' andades;

mais pois que for noite, nada non dormiades

nen **vos** espantedes por ren que vejades,

59- próclise – pronome reflexivo / verbo (*espantedes*)

mais jazed' en este lugar mui calado.»

A creer devemos que todo pecado...

E fez-**lle** sa cama ben entre dous cantos;

60- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

e a mea noite aque-vo-los santos

61- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo *os* + substantivo *santos*) + sintagma preposicional (preposição *con* + substantivo próprio *Santa Maria*) + conjunção (*e*) + verbo (*chegaron*)

con Santa Maria, e chegaron tantos

que todo o lugar foi alumêado.

A creer devemos que todo pecado...

Os angeos Santa Maria fillaron

e ena çima do altar a sentaron

62- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*sentaron*)

e os madudinnos todos ben cantaron,

e o fol cantava con eles de grado.

A creer devemos que todo pecado...

E pois que os ouveron todos ben ditos

63- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ouveron*)

de coraçõn, ca non per outros escritos,

o fol chamou o outr', e 'n gẽollos fitos

vẽo ant' a Virgen muit' envergonnado.

A creer devemos que todo pecado...

E diss' o fol: «Sennor santa piadosa,

est' om' en sentença jaz mui perigoosa;

mays tu que es mui misericordiosa,

solta-ll' este laço en que jaz liado.»

64- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*solta*)

A creer devemos que todo pecado...

Respos a Virgen con paravoas doces:

«Vay ora mui quedo e non t' alvoroçes;

65- próclise – pronome reflexivo / verbo (*alvoroçes*)

e o que t' escomungou, se o connoçes,

66- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*escomungou*)

67- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*connoçes*)

chama-**o** ante mi, e serás soltado.»

68- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*chama*)

A creer devemos que todo pecado...

Levantou-**ss'** o ome, e con el o louco,

69- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*Levantou*)

e catou-**os** todos; mais tardou mui pouco

70- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*catou*)

que achou o preste, que non era rouco

de cantar, pero muit' avia cantado.

A creer devemos que todo pecado...

Des i ant' a Virgen todos tres vëeron

e de como fora o feito disseron;

e ela disse, pois que **llo** dit' ouveron:

71- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / sintagma verbal (*dit' ouveron*)

«Soltade-**o**, preste, pois sodes vingado.»

72- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Soltade*)

A creer devemos que todo pecado...

Foi-**ss'** enton a Virgen pois esto foi feito;

73- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*Foi*)

e o fol ao outro moveu tal preito

que **sse** foss', e teve-**ss'** end' el por maltreito

74- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foss'*)

75- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*teve*)

e disse: «Sol de **m'** ir non será pensado,

76- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

A creer devemos que todo pecado...

Nen que **vos** eu leixe, assi Deus **m'** ajude,

77- próclise – pronome oblíquo acusativo / pronome tônico (*eu*) + verbo (*leixe*)

78- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ajude*)

cá, pois que **m'** a Virgen mostrou tal vertude

79- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo *a* + substantivo próprio *Virgem*) + verbo (*mostrou*)

por vos que mia alma cobrou ja saude

e o ben de Deus de que era deitado.»

A creer devemos que todo pecado...

O fol diss' enton: «Pois que ficar queredes,

toda mia fazenda ora saberedes:

non soon louco, nen vos non**o** cuidedes,

80- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*cuidedes*)

pero ando nuu e mui mal parado.

A creer devemos que todo pecado...

Ca esta terra foi de meu poderio,

e meu linnage a mantev' a gran brio;

e morreron todos, e o sennorio

me ficou end' a mi, e fui rei alçado.

81- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ficou*)

A creer devemos que todo pecado...

E macar **vos** paresc' ora tan astroso,

82- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*parec'*)

muito fui loução, apost' e fremoso,

ardid' e grãado, ric' e poderoso,

e de bõas mannas e ben costumado.

A creer devemos que todo pecado...

E seend' assi sennor de muitas gentes,

vi morrer meu padr' e todos meus parentes;

e en mia fazenda enton parei mentes

e daqueste mundo fuy log' enfadado.

A creer devemos que todo pecado...

Enton cuidei logo como **me** partisse

83- próclise – pronome reflexivo / verbo (*partisse*)

daquesta terra que neun non **me** visse,

84- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*visse*)

e que como fol entr' as gentes guarisse
per que fosse do mundo mais despreçado.

A creer devemos que todo pecado...

E por razon tive que en esta terra
dos meus que soffresse desonrra e guerra
por amor de Deus, que aos seus non erra
e po**los** salvar quis seer marteirado.

85- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*salvar*)

A creer devemos que todo pecado...

Aynda **vos** direi mais de mia fazenda:

86- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

d' oj' a quinze dias serei sen contenda
no Parayso, e dou-**vos** por comenda

87- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dou*)

que ata enton sol non seja falado.»

A creer devemos que todo pecado...

Assi estiveron, que non **se** partiron,

88- próclise – pronome reflexivo / verbo (*partiron*)

ambos de sũu, e cada noite viron
a Santa Maria; e pois **se** conpriron

89- próclise – pronome reflexivo / verbo (*conpriron*)

estes quinze dias, o fol foi passado.

A creer devemos que todo pecado...

E Santa Maria, a que el servira
porque sse do ben deste mundo partira,
levou del a alma, ca des que **a** vira,

90- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vira*)

en a servir fora todo seu cuidado.

A creer devemos que todo pecado...

E pois que foy morto, quis Deus que soubessen
sa mort' os da vila e logo vëessen
sobr' el fazer doo e **ll'** onrra fezessen

91- próclise – pronome oblíquo dativo / substantivo (*onrra*) + verbo (*fezessen*)

com' a seu sennor natural e amado,

A creer devemos que todo pecado...

Que **os** avia mui gran tenp' enganados,

92- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*avia*)

e que **o** perderan pelos seus pecados;

93- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*perderan*)

mais Deus por el logo miragres mostrados

ouve, por que fosse pois santo chamado.

A creer devemos que todo pecado...

E gran doo fez por el seu companheiro,

e quant' el viveu foi senpr' ali senlleiro,

guardand' o sepulcro; mais Deus verdadeiro

levó-**o** consigu', e el seja loado. Amen.

94- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levo*)

A creer devemos que todo pecado...

ANÁLISE CANTIGA 66

COMO SANTA MARIA FEZ A UN BISPO CANTAR MISSA E DEU-LL' A VESTIMENTA
CON QUE A DISSESSE, E LEIXOU-LLA QUANDO SE FOI.

Quantos en Santa Maria

esperança an,

ben se porrá sa fazenda.

1- próclise – pronome reflexivo / verbo (*porrá*)

Os que m' oen cada dia

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*oen*)

e que m' oyrán,

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*oyrán*)

de grado lles contaria

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contaria*)

miragre mui gran

dun bon bispo que avia

en Alverna, tan

santo que viu sen contenda,

Quantos en Santa Maria...

Na capela u jazia,

a do Bon Talan.

Vëo con gran conpannia

desses que están

ante Deus e todavia

por nos rogarán

que el de mal nos defenda.

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*defenda*)

Quantos en Santa Maria...

E a seu destro tragia

sigo San Johan,

que II' enton assi dizia

6- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma adverbial (advérbio *enton* + advérbio *assi*) + verbo (*dizia*)

«Quaes cantarán
a missa que converria,
ou quaes dirán
toda a outra leenda?
Quantos en Santa Maria...

E dizede, quen seria
vosso capelan?»

E ela lle respondia:

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*respondia*)

«O bispo que man
aqui, que sempre perfia
fillou e affan
por mi en esta prebenda.»
Quantos en Santa Maria...

E logo pera el ya
e diss' ao san-
t' om': «Aquesta missa di-a,

8- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*di*)

e responderán
esta santa crerizia,
que ben saberán
responder-ti sen emenda.»

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*responder*)

Quantos en Santa Maria...

O bispo, quand' est' oya,
logo manaman
as vestimentas pedia;
e taes llas dan

10- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *las* / verbo (*dan*)

que ome non poderia

preça-**las** de pran

11- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*preça*)

nen a compra nen a venda.

Quantos en Santa Maria...

E pois que **se** revestia,

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*revestia*)

come sancristan

San Pedr' o sino tangia,

e os outros van

cantand', e el bõeizia

o vinn' e o pan

como a lee comenda.

Quantos en Santa Maria...

E pois a missa conpria

ben sen adaman,

diss' a Virgen: «Eu ir-**m**-ia,

13- mesóclise – pronome reflexivo / verbo (*iria*)

e todos yr-**ss**-an;

14- mesóclise – pronome reflexivo / verbo (*yan*)

mais o que **ti** eu dad' avia

15- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tônico (*eu*) + sintagma verbal (*dad' avia*)

nono **o** levarán,

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levarán*)

pois **to** dey por offerenda.»

17- próclise – pronome oblíquo dativo *ti* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*dey*)

Quantos en Santa Maria...

ANÁLISE CANTIGA 67

COMO SANTA MARIA FEZ CONNOÇER AO OME BÕO QUE TRAGIA O DEMO CONSIGO
 POR SERVENTE; E QUISERA-O MATAR, SENON POLA ORAÇON QUE DIAZIA.

*A Reynna groriosa / tant' é de gran santidade,
 que con esto nos defende / do dem' e da sa maldade.*

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*defende*)

E de tal razon com' esta | un miragre contar quero
 que fezo Santa Maria, | aposto e grand' e fero,
 que non foi feito tan grande | ben des lo tempo de Nero,
 que emperador de Roma | foi, daquela gran çidade.

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

Ond' avêo que un ome | mui poderos' e loução,
 sisud' e fazedor d' algo, | mais tant' era bon crischão,
 que tod' ele por Deus dava | quanto collia en mão,
 ca de todas outras cousas | mays amava caridade.

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

E por mellor fazer esto | que muit' ele cobiiçava,
 un espital fezo fora | da vila u el morava,
 en que pan e vinn' e carne | e pescad' a todos dava,
 e leitos en que jouvessen | en yvern' e en estade.

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

E como quen á gran coita | de compri-lo que deseja,
 ele mançebos collia | ben mandados, sen peleja,
 que aos pobres servissen; | mais o demo con enveja
 meteu-s en un corpo morto | d'ome de mui gran beldade,

3- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*meteu*)

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

E vëo pera el logo | manss' e en bon contenente,
e disse: «Sennor, queredes | que seja vosso sergente,
e o serviço dos pobres | vos farei de bõa mente,

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*farei*)

pois vejo que vos queredes | e fazedes y bondade;

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

E ssequer o meu serviço | averedes en dõado.»

Quando II' om' oyu aquesto | dizer, foy en muy pagado;

5- próclise – pronome oblíquo dativo / substantivo (*om'*) + verbo (*oyu*)

e demais viu-o fremoso, | apost' e ben razãoado,

6- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*viu*)

e cuidou que non andava | senon con gran lealdade.

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

En esta guisa o demo | chëo de mal e arteiro

fez tanto que o bon ome | o fillou por escudeiro;

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fillou*)

e en todos seus serviços | a el achava primeiro,

dizendo-Ile: «Que queredes, | sennor? A min o mandade.»

8- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizendo*)

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mandade*)

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

Tanto Ile soub' o diablo | fazer con que Ile prouguesse,

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*soub'*)

11- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prouguesse*)

que nunca II' ele dizia | cousa que el non crevesse;

12- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tônico (*ele*) + verbo (*dizia*)

demais non avia ome | que o atan ben soubesse

13- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma adverbial (advérbio *atan* + advérbio *ben*) + verbo (*soubesse*)

servir sempr' en todas cousas | segundo sa voontade.

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

E porende **lle** fazia | amẽude que caçasse

14- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fazia*)

enas montannas mui fortes, | e eno mar que pescasse;
e muitas artes buscava | per que o algur matasse,
per que ouuess' el a alma, | e outr' ouuess' a erdade.

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

En tod' est' o ome bõo | per ren mentes non metia,

e poren de bõa mente | u **ll'** el consellava ya;

15- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tônico (*el*) + verbo (*consellava*)

mais quando **se** levantava, | hũa oraçon dizia

16- próclise – pronome reflexivo / verbo (*levantava*)

da Virgen mui groriosa, | Reynna de piedade.

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

E por aquest' aquel demo | que **ll'** andava por vassalo

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*andava*)

neun poder non avia | per nulla ren de mata-**lo**;

18- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mata*)

e pero dia nen noite | non quedava de tenta-**lo**,

19- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tenta*)

macar **lle** prol non avia, | por mostrar sa crueldade.

20- ênclise – pronome oblíquo acusativo / substantivo (*prol*) + negação (*nãõ*) + verbo (*avia*)

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

Desta guisa o bon ome, | que de santidade chẽo

era, viveu mui gran tempo, | trões que un bisp' y vẽo

que foi sacar ao demo | logo as linnas do sãõ,

como **vos** contarei ora; | e por Deus, ben **m'** ascuitade:

21- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contarei*)

22- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ascuitade*)

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

Aquel bispo era ome | sant' e de mui bõa vida,

e mui mais religioso | que **sse** morass' en ermida;

23- próclise – pronome reflexivo / verbo (*morass'*)

e por aquesto o demo | tanto temeua sa vñida,
que disse que non podia | servir por enfermidade.
A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

Ond' avẽo que un dia | ambos jantando siian
e que todo-los sergentes, | foras aquele, servian;
preguntou-**lles** o bon ome | u era; eles dizian

24- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*preguntou*)

que y servir non vẽera | con mingua de sãydade.
A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

Quand' aquest' oyu o bispo, | preguntou-**lle** que om' era.

25- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*preguntou*)

E ele **lle** contou todo, | de com' a ele vẽera

26- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contou*)

e como **lle** lealmente | sempre serviço fereza.

27- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*lealmente*) + advérbio (*sempre*) + substantivo (*serviço*) + verbo (*fereza*)

Diss' o bispo: «Venna logo, | ca de veer-**i** ei soydade.»

28- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*veer*)

A Reynna gloriosa, / tant' é de gran santidade...

Enton aquel ome bõo | enviou por el correndo.

Quand' esto soub' o diabo, | andou muito revolvendo,
mais pero na çima vẽo | ant' eles todo tremendo;
e poi-**lo** catou o bispo, | connoçeua sa falsidade.

29- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*catou*)

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

E diss' ao ome bõo: | «Deus **vos** ama, ben sabiades,

30- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ama*)

que **vos** quis guardar do demo | falss' e de sas falsidades;

31- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quis guardar*)

e eu **vos** mostrarei ora | com' est' om' en que fiades

32- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrarei*)

é demo sen nulla dulta, | mais un pouco **vos** calade.

33- próclise – pronome reflexivo / verbo (*calade*)

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

E enton diss' ao demo: | «Di-**me** toda ta fazenda,

34- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Di*)

por que aquesta companna | todo teu feito aprenda;

e eu **te** conjur' e mando | que **a** digas sen contenda,

35- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*conjur'*)

36- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*digas*)

per poder de Jesu-Cristo, | que é Deus en Trĩidade.»

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

Enton começon o demo | a contar de com' entrara

en corpo dun ome morto, | con que enganar cuidara

a aquel con que andava, | a que sen dulta matara,

se a oraçon non fosse | da Madre de caridade:

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

«Quand' el aquesta dizia, | sol non era eu ousado

de **lle** fazer mal niũ.» | E pois est' ouve contado,

37- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fazer*)

leixou caer aquel corpo | en que era enserrado,

e esvãeçeiu ant' eles, | como **x'** era vãydade.

38- próclise – pronome reflexivo / verbo (*era*)

A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...

ANÁLISE CANTIGA 68

COMO SANTA MARIA AVÊO AS DUAS CONBOOÇAS QUE SE QUERIAN MAL.

*A Groriosa grandes faz
miragres por dar a nos paz.*

E dest' un miragre direi
fremoso, que escrit' achei,
que fez a Madre do gran Rei,
en que toda mesura jaz,
A Groriosa grandes faz...

Pola moller dun mercador
que, porque seu marid' amor
avia con outra, sabor
dele perdia e solaz.
A Groriosa grandes faz...

E por esto queria mal
a ssa combooça mortal;
e Santa Maria sen al
rogava que **lle** déss' assaz
1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*déss'*)
A Groriosa grandes faz...

Coita e mal, por que perder
lle fazia o gran prazer
2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fazia*)
que seu marido **lle** fazer
3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fazer*)
soya na vila d' Arraz.
A Groriosa grandes faz...

E pois fez esta oraçon,

adormeçeu-**sse** log' enton;

4- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*adormeçeu*)

e dormindo viu en vijon

Santa Maria con grand' az

A Groriosa grandes faz...

D' angeos, que **lle** diss' assi:

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

«A ta oraçon ben oý;

mais pero non conven a mi

fazer crueza, nen **me** praz.

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*praz*)

A Groriosa grandes faz...

Demais, aquela vay ficar

os gēollos ant' o altar

meu e çen vezes saudar

me, pōend' en terra sa faz.»

7- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*saudar*)

A Groriosa grandes faz...

Tan tost' aquela **s'** espertou

8- próclise – pronome reflexivo / verbo (*espertou*)

e fois-**ss'**; e na rua topou

9- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

cona outra, que **sse** deitou

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*deitou*)

ant' ela e disse: «Malvaz

A Groriosa grandes faz...

Demo foi, chus negro ca pez,

que **m'** este torto fazer fez

11- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (pronome demonstrativo *este* + adjetivo *torto* + substantivo *fazer*) + verbo (*fez*)

contra vos; mas ja outra vez

nono farei, pois vos despraz.»

12- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*farei*)

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*despraz*)

A Groriosa grandes faz...

Assi a Virgen avĩir

fez estas duas, sen falir,

que x' ant' avian, sen mentir,

14- próclise – pronome reflexivo / preposição (*ant'*) + verbo (*avian*)

denteira come con agraz.

A Groriosa grandes faz...

ANÁLISE CANTIGA 69

COMO SANTA MARIA FEZ OYR E FALAR O QUE ERA SORDO E MUDO, EN TOLEDO.

*Santa Maria os enfermos sãa
e os sãos tira de via vãa.*

Dest' un miragre quero contar ora,
que dos outros non deve seer fora,
que Santa Maria, que por nos ora,
grande fez na cidade toledãa,
Santa Maria os enfermos sãa...

Seend' y o Emperador d' Espanna
e d' omães onrrados gran conpanna
con el, e cavalaria tamanna
que dentro non cabian ne-na chãa.
Santa Maria os enfermos sãa...

Ali enton un monje foi vỹudo
que del Cond don Ponç' era connoçudo,
e troux' un seu yrmão sord' e mudo
que chamavan Pedro de Solarãa.
Santa Maria os enfermos sãa...

Aqueste non falava nen oya,
mais per sinas todo ben entendia
o que **lle** mandavan, e **o** fazia,

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mandavan*)

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fazia*)

ca non **vos** avia el outr' açãa.

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avia*)

Santa Maria os enfermos sãa...

E pero non oya nen falava,

en Santa Maria muito fiava,
e chorand' e mugindo **lle** rogava

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogava*)

que **o** sãasse. E hũa mannãa

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*sãasse*)

Santa Maria os enfermos sãa...

Ll' aveo que foi perant' a ygreja

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*aveo*)

e viu dentro claridade sobeja,

e entre ssi disse: «Se Deus **me** veja,

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*veja*)

esta claridade non é humãa.»

Santa Maria os enfermos sãa...

Pois isto viu un ome mui fremoso,
vestido ben come religioso,
que no levar non foi mui preguiçoso
cab' o altar u tangen-na canpãa
Santa Maria os enfermos sãa...

Do Corpus Domini. E viu estando
un om' ant' o altar, ben como quando
está o que diz missa consagrando
a hostia a costume romãa.

Santa Maria os enfermos sãa...

E a destro viu estar da capela
de gran fremosura hũa donzela,
que de faizon e de coor mais bela
era que non ést' a nev' e a grãa,
Santa Maria os enfermos sãa...

Que **lle** fezo sinas que **sse** chegasse

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fezo*)

9- próclise – pronome reflexivo / verbo (*chegasse*)

ant' o preste e que **ss'** agẽollasse;

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*agẽollasse*)

e ao preste fez que **o** catasse

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*catasse*)

a Virgen piedosa e louçãa,

Santa Maria os enfermos sãa...

Que **lle** meteu o dedo na orella

12- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*meteu*)

e tirou-**ll'** end' un vermen a semella

13- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tirou*)

destes de sirgo, mais come ovella

era velos' e coberto de lãa.

Santa Maria os enfermos sãa...

E tan toste oyr ouve cobrado

e foi-**ss'** a casa do monje privado,

14- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

e logo per sinas **ll'** ouve mostrado

15- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*ouve mostrado*)

que ja oya o galo e a rãa.

Santa Maria os enfermos sãa...

Enton corrend' o monge como cerva

se foi a cas don Ponçe de Minerva

16- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

e disse: «Conde, non sei con qual erva

oe Pedr' e a orella **lle** mãa.»

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mãa*)

Santa Maria os enfermos sãa...

Entonçe diss' el conde muit' agynna:

«**M'** ide polo que fez a meezinna,

18- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ide*)

ca ben leu é maestre de Meçinna,
ou de Salerna, a çizillã.»

Santa Maria os enfermos sãa...

E depus esto, vernes madurgada,
levava vinn' e pan aa pousada
Pedro do monge, u fez sa passada
perant' a porta que é mais jusãa

Santa Maria os enfermos sãa...

Da ygreja; e ya pela mão
con el un preste. E viu ben de chã
Pedro vïir a ssi un ome cã
ena cabeça, e a barva cãa,

Santa Maria os enfermos sãa...

Que **o** tirou contra ssi mui correndo

19- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tirou*)

a foy-**o** ena eigreja metendo,

20- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*foy*)

u viu a preto do altar seendo
a Virgen, d' Elisabet coirmãa,

Santa Maria os enfermos sãa...

Que mandou ao preste revestido

que **lle** fezera cobra-**lo** oydo,

21- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fezera*)

22- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*cobra*)

que **lle** fezesse que logo guarido

23- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fezesse*)

fosse da lingua, que non dissess' «ãa».

Santa Maria os enfermos sãa...

Logo o que mandou ela foi feito,
ca o preste sabia de tal preito;

poren da lingua, ond' era contreito,

lle fez falar paravoa çertãa.

24- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*fez falar*)

Santa Maria os enfermos sãa...

E pois sãydad' ouve reçebuda,

diss' a gran voz: «Madre de Deus, ajuda

ao teu servo que á connoçuda

a ta graça», e cantou antivãa.

Santa Maria os enfermos sãa...

Quantos aqieste miragre souberon

a Santa Maria loores deron;

e tantos aa eigreja veeron

que non cabian y nena quintãa.

Santa Maria os enfermos sãa...

ANÁLISE CANTIGA 70

ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA, DAS ÇINQUE LETERAS QUE Á NO SEU NOME E I
QUE QUEREN DIZER.

Eno nome de Maria

çinque letras, no-mais, y á.

M mostra MADR' e MAYOR
e mais MANSA e mui MELLOR
de quant' al fez Nostro Sennor
nen que fazer poderia.

Eno nome de Maria...

A demostra AVOGADA,
APOSTA e AORADA,
e AMIGA e AMADA
da mui santa conpannia.

Eno nome de Maria...

R mostra RAM' e RAYZ,
e REYNN' e Emperadriz,
ROSA do mundo; e ffiz
quena visse ben seria.

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*visse*)

Eno nome de Maria...

I nos mostra JHESU-CRISTO,

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostra*)

JUSTO JUYZ, e por isto
foi por ela de nos visto,
segun disso Ysaía.

Eno nome de Maria...

A ar diz que AVEREMOS

e que tod' ACABAREMOS
aquele que nos queremos
de Deus, pois ela **nos** guia.

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guia*)

Eno nome de Maria...

ANÁLISE CANTIGA 71

COMO SANTA MARIA MOSTROU AA MONJA COMO DISSESSE BREVEMENT’ “AVE MARIA”

*Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos,
a Sennor que nos mostra | de como a loemos.*

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostra*)

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*loemos*)

E porend' un miragre | vos quero dizer ora

3- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quero dizer*)

que fez Santa Maria, | a que nunca demora

a buscar-nos carreiras | que non fiquemos fora

4- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*buscar*)

do reyno de seu Fillo, | mais per que y entremos.

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

E direi dũa monja | que en un mōesteiro

ouve, de santa vida, | e fillava lazeiro

en loar muit' a Virgen, | ca un gran livr' inteiro

rezava cada dia, | como nos aprendemos,

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

De grandes orações | sempre, noites e dias.

E sen esto rezava | ben mil Ave Marias,

por que veer podesse | a Madre de Messias,

que os judeus atenden | e que nos ja avemos.

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

Tod' aquesto dizia | chorando e gemendo,

e suspirava muito, | mais rezava correndo

aquestas orações. | E poren, com' aprendo,

viu a Santa Maria, | com' agora diremos,

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

Dentro no dormidoiro | en seu leit' u jazia
por dormir mui cansada, | e pero non durmia.

Enton a Virgen santa | ali **ll'** apareçia,

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*apareçia*)

Madre de Jhesu-Cristo, | aquel en que creemos.

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

Quando **a** viu a monja, | espantou-**se** ja quanto,

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*viu*)

7- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*espantou*)

mais a Virgen **lle** disse: | «Sol non prendas espanto,

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

ca eu soon aquela | que ás chamada tanto;

e sey ora mui leda, | e un pouco falemos.»

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

Respos enton a monja: | «Virgen santa, Reynna,
como veer quisestes | hũa monja mesquinna?

Esto mais ca mesura | foi, e porend' aginna

levade-**nos** convosco, | que sen vos non fiquemos.

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*levade*)

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

Disse Santa Maria: | «Esto farei de grado,

ca ja teu lugar tees | no Çeo apartado;

mais mentre fores viva, | un rezar ordinnado

che mostrarei que faças | ca ja que en sabemos.

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrarei*)

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

Se tu queres que seja | de teu rezar pagada,

u dizes la saude | que **me** foi enviada

11- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foi enviada*)

pelo angeo santo, | di-**a** assessegada-

12- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*di*)

mente e non **te** coites; | ca certo **che** dizemos

13- próclise – pronome reflexivo / verbo (*coites*)

14- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizemos*)

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

Que, quand' ouço u fala | como Deus foi comigo,

tan gran prazer ey ende, | amiga, que **che** digo

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*digo*)

que enton **me** semella | que Deus Padr' e Amigo

16- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*semella*)

e Fill' en nosso corpo | outra vez ben temos.

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

E poren **te** rogamos | que fíles tal maneyra

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogamos*)

de rezares mui passo, | amiga companneyra,

e duas partes leixa | e di ben a terceira,

de quant' ante dizias, | e mais **t'** end' amaremos.»

18- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*end'*) + verbo (*amaremos*)

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

Pois dit' ouv' esto, foi-**sse** | a Virgen groriosa.

19- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

E des enton a monja | sempre muit' omildosa-

mente assi dizia | como **ll'** a Piadosa

20- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *a* + substantivo próprio *Piedosa*) + verbo (*mostrara*)

mostrara que dissesse, | daquesto non dultemos.

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

Ca sempr' «Ave Maria» | mui ben e passo disse;

e quando deste mundo | quis Deus que **se** partisse,

21- próclise – pronome reflexivo / verbo (*partisse*)

fez levar a ssa alma | ao Çeo, u visse

a ssa bẽeita Madre, | a que loores demos.

Se muito non amamos, | gran sandeçe fazemos...

ANÁLISE CANTIGA 72

COMO O DEMO MATOU A UM TAFUR QUE DEOSTOU A SANTA MARIA PORQUE
PERDERA.

Quen diz mal
da Reynna Espirital,
log' é tal
que mereç' o fog' ynfernal.

Ca non pode dela dizer
mal, en que a Deus tanger
non aja, que quis naçer
dela por Natal.

Quen diz mal...

E desto **vos** quero contar

1- *próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (quero contar)*

miragre que quis mostrar
Deus por sa Madre vingar
dun mui mentiral,

Quen diz mal...

Que ena taverna beveu
e aos dados perdeu
algu', e poren descreeu
mui descomunal-

Quen diz mal...

Mente; ca a Deus dēostou
e sa Madre non leixou,
e en seus nenbros travou
come desleal.

Quen diz mal...

E u quis do ventre seu
dizer mal, morte **lle** deu

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

Deus come a fals' encreu

que de razon sal.

Quen diz mal...

Seu padre, quand' est' oyu,

de sa casa enton sayu;

na via un morto viu

ben d' i natural,

Quen diz mal...

Que **lle** disse atal razon:

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

«Teu fillo, mui mal garçon,

é mort' e en perdiçon,

que nunca mais fal;

Quen diz mal...

Non porque de Nostro Sennor

disse mal, mais que da Flor,

sa Madre, disse peor.

E poren sinal

Quen diz mal...

Te dou que **o** acharás

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dou*)

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*acharás*)

pelas costas tod' atras

partid', e **ll'** o cor verás

6- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *o* + substantivo *cor*) + verbo (*verás*)

assi per yqual,

Quen diz mal...

Da testa e a serviz.

Porque da Emperadriz
disse mal, Deus foi joyz,
que pod' e que val.»

Quen diz mal...

E o padre foi log' ali
e achou seu fill' assi
como vos ja retray,

7- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*ja*) + verbo (*retray*)

ben oystes qual.

Quen diz mal...

ANÁLISE CANTIGA 73

COMO SANTA MARIA TORNOU A CASULA BRANCA QUE TINGIU O VINNO
VERMELLO.

*Ben pod'as cousas feas fremosas tornar
a que pod' os pecados das almas lavar.*

E dest' un miragre fremoso **vos** direi

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

que avêo na Clusa, com' escrit' achei,
que fez Santa Maria; e creo e sei
que mostrou outros muitos en aquel lugar.

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

De monjes gran convento eran y enton
que servian a Virgen mui de coraçõn;
un tesoueir' y era aquela sazon,
que Santa Maria sabia muit' amar.

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

E quando algũa cousa **ll'** ia falir,

2- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*ia falir*)

log' a Santa Maria **o** ya pedir,

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*ya pedir*)

e ela **llo** dava; porend' ena **a** servir

4- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*dava*)

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*servir*)

era todo seu sis' e todo seu coidar.

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

Onde **ll'** avêo que na festa de Natal,

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avêo*)

que dizian os monges missa matinal,
fillou hũa casula de branco çendal

po**la** yr pōer enton sobelo altar.

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*yr pōer*)

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar...

E fillou na outra mão, com' aprendi,

vinno con que fezesen sacrific' ali;

e indo na carreira avēo-**ll'** assi

8- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avēo*)

que ouv' en hũa pedra a entrepeçar.

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

E avēo-**ll'** assi que quand' entrepeçou,

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avēo*)

que do vinno sobrela casula 'ntornou,

que era mui vermello; e tal **la** parou

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*parou*)

como se sangue fresco fossen y deitar.

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

E aquel vinn' era de vermella coor

e espessa tan muito que niun tintor

vermello non poderia fazer mellor,

e u caya non **o** podian tirar.

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*podian tirar*)

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

Quando viu o mong' esto, pesou-**lle** tant' en

12- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pesou*)

que per poucas ouvera de perder o sen,

e diss' enton: «Ay, Madre do que **nos** manten,

13- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*manten*)

Virgen Santa Maria, e ven-**mi** ajudar.

14- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo → próclise (*ajudar*)

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

E non **me** leixes en tal vergonnna caer

15- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixes*)

com' esta, ca ja nunca, enquant' eu viver,
non ousarey ant' o abad' apareçer,
nen u for o convento ousarei entrar.»

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

Esto dizend' e chorando muito dos seus
ollos, acorreu-**lle** log' a Madre de Deus

16- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*acorreu*)

e fez tal vertude, per que muitos romeus
vëeron de mui long' a casul' aorar.

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

Ca u vermella era, tan branca **a** fez

17- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

que **o** non fora tanto da primeira vez.

18- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*fora*)

Poren Santa Maria, Sennor de gran prez,
loaron quantos oyron desto falar.

Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

ANÁLISE CANTIGA 74

COMO SANTA MARIA GUARECEU O PINTOR QUE O DEMO QUISERA MATAR PORQUE
O PINTAVA FEO.

*Quen Santa Maria quiser deffender,
non **Ile** pod' o demo niun mal fazer.*

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pod'*)

E dest' un miragre **vos** quero contar

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*contar contar*)

de como Santa Maria quis guardar
un seu pintor que punnava de pintar
ela muy fremos' a todo seu poder.

Quen Santa Maria quiser defender...

E ao demo mais feo d' outra ren
pintava el sempr'; e o demo poren

Ile disse: «Por que **me** tões en desden,

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*disse*)

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tões*)

ou por que **me** fazes tan mal parecer

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fazes*)

Quen Santa Maria quiser defender...

A quantos **me** veen?» E el diss' enton:

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*veen*)

«Esto que **ch** eu faço é con gran razon,

7- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tônico (*eu*) + verbo (*faço*)

ca tu sempre mal fazes, e do ben non

te queres per nulla ren entrameter.»

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*queres*)

Quen Santa Maria quiser defender...

Pois est' ouve dit', o demo **ss** assannou

9- próclise – pronome reflexivo / verbo (*assannou*)

e o pintor ferament' amêaçou
de **o** matar, e carreira **lle** buscou

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*matar*)

11- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*buscou*)

per que **o** fizesse mui çedo morrer.

12- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fizesse*)

Quen Santa Maria quiser defender...

Porend' un día **o** espreytou aly

13- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*espreytou*)

u estava pintando, com' aprendi,
a omagen da Virgen, segund' oý,
e punnnava de a mui ben compõer,

Quen Santa Maria quiser defender...

Por que pareçesse mui fremos' assaz.

Mais enton o dem', en que todo mal jaz,
trouxe tan gran vento como quando faz
mui grandes torvões e que quer chover.

Quen Santa Maria quiser defender...

Pois aquel vento na ygreja entrou,
en quanto o pintor estava deitou
en terra; mais el log' a Virgen chamou,
Madre de Deus, que **o** vëess' acorrer.

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*vëess' acorrer*)

Quen Santa Maria quiser defender...

E ela logo tan toste **ll'** acorreu

15- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*acorreu*)

e fez-**lle** que eno pinzel **se** soffreu

16- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

17- próclise – pronome reflexivo / verbo (*soffreu*)

con que pintava; e poren non caeu,

nen **lle** pod' o dem' en ren enpeeçer.

18- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pod'*)

Quen Santa Maria quiser defender...

E ao gran son que a madeira fez
vëeron as gentes logo dessa vez,
e viron o demo mais negro ca pez
fogir da ygreja u **ss'** ya perder.

19- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*ya perder*)

Quen Santa Maria quiser defender...

E ar viron com' estava o pintor
colgado do pinzel; e poren loor
deron aa Madre de Nostro Sennor,
que aos seus quer na gran coita valer.

Quen Santa Maria quiser defender...

ANÁLISE CANTIGA 75

COMO SANTA MARIA FEZ VEER AO CLERIGO QUE ERA MELLOR POBREZA ON
OMILDADE CA REUQEZA MAL GÃADA COM ORGULLO E COM SOBERVIA.

Omildade con pobreza

*quer a Virgen corõada,
mais d'orgullo con requeza
é ela mui despagada.*

E desta razon **vos** direi | un miragre mui fremoso,

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

que mostrou Santa Maria, | Madre do Rey griorioso,

a un crerigo que era | de **a** servir deseñoso;

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*servir*)

e poren gran maravilla | **lle** foi per ela mostrada.

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*foi*)

Omildade con pobreza ...

Ena vila u foi esto | avia un usureiro

mui riqu' e muit' orgullos' e | sobervi' e tortiçeiro;

e por Deus nen por sa Madre | non dava sol nen dinneiro,

e de seu corpo pensava | muit' e de sa alma nada.

Omildade con pobreza...

Outrosi en essa vila | era hua velloçinna

mui cativa e mui pobre | e de tod' aver mesquinna;

mais amava Jesu-Cristo | e a ssa Madr', a Reña,

mais que outra ren que fosse. | E con tant' era pagada

Omildade con pobreza...

Tan muito, que non preçava | deste mundo nimigalla;

e porend' en hũa choça | morava, feita de palla,

e vivia das esmolnas | que **lle** davan; e sen falla

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*davan*)

mui mais **se** pagava desto | ca de seer ben erdada.

5- próclise – pronome reflexivo / verbo (*pagava*)

Omildade con pobreza ...

E estando desta guisa, | deu a ela fever forte,
e outrosi ao rico, | per que chegaron a morte:
mais a vella aa Virgen | avia por seu conorte,
e o rico ao demo, | que **lle** deu morte coitada.

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

Omildade con pobreza...

Mais o capelan correndo, | quando soube com' estava
o rico, vëo aginna, | porque del aver coidava
gran peça de seus dinneiros, | ca el por al non catava,
e diss': «Esta 'nfermedade | semella mui' aficada.

Omildade con pobreza ...

E porend' eu **vos** consello | que fagades testamento,

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*consello*)

e dad' a nossa ygreja | sequer çen marcos d'arento;
ca de quant' aqui **nos** derdes | **vos** dará Deus por un çento,

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*derdes*)

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dará*)

e desta guis' averedes | no Parayso entrada.»

Omildade con pobreza ...

A moller, a que pesava | de que quer que el mandasse,
diss' ao crerigo taste | que daquesto **se** calasse,

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*calasse*)

ca seu marido guarria, | e que folga-**lo** leixasse,

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixasse*)

entre tanto sa fazenda | averia ordinnada.

Omildade con pobreza ...

Ao crerigo pesava | desto que **ll'** ela dizia,

12- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tónico (*ela*) + verbo (*dizia*)

mais por ren que **lle** dissesse, | partir non **s'**ende quera;

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dissese*)

14- próclise – pronome reflexivo / advérbio (*ende*) + verbo (*quera*)

e o ric' enton con sanna | mui bravo **lle** respondia:

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*respondia*)

«Na moller e enos fillos | ei mia alma ja leixada.»

Omildade con pobreza ...

O crerig' assi estando | de **sse** non yr perfiado,

16- próclise – pronome reflexivo / negação (*non*) + sintagma verbal (*yr perfiado*)

hũa moça a el vëo | que **lle** trouxe tal mandado

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*trouxe*)

da vella como morria, | e que **lle** désse recado

18- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*désse*)

com' ouvesse maenfestu | e que fosse comungada.

Omildade con pobreza ...

Diss' el enton: «Vay-**te** logo, | ca ben vees com' eu fico

19- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Vay*)

aqui con est' ome bõo | que é onrrad' e mui rico,

que non leixarei agora | pola vella que no bico

ten a mort' á mais dun ano, | e pero non é finada.»

Omildade con pobreza ...

Quand' aquest' oyu a moça | da vella, foi-**se** correndo

20- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

e achó-**a** mui coitada | e cona morte gemendo,

21- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*achó*)

e disse-**ll'**: «Aquel moogo | non verrá, per quant' entendo,

22- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

nen per el, macar moirades, | non seredes soterrada.»

Omildade con pobreza ...

Quand' est' entendeu a vella, | foi mui trist' a maravilla

e disso: «Santa Maria | Virgen, de Deus Madr' e Filla,
ven por mi' alm' e non pares | mentes a mia pecadilla,
ca non ey quen **me** comungue | e sãõ desamparada.»

23- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*comungue*)

Omildade con pobreza ...

En casa do ric' estava | un crerigo d' avangeo
que ao capelan disse: | «Vedes de que **me** reço:
se aquesta vella morre, | segund' eu entend' e creo,
será vos de Jesu-Cristo | a sa alma demandada.»

24- próclise – pronome reflexivo / verbo (*reço*)

Omildade con pobreza ...

E o capelan **lle** disse: | «Esto non **me** consellede,
que eu leix' est' ome bõo; | mas id' y se ir queredes,
e de quant' alá gãardes, | nulla parte non **me** dedes.»

25- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

26- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*consellede*)

27- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dedes*)

E o evangelisteiro | **se** foi logo sen tardada,

28- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

Omildade con pobreza ...

E fillou o Corpus Cristi | e o caliz da ygreja;
e quando foi aa choça, | viu a que bẽeyta seja,
Madre do que se non paga | de torto nen de peleja,
seend' aa cabeçeira | daquela vella sentada.

Omildade con pobreza ...

E viu con ela na choça | hũa tan gran claridade,
que ben entendeu que era | a Sennor de piadade.

E el tornar-**se** quisera, | mas disso-**ll'** ela: «Entrade

29- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*tornar*)

30- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disso*)

cono corpo de meu Fillo, | de que eu fui emprermada.»

Omildade con pobreza ...

E pois entrou, viu a destro | estar hũas seys donzelas
 vestidas de panos brancos, | muit' apostas e mais belas
 que son lilios nen rosas, | mas pero non de conçelas,
 outrosi nen d' alvayalde, | que faz a cara 'nrrugada.

Omildade con pobreza ...

E siian assentadas | en palla, non en tapede;
 e disse a Virgen santa | ao crerigo: «Seede,
 e aquesta moller bõa | comungad' e assolve,de,
 como çed' a Parayso | vaa u ten ja pousada.»

Omildade con pobreza ...

O crerigo, macar teve | que **lle** dizia dereito

31- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizia*)

a Virgen Santa Maria | non quis con ela no leito
 seer, mais fez aa vella | que **se** ferisse no peito

32- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*ferisse*)

con sas mãos e dissesse: | «Mia culpa, ca fui errada.»

Omildade con pobreza ...

E pois foi maenfestada, | Santa Maria alçó-**a**

33- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*alço*)

con sas mãos, e tan toste | o crerigo comungó-**a**;

34- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*comungo*)

e desque foi comungada, | u **xe** jazia deitó-**a**,

35- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*jazia*)

36- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deito*)

e disse-**ll'** enton a vella: | «Sennor, nossa avogada,

37- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

Omildade con pobreza ...

Non **me** leixes mais no mundo | e leva-**me** ja contigo

38- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixes*)

39- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*me*)

u eu veja o teu Fillo, | que é teu Padr' e amigo.»

Respos-**lle** Santa Maria: | «Mui cedo serás comigo;

40- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Respos*)

mais quero que ant' un pouco | sejas ja quanto purgada,

Omildade con pobreza ...

Por que tanto que morreres | vaas log' a Parayso

e non ajas outr' enpeço, | mais senpre goyo e riso,

que perdeu per sa folia | aquel rico de mal siso,

por que sa alma agora | será do demo levada.»

Omildade con pobreza ...

E ao crerig' ar disse: | «Ide-**vos**, ca ben fezeistes,

41- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Ide*)

e muito são pagada | de quan ben aqui vëestes;

e, par Deus, mellor consello | ca o capelan tevestes,

que ficou con aquel rico | por levar del gran soldada.»

Omildade con pobreza ...

Enton o clerigo foi-**se** | a cas do rico maldito,

42- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

u o capelan estava | ant' el en gëollo fito;

e ar viu a casa chëa, | per com' eu achei escrito,

de diabos que vëeran | por aquel' alma julgada.

Omildade con pobreza ...

Entonçe **se** tornou logo | aa choça u leixara

43- próclise – pronome reflexivo / verbo (*tornou*)

a vella, e viu a Virgen | tan freiosa e tan crara,

que **o** chamou con sa mão | como **xo** ante chamara,

44- próclise – pronome oblíquo acusativo/ verbo (*chamou*)

45- próclise – pronome reflexivo *xe* + pronome oblíquo acusativo *o* / advérbio (*ante*) + verbo

(*chamara*)

dizendo: «Ja levar quero | a alma desta menguada.»

Omildade con pobreza ...

Enton diss' aa vella: «Ven-te | ja comigo, ay amiga,

46- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Ven*)

ao reyno de meu Fillo, | ca non á ren que che diga

47- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diga*)

que te log' en el non colla, | ca el dereito joyga.»

48- próclise – pronome oblíquo acusativo/ advérbio (*log'*) + sintagma preposicional (preposição *en* + pronome tônico *el*) + negação (*non*) + verbo (*colla*)

E tan tost' a moller bõa | foi deste mundo passada.

Omildade con pobreza ...

E ao crerig' a Virgen | disse que mui ben fezera

e que mui ben s'acharia | de quanto ali vëera,

49- próclise – pronome reflexivo/ verbo (*acharia*)

demais faria-ll' ajuda | mui çed' en gran coita fera;

50- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*faria*)

e pois aquest' ouve dito, | foi-s' a Benaventurada.

51- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

Omildade con pobreza ...

E enquant' a Virgen disse, | sempr' o crerig' os gëollos

teve ficados en terra, | chorando muito dos ollos;

e tornou-ss' a cas do rico, | e ouv' y outros antollos,

52- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*tornou*)

ca viu de grandes diabos | a casa toda çercada.

Omildade con pobreza ...

E pois que entrou, viu outros | mayores que os de fora,

muit' espantosos e feos, | e negros mui más ca mora,

dizendo: «Sal acá, alma, | ca ja tempo é e ora

que polo mal que fiziste | sejas senpr' atormentada.»

Omildade con pobreza ...

E a alm' assi dizia: | «Que será de min, cativa?

Mais valvera que non fosse | eu en este mundo viva,
 pois ei de soffrer tal coita | no ynferno, tan esquiva,
 agora a Deus prouguesse | que foss' en poo tornada.»

Omildade con pobreza ...

Quand' o crerigo viu esto, | fillou-**se-ll'** ende tal medo,

53- ênclise – pronome reflexivo/ verbo (*fillou*)

54- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fillou*) + pronome reflexivo (*se*)

que de perder-**se** ouvera; | mas acorreu-**lle** mui cedo

55- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*perder*)

56- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*acorreu*)

a Virgen Santa Maria, | que **o** tirou pelo dedo

57- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tirou*)

fora daquel lugar mao, | como Sennor mesurada.

Omildade con pobreza ...

E disse-**lle**: «Para mentes | en quant' agor' aqui viste

58- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

outrosi e ena choça, | ali u migo se viste;

que ben daquela maneira | que o tu tod' entendiste

o conta log' aas gentes | sen ningũa delongada.»

59- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*conta*)

Omildade con pobreza ...

O clerigo fez mandado | da Virgen de ben conprida,

e mentre viveu no mundo | foi ome de santa vida;

e depois, quando **ll'** a alma | de sa carne foi saida,

60- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo defino *a* + substantivo *alma*) +
 sintagma preposicional (preposição *de* + pronome possessivo *sa* + substantivo *carne*) + sintagma
 verbal (*foi saída*)

levó-**a** Santa Maria; | e ela seja loada.

61- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levó*)

Omildade con pobreza ...

ANÁLISE CANTIGA 76

COMO SANTA MARIA DEU SEU FILLO AA BÕA MOLLER, QUE ERA MORTO, ENTAL
QUE LLE DÉSSE O SEU QUE FILLARA AA AS OMAGEN DOS BRAÇOS.

*Quenas sas figuras da Virgen partir
quer das de seu Fillo, fol é sen mentir.*

Porend' un miragre **vos** quer' eu ora contar

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quer'*)

mui maravilloso, que quis a Virgen mostrar

por hũa moller que muito [se] fiar

sempr' en ela fora, segund fui oyr.

Quenas sas figuras da Virgen partir...

Esta moller bõa ouv' un fillo malfeitor

e ladron mui fort', e tafur e pelejador;

e tanto **ll'** andou o dem' en derredor,

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*andou*)

que **o** fez nas mãos do juyz vïir.

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

Quenas sas figuras da Virgen partir...

E poi-**lo** achou con furto que fora fazer,

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*achou*)

mandó-**o** tan toste en hũa forca pøer;

5- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mandó*)

mais sa madr' ouvera por el a perder

o sen, e con coita fillou-**s'** a carpir.

6- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

Quenas sas figuras da Virgen partir...

E como moller que era fora de [seu] sen

a hũa eigreja foi da Madre do que ten

o mundo en poder, e disse-**lle**: «Ren

7- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

non podes, se meu fillo non resurgir.»

Quenas sas figuras da Virgen partir...

Pois est' ouve dito, tan gran sanna **lle** creceu,

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*creceu*)

que aa omagen foi e **ll'** o Fillo tolleu

9- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *o* + substantivo *Fillo*) + verbo (*tolleu*)

per forza dos braços e desaprendeu,

dizend': «Este terrei eu trões que vir

Quenas sas figuras da Virgen partir...

O meu são e vivo viir sen lijon nen mal.»

Quand' est' ouve dito, log' a Madr' Espiritual

resurgio-**o** dela, que vëo sen al

10- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*resurgio*)

dizendo: «Sandia, mal fuste falir,

Quenas sas figuras da Virgen partir...

Madre, porque fuste fillar seu Fillo dos seus
braços da omagen da Virgen, Madre de Deus;

poren **m'** enviou que entr[e] ontr' os teus,

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*enviou*)

per que tu ben possas conmigo goyr.»

Quenas sas figuras da Virgen partir...

Quand' a moller viu o gran miragre que fez
a Virgen Maria, que é Sennor de gran prez,

tornou-**lle** seu Fillo; e log' essa vez

12- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tornou*)

meteu-**ss'** en orden pola mellor servir.

13- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*meteu*)14- próclise – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*mellor*) + verbo (*servir*)

Quenas sas figuras da Virgen partir...

ANÁLISE CANTIGA 77

ESTA É COMO SANTA MARIA SÃOU NA AS YGREJA EM LUGO HÛA MOLLER
CONTREITA DOS PEES E DAS MÃOS.

*Da que Deus mamou o leite do seu peito,
non é maravilla de sãar contreito.*

Desto fez Santa Maria miragre fremoso
ena sa ygrej' en Lugo, grand' e piadoso,
por hũa moller que avia tolleito
o mais de seu corp' e de mal encolleito.
Da que Deus mamou o leite do seu peito...

Que amba-las suas mãos assi **s'** encolleran,

1- próclise – pronome reflexivo / verbo (*encolleran*)

que ben per cabo dos onbros todas **se** meteran,

2- próclise – pronome reflexivo / verbo (*meteran*)

e os calcannares ben en seu dereito

se meteron todos no corpo maltreito.

3- próclise – pronome reflexivo / verbo (*meteron*)

Da que Deus mamou o leite do seu peito...

Pois viu que **lle** non prestava nulla meezinna,

4- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*prestava*)

tornou-**ss'** a Santa Maria, a nobre Reynna,

5- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*tornou*)

rogando-**lle** que non catasse despeyto

6- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*rogando*)

se **ll'** ela fezera, mais a seu proveito

7- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tônico (*ela*) + verbo (*fezera*)

Da que Deus mamou o leite do seu peito...

Parasse mentes en guisa que **a** guareçesse,

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guareçesse*)

se non, que fezess' assi per que cedo morresse;

e logo **se** fez levar en un leito

9- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*fezo levar*)

ant' a sa ygreja, pequen' e estreito.

Da que Deus mamou o leite do seu peito...

E ela ali jazendo fez mui bõa vida

trões que **ll'** ouve merçee a Sennor conprida

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ouve*)

eno mes d' agosto, no dia 'scolleito,

na sa festa grande, como **vos** retreito

11- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*retreito*)

Da que Deus mamou o leite do seu peito...

Será agora per min. Ca en aquele dia

se fez meter na ygreja de Santa Maria;

12- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*fez meter*)

mais a Santa Virgen non alongou preyto,

mas tornou-**ll'** o corpo todo escorreyto.

13- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tornou*)

Da que Deus mamou o leite do seu peito...

Pero avẽo-**ll'** atal que ali u sãava,

14- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avẽo*)

cada un nembro per si mui de rig' estalava,

ben come madeira mui seca de teito,

quando **ss'** estendia o nervio odeito.

15- próclise – pronome reflexivo / verbo (*estendia*)

Da que Deus mamou o leite do seu peito...

O bispo e toda a gente deant' estando,

veend' aquest' e oynd' e de rijo chorando,

viron que miragre foi e non trasgeito;

porende loaron a Virgen afeito.

Da que Deus mamou o leite do seu peito...

ANÁLISE CANTIGA 78

COMO SANTA MARIA GUARDOU UM PRIVADO DO CONDE DE TOLOSA QUE NON
FOSSE QUEIMADO NO FORNO, PORQUE OYA AS MISSA CADA DIA.

*Non pode prender nunca morte vergonnosa
aquele que guarda a Virgen gloriosa.*

Poren, meus amigos, rogo-**vos** que **m'** ouçades

1- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogo*)

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ouçades*)

un mui gran miragre que quero que sabiades
que a Santa Virgen fez, per que entendades
com' aos seus servos é sempre piadosa.

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

E daquest' avêo, gran temp' á ja passado,
que ouv' en Tolosa un conde mui preçado;
e aquest' avia un ome seu privado
que fazia vida come religiosa.

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

Ontr' os outros bês muitos que el fazia,
mais que outra ren amave Santa Maria,
assi que outra missa nunca el queria
oyr erg' a sua, nen **II'** era saborosa.

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*era*)

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

E outros privados que con el cond' andavan
avian-**II'** enveja, e porende punnavan

4- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avian*)

de con el volve-**lo**, porque dessi cuidavan

5- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*volve*)

aver con el conde sa vida mais viçosa.

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

E sobr' esto tanto con el conde falaron,
que aquel bon ome mui mal con el mezcron;
e de taes cousas a el **o** acusaron,

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*acusaron*)

per que **lle** mandava dar morte doorosa.

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mandava*)

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

E que non soubessen de qual morte **lle** dava,

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dava*)

por un seu caleiro atan tost' enviava
e un mui gran forno encender **llo** mandava

9- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*mandava*)

de lenna mui grossa que non fosse fumosa.

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

E mandou-**lle** que o primeiro que chegasse

10- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mandou*)

om' a el dos seus, que tan toste **o** fillasse

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fillasse*)

e que sen demora no forno **o** deitasse,

12- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deitasse*)

e que y ardesse a carne del astrosa.

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

Outro di' el conde ao que mezcrad' era
mandó-**o** que fosse a veer se fezera

13- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mandó*)

aquel seu caleiro o que **ll'** ele dissera,

14- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome tônico (*ele*) + verbo (*dissera*)

dizend': «Esta via non **te** seja nojosa.»

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*seja*)

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

E u ele ya cabo de ssa carreira,
 achou un' ermida que estava senlleira,
 u dizian missa ben de mui gran maneira
 de Santa Maria, a Virgen preciosa.

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

E logo tan toste entrou ena ygreja
 e diss': «Esta missa, a como quer que seja,
 oyrei eu toda, por que Deus de peleja
 me guard' e de mezero maa e revoltosa.»

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guard'*)

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

Enquant' el a missa oya ben cantada,
 teve ja el conde que a cous' acabada
 era que mandara, e poren sen tardada
 enviou outr' ome natural de Tolosa;

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

E aquel om' era o que a mezcra feita
 ouvera e toda de fond' a çima treita.
 E disse-lle: «Logo vay corrend' e asseita

17- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

se fez o caleiro a justiça fremosa.»

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

Tan toste correndo foi-s' aquel fals' arteiro,

18- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

e non teve via, mas per un semedeiro
 chegou ao forno; e logo o caleiro

o deitou na chama fort' e perigoosa.

19- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deitou*)

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

O outro, pois toda a missa ouv' oyda,
foi ao caleiro e disse-**II'**: «As comprid' a

20- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (disse)

voontade del conde?» Diss' el: «Sen falida,
se non, nunca faça eu mia vida goyosa.»

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

Enton do caleiro **se** partia tan toste

21- próclise – pronome reflexivo / verbo (partia)

aquel ome bõo e per un gran recoste

se tornou al conde, e dentr' en sa reposte

22- próclise – pronome reflexivo / verbo (tornou)

contou-**I'** end' a estoria maravillosa.

23- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (contou)

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

Quando viu el conde aquel que chegara

ant' ele viv', e soube de como queimara

o caleir' o outro que aquele mezcra,

teve-**o** por cousa d'oyr muit' espantosa.

24- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (teve)

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

E disse chorando: «Virgen, bẽeita sejas,

que nunca **te** pagas de mezcra nen d'envejas;

25- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (pagas)

poren farei ora per todas tas ygrejas

contar este feito e com' es poderosa.»

Non pode prender nunca morte vergonnosa...

ANÁLISE CANTIGA 79

COMO SANTA MARIA TORNOU A MENIA QUE ERA GARRIDA, CORDA, E LEVÓ-A SIGO
A PARAYSO.

*Ay, Santa Maria,
quen se per vos guya
quit' é de folia
e senpre faz ben.*

Porend' un miragre **vos** direi fremoso

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

que fezo a Madre do Rey grorioso,

e de **o** oyr seer-**vos**-á saboroso,

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*oyr*)

3- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*seerá*)

e prazer-**mi**-á en.

4- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prazerá*)

Ay, Santa Maria...

Aquesto foi feito por hũa menynna
que chamavan Musa, que mui fremsinna
era e aposta, mas garridelinna
e de pouco sen.

Ay, Santa Maria...

E esto fazendo, a mui Groriosa
pareceu-**ll'** en sonnos, sobejo fremosa,

5- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pareceu*)

con muitas meninnas de maravillosa

beldad'; e poren

Ay, Santa Maria...

Quisera-**se** Musa ir con elas logo.

6- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*Quisera*)

Mas Santa Maria **lle** diss': «Eu **te** rogo

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogo*)

que, sse mig' ir queres, leixes ris' e jogo,
orgull' e desden.

Ay, Santa Maria...

E se esto fazes, d' oj' a trinta dias
seerás comig' entr' estas conpannias
de moças que vees, que non son sandias,
ca **lles** non conven.»

9- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*conven*)

Ay, Santa Maria...

Atant' ouve Musa sabor das conpannas
que en vision vira, que leixou sas mannas
e fillou log' outras, daquelas estrannas,
e non quis al ren.

Ay, Santa Maria...

O padr' e a madre, quand' aquesto viron,
preguntaron Musa; e poys que **ll'** oyron

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*oyron*)

contar o que vira, merçee pediron
à que **nos** manten.

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*manten*)

Ay, Santa Maria...

A vint' e seis dias tal fever aguda
fillou log' a Musa, que jouve tenduda;
e Santa Maria **ll'** ouv' apareçuda,

12- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*ouv' apareçuda*)

que **lle** disse: «Ven,

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

Ay, Santa Maria...

Ven pora mi toste.» Respos-**lle**: «De grado.»

14- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Respos*)

E quando o prazo dos días chegado

foi, seu espírito ouve Deus levado

u dos outros ten

Ay, Santa Maria...

Santos. E poren seja de nos rogado

que eno juyzo, u verrá irado,

que **nos** ache quitos d'err' e de pecado;

15- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ache*)

e dized': «amen.»

Ay, Santa Maria...

ANÁLISE CANTIGA 80

ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA, DE COMO A SAUDOU O ANGIO.

*De graça chã e d' amor
de Deus, acorre-nos, Sennor.*

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*acorre*)

Santa Maria, se **te** praz,

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*praz*)

pois nosso ben tod' en ti jaz
e que teu Fillo sempre faz
por ti o de que ás sabor.

De graça chã e d' amor ...

E pois que contigo é Deus,
acorr' a nos que somos teus,
e fas-**nos** que sejamos seus

3- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fas*)

e que perçamos del pavor.

De graça chã e d' amor ...

Ontr' as outras molleres tu
es bẽeita porque Jesu
Cristo parist'; e porend' u
nos for mester, razõador

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*for*)

De graça chã e d' amor ...

Sei por nos, pois que bẽeit' é
o fruto de ti, a la ffe;
e pois tu sees u el ssé,
roga por nos u mester for.

De graça chã e d' amor ...

Punna, Sennor, de **nos** salvar,

5- próclise – pronome oblíquo dativo/ verbo (*salvar*)

pois Deus por ti quer perdõar

mil vegadas, se mil errar

eno dia o pecador.

De graça chãa e d' amor ...

ANÁLISE CANTIGA 81

COMO SANTA MARIA GUAREÇEU A MOLLER DO FOGO DE SAN MARÇAL QUE LL'
AVIA COMESTO TODO O ROSTRO

*Par Deus, tal sennor muito val
que toda door toll' e mal.*

Esta sennor que dit' ei
é Santa Maria,
que a Deus, seu Fillo Rey,
roga todavia
sen al,

que **nos** guarde do ynferral

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guarde*)

Par Deus, tal sennor muito val...

Fogo, e ar outrossi
do daqueste mundo,
dessi d' outro que á y,
com' oý, segundo
que fal',

algũa vez por San Marçal,

Par Deus, tal sennor muito val...

De que são hũa vez
ben a Gondianda,
hũa moller que **lle** fez

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

rogo e demanda

atal,

per que **lle** non ficou sinal

3- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*ficou*)

Par Deus, tal sennor muito val...

Daquele fogo montes

de que layda era,
 onde tan gran dano pres
 que poren posera
 çendal
 ant' a faz con coita mortal,
Par Deus, tal ssenor muito val...

De que atan ben sãou
 a Virgen aquesta
 moller, que logo tornou
 II' a carne comesta

4- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tornou*)

yigual
 e con sa coor natural,
Par Deus, tal ssenor muito val...

Tan fremosa, que enton
 quantos la catavan

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*catavan*)

a Virgen, de coraçon
 chorando, loavan,
 a qual
 é dos coitados espital.

Par Deus, tal ssenor muito val...

ANÁLISE CANTIGA 82

COMO SANTA MARIA GUARDOU UN MONGE DOS DIABOS QUE O QUISERAN TENTAR
E SE LLE MOSTRARON EN FIGURAS DE PORCOS POLO FAZER PERDER.

*A Santa Maria mui bon servir faz,
pois o poder ela do demo desfaz.*

Ond' avêo desto que en Conturbel
fez Santa Maria miragre mui bel
por un monge bõo, cast' e mui fiel,
que viu de diabres vïr mui grand' az.
A Santa Maria mui bon servir faz...

En seu leito, u jazia por dormir,
viu-**os** come porcos contra si vïr

1- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*viu*)

atan espantosos, que per ren guarir
non cuidava, e dizia-**lles**: «Az, az.»

2- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizia*)

A Santa Maria mui bon servir faz...

El assi estando en mui gran pavor,
viu entrar un ome negro de coor
que diss' aos porcos: «Log' a derredor
dele **vos** meted', e non dórmia en paz.»

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*meted'*)

A Santa Maria mui bon servir faz...

Eles responderon: «Aquesto fazer
queremos de grado, mais niun poder
de faze-**lle** mal non podemos ayer

4- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*faze*)

por gran santidade que en ele jaz.»

A Santa Maria mui bon servir faz...

E aquel diabo **lles** respos assi:

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*respos*)

«Pois vos non podedes, ar leixad' a mi,
que con estes garfios que eu trag' aqui
o desfarei, pero que trage frocaz.»

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*desfarei*)

A Santa Maria mui bon servir faz...

O frad', est' oyndo, espantou-**se** mal

7- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*espantou*)

e chamou a Virgen, a que nunca fal
aas grandes coitas, dizendo-**lle**: «Val

8- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizendo*)

me, ca de gran medo ei end' eu assaz.»

9- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Val*)

A Santa Maria mui bon servir faz...

E a Groriosa tan toste chegou

e ant' aquel frade logo **se** parou

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*parou*)

e con hũa vara mal amaçou
aquela companna do demo malvaz,
A Santa Maria mui bon servir faz...

Dizendo: «Como vos ousastes parar

ant' este meu frade nen**o** espantar?

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*espantar*)

Poren no ynferno ide log' entrar
con vosso mal rey, mui peor que rapaz.»

A Santa Maria mui bon servir faz...

Quand' eles oyron aquesta razon,

como fumo **se** desfezeron enton;

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*desfezeron*)

e a Virgen santa mans' e en bon son
confortou o frade, dizend': «A mi praz
A Santa Maria mui bon servir faz...

A vida que fazes; e porende ben
fas d'oj' adeante que non leixes ren
de fazeres quant' a ta orden conven.»
Esto dito, tolleu-**xe-lle** d' ant' a ffaz.

13- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*tolleu*)

14- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*tolleu*) + pronome reflexivo (*xe*)

A Santa Maria mui bon servir faz...

ANÁLISE CANTIGA 83

COMO SANTA MARIA SACOU DE CATIVO DE TERRA DE MOUROS A UM OME BÕO
QUE SE LL' ACOMENDARA.

*Aos seus acomendados
a Virgen tost' á livrados.*

De mortes e de prijões;
e por aquesto, varões,
sempr' os vossos corações
en ela sejan firmados.

Aos seus acomendados...

E desto Santa Maria
de Sopetran fez un dia
miragr' en Andaluzia
a un que por seus pecados
Aos seus acomendados...

Fora caer en cativo,
u jazia tan esquivo,
que non cuidou sair vivo
ante marteiros dobrados
Aos seus acomendados...

Que **lle** davan e gran pãa,
1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (davan)
porque era de Luçãa.
Sen tod' est', en gran cadãa
de noite tras cadãados
Aos seus acomendados...

Jazia e en escura

carçer e en gran ventura
de morrer. Poren na pura
Virgen tornou seus cuidados,
Aos seus acomendados...

Que en Sopetran aoran
muitos e ant' ela choran;
poren muito non demoran
que non sejan perdoados
Aos seus acomendados...

D' erros e de maos feitos;
demais çegos e contreitos
sãa, e gafos maltreitos
e muitos demoniados
Aos seus acomendados...

E d' outras enfermidades,
e que por sas piedades
saca de catividades
muitos, foss' el nos sacados.
Aos seus acomendados...

Este rogo **lle** fezera

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fezera*)

muitas vezes e dissera,
u el preitejado era
por moravidis tallados
Aos seus acomendados...

Que pagar avia çedo.
E el jazend' en gran medo,
viu as portas abrir quedo
da carcer, e viu britados
Aos seus acomendados...

Seus ferros e que dormian

os que **o** guardar soyan,

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guardar*)

que tan gran sono avian

que non eran acordados.

Aos seus acomendados...

El, quand' esto viu, ergendo

se foi pass', e pois correndo

4- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

fogiu e, segund' aprendo,

chegou a dias contados

Aos seus acomendados...

A Sopetran, cabo Fita.

E pois esta cousa dita

ouve, logo foi escrita

e muitos loores dados

Aos seus acomendados...

Aa Virgen groriosa,

Madre de Deus piadosa,

porque sempr' é poderosa

d' acorrer aos coitados.

Aos seus acomendados...

ANÁLISE CANTIGA 84

COMO SANTA MARIA RESUSCITOU A MOLLER DO CAVALEIRO, QUE SE MATARA
PORQUE LLE DISSE O CAVALEIRO QUE AMAVA MAIS OUTRA CA ELA; E DIZIA-LLE
POR SANTA MARIA.

*O que en Santa Maria | crever ben de coraçõn
nunca rezeberá dano | nen gran mal nen ocajon.*

E daquest' un gran miragre | oyd' ora, de que fix
un cantar da Virgen santa, | que eu dun om' aprix,
e ontr' os outros miragres | porende mete-**lo** quix,
1- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mete*)
porque sei, se **o** oyrdes, | que **vos** valrrá un sermon.
2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*oyrdes*)
3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*valrrá*)
O que en Santa Maria | crever ben de coraçõn...

Esto foi dun cavaleiro | que casad' era mui ben
con dona menñ' e bela, | que amou mais d' outra ren,
e ela a el amava | que **xe** perdia o sen;
4- próclise – pronome reflexivo / verbo (*perdia*)
e do mal que dest' avẽo | **vos** contarei a razon.
5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contaria*)
O que en Santa Maria | crever ben de coraçõn...

O cavaleir' era bõo | de costumes e sen mal,
e mais d' outra ren amava | a Virgen espirital;
e por esto de sa casa | fezera un gran portal
ben atro ena ygreja, | por ir fazer oraçõn.
O que en Santa Maria | crever ben de coraçõn...

Porque aquela ygreja | era da Madre de Deus,
cada noite **s'** esfurtava | de sa moller e dos seus
6- próclise – pronome reflexivo / verbo (*esfurtava*)

e ant' a omagen **ss'** ya, | dizend': «Os pecados meus

7- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ya*)

son muitos, mas per ti creo | gaannar deles perdon.»

O que en Santa Maria | crever ben de coração...

El aquest' assi dizendo, | sa moller mentes parou

en como **se** levantava | e de mal **o** sospeitou,

8- próclise – pronome reflexivo / verbo (*levantava*)

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*sospeitou*)

e por aquesta sospeita | hũa vez **lle** preguntou:

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*preguntou*)

«U ides assi, marido, | de noite come ladron?»

O que en Santa Maria | crever ben de coração...

El enton assi **lle** disse: | «Non sospeitedes de mi,

11- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

que **vos** niun torto faço | nen fiz des quando **vos** vi.»

12- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (pronome indefinido *niun* + substantivo *torto*) + verbo (*faço*)

13- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*vi*)

A moller enton calou-**se**, | que **lle** non falou mais y;

14- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*calou*)

15- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*falou*)

e pero parou y mentes | senpre mui mais des enton.

O que en Santa Maria | crever ben de coração...

Ond' avêo pois un dia | que siian a seu jantar;

e pois ouveron jantado, | começou-**ll'** a preguntar

16- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*começou*)

a dona a seu marido | muito e a conjurar

se el amava mais outra, | que dissesse si ou non.

O que en Santa Maria | crever ben de coração...

El **lle** respos, com' en jogo: | «Pois vos praz, dizer-**vo-l'**ei:

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*respos*)

18- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizerei*)

19- mesóclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*dizerei*)

outra dona mui fremosa | amo muit' e amarei
mais d' outra cousa do mundo | e por seu sempr' andarei.»

A dona tornou por esto | mais negra que un carvon;

O que en Santa Maria | crever ben de coraçõn...

E tomou log' un coitelo, | con que tallavan o pan,
e deu-se con el no peito | hũa ferida atan

20- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*deu*)

grande que, sen outra cousa, | morreu logo manaman.

Diss' enton o cavaleiro: | «Ay Deus, que maa vijon!»

O que en Santa Maria | crever ben de coraçõn...

E fillou sa moller logo | e deitó-a, sen mentir,

21- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*deito*)

en seu leito e cobriu-a, | e non quisu que sayr

22- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*cobriu*)

podess' ome de sa casa; | e a porta foi abrir
da ygreja e correndo | entrou y de gran randon.

O que en Santa Maria | crever ben de coraçõn...

E parou-ss' ant' a omagen | e disse assi: «Sennor,

23- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*parou*)

mia moller que muit' amava | perdi polo teu amor;

mais tu, Sennor, que sofriste | gran coita e gran door

por teu Fillo, dá-mia viva | e sãa ora en don.»

24- ênclise – pronome oblíquo dativo *ti* + pronome oblíquo acusativo *a* / verbo (*dá*)

O que en Santa Maria | crever ben de coraçõn...

El assi muito chorando, | a Virgen II' apareceu

25- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*apareceu*)

e diss' ao cavaleiro: | «O meu Fillo recebeu

o rogo que me feziste | e a ta moller viveu

26- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*feziste*)

pola ta firme creença | e por ta gran devoçon.»
O que en Santa Maria | crever ben de coração...

El enton tornou-**sse** logo | e foi sa moller veer,
27- ênclise – pronome reflexivo / verbo (tornou)
 e ach-**a** viv' e sãa | e ouv' en mui gran prazer.

28- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (ach)
 Enton el e sa companna | começaron bẽeizer
 a Virgen Santa Maria, | cantando en mui bon son.
O que en Santa Maria | crever ben de coração...

El mandou abri-**las** portal | e as gentes vïr fez,
29- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (abri)
 que vissen aquel miragre, | que a Reynna de prez
 fezera daquela dona; | mas log' ambos, dessa vez,
 por mellor servir a Virgen, | fillaron religion.
O que en Santa Maria | crever ben de coração...

ANÁLISE CANTIGA 85

COMO SANTA MARIA LIVROU DE MORTE UM JUDEU QUE TIINNAN PRESO HÛUS
LADRÕES, E ELA SOLTÓ-O DA PRIJON E FEZE-O TORNAR CRISCHÃO.

*Pera toller gran perfia
ben dos corações,
demostra Santa Maria
sas grandes visiões.*

Onde direi un miragre que en Englaterra
demostrou Santa Maria, a que nunca erra,
por converter un judeu que prenderan ladrões,
a que chagas grandes deran e pois torçillões.

Pera toller gran perfia ...

Os ladrões que fezeron est' eran crischãos;
e poi-lo ouveron feito, ataron-ll' as mãos

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*ouveron feito*)

2- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ataron*)

e os pees e deron-lle muitas con bastões,

3- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deron*)

que lles esterlîis désse, ca non pipiões.

4- próclise – pronome oblíquo dativo / substantivo (*esterlîis*) + verbo (*désse*)

Pera toller gran perfia ...

Desta guisa o teveron fora do camño

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*teveron*)

atad' en hũa gran casa vella, o mesquinno;

e deron-lle pan e agua aqueles peões,

6- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deron*)

en tal que lles non morress' e ouvessen quinnões

7- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*morress'*)

Pera toller gran perfia ...

Do seu aver. Mais el conas pëas que sofria
adormeçeu, e en sonnos viu Santa Maria
mais fremosa que o sol; e logo **ll'** as prijões

8- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *as* + substantivo *prijões*)
+ verbo (*quebrantou*)

quebrantou, e foi guarido de todas lijões.

Pera toller gran perfia ...

E pois que sonnou aquesto, foi logo desperto,
ar viu-**a** espart' estando, de que foi ben çerto;

9- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*viu*)

e por saber mais quen era, fez sas orarções
que **lle** dissesse seu nome, e dar-**ll**-ia dões.

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dissesse*)

11- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*daria*)

Pera toller gran perfia ...

E ela **lle** disse logo: «Para-mi ben mentes,

12- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

ca eu são a que tu e todos teus parentes
avedes mui gran desamor en todas sazões,
e matastes-**me** meu Fillo come mui felões.

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*matastes*)

Pera toller gran perfia ...

E poren mostrar-**te** quero o ben que perdedes

14- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrar*)

e o mal que, pois morrerdes, logo averedes,
que en min e en meu Fillo vossas entenções
tornedes e reçebades bõos gualardões.»

Pera toller gran perfia ...

Enton **o** pres pela mão e tiró-**o** fora

15- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pres*)

16- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*tiró*)

dali, e sobr' un gran monte **o** pos essa ora

17- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*pos*)

e mostrou-**lle** un gran vale chëo de dragões

18- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrou*)

e d' outros diabos, negros mui mais que carvões,

Pera toller gran perfia ...

Que mais de çen mil maneiras as almas peavan

dos judeus, que **as** cozian e pois ar assavan

19- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*cozian*)

e **as** fazian arder assi como tições,

20- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*fazian arder*)

e queimando-**lle**-las barvas e pois os grinões.

21- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*queimando*)

Pera toller gran perfia ...

Quand' o judeu viu aquesto, foi end' espantado;

mais tan toste foi a outro gran monte levado

u viu seer Jesu-Cristo con religiões

d' angeos, que sempre cantan ant' el doçes sões.

Pera toller gran perfia ...

E viu de muitas maneiras y santas e santos

muit' alegres, que cantavan saborosos cantos,

que rogan polos crischãos que Deus d' ocajões

os guarde e do diab' e de sas tentações.

22- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guarde*)

Pera toller gran perfia ...

Santa Maria **lle** disse, pois est' ouve visto:

23- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

«Estes son meus e de meu Fillo, Deus Jesu-Cristo,

con que seras se creveres en el e leytões

comeres e leixares a degolar cabrões.»

Pera toller gran perfia ...

Pois que Santa Maria lle diss' este fazfeiro,

24- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

leixó-o; e el foi-sse log' a un mōesteiro

25- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*leixó*)

26- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

u achou un sant' abade con seus conpannões,

que partiron mui de grado con el sas rações.

Pera toller gran perfia ...

E pois que ant' o convento contou quanto vira,

o abad' o fez crischão logo sen mentira;

27- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

e deste feito foron pelas terras pregões,

por que a Santa Maria deron ofreções.

Pera toller gran perfia ...

ANÁLISE CANTIGA 86

COMO SANTA MARIA LIVROU A MOLLER PRENNE QUE NON MORRESSE NO MAR E
FEZ – LLE AVER FILLO DENTRO NAS ONDAS.

Acorrer-nos pode e de mal guardar

1- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Acorrer*)

a Madre de Deus, se per nos non ficar.

Acorrer-nos pode quando xe quiser

2- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Acorrer*)

3- próclise – pronome reflexivo / verbo (*quiser*)

e guardar de mal cada que lle prouguer,

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prouguer*)

ben como guardou hũa pobre moller

que cuidou morrer enas ondas do mar.

Acorrer-nos pode e de mal guardar...

Eno mar que cerca o mund' arredor,
na terra que chaman Bretanna Mayor,
fez a Santa Madre de Nostro Sennor
un gran miragre que vos quero contar.

5- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quero contar*)

Acorrer-nos pode e de mal guardar...

O miragre foi muit' apost' e mui bel
que Santa Maria fez por San Miguel,
que é conpanheiro de San Gabriel,
o angeo que a vëo saudar.

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*vëo saudar*)

Acorrer-nos pode e de mal guardar...

De San Migaél, o angeo de Deus,
era un' ermida, u muitos romeus
yan y rogar polos pecados seus,

que Deus **llos** quisesse por el perdõar.

7- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *los* / verbo (*quisesse*)

Acorrer-nos pode e de mal guardar...

O logar era de mui gran devoçon,
mas non podia om' alá ir, se non
menguass' ant' o mar, ca en outra sazon
non podia ren en sayr nen entrar.

Acorrer-nos pode e de mal guardar...

E porend' un dia avẽo assi
que hũa moller prene entrou per i;
mais o mar creceu e colleu-**a** ali,

8- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*colleu*)

non **se** pod' yr, tanto non pod' andar.

9- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*pod' yr*)

Acorrer-nos pode e de mal guardar...

A pobre moller, macar quis, non fogiu,
ca o mar de todas partes a cobriu;
e pois s' a mesquinna en tal coita viu,
começou Santa Maria de chamar.

Acorrer-nos pode e de mal guardar...

A moller sen falla coidou a fïir
quando viu o mar que **a** vẽo cubrir;

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*vẽo cubrir*)

e demais chegou-**ll'** o tempo de parir,

11- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*chegou*)

e por tod' esto non cuidou escapar.

Acorrer-nos pode e de mal guardar...

Mais a Santa Virgen que ela rogou
oyu-**lle** seu rog', e tan toste chegou

12- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*oyu*)

e a sua manga sobr' ela parou
que **a** fez parir e as ondas quedar.

13- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*fez parir*)

*Acorrer-**nos** pode e de mal guardar...*

Pois Santa Maria, a Sennor de prez,
este miragre daquela moller fez,
con seu fill' a pobre **se** foi essa vez

14- próclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

log' a San Miguel o miragre mostrar.

*Acorrer-**nos** pode e de mal guardar...*

ANÁLISE CANTIGA 87

COMO SANTA MARIA MANDOU QUE FEZESSEN BISPO AO CRERIGO QUE DIZIA SAS
OBRAS.

*Muito punna d' os seus onrrar
sempre Santa Maria.*

E desto **vos** quero contar

1- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quero contar*)

un gran miragre que mostrar
quis a Virgen que non á par,
na çidad' de Pavia.

Muito punna d' os seus onrrar...

Un crerig' ouv' i sabedor
de todo ben e servidor
desta groriosa Sennor
quant' ele mais podía.

Muito punna d' os seus onrrar...

D' onrrar os seus á gran sabor
sempre Santa Maria.

Muito punna d' os seus onrrar...

Ond' avêo que conteçeu,
poi-lo bispo dali morreu,
a un sant' om' apareçeu
a Virgen que **nos** गया.

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guya*)

Muito punna d' os seus onrrar...

Aos seus onrrou e ergeu
sempre Santa Maria

Muito punna d' os seus onrrar...

E pois **le** foi aparecer,

3- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foi aparecer*)

começou-**ll'** assi a dizer:

4- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*começou*)

«Vay, di que façan esleer

cras en aquele dia

Muito punna d' os seus onrrar...

Os seus faz onrrados seer

sempre Santa Maria.

Muito punna d' os seus onrrar...

Por bisp' un que Jeronim' á

nome; ca tanto sey del ja

que **me** serve e servid' á

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*serve*)

ben, com' a mi prazia.»

Muito punna d' os seus onrrar...

Os seus onrrou e onrrará

sempre Santa Maria.

Muito punna d' os seus onrrar...

Poi-lo sant' ome **s'** espertou,

6- próclise – pronome reflexivo / verbo (*espertou*)

ao cabidoo contou

o que **ll'** a Virgen nomeou

7- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (artigo definido *a* + substantivo próprio *Virgen*) + verbo (*nomeou*)

que por bispo queria.

Muito punna d' os seus onrrar...

D' os seus onrrar muito punnou

sempre Santa Maria.

Muito punna d' os seus onrrar...

Acordados dun corazón
fezeron del sa esleyçon,
e foi bisp' a pouca sazon,
ca ben **o** mereçia.

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mereçia*)

Muito punna d' os seus onrrar...

Os seus onrrou con gran razon
sempre Santa Maria.

Muito punna d' os seus onrrar...

ANÁLISE CANTIGA 88

COMO SANTA MARIA FEZ A UM FISICO QUE SE METERA MONJE QUE COMESSE DAS VIDAS QUE OS OUTROS MONHES COMIAN, QUE A EL SOYAN MUI MAL SABER.

Quen servir a Madre do gran Rey,

ben sei

que será de mal guardado,

com' ora vos contarey.

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contarey*)

En un miragre de grado,
segund' eu oý contar,
que no mōesteir' onrrado
de Claraval foi entrar
un monje mui leterado,
que sabia ben obrar
de fisica, com' achey.

Quen servir a Madre do gran Rey...

E porque acostumado
fora de mui ben jantar
ante que foss' ordinnado,
e outrosi ben cēar
e comer carn' e pescado
e bon vinno non leixar
nen bon pan, com' apres' ei,

Quen servir a Madre do gran Rei...

Porend' era mui coitado
en aver a jejũar
e comer verças de prado
sen sal nen pont' y deitar,
e beber vinno botado
e por bon pan non catar.

E sobr' esto **vos** direi

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*direi*)

Quen servir a Madre do gran Rei...

Que fez este malfadado:

Con coita e con pesar

de que era lazerado,

conos monjes foi falar

e disse-**lles**: «Est' estado

3- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

vos non podeades durar,

segundo **vos** mostrarei:

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrarei*)

Quen servir a Madre do gran Rei...

Ca non á tan arrizado

de vos que possa cantar

se muit' ouver jajũado,

nen **ss'** aas oras levar,

5- próclise – pronome reflexivo / sintagma preposicional (preposição *aas* + substantivo *oras*) + verbo (*levar*)

se comer non **lle** for dado

6- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*for dado*)

que **o** faça esfoçar;

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faça*)

porend' eu d' aqui ir-**m**-ei.»

8- mesóclise – pronome reflexivo / verbo (*irei*)

Quen servir a Madre do gran Rei...

Dizend' aquesto, torvado

ouve tod' aquel logar

e o convent' abalado

con seu mao sermõar,

que era ja arrufado

por comeres demandar

que defend' ordin e lei.

Quen servir a Madre do gran Rey...

Mas un día sinaado
 en que Deus quis encarnar,
 o convento foi levado
 de comer, e a rezar
 se fillaron ben provado

9- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fillaron*)

por aa eigreja passar
 con seu «Miserere mei».

Quen servi-la Madre do gran Rei...

Aquel mong' ya irado
 e nonos quis ajudar,

10- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*quis ajudar*)

ca non fora avondado
 nen se podera fartar;

11- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*poderá fartar*)

e ynd' assi, viu de lado
 cabo da porta estar
 a Virgen de que falei,

Quen servi-la Madre do gran Rei...

Que tev' un vaso dourado
 chëo de nobre manjar
 dun leitoairo preçado,
 de que sse fillou a dar

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

a cada monge bocado,
 con que os foi confortar,

13- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foi confortar*)

erg' a este que dit' ei,

Quen servi-la Madre do gran Rei...

Que dela non foi amado,
 porque quera obrar
 per Yprocras o loado;
 poren **o** foi desdennar

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foi desdennar*)

quand' o gẽollo ficado
 ouv' ant' ela e rogar
 foi. E diss': «Eu que farei?»

Quen servi-la Madre do gran Rei...

Diss' ela: «Non é pensado
 que desto possas fillar,
 se non leixas teu cuidado
 fol que **te** faz mal cuidar.»

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*faz*)

Enton **se** deu por culpado

16- próclise – pronome reflexivo / verbo (*deu*)

muit' e fillou-**ss'** a chorar

17- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

e disse: «Leixa-**lo**-ei.»

18- mesóclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Leixaei*)

Quen servi-la Madre do gran Rey...

Do leitoairo sagrado
lle deu logo sen tardar,

19- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*deu*)

e des i foi castigado
 por comer non murmurar;
 e com' om' escarmentado
 en todo foi emendar.

Aqui **vo-lo** acabey.

20- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome oblíquo acusativo (*lo*) + verbo (*acabey*)

21- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*acabey*)

Quen servi-la Madre do gran Rei...

ANÁLISE CANTIGA 89

ESTA É COMO HÛA JUDEA ESTAVA DE PARTO EM COITA DE MORTE, E CHAMOU
SANTA MARIA E LOGO A AQUELA ORA FOI LIBRE.

A Madre de Deus onrrada

*chega sen tardada
u é con fe chamada.*

E un miragre disto
darei que fez a groriosa
Madre de Jhesu Cristo,
a Reÿa mui piadosa,
por hũa jude' astrosa
que era coitada
e a morte chegada.

A Madre de Deus onrrada...

Ca o prazo chegado
era en que parir devia,
mas polo seu peccado
aquesto fazer non podia,
porque de Santa Maria
non creya nada
que verdad' é provada.

A Madre de Deus onrrada...

Ela assi jazendo,
que era mais morta ca viva,
braadand' e gemendo
e chamando-**sse** mui cativa,

1- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*chamando*)

con tan gran door esquiva,
que desanparada
foi; e desasperada

A Madre de Deus onrrada...

Era ja d' aver vida
nen **lle** prestaren meez̃yas.

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prestaren*)

Porend' a mui comprida
Reña das outras reñas,
acorredor das mesquinnas,
sen gran demorada

ll' ouve log' enviada

3- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ouve*)

A Madre de Deus onrrada...

Tamanna craridade
ben come se o sol entrasse
aly; e de verdade

lle diss' hũa voz que chamasse

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*diss'*)

de coraçõ e rogasse
a santivigada
a benaventurada

A Madre de Deus onrrada...

Madre de Deus con rogo,
que é chẽa de gran vertude.

E ela **o** fez logo,

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

e ouve fillo e saude,
porque cedo, se mi ajude
Deus, foi delivrada
e a ssa madre dada.

A Madre de Deus onrrada...

Pois Maria oyron
as judeas que **a** guardavan

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guardavan*)

chamar, todas fugiron

da casa e **a** dēostavan

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*dēostavan*)

e «ereja» **a** chamavan

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*chamavan*)

muit' e «renegada»

e «crischãa tornada.»

A Madre de Deus onrrada...

Mais ela, por peleja

non aver con essas sandias,

dereit' aa eigreja

se foi depo-los treinta dias,

que non atendeu Messias,

mais de-la entrada

foi logo batiçada.

A Madre de Deus onrrada...

E trouxe dous menynnos

sig' aquel fill' e hũa filla;

e macar pequenãos

eran, por los de peccadilla

tirar, en Santa Cezilla,

na pia sagrada,

os fez dessa vegada

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

A Madre de Deus onrrada...

Ambos fazer crischãos,

contando como **II'** avẽera

10- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*avẽera*)

do fill' e como sãos

seus nenbros todos **II'** enton dera

11- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*enton*) + verbo (*dera*)

Santa Maria; e fera-
mente foi amada
por aquest' e loada.

A Madre de Deus onrrada...

ANÁLISE CANTIGA 90

ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA.

*Sola fusti, senlleira,
Virgen, sen conpanneira.*

Sola fuste, senlleira,
u Gabriel creviste,
e ar sen conpanneira
u a Deus concebiste
e per esta maneira
o demo destroiste.

Sola fusti, senlleira...

Sola fusti, senlleyra,
ena virgñidade,
e ar sen companneira
en tẽer castidade;
e per esta maneira
jaz o demo na grade.

Sola fusti, senlleira...

Sola fusti, senlleyra,
en seer de Deus Madre,
e ar sen conpanneyra
seend' el Fill' e Padre;
e per esta maneira
ten o dem' en vessadre.

Sola fusti, senlleira...

Sola fusti, senlleyra,
dada que a nos vallas,
e ar sen companneyra
por toller nossas fallas;

e per esta maneyra
jaz o demo nas pallas.
Sola fusti, senlleira...

Sola fusti, senlleira,
en seer de Deus ama,
e ar sen companneyra
en valer quen **te** chama;

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*chama*)

e per esta maneyra
jaz o demo na lama.
Sola fusti, senlleira...

ANÁLISE CANTIGA 91

COMO SANTA MARIA DECEU DO CEO EM HÛA EIGEJA ANTE TODOS E GUARECEU
QUANTOS ENFERMOS Y JAZIAN QUE ARDIAN DO FOGO DE SAN MARÇAL.

A Virgen **nos** dá saud' / e tolle mal,

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dá*)

tant' á en si gran vertud' / esperital.

E poren dizer-**vos** quero

2- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizer*)

entr' estes miragres seus

outro mui grand' e mui fero

que esta Madre de Deus

fez, que non poden contradizer judeus

nen ereges, pero queiran dizer al.

A Virgen **nos** dá saud' / e tolle mal...

Aquest' avêo en França,

non á y mui gran sazón,

que os omes por errança

que fezeran, deu enton

Deus en eles por vendeita cofojon

deste fogo que chaman de San Marçal.

A Virgen **nos** dá saud' / e tolle mal...

E braadand' e gemendo

fazian-**ss'** enton levar

3- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fazian*)

a Saixon logo correndo

por ssa saud' y cobrar,

cuidand' en todas guisas y a sãar

pela Virgen, que aos coitados val.

A Virgen **nos** dá saud' / e tolle mal...

E era de tal natura
 aquel mal, com' aprendi,
 que primeiro con friura
 os fillava, e des i

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fillava*)

queimava peyor que fogo; e assi
 sofrian del todos gran coita mortal.

A Virgen nos dá saud' | e tolle mal...

Ca os nembros lles cayan,

5- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*cayan*)

e sol dormir nen comer
 per nulla ren non podian
 nen en seus pees s' erger,

6- próclise – pronome reflexivo / verbo (*erger*)

e ante ja querrian mortos seer
 que sofrer door atan descomũal.

A Virgen nos dá saud' | e tolle mal...

Porend' hũa noit' avẽo
 que lume lles pareceu

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pareceu*)

grande que do ceo vẽo,
 e log' enton decendeu

Santa Maria, e a terra tremeu
 quando chegou a Sennor celestial.

A Virgen nos dá saud' | e tolle mal...

E os omees tal medo
 ouveron, que a fugir
 se fillaron, e non quedo,

8- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fillaron*)

mais quanto podian ir;
 e ela fez log' os enfermos guarir
 como Sennor que enas coitas non fal

A Virgen **nos** dá saud' | e tolle mal...

A quena chama, fiando
no seu piadoso ben,
ca ela sempre ven quando
entende que **lle** conven.

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*conven*)

Porend' a esses enfermos nulla ren
non leixou do fogo, nen sol un sinal.

A Virgen **nos** dá saud' | e tolle mal...

ANÁLISE CANTIGA 92

COMO SANTA MARIA ALMEOU UM CRERIGO QUE ERA CEGO.

Santa Maria poder á
de dar lum' a quen **o** *non á.*

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + verbo (*á*)

Ca de dar lum' á gran poder
 a que o lum' en si trager
 foi, que **nos** fez a Deus veer,

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

que per al non viramos ja.

Santa Maria poder á...

E esta Virgen santa deu
 pois lum' a un crerigo seu
 que perdera, com' aprix eu,
 que non vii' acá nen alá.

Santa Maria poder á...

E tan toste **se** fez fillar

3- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*fazer fillar*)

e aa eigreja levar
 da Virgen que non ouvo par
 de bondade, nen averá.

Santa Maria poder á...

E chorando de coraçon,
 fazia atal oraçon
 en gēollos con devoçon,
 dizendo: «Sennor, que será

Santa Maria poder á...

Daqueste lume que perdi?

E porende venno a ti

que **mio** cobres, sequer ali

4- próclise – pronome oblíquo dativo *mi* + pronome oblíquo acusativo *o* / verbo (*cobres*)

u a ta missa **sse** dirá.»

5- próclise – pronome reflexivo / verbo (*dirá*)

Santa Maria poder á...

Enton logo **ss'** adormeceu,

6- próclise – pronome reflexivo / verbo (*adormeceu*)

e a Virgen **ll'** apareceu,

7- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*apareceu*)

que aos seus non faleceu

nunca ja nen falecerá.

Santa Maria poder á...

E disse-**ll'** enton: «Logo cras

8- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disse*)

mannãa mia missa dirás

con devoçon, e cobrarás

teu lum', e que **te** durará

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*durará*)

Santa Maria poder á...

Ta que a missa dita for;

ca assi quer Nostro Sennor,

que **ch'** esto faz por meu amor

10- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome demonstrativo (*esto*) + verbo (*faz*)

e aynda **che** mais fará.»

11- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*mais*) + verbo (*fará*)

Santa Maria poder á...

O crerig' enton **s'** espertou

12- próclise – pronome reflexivo / verbo (*espertou*)

e log' a missa começou,

e seu lum' ali **o** cobrou;

13- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*cobrou*)

ca non mentiu nen mentirá

Santa Maria poder á...

A Virgen que é de bon prez,

que **lle** seu lume cobrar fez

14- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma nominal (pronome possessivo *seu* + substantivo *lume*) + sintagma verbal (*cobrar fez*)

cada dia sempr' ãa vez,

como **vos** dissemos acá.

15- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dissemos*)

Santa Maria poder á...

ANÁLISE CANTIGA 93

COMO SANTA MARIA GUARECEU UM FILLO DUN BURGUES QUE ERA GAFO.

Nulla enfermidade

non é de sãar

grav', u a piedade

da Virgen chegar.

Dest' un mui gran miragr' en fillo dun burges
mostrou Santa Maria, que foi gafo tres
anos e guareceu en mēos que un mes
pola sa piedade que **lle** quis mostrar.

1- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*quis mostrar*)

Nulla enfermidade...

Est' era mui fremoso e apost' assaz,
e ar mui leterado e de bon solaz;
mais tod' aquele viço que à carne praz
fazia, que ren non queria en leixar.

Nulla enfermidade...

El assi mantẽendo orgull' e desden,
quiso Deus que caess' en el mui gran gafeen,
ond' ele foi coitado que non quis al ren
do mund' erg' ù' ermid' u **se** foi apartar.

2- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*foi apartar*)

Nulla enfermidade...

E el ali estando, fillou-**ss'** a dizer

3- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

ben mil Ave Marias por fazer prazer
aa Madre de Deus, por que quisess' aver
doo e piadad' e del amercẽar.

Nulla enfermidade...

E el en atal vida tres anos durou,
sofrendo ben sa coita, e nunca errou
a Deus nen a sa Madre, e sempre rezou
as Aves Marias de que vos fui falar.

4- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*fui falar*)

Nulla enfermidade...

E pois ouve rezado esta oraçon
quanto tenpo dissemos, mostrou-xe-ll' enton

5- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*mostrou*)

6- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrou*) + pronome reflexivo (*xe*)

a Virgen groriosa e diss': «Oi mais non
quero que este mal te faça lazerar.»

7- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*faça lazerar*)

Nulla enfermidade...

Quando ll' est' ouve dit', a teta descubriu

8- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome demonstrativo (*est'*) + sintagma verbal (*ouve dit'*)

e do seu santo leite o corpo ll' ongiu;

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*ongiu*)

e tan tost' a gafeen logo del se partiu,

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*partiu*)

assi que o coiro ouve tod' a mudar.

Nulla enfermidade...

Tanto que foi guarido, começou-ss' a ir

11- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*começou*)

dizendo pela terra como quis vñir

a el Santa Maria e o foi guarir,

12- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foi guarir*)

por que todos en ela devemos fiar.

Nulla enfermidade...

ANÁLISE CANTIGA 94

ESTA É COMO SANTA MARIA SERVIU EM LOGAR DA MONJA QUE SSE FOI DO
MÕESTEIRO.

De vergonna nos guardar

1- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guardar*)

punna todavia

e de falir e d'errar

a Virgen Maria.

E guarda-nos de falir

2- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guarda*)

e ar quer-nos encobrir

3- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*quer*)

quando en erro caemos;

des i faz-nos repentir

4- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faz*)

e a emenda vïr

dos pecados que fazemos.

Dest' un miragre mostrar

en ã' abadia

quis a Reynna sen par,

santa, que nos guia.

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guia*)

De vergonna nos guardar...

Hũa dona ouv' ali

que, per quant' eu aprendi,

era menynna fremosa,

demais sabia assi

têer sa orden, que ni-

hũa atan aguçosa

era d' i aproveytar

quanto mais podia;

e poren **lle** foran dar

6- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*foran dar*)

a tesoureria.

*De vergonna **nos** guardar...*

Mai-lo demo, que prazer

non ouv' en, fez-**lle** querer

7- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

tal ben a un cavaleiro,

que **lle** non dava lezer,

8- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*dava*)

tra en que **a** foi fazer

9- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foi fazer*)

que sayu do mōesteiro;

mais ant' ela foi leixar

chaves, que tragia

na cinta, ant' o altar

da en que criya.

*De vergonna **nos** guardar...*

«Ay, Madre de Deus», enton

diss' ela en ssa razon,

«leixo-**vos** est' en comenda,

10- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*leixo*)

e a vos de coraçõn

m' acomend'.» E foi-**ss'**, e non

11- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*acomend'*)

12- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*foi*)

por ben fazer sa fazenda,

con aquel que muit' amar

mais ca si sabia,

e foi gran tenpo durar

con el en folia.

*De vergonna **nos** guardar...*

E o cavaleyro fez,
 poi-la levou dessa vez,

13- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*levou*)

en ela fillos e fillas;
 mais la Virgen de bon prez,
 que nunca amou sandez,
 emostrou y maravillas,
 que a vida estrannar

lle fez que fazia,

14- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

por en sa claustra tornar,

u ante vivia.

De vergonna nos guardar...

Mais enquant' ela andou
 con mal sen, quanto leixou
 aa Virgen comendado
 ela mui ben o guardou,

15- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guardou*)

ca en seu logar entrou
 e deu a todo recado
 de quant' ouv' a recadar,

que ren non falia,

segundo no semellar

de quena viia.

16- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*viia*)

De vergonna nos guardar...

Mais pois que ss' arrepenitiu

17- próclise – pronome reflexivo / verbo (*arrepenitiu*)

a monja e se partiu

18- próclise – pronome reflexivo / verbo (*partiu*)

do cavaleiro mui cedo,
 nunca comeu nen dormyu,
 tro o mōesteyro viu.

E entrou en el a medo
e fillou-ss' a preguntar

19- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

os que connocia
do estado do logar,
que saber quería.

De vergonna nos guardar...

Disseron-ll' enton sen al:

20- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disseron*)

«Abadess' avemos tal
e priol' e tesoureira,
cada hũa delas val
muito, e de ben, sen mal,
nos fazen de gran maneira.

21- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fazen*)

Quand' est' oyu, a sinar
logo se prendia,

22- próclise – pronome reflexivo / verbo (*prendia*)

porque ss' assi nomear
con elas oya.

De vergonna nos guardar...

E ela, con gran pavor
tremendo e sen coor,
foisse pera a eigreja;
mais la Madre do Sennor
lle mostrou tan grand' amor,

23- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostrou*)

-e poren bẽeita seja-
que as chaves foi achar
u postas avia,
e seus panos foi fillar
que ante vestia.

De vergonna nos guardar...

E tan toste, sen desden
e sen vergonna de ren
aver, juntou o convento
e contou-**lles** o gran ben

24- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contou*)

que **lle** fezo a que ten

25- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fezo*)

o mund' en seu mandamento;

e por **lles** todo provar

26- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome indefinido (*todo*) + verbo (*provar*)

quanto **lles** dizia,

27- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizia*)

fez seu amigo chamar,

que **llo** contar ya.

28- próclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*contar*)

De vergonna **nos** *guardar...*

O convent' o por mui gran
maravilla tev', a pran,
pois que a cousa provada
viron, dizendo que tan
fremosa, par San Johan,
nunca **lles** fora contada;

29- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*fora contada*)

e fillaron-**ss'** a cantar

30- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillaron*)

con grand' alegria:

«Salve-**te**, Strela do Mar,

31- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Salve*)

Deus, lume do dia.»

De vergonna **nos** *guardar...*

ANÁLISE CANTIGA 95

COMO SANTA MARIA LIVROU UN SEU HERMITAN DE PRIJON DÛUS MOUROS QUE O
LEVAVN A ALEN MAR, E NUNCA SE PODERON YR ATA QUE O LEIXARON.

Quen aos servos da Virgen de mal se traballa

1- próclise – pronome reflexivo / verbo (*traballa*)

de *lles* *fazer*, non quer ela que esto ren valla.

2- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fazer*)

Desto direy un miragre que hũa vegada
demostrou a Santa Virgen benaventurada
por un conde d'Alemanna, que ouve leixada
sa terra e foi fazer en Portugal morada
encima dũa hermida, preto da salgada
agua do mar, u cuidou a viver sen baralla.

Quen aos servos da Virgen de mal se traballa...

El Cond' Abran foi aqeste, de mui santa vida,
que fez mui gran pãedenç' en aquela hermida
servind' a Santa Maria, a Sennor comprida
de todo ben, que aos seus sempre dá guarida,
ca a ssa mui gran merece nunca é falida
a quanto-*la* ben serviren, assi é sen falla.

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / advérbio (*ben*) + verbo (*serviren*)

Quen aos servos da Virgen de mal se traballa...

Aquel sant' ome vivia ali apartado,
que nunca carne comia nen pan nen bocado
senon quando con cñisa era mesturado,
e d' ele ja beber vinno non era penssado;
mas pero algũas vezes fillava pescado,
que dava sen aver en dñeyro nen mealla.

Quen aos servos da Virgen de mal se traballa...

E macar **ll'** alguen por esto d'yeiros queria

4- próclise – pronome oblíquo dativo / pronome indefinido (*alguen*) + sintagma preposicional (preposição *por* + pronome demonstrativo *esto* + substantivo *d'yeiros*) + sintagma verbal (*queria* + *dar*).

dar ou algũs presentes, sol non **os** prendia;

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*prendia*)

mais o que de comer era adubar fazia

pera as gentes que vñian y en romaria,

ca ele **os** convidava e **os** recebia,

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*convidava*)

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*recebia*)

con que **lles** parava mesa en branca toalla.

8- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*parava*)

*Quen aos servos da Virgen de mal **se** traballa...*

El atal vida fazend' en aquela montanna,

estand' un dia pescando com' era ssa manna,

chegaron ali navios de mouros, conpanna

que ben d'África vñeran por correr Espanna,

e fillárono aginna e con mui gran sanna

deron con el no navio, oy mais Deus **lle** valla!

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*valla*)

*Quen aos servos da Virgen de mal **se** traballa...*

E pois est' ouveron feito, fezeron gran guerra,

rouband' en mar quant' achavan e saynd' a terra,

e quisieran-**ss'** ir con todo. Mas a que non erra

10- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*quisieran*)

d' acorrer a seus amigos nen **lles** porta serra

11- próclise – pronome oblíquo dativo / substantivo (*porta*) + verbo (*serra*)

os fez que sse non poderon alongar da serra,

12- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

ca **lles** non valeu bon vento quant' é hũa palla,

13- próclise – pronome oblíquo dativo / negação (*non*) + verbo (*valeu*)

*Quen aos servos da Virgen de mal **se** traballa...*

Con que movian de rrijo aos treus alçados;
 e quanto toda a noite eran alongados
 da pena, ena mannaa y eran tornados;
 est' avêo per tres noites aos malfadados.

E quando aquesto viron, foron espantados
 e chamaron Mafomete, o fillo d' Abdalla.

Quen aos servos da Virgen de mal se traballa...

Mais o almiral dos mouros era entendudo,
 que nom' Arrendaff' avia, e ome sisudo,
 e nenbrou-lle daquel ome que fora metudo

14- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*nenbrou*)

ena sota da galea e y ascondudo,
 e teve que por est' era seu feyto perdudo
 e diss': «Amigos, fol éste quen a Deus contralla.»

Quen aos servos da Virgen de mal se traballa...

E mandó-o tirar fora e pos-ll' our' e prata

15- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mandó*)

16- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pos*)

deant', e panos de seda, outros d' escarlata,
 e mandou que os fillasse come de ravata,

17- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fillasse*)

dizendo: «Do que te pagas», de ssũ os ata.»

18- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pagas*)

19- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ata*)

Mais desto non fillou ren e, ben come quen cata
 por pouco, fillou un vidro de mui bela talla.

Quen aos servos da Virgen de mal se traballa...

E o almiral enton preguntou que om' era,
 ou de fillar aquel vidro, porque o fezera.

20- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fezera*)

E el lles contou enton qual vida mantevera

21- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contou*)

des quand' en aquel' ermida a morar vëera;
mais de fillar aquel vidro muito **lle** prouguera,

22- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*proguera*)

e que al non fillaria do seu nemigalla.

*Quen aos servos da Virgen de mal **se** traballa...*

E eles, quand' est' oyron, fora **o** poseron

23- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*poseron*)

en aquel logar mēesmo onde **o** preseron,

24- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*preseron*)

e que non ouvesse medo assi **lle** disseron.

25- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disseron*)

Tan tost' alçaron sas veas, e bon vent' ouveron
e foron ssa via que sol non **se** deteveron,

26- próclise – pronome reflexivo / verbo (*deteveron*)

fendend' as ondas per meo ben come navalla.

*Quen aos servos da Virgen de mal **se** traballa...*

Estas novas pela terra foron mui sōadas,

e gentes de todas partes foron y juntadas,

e a Santa Maria loores poren dadas;

mais el Cond' Abran acharon pois muitas vegadas

mouros que correr vñian con barcas armadas,

e non **lle** fezeron mal, d' atant' ouv' avantalla.

27- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fezeron*)

*Quen aos servos da Virgen de mal **se** traballa...*

ANÁLISE CANTIGA 96

COMO SANTA MARIA GUARDOU A ALMA DUN OME BÕO QUE SSE NON PERDESSE,
CA O AVIAN ESCABEÇADO LADRÕES, E FEZ QUE SE JUNTASSEN O CORPO E A TESTA
E SSE MAENFESTASSE.

Atal Sennor

é bõa que faz salva-lo pecador.

Aquesto dig' eu por Santa Maria,
a que muito pesa de quen folia
faz, e que maneyra busca e via
que non cáia ome dun err' en peyor.

Atal Sennor...

Dest' un miragre **vos** darei recado,

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*darei*)

que a Virgen fez fremos' e preçado;
e se eu poder, per mi **vos** mostrado

2- próclise – pronome oblíquo dativo / sintagma verbal (*mostrado será*)

será, por que ajades dele sabor.

Atal Sennor...

Esto foi dun ome que feit' ouvera
prazer aa Virgen quant' el podera;
mais pēdença prender non quisera
per consello do demo enganador.

Atal Sennor...

El assi andand', un dia passava
per un gran mont' u conpanna estava
de ladrões con ñu que andava
con eles, que era de todos mayor.

Atal Sennor...

E quand' est' ome viron, **se** leixaron

3- próclise – pronome reflexivo / verbo (*leixaron*)

correr log' a el; e poi-**lo** fillaron

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fillaron*)

fora do camỹ', **o** escabeçaron

5- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*escabeçaron*)

por mandado daquel mao roubador.

Atal Sennor...

Dali fogiron poi-**lo** feit' ouveron.

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*feit' ouveron*)

E a quarto dia per y vëeron

dous frades mēores, e vozes deron

o corp' e a testa, ond' eles pavor

Atal Sennor...

Ouveron; e meteron ben femença

com' as vozes dizian: «Pëedença

nos dade, por Deus e por sa creença,

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*dade*)

por que non soframos pëa nen door.»

Atal Sennor...

Primeir' os frades foron espantados

do que oyron; mas pois acordados

foron, a test' e o corpo juntados

viron, e disseron: «Polo Salvador,

Atal Sennor...

Vos, corp' e testa, por Deus conjuramos

que per vos desto verdade sabiamos.»

Respos a cabeça: «Ja outorgamos

per que cada ùu seja en sabedor

Atal Sennor...

De vos.» E contou como **o** mataran

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mataran*)

e come diabres alma cuidaran

levar que sen confisson acharan.

«Mas non quis a Virgen, das outras mellor,

Atal Sennor...

Que per nulla ren o demo levasse

mia alma, mais que a testa tornasse

a meu corpo, e que **me** confessasse;

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*confessasse*)

e ela des i foi mia aguardador.»

Atal Sennor...

Quand' est' oyron, logo mantenente

fezeron os frades vñir gran gente,

e confessou-**sse** verdadeiramente

10- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*confessou*)

ant' eles e disse: «Amigos, se for

Atal Sennor...

Vosso prazer, rogo-**vos** que rogedes

11- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*rogo*)

a Deus por mi e **me ll'** acomendedes,

12- próclise – pronome oblíquo acusativo / pronome oblíquo dativo (*ll'*) + verbo (*acomendedes*)

13- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*acomendedes*)

ca bñes aqui vos **me** veeredes

14- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*veeredes*)

ora jazer morto e sen coor.»

Atal Sennor...

Bñes assi com' el disse foi feito

e o seu corpo tan toste desfeyto;

e os omees, pois viron tal preito,

aa Virgen deron poren gran loor.

Atal Sennor...

ANÁLISE CANTIGA 97

COMO SANTA MARIA QUIS GUARDAR DE MORTE UN PRIVADO DUN REY QUE O
AVIAN MEZCRADO.

A Virgen sempr' acorrer,

acorrer

vai o coitad', e valer,

e valer.

Dest' un miragre **vos** contarey

1- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contarey*)

que en Canete, per com' achey,

a Virgen por un ome dun Rey

fez, que mezcraran, com' apres' ey;

e ben sey

que **o** cuidaran a fazer morrer.

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*cuidaran*)

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

De tal guisa **o** foron mezcrar,

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / sintagma verbal (*foron mezcrar*)

que **o** mandou log' el Rei chamar

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*mandou*)

ante si. Mas el con gran pesar

e con coita fillou-**ss** a chorar

5- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

e rogar

a Virgen quanto mais podo fazer.

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

Demais un rico pano y deu

na eigreja e fezo-**sse** seu

6- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fezo*)

ome da Virgen, com' aprix eu;

e est' avia nome Mateu,

a ben leu

pode-**l**-an en cas del Rei connocer.

7- mesóclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*podean*)

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

E pois na eigreja pos seu don

e fez chorando ssa oraçon,

meteu-**sse** ao camỹ' enton

8- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*meteu*)

con mui gran med' en seu coraçõn,

de lijõn

ou de morte por tal mezcra prender.

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

E quand' u era el Rei chegou,

seus omêes por el log' enviou;

mas aa Virgen **se** comendou

9- próclise – pronome reflexivo / verbo (*comendou*)

muit' el; des i ant' el Rei entrou

e parou

s' e pois começou-**ll'** assi a dizer:

10- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*parou*)

11- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*começou*)

A Virgen senpr' acorrer, acorrer...

«Sennor, vos enviastes por mi,

e tanto que vossa carta vi

vin quanto pud', e áque-**m'** aqui.»

12- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*áque*)

E el Rei logo respos-**ll'** assi,

13- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*respos*)

com, oý:

«Hũa ren querria de vos saber,

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

Se é verdade que tanto mal
fezestes, e tan descomunal,
como **mi** dizen.» Respos el: «Qual?»

14- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizen*)

El Rey contou-**lle**: «Tal e atal.»

15- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*contou*)

Diss' el: «Val-

me, Santa Maria, con teu poder!

16- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Val*)

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

Esto que **vos** disseron, Sennor,

17- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*disseron*)

mentira foi, non vistes mayor;

e se a vossa mercee for,

meted' y un voss' enqueredor,

e mellor

podedes per y o feit' entender.»

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

Respos el Rei: «Daquesto **me** praz,

18- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*praz*)

e tenno que comprides assaz

e faze-**lo** quer', u al non jaz.»

19- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faze*)

E meteu y un ome de paz

que viaz

fosse daquest' a verdad' enquerer.

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

Est' ome punnou taste de **ss'** ir

20- próclise – pronome reflexivo / verbo (*ir*)

e fez gente da terra vïir,

que foron o feito descubrir

da verdad' e de quanto mentir

e falir

foran al Rey. E fez-**lo** escrever

21- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*fez*)

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

E enviou-**llo**. E pois abriu

22- ênclise – pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *lo* / verbo (*enviou*)

el Rei aquel escrito e v^yu

que **ll'** end' a verdade descobriu,

23- próclise – pronome oblíquo dativo / advérbio (*end'*) + sintagma nominal (artigo definido *a* + substantivo *verdade*) + verbo (*descobriu*)

log' enton todo mui ben sentiu

e cousiu

que falssidade foran apõer

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

A aquel om'. E logo poren

lle perdõou e fez-**lle** gran ben,

24- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*perdõou*)

25- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fez*)

e os mezcraores en desden

tev' e nunca por eles deu ren,

e des en

nonos ar quis de tal feito creer.

A Virgen sempr' acorrer, acorrer...

ANÁLISE CANTIGA 98

COMO HÛA MOLLER QUIS ENTRAR EM SANTA MARIA DE VALVERDE E NON PUDE
ABRIR AS PORTAS ATËEN QUE SSE MÃEFESTOU.

*Non dev' a Santa Maria / mercee pedir
aquele que de seus pecados / non se arrepentir.*

1- próclise – pronome reflexivo / verbo (*repenir*)

Desto direy un miragre | que contar oý
a omees e molleres | que estaban y,
de como Santa Maria | desdennou assi
ante todos hũa dona | que fora falir.

Non dev' a Santa Maria / mercee pedir...

E o falimento fora | grand' e sen razon;
e porque ss' en non doya | en seu coração,

2- próclise – pronome reflexivo / preposição (*en*) + forma negativa (*non*) + verbo (*doya*)

pero a Santa Maria | foi pedir enton
que entrass' en sa eigreja, | non quis consentir.

Non dev' a Santa Maria / mercee pedir...

Aquesto foi en Valverde, | cabo Monpislér,
u faz a Virgen miragres | grandes quando quer,
u vëo aquesta dona, | mui pobre moller,
por entrar ena eigreja; | mas non pod' abrir

Non dev' a Santa Maria / mercee pedir...

As portas per nulla guisa | que podess' entrar;
e entravan y os outros, | dous e tres a par.

Quand' aquesto viu a dona, | fillou-ss' a chorar

3- ênclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

e con coita a cativa | sas faces carpir,

Non dev' a Santa Maria / mercee pedir...

Dizendo: «Santa Maria, | tu, Madre de Deus,
 mui mais son as tas mercees | que peccados meus;
 e fas-me, Sennor, que seja | eu dos servos teus

4- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*faz*)

e que entre na eigreja | tas oras oyr.»

Non dev' a Santa Maria | mercee pedir...

Pois que aquest ouve dit' e | sse mãefestou

5- próclise – pronome reflexivo / verbo (*mãefestou*)

e do mal que feit' avia | muito lle pesou,

6- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*pesou*)

enton as portas abertas | vvyu, e log' entrou

na eigreja muit' agya. | E esto gracir

Non dev' a Santa Maria | mercee pedir...

Foi ela e muita gente | que aquesto viu.

E sempr' ela en sa vida | a Virgen serviu

e nunca des aquel' ora | daly sse partyu,

7- próclise – pronome reflexivo / verbo (*partyu*)

ante punnou todavia | d' a Virgen servir.

Non dev' a Santa Maria | mercee pedir...

ANÁLISE CANTIGA 99

COMO SANTA MARIA DESTROYU UN GRAN POBOO DE MOUROS QUE ENTRARAN
HÛA VILA DE CRISCHÃOS E QUERIAN DESFAZER AS SSAS OMAGÊES.

Muito **sse** deven tẽer

1- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*deven tẽer*)

por gentes de mal recado

os que mal cuidan fazer

aa de que Deus foi nado.

Dest' un miragre dizer

vos quero e retraer,

2- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dizer*)

ond' averedes prazer

pois **l** ouverdes ascuitado,

3- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*ouverdes*)

de que devedes aver

end' aa Virgen bon grado.

Muito **sse** deven tẽer...

Mouros foron con poder

hũa cidade prender

de crischãos e romper

dela o logar sagrado

e o altar desfazer,

u Deus era aorado,

Muito **sse** deven tẽer...

E as omages toller

das paredes e raer

a quant' eles abranger

podian per seu peccado,

que non prendian lezer

de **as** danar mui privado.

4- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*danar*)

Muito **sse** deven tẽer...

Hũa viron y seer
e mais bela parecer
das outras, e a correr
aquele poboo yrado
se fillou pola **la** querer

5- próclise – pronome reflexivo / verbo (*fillou*)

6- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*querer*)

destróir; mas en dõado

Muito **sse** deven tẽer...

Foron esto cometer,
ca **lle-lo** non quis sofrer

7- próclise – pronome oblíquo acusativo / pronome oblíquo acusativo (*lo*) + negação (*non*) + sintagma verbal (*quis sofrer*)

8- próclise – pronome oblíquo acusativo / negação (*non*) + sintagma verbal (*quis sofrer*)

a Madre do que morrer
quis por nos crucifigado.

E poren **s'** ouv' a perder

9- próclise – pronome reflexivo / sintagma verbal (*ouv' a peder*)

aquele poblo malfadado,

Muito **sse** deven tẽer...

Que punnavan de **ss'** erger

10- próclise – pronome reflexivo / verbo (*erger*)

pola **la** britar e mover;

11- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*britar*)

mas foron y falecer,
ca esto foi ben provado
que por ferir nen tanger
sol sinal non foi mostrado.

Muito **sse** deven tẽer...

E cuidaron perecer
todos e aly morrer,
e ouveron a saber
que era Deus despagado
en cuidar escarnecer
aqueel logar tan onrrado.

*Muito **sse** deven tẽer...*

ANÁLISE CANTIGA 100

ESTA É DE LOOR.

*Santa Maria,
Strela do dia,
mostra-nos via*

1- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*mostra*)

pera Deus e nos guia.

2- próclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*guia*)

Ca veer faze-los errados

3- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*faze*)

que perder foran per pecados

entender de que mui culpados

son; mais per ti son perdoados

da ousadia

que lles fazia

4- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*fazia*)

fazer folia

mais que non deveria.

Santa Maria...

Amostrar-nos debes carreira

5- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*Amostrar*)

por gãar en toda maneira

a sen par luz e verdadeira

que tu dar-nos podes senlleira;

6- ênclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*dar*)

ca Deus a ti a

outorgaria

e a querria

por ti dar e daria.

Santa Maria...

Guiar ben **nos** pod' o teu siso

7- ênclise – pronome oblíquo acusativo / verbo (*Guiar*) + advérvio (*ben*)

mais ca ren pera Parayso

u Deus ten senpre goy' e riso

pora quen en el creer quiso;

e prazer-**m**-ia

8- mesóclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prazeria*)

se **te** prazia

9- próclise – pronome oblíquo dativo / verbo (*prazia*)

que foss' a mia

alm' en tal compannia.

Santa Maria...